

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

FLÁVIA PADULA

A FORÇA DO
AMOR



A ORIGEM DA FAMÍLIA DAWSON NO TEXAS



A Força do Amor

A ORIGEM DA FAMÍLIA DAWSON NO TEXAS

SÉRIE DAWSON WESTERN

LIVRO 1

Copyright© By Flávia Padula 2018

A Força do Amor © Flávia Padula

**Todos os direitos reservados. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência. Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da autora. ©
Flávia Padula 2018**

**CAPA: JÉSSICA MACEDO
REVISÃO: MORGANA BRUNNER**

**Dedico este livro aos meus filhos Rebeca, Davi e Isaac.
Aos meus leitores que me fazem ser a escritora que sou.
Agradeço a Deus pelo dom de escrever.**

A FORÇA DO AMOR

A HISTÓRIA DA ORIGEM DOS DAWSON NO TEXAS

VOCÊ SE APAIXONOU POR MITCHEL E STEVE DAWSON NA SÉRIE CONTEMPORÂNEA,
AGORA VAI CONHECER A ORIGEM DESTA FAMÍLIA - ORGULHOSA E DETERMINADA - NO
TEXAS

Bradford Dawson foi enviado para Crescentfalls para averiguar as mortes misteriosas dos últimos cinco padres, e nada melhor do que se passar por um pároco para fazer sua investigação. Mas de todos os perigos, o mais temível deles resolve bater a sua porta: a bela e corajosa Donna Mae Clarckson, que ameaça os planos de Brad de nunca entregar seu coração a uma mulher e nunca colocar o amor acima do seu trabalho...

*Abriu minha visão o jeito que o amor
Tocando o pé no chão, alcança as estrelas
Tem poder de mover as montanhas
Quando quer acontecer, derruba barreiras*

(Composição: Cleberson Horsth / Ricardo Feghali)

Roupa Nova

SUMÁRIO

[NOTA DA AUTORA – A ORIGEM DE TUDO](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Epílogo](#)

[OUTROS LIVROS DA AUTORA](#)

[FLÁVIA PADULA](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)

NOTA DA AUTORA – A ORIGEM DE TUDO

Eu havia acabado de ler a Saga da Família Kent, escrita pelo maravilhoso John Jakes, quando escrevi este livro. Queria também escrever uma série enorme sobre uma família poderosa e que atravessasse os séculos contando a história de um país, mas outros projetos me fizeram deixar este para depois.

Acabou que deixei *A Força do Amor* de lado e, baseados nesta obra, escrevi os primeiros livros contemporâneos: *Uma Segunda Chance*, a história de Mitchell Dawson e o *Falcão do Deserto*, a história de Steve Dawson (Ambos lançados pela Amazon). Os livros foram bem recebidos pelos leitores e eu sempre olhava este manuscrito, mas deixava para depois. Abria a pasta novamente, e lá estava ele me namorando, então, eu pegava outro livro para reescrever e a *Força do Amor* continuava *para qualquer dia*.

O *depois* chegou e apresento a vocês aquele que deveria ser o primeiro livro da Série Dawson Western: por isso, o subintitulei como *A Origem*.

Não serei pretenciosa de dizer que virão outros depois deste até chegar aos dias de Mitchell e Steve Dawson. Também, não vou dizer que a ideia vai ser deixada de lado. Vou admitir tudo ao acaso, ao *quem sabe...*

Apresento a vocês, *A Força do Amor*, uma história simples e escrita com muito carinho.

Gratidão por me darem a oportunidade de mostrar meu trabalho.

Com amor e gratidão,

Flávia Padula.

Capítulo I

Texas, 1870

Donna Mae Clarckson franziu o cenho e estreitou os olhos castanhos amendoados, antes de tirar o rifle da mira e apoiar o cabo sobre o ombro. Bateu os calcanhares contra seu cavalo negro Puro Sangue, *Trovão*, e segurando as rédeas com a outra mão, começou a cavalgar lentamente. A única diferença dela para os outros cavaleiros era o corpo esguio e a beleza incomum feminina, do contrário, naquele ar seco e vertiginoso era certamente confundida com um deles, já que o cabelo vivia preso sob o *Stetson* velho e sujo de poeira.

Ao notar o vulto borrado que surgiu na colina, ela pensou por um instante que fosse um forasteiro invadindo as terras de sua família, ou quem sabe um daqueles malditos ladrões de gado que insistiam em aparecer. Mas, felizmente era Bob, em seu cavalo baio, procurando por gado desgarrado da manada que havia chegado à fazenda há dois dias, depois de atravessar o Rio Cleveland.

Ele cavalgou para perto da irmã com aquele sorriso largo que nunca lhe saía do rosto. Diferente dos outros dois irmãos mais velhos, Jerry e Tim muito loiros, Bob tinha os cabelos negros como o ébano e os olhos intensamente azuis herdados do pai, John Clarckson.

— Pensei que fosse atirar em mim! — Ambos apearam os cavalos ao se aproximarem um do outro.

— Eu vi que era você — piscou para o irmão com um sorriso travesso. — Achou alguma coisa?

— Nada além de um padre — respondeu e levantou o chapéu para coçar a cabeleira escura.

— Padre? — Ela riu. — Pare de brincar, Bob! — repreendeu-o e voltou a cavalgar. — Não temos padres em Crescentfalls!

— Estou falando sério! — Bob insistiu seguindo-a. — Um padre de verdade, estava vindo do Norte, indo em direção ao vilarejo!

Donna olhou para o irmão e viu que ele dizia a verdade. Quando Bob mentia, ele costumava franzir o cenho e naquele momento seu rosto estava inexpressivo.

— Um padre? — surpreendeu-se. — Com batina e tudo?

Ele fez que sim.

— Um padre jovem — salientou. — Deve ter a minha idade, um pouco mais, uns trinta anos.

— Então, finalmente, resolveram arriscar depois da morte dos últimos cinco? — inquiriu com tom de deboche. — Não temos missas há um ano! Acho que as pessoas de Crescentfalls não sabem o que é religião.

— Vai ser bom ter um padre na cidade — comentou enquanto emparelhava seu cavalo ao dela.

— Tomara que esse fique vivo — ironizou.

— Acredito que toda Crescentfalls fará essa prece...

— Toda vez que um ladrão vai assaltar a igreja, tem que matar o padre e o xerife Peterson não faz nada além de dizer “*Pobre coitado, quem poderia ter feito isso a não ser o diabo?*” — Ela imitou perfeitamente o xerife e Bob riu. — E ponto final. Ele tem mais medo dos ladrões do deserto do que eles deveriam ter da lei... Parece que tem receio de descobrir quem vem fazendo isso.

— Peterson está velho, estamos precisando de um novo xerife. — Ele advertiu.

— Tudo em Crescentfalls está velho e sem graça, precisamos de novidades, gente nova e investidores, caso contrário, nunca passará de um vilarejo...

— Lá vem você com essa ideia de nos tornarmos a maior cidade do Oeste... Esqueça isso, Donna! Crescentfalls jamais deixará de ser o que é: um vilarejo de rancheiros!

— O progresso faz bem, Bob, sendo um homem não deveria pensar assim!

— E você como mulher deveria deixar assuntos de homens para os homens — devolveu, ríspido.

Ele esporeou o cavalo e saiu mais à frente. Donna engoliu em seco para não responder a frase atravessada do irmão. Vivia numa sociedade onde a superioridade masculina era enaltecida e as mulheres eram relegadas a vida caseira submissa, a obrigação de ter filhos, marido e depois sucumbirem à morte sem qualquer satisfação de desejo ou prazer. Ela não era assim. Jamais seria, mesmo que toda família rejeitasse suas ideias e objetivos. Não sonhava com um marido e filhos, e sim criar uma cooperativa de gado, onde além da venda da carne, poderiam aproveitar o couro e os chifres que eram jogados fora, para fazer

roupas e utensílios de artesanatos.

Aprendera sobre tudo isso com o velho inglês, Donald Brown, um aventureiro que se apaixonou por uma índia apache e acabou perdendo a família durante a guerra de Secessão. Ele se instalou na velha cabana nos limites da Fazenda Shepherd e ali ficou até morrer. Donna Mae costumava visitá-lo junto de Jack, índio Comanche e empregado de confiança de seu pai.

O senhor Brown ensinou Donna a ler e a escrever, e a fez apaixonar-se pela matemática. Falava sobre a Inglaterra, a revolução industrial e de como as pessoas se esforçavam para ter vidas melhores, já que o dinheiro era o principal meio de subsistência. E lhe falou sobre cooperativas. Ela cresceu com aquelas ideias e quando a Guerra de Secessão destruiu muitos lares, deixando a maioria das mulheres viúvas, a ideia da cooperativa pareceu para Donna a melhor das invenções, mas os homens não a apoiavam.

Sempre que tocava nesse assunto era ridicularizada pelo pai e pelos três irmãos mais velhos. Eles acreditavam que o corte do gado e a venda do leite eram suficientes para manter a todos, ou melhor, *a todos da sua família*.

Claro que era. Os Clarckson sempre teriam dinheiro e seriam ricos, eram donos de quase tudo por ali, sempre dominariam o comércio e as pessoas que ali residiam. Mas e os outros? Ficariam parados no tempo até quando, sujeitos à vontade de sua família? As pessoas por ali eram submissas demais, passivas, aceitavam tudo que os Clarckson impunham. Ela jamais faria isso, não aceitava os comentários que desconstruíam a legitimidade das mulheres, tanto quanto a vontade repressiva dos costumes sociais. Irritada com a atitude do irmão, o seguiu e disse:

— Com a chegada do padre, você e Beth Lee podem se casar — alfinetou. Ela sabia que a relação do irmão com sua única amiga não andava nada bem.

Desde que Beth Lee foi vista conversando animadamente com Adam Palmer, perto da praça central do vilarejo, Bob não a tinha visitado mais para cortejá-la. Donna achava a atitude do irmão e das fofoqueiras de plantão ridícula, mas nada poderia fazer para ajudar Beth Lee a não ser emprestar seu ombro para a pobre lamentar pelo ato tão inocente que lhe custou o amor de Bob.

Ele ficou rígido sobre a cela e disse sério:

— Não há futuro para mim e aquela senhorita.

Donna comprimiu os lábios e franziu o cenho antes de dizer:

— Você é um idiota, Bob! Está jogando anos de amor fora por causa de

fofoca desse povo invejoso! — cuspiu as palavras.

— Isso não é assunto seu... — reagiu, secamente.

— Não, não é! Mas, você deveria aproveitar a chegada do padre e ter uma conversa com ele antes de fazer a maior besteira da sua vida! Afinal, você visitou muito a casa de *Madame Anne* todos esses anos e não me lembro de Beth Lee condená-lo por isso! — Bob parou de cavalgar e olhou para a irmã, furioso. — Ao contrário dela, que estava apenas rindo com um velho conhecido na praça! Acha mesmo que se eles estivessem fazendo algo indecoroso fariam na frente de todo o povoado? — questionou sabendo que havia provocado Bob da pior maneira.

— Você precisa de um marido para domar essa sua língua! — falou por entre dentes.

— Marido! — balançou a cabeça em negativa. — Lá vem você com esse assunto outra vez! Um marido não mudaria nada em mim, jamais deixarei de ser quem sou! O que acredita? Que um homem vai me dizer o que fazer?

— Um homem domaria essa sua maneira grosseira de lidar com a vida, não pode ficar falando o que pensa e fazer o que quer...

— E por que não?

Ele balançou a cabeça com censura:

— Nosso pai errou ao deixar você ser criada no meio dos homens, nunca age como uma verdadeira dama deveria agir... Por isso que nenhum homem quer se casar com você... Não sabe qual é o seu devido lugar!

Aquela frase não a magoou. No início, quando os irmãos e os outros membros da grande família Clarckson falavam desta forma, ficava triste. Mas agora tinha orgulho de saber que era diferente, que passara dos vinte e cinco anos e não estava casada e também não tinha planos para isso, enquanto a maioria das mulheres, ou todas elas, já estavam casadas até aos dezoito anos e estavam perto do sétimo filho. E, provavelmente, morreriam antes dos quarenta anos cansadas de dedicarem-se a família ou convencidas que tinham cumprido suas missões neste mundo.

A missão de Donna ia muito além. Havia o mundo todo para conhecer, pessoas. Sonhava com o dia em que se tornaria uma mulher de negócios de prestígio no velho oeste e viajaria pelo mundo. Queria seu nome nos livros de história de Crescentfalls.

— Diga o que quiser, Bob, eu sei muito bem o que quero e não tenho vergonha disso...

— Você já passou da idade de se casar. Papai não vai viver para sempre, Donna, precisa se preocupar com seu futuro.

— Meu futuro nunca vai estar em um casamento! — retrucou, irritada. — Pode apostar nisso, quero outra coisa!

— O que você quer é impossível! Shepherd nunca vai se transformar numa cooperativa, nenhum de nós vai aceitar isso. — Ele a preveniu, sério. — Coloque isso em sua cabeça e comece a pensar sobre um futuro normal, como deve ser!

— Futuro normal! — desprezou com sarcasmo. — Não sou como as outras mulheres. Mas não se preocupe comigo, sei me cuidar bem — olhou para ele. — Veja por tia Caroline, ela é feliz e solteirona.

Bob a fitou, desolado:

— Somente você acredita que ela é feliz, Donna — debochou da irmã. — Tia Caroline hoje é um peso para a família e ela sabe disso. E não é afortunada! Como uma mulher pode ser feliz vivendo na sombra de uma família que não é sua?

— Não diga isso, Bob!

— Por que acha que ela nunca se casou?

— Ora, ela não encontrou alguém que a pedisse em casamento — respondeu o óbvio.

— Tia Caroline se apaixonou por um homem casado e se entregou a ele, desonrando a família de nossa mãe! — contou para total surpresa de Donna. — Daí como nosso avô a expulsou de casa, mamãe ficou com pena e implorou que nosso pai a aceitasse em Shepherd — encolheu os ombros. — Com a morte de nossa mãe, ela se sentiu obrigada a cuidar de nós todos, por isso ficou: por agradecimento, porque não tem para onde ir.

Ela encarou o irmão e ficou algum tempo sem palavras. Então, Tia Caroline não era feliz com a vida que levava? Por que não conseguia acreditar naquela história?

— Deve estar enganado, Bob. Tia Caroline não é um peso para o papai, do contrário, ele a teria expulsado depois que a mamãe morreu — concluiu.

— Eu ouvi essa história de Tim. Ele ouviu nosso pai contar...

— Não consigo acreditar... Ela não é amargurada, está me dizendo isso apenas para me convencer de que estou errada... — Donna disse, chocada.

— Tia Caroline reza todos os dias para que papai não se case, do

contrário, ela sabe o risco que corre de ter que partir com a chegada de uma nova esposa.

— Papai jamais a colocaria para fora! — Donna disse brava. — Eu não deixaria...

Ele balançou a cabeça, desolado com a ingenuidade da irmã. *Para algumas coisas Donna era tão madura, mas para os assuntos do coração era uma garotinha inexperiente e tola*, Bob concluiu.

— Você tem que entender, Donna, que uma mulher solteira é sempre um peso para sua família. Além disso, você é bonita e jovem, herdeira de parte de Shepherd, mais cedo ou mais tarde vai encontrar um partido à sua altura, mesmo estando velha para isso.

Somente por imaginar aquilo, Donna sentia o corpo arrepiar de raiva.

— Pode apostar que isso não me atrai nenhum pouco... Não me casarei de boa vontade, quanto mais por interesse. — Não querendo continuar com aquele assunto, ela perguntou a Bob: — Por que não dá uma chance a Beth Lee?

Ele bufou irritado:

— Você não vai desistir, não é?

— Beth Lee deve estar sofrendo, Bob, tenho certeza disso! — argumentou mais calma tentando tocar o coração do irmão que permanecia impassível. — Ela não tem nada com Palmer, estavam apenas trocando algumas palavras e ele a ajudou a carregar as sacolas, nada demais.

— Uma mulher de respeito não fica rindo para outro homem no meio da praça, Donna, é bom aprender isso! — proferiu secamente, sem desviar o olhar do horizonte.

— Você não pode estar falando sério! Vai jogar tudo fora porque ela foi educada com outro homem?

— Eu não fico carregando sacolas das senhoritas por aí...

— Isso se chama cavalheirismo — bufou, impaciente. — Palavra que vocês homens do Texas parecem ter esquecido por completo! Além disso, Adam tem negócios conosco, por que ele iria querer arranjar uma briga roubando Beth Lee de você?

— Negócios são negócios. — Finalmente olhou para a irmã. — Não tem nada a ver com esses assuntos, Palmer sabe disso e ele gosta de... — Bob não disse o nome de Beth Lee, ficou engasgado, o orgulho o impedia de pronunciá-lo. — Ele gosta *daquela* senhorita, sempre deixou claro isso.

— Então, tudo terminou entre vocês porque Beth Lee o deixou carregar suas sacolas? — perguntou, incrédula.

— Você é inexperiente nessa área, Donna. Não sabe como as mulheres apaixonadas agem tolamente! — voltou a olhar para a frente. — Uma mulher decente não dá atenção para um homem quando já está comprometida com outro — esporeou o cavalo e disse por cima do ombro: — Vamos nos apressar, acredito que tia Caroline já está com o almoço pronto!

Assunto encerrado: Bob jamais perdoaria Beth Lee.

Donna deixou o assunto de lado enquanto cavalgava ao lado do irmão em direção à sede da fazenda, em meio a paisagem árida da região. Entretanto, não deixou de pensar em como o amor era contraditório. Nos sermões dos padres na igreja, eles sempre citavam a passagem Bíblica, do livro de Coríntios Treze, em que amor não é ciumento, tudo perdoa... Bob não amava Beth Lee ou a teria perdoado.

O amor dele por ela deveria ser mais importante do que a opinião alheia, afinal, a pobre moça nada tinha feito a não ser aceitar a ajuda de um cowboy cavalheiro. Mesmo que esse homem a amasse também. Pensando por esse lado, Beth Lee agiu de forma tola. Se ela sabia que Palmer queria cortejá-la, jamais deveria ter aceitado sua ajuda, conhecia o gênio forte de Bob e as más línguas de Crescentfalls.

Donna concluiu que se não havia perdão, não havia amor também. Portanto, se Beth Lee havia agido de má fé ou não, a falta de perdão por parte de Bob demonstrava que ele realmente não a amava.

Respirou fundo, aliviada por nunca ter sentido nada mais intenso por nenhum dos homens que conheceu. Talvez, vez ou outra, tenha imaginado o futuro ao lado de alguém, mas em seguida, ao lembrar-se da submissão que a obrigariam a viver, mudava de ideia na hora e a paixão se esvaía com facilidade. Não corria riscos de sofrer tolamente e sua atenção estava focada para coisas mais importantes.

Caso – por uma fração de segundos – algum pensamento nesse sentido lhe somasse à cabeça, tinha certeza: para que um homem tivesse sua total atenção seria provido pelos mais profundos sentimentos. E se tivesse que amar, teria que ser capaz também de perdoar, esse era um mandamento divino sagrado. Contudo, isso era praticamente impossível, os homens estavam muito aquém de suas exigências. Não havia um homem em Crescentfalls capaz de lhe despertar nada mais que o tédio e o desprezo, eram todos iguais e uns repressivos dominadores. E cem por cento deles interessados na herança de sua família, nada

mais.

Assim que avistaram a enorme casa, a sede da fazenda, o estômago de Donna roncou. Mal havia tomado um café malpassado naquela manhã e, depois de horas cavalgando, estava morta de fome. Esqueceu aqueles pensamentos frágeis e dedicou sua atenção e energia a coisas mais importantes. Precisava provar a sua família que uma cooperativa faria bem a todos, inclusive a eles, que não perderiam seus domínios por isso. Focada em seu objetivo, esqueceu-se do resto do mundo, inclusive da chegada do novo padre na cidade.

Capítulo II

Bradford Dawson avistou o vilarejo e ficou aliviado. Por um instante, temeu que o cowboy tivesse lhe dado informações erradas, mas agradeceu pelo homem ser temente a Deus e ter ajudado um pobre padre chegar em sua paróquia. Mesmo que o padre fosse um farsante e nada tivesse de coitado e frágil. Como era o nome do rapaz que o tinha ajudado? Robert Clarckson, isso mesmo. Forçou a memória franzindo o cenho e se lembrou de quem ele era: o filho de John Clarckson, dono da próspera fazenda Shepherd, uma rica família que acreditava ser a lei naquela região. Gente acostumada a fazer justiça com as próprias mãos.

Típico de lugares perdidos como aquele...

Um lugar quente como o inferno. O sol estava a pino e Brad sentia a pele queimar debaixo da batina preta e do chapéu. Acostumado com a temperatura amena de Austin, aquele lugar parecia o fim do mundo, o centro da terra, ou o inferno. A poeira quente que voava de um lado para o outro, o ar seco, lagartos e cobras que se rastejavam entre as rochas mortas do deserto árido seria sua casa nas próximas semanas.

Como alguém podia gostar de morar naquele lugar? Nada de agitação, ou pessoas transitando de um lado para o outro, ou um comércio intenso, ou cavalos trotando em um vai e vem constante, absolutamente nada. Brad sentia falta de tudo isso, mas teria de se acostumar ao nada se queria atingir o objetivo que pretendia.

Trabalho era trabalho, e quando aceitou aquela missão sabia os problemas que enfrentaria: um deles seria a adaptação ao calor e a vida pacata e sem graça do interior. O que o consolava era que seria por apenas algum tempo... E esperava que fosse o menor período possível.

Na entrada do vilarejo havia uma placa de madeira enorme escrita que rangia com o vento: *“Bem-vindos à Crescentfalls”*. E como todo pequeno povoado, havia uma rua central onde alguns moradores se reuniam para conversar no decorrer do dia, e essa viela dava para uma praça, onde ficava a igreja. Brad nunca ficou tão feliz em ver uma igreja católica. Embora fosse criado numa família protestante, o pai era um missionário inglês que caíra nas graças de uma ianque de Boston e hoje cuidavam de uma igreja pentecostal, na

Carolina do Sul.

Seu pai teria um ataque do coração se o visse vestido como um padre. Ainda bem que não veria. E por sorte não era um padre. Não suportaria passar uma vida toda debaixo daquela batina grossa e quente, suportando em nome de Deus os pecados dos outros. Para ele bastava apenas os seus próprios, eram pesados o suficiente para carregar.

Os rostos das pessoas foram se virando para ele enquanto atravessava a ruela até a praça e apeava o cavalo, parando sua velha carroça. Não conseguira nada melhor e não podia, precisava transparecer humildade e atravessar o Texas sem levantar suspeitas. Todo conforto da civilização havia ficado há quilômetros de distância. O lugar era tão inóspito, que as linhas férreas não chegavam ali, ficaram há centenas de quilômetros.

Sabia que era um homem grande demais e que sua mocidade assustaria um pouco as pessoas acostumadas a velhos párocos, mas usaria de toda sua astúcia para convencer aquele povo que era um real padre. Sua criação religiosa o ajudaria bastante nisso, não podia correr riscos na hora de rezar uma missa, assistira algumas. Não podia levantar suspeitas quanto a sua verdadeira intenção.

Desceu da carroça e esticou os músculos, sabendo que todos olhavam para ele. Então, pegou sua mala e foi em direção à igreja caminhando confiante e sorrindo largamente, fingindo não ter visto ninguém. Os padres sempre sorriam, eram servos diretos de Deus e tinham que aparentar uma tranquilidade e serenidade, que ele, em seu cotidiano não possuía. Mas aprenderia a ter, estava disposto a tudo para não voltar à Austin de mãos abanando.

— Padre?

Antes mesmo que chegasse à porta, uma voz hesitante o chamou. Pensou que iria ter alguns minutos para pensar em como agiria, mas nunca era assim, era? “*Então vamos aos contratempos*”, pensou com ironia. Voltou-se rapidamente e deparou-se com um homem baixo, barrigudo e de enorme bigode que suava como um porco prestes ao sacrifício. No peito dele havia a estrela de xerife. Aquele então era o xerife Allan Peterson, sabia tudo sobre ele, inclusive da sua falta de agilidade contra o crime naquele lugar a ermo.

— Sim? — aproximou-se do homem.

Peterson deu um passo para trás se sentindo intimidado:

— Sou o xerife Allan Peterson. — O homem apresentou-se estendendo a mão que Brad segurou com firmeza.

— Padre Brad Ford — limitou-se a dizer firme, como sempre fazia.

— Não estávamos esperando um padre. — Ele observou franzindo o cenho. — Não recebi nenhuma carta do bispo.

Brad pensou o quanto estava sendo incisivo demais para um simples padre. Deveria ser mais amável e gentil, um traço nada comum de sua personalidade forte e marcante.

— Realmente não recebeu. — Brad disse com seu olhar analítico sobre o homem. — Trouxe comigo uma carta, o Bispo McGregor não queria atrair atenção com a minha chegada dadas as circunstâncias.

— Claro. — Peterson disse aguardando alguma coisa.

Brad entendeu que ele queria ver a carta. Tentando controlar sua impaciência, forçou um sorriso e tirou de dentro da pequena mala um envelope branco e entregou ao homem que a leu rapidamente.

— Seja bem-vindo, padre Ford — sorriu aliviado devolvendo a carta. — Está vindo de onde?

— Austin — respondeu rapidamente, louco para sair daquele sol escaldante, guardando o papel novamente na mala e a fechando.

— Longe... Deve estar morto de cansaço por causa da viagem. Como não sabíamos da sua chegada, não mandei que limpassem a casa atrás da paróquia — explicou, sem graça. — É melhor que se aloje na pensão local até que façamos isso.

Brad permaneceu com um sorriso no rosto. Ninguém lhe dava ordens ou dizia o que fazer, muito menos aquele homem que lhe instigava desconfiança e indiferença. Mas que escolha ele tinha?

— Não desejo dar trabalho algum a ninguém, meu filho...

A última coisa que Brad queria era que suas coisas ficassem em um quarto, onde outras pessoas pudessem mexer.

— Ficarei bem aqui na igreja...

— De modo algum. — O homem insistiu, interrompendo Brad. — Lá o senhor poderá tomar um banho e comer muito bem, tenho certeza que Maggie, a esposa de Malick, dono da pensão, vai lhe preparar um quarto muito bom e uma refeição maravilhosa, pelo menos até a casa estar habitável. O último padre. — Peterson olhou para o céu e fez o sinal da cruz. — Que Deus o tenha em bom lugar! Ele morreu lá, e nunca foi limpo o local. O senhor deve estar a par das histórias, não é?

— Sim — fez que sim e ajeitou a gola apertada no pescoço. Brad também não queria ficar em um lugar impossível de dormir e comer. Aceitaria

de bom grado a oferta, além disso, estava louco por um banho para tirar a poeira do corpo.

— Então, sei que os padres têm esse voto de humildade, mas um pouco de luxo não faz mal a ninguém, não é?

— Visto por esse ângulo, é um ato digno de perdão — salientou com falsa modéstia.

Peterson riu, satisfeito:

— Venha, padre, vou lhe apresentar o resto do pessoal.

Atravessaram a praça até chegarem à pensão e o xerife foi lhe apresentando algumas pessoas. Brad já os conhecia pelos relatórios que lera, inclusive o dono da pensão, que o recebeu com uma alegria indescritível. O homem magro e loiro de rosto cavado parecia uma criança ao olhar para Brad, seu nome era Joseph Malick, casado e pai de duas filhas jovens, ambas noivas e prestes a se casarem.

— Seja bem-vindo a nossa vila, padre! — Malick olhou por cima do ombro enquanto apoiava as mãos no balcão da pequena recepção. — Maggie! — chamou e em segundos uma mulher baixa e rechonchuda apareceu limpando as mãos no avental. — Este é o novo padre, Brad Ford, arrume um quarto para ele.

— Oh, Deus ouviu minhas preces! — felicitou toda risonha e se aproximou de Brad tomando sua mão e beijando-a. Brad tirou a mão, não queria que o tocassem, não estava acostumado a isso. — Seja bem-vindo, padre, que Deus o abençoe, vou arrumar o melhor quarto para o senhor.

— O padre vai ficar aqui até arrumarmos a casa da igreja. — Peterson explicou.

— Pode ficar o tempo que quiser, padre. — Joseph disse orgulhoso. — Um homem de Deus sempre é bem-vindo a nossa casa. Vai rezar as missas em latim?

Brad que não tinha dito uma palavra sequer nos últimos minutos, conseguiu ouvir a própria voz.

— Não...

O silêncio se fez total. Brad podia ouvir até mesmo a mosca que voava contra a janela.

— E como vai fazer, padre? — Maggie quis saber franzindo o cenho.

Ele abriu a boca para responder quando uma garota desceu correndo as escadas. Trajava um vestido azul e mantinha os cabelos presos em um coque

conforme a moda. Em Austin, as moças não tiravam os chapéus e deixavam parte dos cabelos soltos em tranças ou penteados. Brad adorava cabelos, escuros e perfumados de preferência. Bem diferente da moça que se aproximava que tinha os cabelos loiros e o olhar malicioso.

— Oh, céus! Um padre! — Ela parou no último patamar da escada e levou as mãos à boca e, então, desceu rapidamente. — Um padre na cidade!

— Comporte-se, Sandy Lee! — Maggie disse a garota. — Não assuste o padre, querida!

— Oh, me desculpe! — A jovem parou diante de Brad assustada. — Mas ele é muito moço para ser um padre!

— Sandy Lee! — Joseph falou com um tom baixo, mas firme. — Peça desculpas ao padre por seu comportamento.

Ela meneou a cabeça:

— Perdão, padre! — Ela pegou a mão de Brad e a beijou. Brad revirou os olhos, teria que acostumar-se com essa *beijação*. — Mas é que eu e meu noivo John estamos ansiosos para a chegada de um padre para celebrar nosso casamento! — falou entusiasmada.

Casamento! Brad não podia fazer um, afinal, não era um padre de verdade e o casamento não seria válido. Teria de driblar aquela gente diante do assunto. Então, lembrou o nome do noivo da moça, Frank, deveria ser Frank Wilson, dono do bar que ficava no fim da rua.

— Há tempo para tudo debaixo desse céu, minha filha. — Brad limitou-se a dizer.

— O padre tem toda razão, Sandy Lee. — Joseph disse sério. — Agora vá com sua mãe ajudar na arrumação do quarto. O padre está cansado, precisa se recolher logo.

— Com licença, padre. — As duas disseram em uníssono e deixaram a sala, excitadas com a chegada dele.

Joseph olhou para Brad:

— Quer que mande limpar a igreja, padre?

— Seria bom. — Brad sorriu novamente.

— Já pretende rezar a missa no próximo domingo? — O xerife quis saber.

Pelo visto as pessoas por ali estavam carentes de fé. Ele não pensou que teria de realizar uma missa com tanta pressa.

— Provavelmente... Vamos com calma, primeiro quero conhecer os filhos de Deus.

— Ótima ideia! — Joseph disse novamente entusiasmado. — Assim o senhor poderá conhecer todo o povoado, vai lotar a igreja!

— Isso é muito bom. — Brad concordou.

Assim, ele poderia conhecer um a um. Precisava conversar com cada um deles, descobrir seus pecados e chegar ao assassino. Afinal, pela quantidade de padres mortos, tinha certeza que o homicida residia no vilarejo. Então, teve uma ideia realmente maravilhosa.

— Eu estava pensando... — fingiu reflexão e todos se atentaram para o que ele ia dizer. — Para que todos possam comungar na próxima missa, é necessário que confessem seus pecados. — Os outros dois concordaram.

— Há dois anos ninguém se confessa por aqui. — Allan assegurou.

Brad sorriu, satisfeito. Seu plano seria perfeito.

— Eu imaginei mesmo, xerife — respirou fundo. — Por isso, faremos um sábado memorável para salvar todo o povoado dos pecados! — encarou os dois homens. — *O Sábado das Confissões...*

Capítulo III

— Sábado das Confissões? — John riu alto.

Estavam todos reunidos na sala de jantar e o comentário de Caroline o fez rir.

Todas as noites era obrigatório que a família Clarckson estivesse reunida para a ceia, era uma exigência de John Clarckson e seria assim até sua morte. Enquanto ria, John podia ver ao seu lado direito seu filho mais velho Timothy e ao lado dele, seu segundo filho, Jeremiah. Do seu lado esquerdo estava seu terceiro filho, Robert e ao lado dele sua pequena e a mais preciosa de todos eles, sua caçula Donna Mae. Caroline, sua cunhada, estava sentada ao lado de Donna e falava animada sobre a nova notícia:

— É verdade — assegurou com seu sorriso sempre jovial. — Helen voltou do vilarejo e trouxe a notícia, o padre chegou hoje.

— Acho que apenas um sábado não será suficiente para tantos pecados acumulados dessa gente. — Tim comentou com deboche.

— Eu o vi. — Robert contou.

— Você viu o padre? — Caroline perguntou com curiosidade.

— Bob o encontrou em nossas terras. — Donna comentou enquanto cortava o bife.

— Nossas terras? — John achou aquilo suspeito.

— Ele estava perdido. — Bob explicou rindo. — Ele não fazia ideia para que lado deveria ir.

— Pobre coitado! — Jerry fez que não. — Mais um velho pároco confuso nesse fim de mundo...

— Ele não é velho, deve ser mais novo que você! — Bob avisou. — Deve ter a minha idade.

— Helen disse que é muito bonito. — Caroline comentou.

John a olhou de soslaio:

— Um padre não tem beleza, Caroline. — Ele a repreendeu pelo comentário. — É um homem santo...

Ela calou-se e abaixou a cabeça para o prato. Donna olhou do pai para a

tia e sentiu pena dela. Condenada à infelicidade por causa de um amor proibido, se é que a história que Bob lhe contara era verdade. Deveria ser duro para sua tia conviver naquela sociedade repressora depois de tudo que lhe acontecera, ainda mais sob a supervisão severa de seu pai, que a acolhera apenas por pena. Queria abraçá-la e dizer para não se importar, era melhor permanecer solteira do que presa a um homem que rebaixaria suas vontades e valor.

A voz de Tim cortou seus pensamentos:

— Talvez tenham mandado um padre jovem para evitar mais problemas — supôs.

— A juventude não impede ninguém de ser morto. — Jerry disse limpando os lábios com o guardanapo. — O rapaz não deve saber onde está se metendo, isso sim...

— Se pelo menos o xerife trabalhasse direito. — Donna interpelou.

— Peterson faz o que pode. — John o defendeu.

— Tanto quanto faz por nossas cabeças de gado roubadas. — Ela replicou.

O pai estreitou o olhar ao fitá-la, isso não era um bom sinal.

— Ele faz o que pode, Donna — insistiu para que sua opinião prevalecesse.

Entretanto, Donna não se deixava levar pela autoridade do pai.

— Ao invés de mandar um padre novo, deveriam mandar um xerife e com força e vontade suficiente para pegar esses fora-da-lei que andam matando e roubando na região — discursou. — Inclusive, em sua fazenda!

Era nesses momentos que John mais admirava a filha, por nunca mudar sua opinião independente do quanto fosse intimidada. Tinha vontade de sorrir-lhe e dizer: “*Essa é minha garota...*” Mas diante dos outros homens seria uma infâmia contra os costumes e as regras de sua casa.

John parou de comer no mesmo instante em que Donna largou os talheres em cima da mesa. Todos ficaram em silêncio olhando de um para o outro.

— Pode dizer que sou mulher e eu deveria ficar de boca fechada! — deferiu ficando vermelha de raiva.

— Acredito que isso você já sabe! — Ele a repreendeu.

Donna mordeu os lábios. Não era bonito enfrentar o pai daquela maneira, beirava a falta de respeito, entretanto, sentia uma vontade tão grande de expressar suas opiniões, de mostrar a eles que também era um ser que pensava e

que tinha ideias, valores. Não queria desrespeitar seu pai, apenas ser ela mesma.

— Eu não quis ofendê-lo — ergueu o queixo com orgulho. — Apenas não concordo com sua maneira de pensar.

— Quando quiser saber sua opinião, eu lhe perguntarei... — John arrematou.

Ela levantou depressa fazendo a cadeira cair. Os irmãos a fitavam assustados.

— Com licença, perdi o apetite.

Ela saiu da sala a passos largos.

— Donna! Donna! — O pai a chamou de volta. — Volte aqui agora! É uma ordem!

Donna sequer se deu ao trabalho de olhar para trás. Ele praguejou.

— A boca suja, John! — Caroline o repreendeu. — Vou falar com ela! — levantou-se depressa e saiu no calcanhar da sobrinha.

Caroline apenas conseguiu alcançá-la quando Donna já estava dentro do quarto, andando de um lado para o outro como uma fera enjaulada.

— Por que ele sempre tem que me tratar assim? — questionou enquanto a tia entrava em seu quarto e fechava a porta. — Por que todos pensam que sou uma idiota, que não sabe do que está falando?

Com raiva, ela pegou a escova em cima do criado-mudo e jogou contra a penteadeira fazendo um ruído oco.

— Bando de ignorantes! — rosnou com raiva.

— Acalme-se, Donna! — Caroline pediu brandamente. — Eles não vão mudar de opinião e você também não vai conseguir esse milagre...

Donna olhou para a tia. Os cabelos loiros já estavam começando a ficar grisalhos. Apesar de ter quase cinquenta anos era uma mulher conservada, de aparência tranquila e que inspirava sabedoria. Todos diziam que tia Caroline havia sido uma mulher tão bonita que despertou as paixões mais profundas. Donna sempre pensou que ela optara não se casar por não ter encontrado um amor verdadeiro, mas agora sabia a verdade, tia Caroline amou alguém que não podia ser amado por ela.

E pagou um preço alto. Mas era uma mulher incrível, Donna tinha certeza. Se muitas vezes os filhos de John Clarkson não se pegaram ou abandonaram a casa de maneira estúpida, foi por causa da placidez daquela mulher em apartar as brigas, e se John não havia colocado os filhos para correr

dali era por causa do amor que ela nutria por todos eles. A própria Donna não abandonou tudo e partiu sem olhar para trás porque sua tia sempre a convencia que o melhor era ficar e enfrentar o problema... Como Bob podia dizer que ela não era feliz ali? Não havia amargura ou infelicidade nas atitudes de sua tia. Do contrário, ela já teria extinto sua generosidade, o rancor faz isso com as pessoas, deixam-nas destrutivas.

Ao fitá-la, Donna abrandou sua fúria e caiu sentada sobre a cama, então a encarou por alguns instantes antes de perguntar.

— A senhora é feliz aqui, tia Caroline?

Caroline aproximou-se da sobrinha e ajoelhou diante dela, segurando-lhe a mão:

— Claro, querida. Por que me pergunta isso?

Donna pensou em perguntar sobre o amor proibido, mas sua tia não sabia que os sobrinhos conheciam seu segredo e não queria constrangê-la.

— É a maneira como meu pai a trata, sempre tão hostil — comentou. — Como hoje à mesa, quando a senhora elogiou o padre.

— Seu pai é um bom homem — assegurou. — Está apenas zelando pelos bons costumes.

— Bons costumes! — Donna levantou-se e foi para perto da janela. — Tudo aqui é tão antiquado para mim. É como se eu não pertencesse a esse lugar ou a essa época, não sei dizer. Olho para tudo isso e me sinto sufocada... — parou de falar antes que caísse em lágrimas de raiva por sua situação.

Caroline ficou olhando para as costas da sobrinha e, então, disse:

— Minha felicidade não pode depender dos outros, querida. Muito menos a sua.

Ela voltou-se para a tia:

— Como assim?

— Não posso mudar seu pai ou todos os homens do mundo. — Ela encolheu os ombros. — Eles são o que são. Sou feliz por ter um teto para morar, por ter essa casa para cuidar, por ter meus sobrinhos queridos... Por ter como cunhado um homem de respeito que me aceita em sua casa. Por que eu não seria feliz? Somente porque minhas ideias e a de seu pai não são as mesmas?

— Mas eu quero falar, discutir e eles não aceitam! — falou angustiada. — Quero ser ouvida!

— Então procure quem a ouça. — Caroline novamente se aproximou

dela. — Pare de querer fazer com que eles a vejam quando não querem enxergar... Gaste sua energia com o que vale a pena...

Donna revirou os olhos:

— Mas com quem? — perguntou impaciente. — Com as irmãs Hunter, fofoqueiras de plantão?

Caroline riu e balançou a cabeça:

— Você saberá quando encontrar — aproximou-se e beijou a testa da sobrinha. — Boa noite, querida. E reze a Deus para iluminar seus caminhos.

— Boa noite, tia. — Donna se despediu.

Caroline saiu do quarto da sobrinha e desceu para a cozinha para se certificar de que Helen estava trabalhando para deixar tudo limpo. Era sempre assim, sua vida naquela casa era deixar tudo na mais perfeita ordem, para não aborrecer John com os problemas corriqueiros de uma casa. E Caroline tinha prazer nisso, afinal, aquela casa era seu lar e provavelmente seria até o fim dos seus dias, eles eram sua família e os amava de todo o seu coração.

Quando teve certeza que tudo estava pronto, subiu para o seu quarto. Os rapazes estavam na varanda fumando charuto e bebendo um pouco, com certeza jogando pôquer, ouviu as vozes deles quando subiu as escadas. *Sempre rindo e tão felizes, o quão bom era a juventude*, ela pensou saudosa.

Entrou em seu quarto segurando uma vela e a depositou sobre o móvel depois de trancar a porta.

— Não deveria se arriscar tanto — reprovou ajeitando o xale sobre os ombros. — Os garotos ainda não se recolheram.

O homem estava sentado na escuridão, levantou-se:

— Como ela está?

— Donna vai ficar bem, John — aproximou-se dele parando sob a luz da lua que penetrava pela janela. — Ela fica irritada, esbraveja como um leão ferido, mas é uma boa garota, sabe como as coisas funcionam por aqui.

Ele assentiu e a encarou.

— O que foi? — franziu o cenho, preocupada.

John encolheu os ombros:

— Nada...

— Conheço você, John... Diga-me, o que o está deixando desconfiado?

— Então, o novo padre é bonito? — perguntou com ciúme.

Caroline riu e bateu a mão levemente contra o peito dele:

— Você não tem mais idade para ciúme — ajeitou a gola da camisa xadrez dele, enquanto ele a puxava para mais perto. — Já somos dois velhos.

Ele finalmente sorriu para ela:

— É assim que me vê? — Seu bom humor voltou. — Como um velho?

Ela riu balançando a cabeça fazendo algumas mechas do cabelo se soltarem.

— Como posso ter olhos para outro homem quando amo apenas você? Uma vida toda amando somente você?

John a beijou de leve nos lábios, mas ela se afastou dele rapidamente.

— Você está se arriscando demais vindo aqui, meu querido. Os garotos podem desconfiar se procurarem por você! — repreendeu.

Ele fez que não:

— Eles já são bem grandinhos para se importar com isso! — disse bem-humorado.

— Imagine se eles descobrem? Será terrível!

— Até quando vamos viver assim, Caroline? Por que não aceita se casar comigo de uma vez? Velhos como estamos, ninguém vai se importar...

— Não! — fez que não e apontou para a porta do quarto. — Eles não aceitariam, não compreenderiam.

— Bobagem! — Ele se afastou dela, contrariado. — Meus filhos não podem interferir em minhas decisões, sou o dono desta casa!

— Prometi a Mandy que nunca aceitaria um pedido seu...

Há quantos anos discutiam esse assunto? Mais de vinte anos? E Caroline ainda temia o que iriam pensar dela. Estava presa a um juramento ridículo, feito a uma mulher amarga e infeliz!

— Promessa tola! Amanda está morta há mais de vinte anos! — lembrou irritado. — Ela nunca se importou com nenhum de nós...

— Não fale assim dela, John! — Caroline protegeu a irmã. — Amanda amou você e lhe deu quatro filhos... Além disso, ela não está aqui para se proteger!

— Não sei como pode defendê-la depois de tudo que ela nos fez! Ela e seu pai! — acusou.

— Eles eram minha família — limitou-se a dizer.

— Sua família sou eu e os meus filhos. Filhos que *você* criou, não ela.

— Ela morreu, lembra-se?

— O que foi um alívio para todos nós — salientou.

— Assim *você* faz com que eu me sinta mal — declarou torturada. — Por favor, me sinto uma assassina!

— *Você* deveria se sentir livre, isso sim, mas a morte de Amanda lhe deu apenas mais uma prisão... — John exaltou-se e então parou. Aquela discussão não os levaria a nada. Ele respirou fundo controlando a raiva. Parou diante da cama dela e ficou olhando para o nada. — Eu fui um fraco quando não os enfrentei... — confessou com a voz mais branda e de repente parou sem conseguir completar.

Caroline foi até ele e o abraçou pelas costas.

— Vamos deixar como está. — Ela o apertou contra si, sentindo o calor dele contra seu corpo e cheirando a blusa dele, adorava fazer isso. — Não me importo com nossos encontros clandestinos — beijou as costas dele. — Sou feliz como vivemos, não vamos arriscar, está bem?

Ele não queria aceitar, jamais aceitaria. Mas amava Caroline demais para poder discordar dela ou para não a encontrar mais. Foi assim desde a primeira vez em que a viu há trinta e cinco anos, seria assim até a sua morte. Aceitou uma vida toda de mentiras apenas para tê-la ali, ao seu lado. Por que agora, depois de tanto tempo iria correr o risco de perdê-la? Tocou a mão dela que estava sobre o seu peito.

— Está bem, meu amor. Seja como *você* quer, pelo menos por enquanto...

Caroline sorriu e ele virou-se para ela, então se silenciaram com um beijo profundo e apaixonado.

Capítulo IV

A igreja era pequena e simples, como todas as outras que já tinha visto pelo interior do Texas. Brad entrou pela nave observando cada detalhe: as paredes eram brancas, as janelas estavam limpas, e o lugar cheirava a pinho, havia os bancos longos de madeira que compunham os dois lados da igreja, agora envernizados pareciam novos. Havia também o altar branco com o Cristo crucificado no centro, em madeira talhada. Não acreditava que Cristo ainda permanecesse pregado na cruz e sim que havia ressuscitado ao terceiro dia e estava sentado à direita de Deus. Mas pelo seu trabalho suportaria aquela imagem, e muitas outras coisas. Novamente pensou em seu pai, ele teria um ataque se o visse ali, vestido de padre rezando a missa para algumas pessoas e pior, enganando toda aquela gente com mentiras deslavadas, entretanto, necessárias.

Deixou seus princípios protestantes de lado e se forçou a esquecer seu pai. Olhou ao redor e meneou a cabeça.

Do lado esquerdo, perto da porta que dava para a casa paroquial, havia o confessionário. Brad sorriu satisfeito ao vê-lo. Ali conseguiria as informações que precisava para descobrir quem é que vinha matando os padres de Crescentfalls e roubando toda aquela gente. Seu sentido apurado para desvendar casos lhe dizia que o assassino pertencia àquela comunidade e estava acima de qualquer suspeita.

— Está do seu gosto padre? — O velho O’Neill perguntou.

Paul O’Neill era um rancheiro solitário que residia no vilarejo há muitos anos. Conhecia tudo e todos e adorava ajudar os padres. Brad simpatizou com ele, era um homem velho, sozinho e a única coisa para o qual se sentia útil era em ajudar as pessoas. O homem se incumbira de organizar a limpeza da igreja e a reforma da casa paroquial.

— Sim. — Brad voltou-se para ele. — Está tudo perfeito.

— O órgão fica lá em cima — apontou com os dedos magros e enrugados para o mezanino na entrada da igreja. — O senhor toca?

— Arrisco — encolheu os ombros. Era verdade, Brad sabia tocar piano, fizera parte de sua rígida educação, mas não diria isso a ninguém. Não combinava com seu trabalho. — Alguém mais toca?

— Beth Lee, filha do Malick.

No dia anterior, Brad a tinha visto durante o jantar. Beth Lee era a filha caçula de Malick, era uma linda jovem de cabelos ruivos, muito calada por sinal, e tinha o semblante triste. Segundo o relatório que leu, ela era noiva de Robert Clarckson, entretanto, não o viu uma segunda vez depois do encontro no deserto. O pai ignorava a segunda filha por completo, Brad desconfiou que houvesse algo errado. E com certeza O’Nell poderia lhe dizer o que estava acontecendo.

— É a noiva do jovem Robert Clarckson? — perguntou como quem não quer nada. — Ouvi a irmã dela dizer algo sobre isso... — fez-se de desentendido.

— Era. — O’Nell coçou a cabeça. — Ele desfez o noivado depois que ela ficou de conversa com Adam Palmer na praça — fez uma careta. — É o comentário na cidade. Malick não fala mais com a filha porque foi deixada por Clarckson e por ela não aceitar Palmer como noivo.

Agora, ele entendia a tristeza da moça. Tinha certeza que se fosse Sandy Lee não teria dúvidas das más intenções dela na companhia de outro rapaz, bastava pela forma como ela olhou para o próprio Brad — um padre — a noite toda como se fosse um pedaço de carne suculento. Entretanto, tratando-se de Beth Lee desconfiava que a garota fosse vítima de um mal-entendido.

— Jovens — limitou-se a dizer.

— A casa paroquial vai estar pronta em uma semana ou menos, vamos ter que reformar o telhado, está cheio de buracos. — O’Nell coçou a cabeça outra vez. — Precisa de mais alguma coisa, padre?

— Não, por enquanto — precisava ficar sozinho com certa urgência. — Vou trancar a igreja e fazer minhas primeiras rezas.

O’Nell assentiu e não o questionou. Ele havia aprendido que os padres nunca podiam ser questionados, eram autoridades diretas de Deus. Discordar deles era o mesmo que desobedecer ao próprio Deus, o Todo Poderoso e condenar-se ao inferno.

— Como quiser, padre, volto amanhã.

— Obrigado, filho.

O’Nell saiu e Brad trancou as portas da igreja. Precisava dar uma volta pelas terras, conhecer alguns lugares, tentar descobrir se havia gente escondida por aquela região. Mas não podia ir vestido de padre, todos notariam e levantaria suspeitas, por isso, trouxe em sua bolsa, roupa para cavalgar e a vestiu rapidamente. Havia deixado o seu cavalo atrás da igreja, *Forious*, já selado, poderia sair pelos fundos sem ser visto e foi o que fez.

Vestindo camisa branca e calças escuras com botas de montaria, além do chapéu de couro preto, sem contar as duas pistolas penduradas no cinto em volta dos quadris, era um perfeito cowboy. Ninguém o notaria. Por ali passava todo o tipo de gente todos os dias, a maioria em direção ao México. Poderiam vê-lo, mas seria apenas mais um, nunca imaginariam que era o novo padre.

Cavalgou durante muito tempo e notou que havia um bando rondando as terras próximas ao vilarejo, sabia disso porque as marcas eram recentes e estavam fora da estrada seguida pelos viajantes ou moradores. Seguiu a trilha deles, mas ela se perdia junto ao rio Cleveland. Atravessou o rio na parte mais rasa e não havia mais rastro deles. Alguém ia e vinha todos os dias por aquele caminho, mas sabia despistar para não ser encontrado. Talvez um possível ladrão de gado, já que as terras ao sul eram da família Clarckson.

Brad desceu do cavalo e o amarrou no arbusto para se refrescar no rio. Aquele calor era realmente insuportável e temia que nunca fosse se acostumar. Ajoelhou-se e lavou o rosto, foi quando ouviu o som de uma voz feminina. Havia uma mulher cantando ali perto e levantou o olhar a procura.

Ele a viu através dos arbustos, nadando no rio, na parte mais rasa e tranquila, onde a corrente era fraca, o sol batia contra sua pele bronzeada, devia ser uma mulher acostumada à lida no deserto para ter uma pele tão dourada. Ela precisaria ser louca para banhar-se sozinha em um lugar inóspito como aquele, aonde qualquer um poderia atacá-la, ele mesmo poderia fazer isso, estando armado. Ela mergulhou na água e quando fez isso ele pôde ver as costas e nádegas perfeitas, estava completamente nua!

Céus! Era linda. Deus o ajudasse!

Ela voltou à tona com seus cabelos escuros molhados e nadou para a margem, enquanto ele permanecia ali, escondido, encolhendo-se para não ser visto e poder desfrutar da visão paradisíaca. Ela não deveria imaginar que estava sendo espionada, do contrário, se esconderia ou gritaria. Era o que as mulheres decentes faziam. Mas será que uma mulher respeitosa tomaria banho completamente nua em um rio tão deserto como aquele?

Um cavalo relinchou ao longe e Brad procurou pelo barulho, mas não viu nada. Seriam os forasteiros que estava procurando? Mal teve tempo de respirar e ouviu o som de uma arma sendo engatilhada e o metal frio contra o seu pescoço.

— Melhor não fazer nenhum movimento brusco, cowboy, ou estouro seus miolos. — A voz feminina avisou.

Brad levantou o olhar, e através do reflexo da água viu um vulto feminino atrás dele. Deveria ser a moça que nadava nua, ou seria um bando de

mulheres *fora da lei*? Debochou de si por ser tão imprudente e distrair-se. De que forma ela conseguiu sair da água e estar ali atrás dele tão depressa? Seria uma mulher quem estava roubando o gado em Crescentfalls? Caso fosse, ficaria decepcionado pelo caso ter sido resolvido tão rápido.

— Levante-se com as mãos na cabeça! — Ela mandou.

Um pequeno descuido e estava ali sendo ameaçado por uma mulher qualquer. Poderia desarmá-la se quisesse, mas preferiu esperar, seria interessante ver o que ia acontecer. Ele levantou bem devagar para evitar que ela fizesse uma besteira. Não sabia se ela compreendia como manejar uma arma ou estava apenas tentando intimidá-lo.

— Calma aí, moça! — debochou. — Isso não é um brinquedo!

— Tenho certeza que não. — Donna disse tirando as duas pistolas da cintura dele e jogando longe do alcance. — Brinquedos não furam a boca de homens imbecis!

Brad teve vontade de rir. Ela possuía um senso de humor interessante.

— Eu só estava passeando — desculpou-se. — Só parei para me refrescar, já estava voltando para casa.

— Mentira! Está atrás do gado!

— Não, moça. — Ele meneou a cabeça, começando a ficar impaciente. — Só estava passeando...

— Está mentindo! Não sabe que essas terras são propriedade particular?

— Estou apenas de passagem, moça — avisou irritado, sentindo os braços que já doíam por causa da posição. — Vai me prender por passear na terra dos outros? — perguntou debochando. — Vão rir de você...

Donna parou para pensar por alguns segundos. E se ele estivesse apenas de passagem por ali? Com certeza faria ridículo na frente dos homens da cidade! Mais um motivo para ser caçada pelos homens de sua família! Mas tinha certeza que ele não estava apenas perambulando como dizia.

— Você não estava só passeando — insistiu.

— Estava, depois comecei a bisbilhotar uma moça nua que nadava, ali no lago, sem o menor pudor... Daí, perdi a concentração... — sorriu.

Brad sentiu a coronhada nas costas que o fez cambalear e cair de joelhos.

— Da próxima vez tome cuidado, cowboy, pode ficar cego! — Ela o advertiu.

Brad podia sentir o sangue escorrendo por suas costas, aquela cadela o

tinha machucado de verdade e o colocado de joelhos. Não podia suportar mais aquela humilhação, estava perdendo para uma simples mulher? Ela era inferior a ele, não tinha a experiência que ele possuía, não podia se rebaixar tanto. Furioso, virou-se depressa e tirou o rifle das mãos dela. Assustada, ela puxou o gatilho e o tiro pegou no chão, o puxão a fez desequilibrar-se e cair sobre ele. Brad segurou o rifle com uma das mãos e com a outra a sustentou.

Donna tinha vestido a roupa sobre o corpo molhado e a camisa aderiu a sua pele, permanecendo fria como o gelo. Por isso, pôde sentir o calor do corpo dele quando caiu sobre ele, sustentando a mão sobre o peito largo e sentindo a mão dele em sua fina cintura. Nunca tinha estado tão próxima a um homem, o corpo dele parecia uma rocha quente sobre o dela. Levantou o olhar e deparou-se com um par de olhos azuis profundos, traços marcantes escondidos sob a barba escura. O chapéu havia tombado para trás e os cabelos lisos dele caíram para frente com o movimento brusco. Os lábios finos estavam entreabertos devido à respiração ofegante.

Brad passeou o olhar pelo rosto bonito, os olhos grandes e amendoados, o nariz empinado, os lábios vermelhos entreabertos pelo susto. Os cabelos molhados ainda lhe caíam sobre o rosto e a roupa. Teve vontade de afastar aquelas mechas do rosto e sentir a frescura de sua pele. Naquele momento sentiram algo forte, diferente, que fazia o corpo pegar fogo. Brad sabia exatamente o que era, Donna também. Ela afastou-se depressa o empurrando com força.

— Solte-me, seu porco nojento! — Ela levantou-se e deu alguns passos para trás.

Os olhos dele recaíram sobre ela enquanto se levantava e Donna olhou para si, seus seios estavam à mostra por causa da camisa branca molhada e os cabelos caídos sobre eles. Cruzou os braços e sentiu mais raiva daquele homem.

Então, ela correu na direção dos revólveres. Brad previu a intenção dela e correu no mesmo sentido. Ele tropeçou, mas estava perto o suficiente para segurá-la pelo calcanhar e fazê-la cair. Donna sentiu o corpo bater contra o chão seco e esticou a mão para pegar a pistola, e por não alcançar, deu um chute no rosto de Brad. Ele soltou sua perna praguejando e ela engatinhou pegando um revólver e apontou para ele. Ele se levantava para ir para cima dela, parou onde estava. Donna viu que o canto da boca dele sangrava pelo chute. Era a segunda vez que ela arrancava sangue dele.

— Não quero lhe fazer mal, moça — avisou sério recolocando o chapéu.
— Façamos assim, devolvo seu rifle, a senhorita devolve minhas duas pistolas,

vamos embora e esquecemos o que houve aqui.

Apenas uma idiota acreditaria nele.

— Fique onde está! — Ela mandou se levantando depressa. — Vou atirar.

— Não vai! — Ele foi para cima dela.

Donna atirou e o chapéu de Brad voou longe.

— Você ficou louca? — Ele ficou estático e olhou para o chapéu e depois para ela, estupefato. — Poderia ter me acertado! Sabe quanto me custou esse chapéu?

Ela correu. Não conseguia ver a outra pistola. Estava descalça e seus pés machucavam sobre as pedras, mas era isso ou morrer nas mãos daquele homem. Podia ouvir os passos dele em seu encalço, isso também significava que ele não tinha encontrado a outra pistola ou já teria atirado, com certeza. Nenhum homem sairia sem vingança depois de ser humilhado por uma mulher, era a lei da natureza: os homens tinham que se impor sobre as mulheres. Donna sabia que uma hora ele a alcançaria, já que estava em vantagem usando botas.

Havia apenas uma maneira de fugir dele.

Brad corria o mais depressa que podia, mas aquela desgraçada era ágil como uma lebre e ela começou a correr novamente para a margem do rio, para a parte funda, onde havia correnteza. O que ela estava fazendo? Era impressão sua ou ela ia se jogar no rio? Viu quando ela, sem pestanejar, se jogou na água mergulhando sem medo. *Ela era completamente louca, isso sim!* Ele concluiu. Ficou parado na margem cheia de pedras, olhando para a água esperando que ela submergisse. Tinha morrido afogada ou sabia respirar debaixo d'água. Ajoelhou-se na beirada e ficou olhando ao redor a procura dela sem pressa de ir embora. Caso ela viesse à tona, ele a seguiria pela margem e esperaria até que ela saísse para pegá-la.

Donna nadou até o outro lado da margem. Aprendera desde pequena a nadar contra a correnteza, seus irmãos a obrigaram a aprender, caso um dia caísse dentro do rio sem que ninguém estivesse por perto. O Rio Cleveland podia ser uma arma mortal para os menos preparados, mesmos os que sabiam nadar. Para sorte dela, devido às poucas chuvas, as águas estavam mais calmas, do contrário somente conseguiria sair do rio mais abaixo perto das pedreiras, aí sim seria perigoso. Saiu do outro lado e assoviou chamando seu cavalo, então olhou para o outro lado do rio.

Seu olhar encontrou-se com o do estranho.

Brad ouviu o assovio e levantou o olhar, totalmente surpreso. Ela estava

viva do outro lado do rio. Ele levantou-se a encarando com ódio, enquanto ela sorria pela vitória. Brad se perguntava como ela havia chegado do outro lado, da mesma forma como ela fora rápida ao sair da água e colocar o rifle nas costas dele.

Tinha que aceitar que aquela mulher não era como as outras que já haviam cruzado seu caminho. Ela era puro desafio.

Um cavalo negro surgiu e ela o montou, sem tirar os olhos de Brad. Ele acenou com a cabeça, tinha que admitir que ela vencera. Donna sorriu para ele, algo lhe dizia que não seria a última vez que se encontrariam. Brad tinha certeza absoluta disso.

Esperou que ela desaparecesse no campo e voltou para perto de onde estava seu cavalo e encontrou sua outra pistola. Então, viu as botas dela caídas sobre a margem e também as pegou, sorrindo. Seria interessante encontrar um meio de devolvê-las.

Rindo, montou em seu cavalo e tomou o rumo para a igreja. Somente quando voltava para o vilarejo se deu conta do que tinha feito: e se ela fosse um dos habitantes de Crescentfalls e fosse à missa? Seu segredo estaria em risco. Esquecera-se totalmente que ali estava se passando por um padre e não um homem normal... Como pode ser tão imprudente? O que tinha feito?

Capítulo V

O coração de Donna batia descompassado enquanto voltava para a sede da fazenda. Quem seria aquele homem? Lembrou-se de como seu corpo reagiu quando tocou o dele, sentiu-se *tão mulher*... Como isso era possível? Um total desconhecido era o homem por quem tinha esperado a vida toda? Um provável ladrão de gado, entretanto, usando aquelas roupas novas e impecáveis, em nada se parecesse com os fora-da-lei acostumados a aparecer naquele lugar sempre sujos e vulgares. E ele estava perfumado, tinha um cheiro forte de homem. Era um desonesto com estilo, ela necessitava que admitir. Um bonito vigarista, também.

E era bom de briga. Caso ela não tivesse pronta para fugir dele, ele a teria pegado. A maneira como ele a desarmou de surpresa... Da próxima vez, seria mais cautelosa... *Próxima vez?* O que estava pensando? Que iria encontrá-lo novamente? Nunca, somente se fosse para colocá-lo na cadeia! A quem estava querendo enganar? Claro que se encontrariam novamente, algo dentro dela dizia que seria em breve.

Sentiu um tremor e olhou para os céus:

— Com tantos homens no mundo, foi me trazer um ladrão, Deus?

Lembrou-se que estava sem suas botas, seu chapéu e seu rifle. Como explicaria em casa que os tinha perdido? Poderia dizer a verdade, claro. A honestidade era sempre a melhor arma. Mas imaginou que ao saberem da chegada de um forasteiro em Shepherd e que a havia atacado, eles o caçariam sem piedade e apenas descansariam quando o pobre estivesse morto.

Sentiu outro arrepio pelo corpo.

Não queria que ele morresse. Embora fosse bem merecida uma lição, mas não a morte. E se ele fosse realmente um ladrão de gado? Então, não fazia jus a sua piedade, tinha que aceitar esse fato. Ele podia ser bonito e atraente como nenhum outro homem que conhecera antes, mas era um ladrão e moças de família não se envolviam com esse tipo de gente, ainda mais quando esse trapaceador provavelmente estava roubando sua família.

E sua família era sempre mais importante que qualquer outra coisa... Mas não era o que seu coração gritava entre uma batida e outra. Estava perdida! Seria o caos!

Seguiu em frente, pensando em como contaria tudo aos seus irmãos e quando avistou a casa dirigiu-se a porta dos fundos. Ainda era cedo, a maioria dos homens estava na lida, talvez conseguisse entrar em casa sem ser notada e não precisaria explicar nada. Tia Caroline provavelmente acreditaria que ela estava nadando e esqueceu tudo, não diria nada a seu pai por mais que soubesse que era uma grande mentira. Mas quando desceu do cavalo, a porta dos fundos se abriu e Bob e Tim surgiram rindo um do outro. O que eles faziam em casa a essa hora?

— Merda! — resmungou amarrando o cavalo e voltando-se para os irmãos como se nada tivesse acontecido.

O sorriso de Bob desapareceu ao vê-la naquele estado: descabelada, com a blusa molhada, transparente, com manchas de sangue e descalça.

— Donna! — Bob se aproximou dela com cuidado. — O que houve?

Poderia mentir, mas se fizesse isso e eles descobrissem o fato, jamais a perdoariam. E a confiança de sua família era mais respeitável que a vida daquele desconhecido, embora ela não tivesse tanta certeza disso. Na verdade, ela não sabia o que era mais importante naquele momento.

— Encontrei um forasteiro em nossas terras...

Passou por eles com os braços cruzados sobre os seios e entrou na casa. Os irmãos se entreolharam. Tim foi atrás do pai para lhe contar o acontecido e Bob entrou atrás dela.

— O que ele fez com você? — Bob perguntou, enquanto entravam na cozinha.

— Nada — respondeu por cima do ombro. — Eu tive que pular no rio para fugir dele.

— Céus! — Caroline gritou ao ver a sobrinha. — O que houve com você, minha filha? Está sangrando? — afligiu-se.

— Não é meu! — explicou rapidamente.

— Você o matou? — Bob perguntou surpreso.

— Matou quem? — Caroline perguntou, desesperada. — Céus, menina! O que fizeram com você?

— Diga, Donna! — Bob exigiu desesperado.

Todos ficariam histéricos até que tudo fosse esclarecido, por isso, ela preferiu agir com calma, alguém tinha que manter a serenidade naquela casa. Ela olhou para a tia, primeiro:

— Tia, poderia arranjar uma toalha para mim? Por favor... Estou com frio...

— Claro. — Caroline saiu dali sem saber o que realmente pensar.

Então, Donna voltou-se para o irmão:

— Eu não o matei, apenas atirei nele...

A porta dos fundos foi aberta e seu pai surgiu furioso. Seu irmão já deveria ter contado parte da história que ele não ouvira e tirara suas próprias conclusões. Atrás dele, surgiu Tim e Jerry como dois guerreiros prontos para a guerra.

— O que aconteceu, pequena? — John aproximou-se da filha com o coração aos saltos.

— Ela atirou em um forasteiro. — Bob contou.

John a segurou pelos ombros e a olhou nos olhos:

— Esse maldito fez algum mal a você?

— Não — fez que não.

— Conte a verdade, Donna Mae. — John exigiu temendo que a filha estivesse envergonhada. — Ninguém a punirá por causa dos erros de um animal! — disse furioso.

Ah, se seu pai soubesse a verdade, ele a puniria sim! Pensou, desgostosa.

— Não, pai, fugi dele.

John praguejou.

— Então, ele tentou tocar você? — inquiriu espumando de raiva.

Ele não tentou... Ele tocou até mais profundo do que pode imaginar. Ela pensou nervosa e disse:

— Não, apenas tivemos uma peleja...

John disse várias imprecações.

— A língua, John! — Caroline o repreendeu ao voltar para a cozinha e colocar a toalha nas costas de Donna que se envolveu completamente nela para esconder sua nudez.

— Tem certeza, minha filha? Esse homem não lhe fez nada?

— Não! — respondeu segura, sentando-se na cadeira que Bob lhe oferecia.

— Quero todos os homens vasculhando nossas terras. — John disse aos filhos por cima dos ombros.

— Não é necessário, pai! — tocou a mão dele. — Ele já deve estar longe, estava indo para o sul, para longe da fazenda e do vilarejo.

Mentiu. Sabia que ele viera do Norte, do vilarejo e para lá voltaria. John a encarou por um instante:

— Conte-me exatamente o que aconteceu — pediu sem pestanejar.

Ele ficaria furioso quando soubesse que ela tomava banho no rio. Então, omitiu essa parte. Seria expulsa da fazenda se eles descobrissem que também estava completamente nua. Mas o calor era tanto que ela não resistiu, nunca resistia, os homens da fazenda dificilmente iam para o Rio Cleveland, a não ser quando tinham que transportar o gado, por isso, possuía o costume de nadar lá, bem sossegada, jamais havia sido perturbada ou a espiaram.

Até aquela tarde.

Mas seu pai a proibira de tomar banho nos rios, era uma ordem que ela nunca obedeceu, mas ele não precisava saber disso, precisava? Então, contou a sua versão.

— Bem, eu o vi de longe, na margem do rio — encolheu os ombros. — Ele parecia procurar por gado, pelo menos imaginei que estivesse, afinal, o que um forasteiro poderia fazer em nossas terras? — perguntou inocentemente. — Por isso, me aproximei sem fazer barulho e coloquei o rifle nas costas dele...

— Está louca, menina? — Ele a repreendeu. — Por que não voltou e chamou um de nós?

— Não haveria tempo... Ele fugiria... Então, joguei longe as duas pistolas dele, e ele fez piadinhas sobre o fato de que eu era uma simples mulher e não sabia atirar. — Também não podia contar que a piada fora sobre o fato de estar nua. — O machuquei nas costas com o cano do rifle e ele me desarmou, brigamos, eu chutei o rosto dele, consegui pegar uma das pistolas e atirei contra o seu chapéu para distraí-lo. Não encontrei a outra pistola para atirar bem no meio do seu peito, por isso, saí correndo. Quando percebi que ele estava no meu encalço e corria o risco de me alcançar, pulei no rio e atravessei a correnteza até a outra margem — falou de uma vez e encarou o pai como se fosse uma modesta garota, incapaz de mentir.

— E onde estão suas botas? — Caroline perguntou piorando sua situação.

— As botas? — olhou para os próprios pés e depois para a tia. — Eu as tirei enquanto corria, para pular no rio e nadar. — Ela olhou para o pai e disse com firmeza: — Ficaram para trás... Meu rifle também... — respondeu sem

pestanejar.

O pai a estudou por um instante. Donna estava escondendo algo dele, tinha certeza disso, e sentiu medo de perguntar e ouvir algo indesejável. A determinação nos olhos de sua filha era algo comum, mas aquele brilho malicioso era uma grande novidade... Algo a mais havia acontecido e ela estava desgraçadamente escondendo dele! Talvez porque estivesse na presença de homens, somente poderia ser isso! O funesto invasor tentara algo contra ela do qual sua pequena menina sentia vergonha em relatar. E de nada adiantaria tentar saber a verdade agora, ela jamais diria. Com certeza, Caroline faria isso por ele e lhe contaria o resto mais tarde. Caso algum homem tivesse tocado em sua filha, o mundo não seria grande o bastante para que ele se escondesse de um Clarckson.

— Tem certeza que ele não lhe fez nenhum mal? — John insistiu com cautela.

— Nenhum... — Ela respondeu olhando para o pai e depois para os irmãos. — Fui mais esperta que ele.

Certo ar de vitória desconcertou a todos. Outra mulher estaria em prantos, desesperada, mas Donna Mae era forte demais para sentir-se humilhada pelo ataque de um homem, ao contrário, sentia-se poderosa, ainda mais por tê-lo feito de idiota. John ficou na dúvida, talvez ela realmente estivesse dizendo a verdade e aquele brilho não passasse de uma felicidade por ter diminuído a um homem. Donna Mae tinha dessas coisas, ela adorava sentir-se superior aos homens e em certos momentos como aquele, tal atitude era uma faca de dois gumes, o forasteiro poderia ter acabado com a vida dela.

— Você teve sorte, pequena. — Seu pai balançou a cabeça. — Agora entende o quanto é perigoso ficar andando por aí sozinha?

Ela fez que não.

— Não será um forasteiro metido que vai me impedir de sair por Shepherd...

— Daqui para frente Jack vai acompanhá-la aonde você for...

Jack morava na fazenda a mais tempo do que Donna podia se lembrar, desde pequena ela foi deixada aos cuidados dele, como se ele fosse sua babá e tudo que sabia de atirar, lutar, qualquer arte que acreditavam ser masculina, ela sabia fazer graças a Jack.

— Eu não sou mais um bebê! — reclamou.

John não ia discutir isso agora, tinha coisas mais importantes com as

quais se preocupar. À noite, depois do jantar, teria uma conversa mais séria com Donna Mae e não sossegaría enquanto ela não lhe contasse exactamente o que aconteceu na margem daquele rio. Voltou-se para os rapazes ignorando a raiva da filha:

— Procurem pela fazenda e avisem no vilarejo.

— Eu já disse que ele partiu para o sul! — Ela insistiu.

— Mas pode voltar. — O pai a cortou. — Vamos averiguar para ter certeza.

— Como ele era? — Jerry quis saber.

Ela pensou por um instante: diria a verdade ou a mentira?

— Era da minha altura mais ou menos, os cabelos eram ruivos — mentiu descaradamente. — Estava com a barba por fazer, usava uma camisa xadrez vermelha, chapéu de couro preto muito gasto, que está com um furo de tiro agora. Deveria ter mais de trinta anos, eu acho... — Não mentiu totalmente, apenas algo para despistar a todos.

— Lembra a cor dos olhos dele? Qualquer coisa que pudesse diferenciá-lo? Alguma cicatriz?

Os olhos? Era azul como o céu de setembro, ela pensou. Donna Mae adorava o mês de setembro e também gostava de azul...

— Não me lembro da cor dos olhos dele, deveriam ser escuros... Eu acho que era isso... Não reparei direito! E ele também tinha um dente de ouro!

Por que estava protegendo aquele homem? Por que não dizia a verdade? Com ele preso, os riscos de roubarem o gado seriam menores, estaria protegendo sua família. Mas ela não queria que ele fosse preso ou pego pelos homens Clarckson, eles iriam matá-lo, levá-lo à força sem piedade. Naquela terra de ninguém, provavelmente os Clarckson dariam um fim nele e pronto, ninguém ousaria questioná-los.

E queria encontrá-lo novamente, ah sim, queria. Tinha esperado sua vida toda por isso.

Os irmãos se retiraram e seu pai voltou-se para ela:

— Tome um banho e descanse, conversaremos mais tarde. — Então olhou de modo significativo para Caroline e saiu colocando o chapéu sobre a cabeça.

— Helen. — Caroline chamou a moça que surgiu timidamente na cozinha. — Prepare um banho no quarto de Donna, um banho bem quente.

— Sim, senhora... — A moça acatou e se retirou.

— Agora, vamos para o seu quarto tirar essa roupa molhada, ou você vai ficar doente, querida.

— Claro, tia.

Donna assentiu e junto da tia subiu para seu quarto pela escada dos fundos, ambas no mais profundo silêncio. Caroline deixou a sobrinha sozinha enquanto ela tirava as roupas molhadas e Helen trazia a banheira e a água quente junto com as outras empregadas da casa. Dez minutos depois, Donna entrava na banheira fumegante e sentia o corpo relaxar.

— Vou levar as roupas molhadas para baixo. — Caroline avisou.

Desde a saída do pai, Donna não tinha dito uma palavra. A menina estava estranha, algo havia acontecido no Rio Cleveland, isso era óbvio, mas talvez a sobrinha não estivesse preparada para falar sobre isso. Deus quisesse que não fosse nada grave, do contrário, haveria uma tragédia em Crescentfalls, John faria o forasteiro pagar com a alma se tivesse tocado em um fio de cabelo de Donna

— Ouviu, Donna?

— O quê?

— Vou levar as roupas molhadas para baixo, volto logo...

— Claro. — Donna concordou e forçou um sorriso.

Caroline deixou o quarto e Donna recostou-se na banheira e, então, soltou um longo suspiro. Fechou os olhos e lembrou-se do exato momento em que o estranho lhe arrancou o rifle das mãos e ela caiu sobre ele, então seus olhares se encontraram, o corpo quente contra o seu, pôde sentir as batidas fortes do coração dele, a respiração pesada no vai e vem do peito largo. Mordeu os lábios para não gemer.

Seria uma idiota se fingisse que não tinha se sentido diferente com a presença dele e que contara mentiras ao pai e aos irmãos para que não o achassem e o pior acontecesse. Na verdade, desejou em segredo encontrar-se com ele outra vez, mas para isso ele precisava estar vivo, pensou com ironia. Sabia que se encontrariam, foi a promessa muda que ele lhe fez ao se despedirem no rio e ela estava ansiosa para isso.

Capítulo VI

Brad voltou para a igreja sem que ninguém o notasse, todos estavam ocupados com seus afazeres naquela hora do dia. Tomou o cuidado de tirar a cela do cavalo e guardá-la debaixo do altar da igreja. Que Deus o perdoasse por isso, mas ali estava a cela de seu cavalo e a bota da moça e o rifle que ela deixou para trás, o único lugar em que ninguém mexeria, além dele mesmo, a partir de agora. Ao tirar a roupa e olhar-se no espelho trincado, que ficava atrás da porta da casa paroquial, notou o ferimento nas costas e o hematoma no canto da boca. Como ia explicar isso? O ferimento nas costas ninguém veria, mas no canto da boca...

Quando colocasse as mãos em cima daquela... *Daquela* linda morena, de olhos vivos, pele acetinada e espírito corajoso... Uma mulher capaz de enlouquecer o mais santo dos homens: *um padre*, ele pensou com ironia.

Praguejou.

Ela era o diabo... E ele um homem comprometido com o seu trabalho.

O pior de tudo era o fato dela ter visto o rosto dele e saber quem ele era. Seu segredo corria um sério risco, caso voltassem a se encontrar. Precisava descobrir logo quem vinha cometendo os crimes em Crescentfalls e sair dali o quanto antes. O que seu superior diria se soubesse que cometeu tamanho deslize? E tudo porque não resistiu aos encantos de uma mulher? Era um homem comum e sentia desejos, que mal havia nisso? Todos! Caso a mulher desejada fosse uma ladra de gado e muito perigosa? Alguém muito bem treinada para sobreviver aos perigos do deserto, afinal, quem atravessa um rio perigoso a nado sem ser notado?

Ela era fascinante, simplesmente incrível e por mais que soubesse que era errado e que seria um risco, vê-la outra vez seria um prazer...

O cavalo relinchou lá fora e isso o trouxe de volta a realidade.

Vestiu a batina depressa e guardou a camisa suja de sangue na bolsa, lavaria na pensão e guardaria em suas coisas. Agradeceu a Deus por estar vivo e então saiu da igreja. Mal colocou o pé na rua e o xerife veio ao seu encontro, esbaforido:

— Padre, vejo que está bem... — O homem parou de falar encarando-o com o cenho franzido. — O que aconteceu com seu rosto?

— Meu rosto? — Ele também franziu o cenho e levou as mãos aos lábios, precisava pensar numa desculpa, bem rápido. — Fui beijar a cruz e ela se desprende e bateu contra o meu rosto.

— Oh! — Ele pareceu chocado. — Quer que mande colocar a cruz no lugar?

— A cruz? — perguntou confuso por um instante se esquecendo da própria mentira.

— Sim... A cruz não caiu?

— Não! — Ele fez que não.

— Não?

Aquela gente sempre fazia confusão! Céus!

— O que eu quero dizer é que não precisa se preocupar. Eu mesmo fiz isso — assegurou e decidiu mudar de assunto. — Mas me diga, o que o aflige?

— Parece que viram um ladrão perto do rio Cleveland. — Ele disse enquanto Brad franzia o cenho.

Aquele fim de mundo era realmente minúsculo para a notícia correr depressa. Ele mal tinha acabado de se trocar e já sabiam de sua aventura.

— Quem viu? — perguntou em sua tranquilidade imperturbável.

— Um dos irmãos Clarckson, não sei qual deles — encolheu os ombros. — Mas estão à procura do homem, dizem que é alto, tem barba e cabelos ruivos. Usa camisa xadrez e tem duas pistolas...

Não era ele quem tinham visto, pensou aliviado, provavelmente o verdadeiro ladrão. Embora não fosse ruivo, Brad achou melhor que era hora de fazer a barba. Caso alguém o tivesse visto, se o encontrasse uma segunda vez ficaria na dúvida, ainda mais porque ele era o novo padre e seus cabelos eram negros como a noite. Jamais pensariam que o padre seria um pistoleiro. Talvez estivessem à procura de algum outro homem, respirou mais tranquilo. Não tinha com o que se preocupar. Mas o alívio maior era saber que *ela* não o tinha delatado. Quase sorriu ao lembrar-se daquela mulher. Com certeza, ela não havia dito nada a ninguém porque tinha muito a perder, ainda mais sendo uma ladra. *Uma linda forasteira.*

— Decidi avisá-lo, padre, sabe do risco que corre com esses forasteiros por perto. — Peterson meneou a cabeça.

— Claro. — Brad concordou e continuaram caminhando em direção à pensão. — Todo cuidado é pouco...

— Muito pouco, o último padre foi estrangulado...

— Estrangulado? — estranhou. — Não tinha sido envenenado?

— Não, esse foi o padre Foster, o anterior, o último foi o padre George, ele foi estrangulado com a própria batina...

Brad se perguntou por que isso não constava em seu relatório. Escreveria para seu superior o quanto antes.

— Quanto tempo o último ficou?

— Sete dias...

— Sete dias? — perguntou surpreso. Ele ainda tinha seis de vida, pensou irônico. O que o assassino não esperava, desta vez, era que o padre estivesse preparado para recebê-lo.

Estavam subindo as escadas da pensão quando Sandy Lee surgiu em seu vestido azul sexy, pulava tanto de felicidade ao ver Brad que parecia que os peitos iam saltar a qualquer momento do decote do vestido. Brad bufou irritado e o xerife desviou o olhar em respeito, limpando a garganta. Antes que ele pudesse imaginar do que se tratava o assunto que a fazia aguardá-lo tão entusiasmada na porta da pensão, um homem mais alto que Brad, que parecia mais o Frankenstein, surgiu ao lado da moça, com um sorriso débil no rosto.

— Wilson. — O xerife o cumprimentou quando chegaram à varanda. — Veio para conhecer o padre?

— Sim. — Ele continuou com aquela cara de bobo olhando para Brad como se estivesse diante de um santo. — Sou Frank Wilson, padre. — Ele estendeu a mão para cumprimentar.

Brad pediu profundamente aos céus que aquele *brutamontes* não beijasse sua mão.

— Padre Brad Ford — apresentou-se arrancando sua mão da dele.

— Esperávamos pelo senhor, padre. — Sandy Lee pulava enquanto falava, isso fazia com o que todos tivessem certeza de que, a qualquer momento, ela ficaria nua e seria extremamente constrangedor.

Brad desviou o olhar para o xerife que estava vermelho como um pimentão.

— Por que não entramos? — propôs. — Podemos conversar lá dentro.

Ela virou-se e foi na frente, os homens a seguiram. Passaram pelo hall de entrada e foram direto para a sala de visitas, onde Beth Lee estava em um canto bordando. Ela parecia um anjo e sorriu docemente ao vê-los, cumprimentando-o

com um respeito que poucos tinham pela batina.

— Vou deixá-los à vontade. — Ela disse se levantando.

Robert Clarckson era um idiota de deixar uma mulher tão linda e delicada, por causa de um mais idiota Adam Palmer. Mulheres como Beth Lee valiam o peso do ouro e até mais.

— Fique, Beth Lee. — Sandy pediu com um sorriso maldoso. — Quero que todos estejam presentes para este momento memorável.

Era óbvio que Sandy Lee queria humilhar a irmã, era um poço de inveja, passou a vida toda se lamentando por Beth ser a preferida do pai e ter um noivo riquíssimo que se mostrava profundamente apaixonado. Agora era a chance de Sandy Lee humilhá-la como sempre desejou.

— Queremos marcar a data do casamento, padre. — Frank disse nervoso. Sandy Lee soltou um grito de alegria.

— Não podem! — Brad respondeu depressa.

O casal ficou chocado e o encararam como se tivesse dito que a morte estava naquela casa para buscá-los.

— Não podemos? — Frank perguntou surpreso. — Por que não podemos?

— Eu tenho esperado por isso há anos! — Sandy Lee protestou.

— O que está acontecendo aqui? — Malick perguntou entrando na sala, seguido por Maggie.

— O padre disse que não podemos nos casar! — Sandy Lee reclamou fazendo beicinho de choro.

Toda a atenção se voltou para Brad. Como ele poderia dizer àquela gente que não podia fazer casamentos porque não era um padre e o casamento seria inválido?

— Temos que esperar... — Brad avisou.

— Esperar o quê? — Sandy Lee perguntou batendo os pés no chão como uma garotinha mimada.

Dessa forma, mesmo que Brad pudesse, não tinha vontade nenhuma de facilitar as coisas para aquela moça sem modos e irritante.

— Que eu esteja vivo pelo menos nos próximos sete dias — inventou de repente. — Se eu conseguir sobreviver mais que o último padre, marcamos a data do casamento.

Ele tinha uma semana para pensar em outra desculpa.

— Oh, céus! — Maggie levou as mãos à boca. — O padre tem toda razão!

Todos pareceram compreender o argumento sem lógica dele.

— O padre tem razão, Sandy Lee. — Malick avisou sem direito a discussões. — Não adianta se antecipar. Primeiro precisamos proteger a vida do padre.

— Oh! — Ela correu para os braços de Frank e fingiu chorar.

— Seu pai tem razão, doçura. — Frank disse afastando-a para encará-la. — Do que adianta marcar a data? O padre precisa estar vivo!

— Podemos nos casar na semana que vem! — Ela disse com um fio de esperança.

Brad quase revirou os olhos impaciente. Não ia fazer a droga desse casamento e pronto! Precisava inventar alguma coisa e depressa.

— Os papéis podem levar semanas para chegar. — Brad avisou.

— Papéis? — Sandy Lee o questionou.

— A permissão da igreja... — encolheu os ombros. — Sempre peço permissão do Bispo para celebrar um casamento.

— Mas os outros padres não faziam isso! — Ela protestou.

— Está me dizendo que estou agindo de má fé, senhorita? — Brad jogou.

— Não, padre... — Ela fez que não.

— Então é melhor esperar. — Malick interveio outra vez. — O padre pede esta permissão e quando chegar, vocês casam, pronto.

— Ótimo. — Brad concordou.

— O senhor vai ter que vigiar o padre, xerife. — Sandy Lee voltou-se para ele. — Ele tem que estar vivo!

Peterson meneou a cabeça. Era óbvio que aquele homem não conseguia se proteger, quanto mais ao restante da cidade.

— Vou fazer o possível!

— E o impossível! — Ela disse ameaçadora. — Este padre tem que estar vivo para o meu casamento!

— Sandy Lee! — Malick a repreendeu. — Onde estão seus bons modos?

— Desapareceram junto com o meu casamento! — respondeu como raiva. — Vamos, Frank! Vamos dizer aos seus pais que teremos que esperar

mais.

Pegou na mão do noivo e o puxou para fora da sala. Frank se despediu de todos um tanto constrangido e a seguiu sem reclamar. Era óbvio quem é que mandava naquela relação, Brad pensou com ironia.

— Bem, padre. — Peterson ajeitou as calças. — O senhor ficará bem seguro aqui, por essa noite não precisará ser vigiado.

— Ele ficará bem. — Malick assegurou. — A pensão está bem fechada e tenho dois rifles em meu escritório prontos para serem usados se necessário.

Brad pensou que nenhum deles precisava se preocupar, ele tinha pistolas muito bem carregadas guardadas em sua mala lá em cima no quarto. Ninguém o pegaria desprevenido ou facilmente. Mais tarde, quando fosse dormir, as colocaria debaixo do travesseiro.

— Obrigado. — Brad agradeceu. — Embora eu não seja adepto a violência.

Alan se foi e Maggie lembrou-se que tinha alguma coisa na cozinha para fazer.

— Fique à vontade, padre. — Malick disse tirando o relógio de bolso e vendo as horas. — Já está na hora da diligência da semana acostar-se, vou até lá ver se minhas encomendas chegaram, com licença, padre.

— Vá com Deus, meu filho. — Brad disse forçando um sorriso.

Quando pensou que estivesse sozinho e seu sorriso desapareceu em um misto de desânimo, virou-se para o lado e viu Beth Lee, parada a alguns metros olhando-o de forma curiosa.

— Está tudo bem, padre? — Ela perguntou com sua voz aveludada.

— Está. — Ele assentiu. — Estou apenas cansado, esse calor está me matando. E a senhorita? Como tem passado?

— Bem. — Ela forçou um sorriso.

Um sorriso de uma mulher que sofria, e ele se compadeceu da dor dela, embora não a conhecesse tinha certeza que Beth Lee seria incapaz de trair a confiança do homem que amava. Havia uma pureza em seu olhar, em seus gestos que eram típicos de uma moça correta e com princípios. Brad deu um passo na direção dela e disse:

— Às vezes, senhorita. Malick, a vida nos prega peças desagradáveis, mas para tudo há uma solução... — tentou confortá-la.

Ela arregalou os olhos e depois de alguns segundos falou:

— Vejo que já lhe disseram o que houve comigo. — Ela disse amarga.

— Não, em absoluto — mentiu. — Não sou dado à fofoca, sou um padre, não um julgador de almas. É apenas a sua tristeza que é evidente.

Beth Lee pegou o bordado em cima da cadeira e voltou a se sentar. Ele queria ajudá-la de qualquer modo, tirar um sorriso sincero daqueles lábios bonitos, ela merecia ser feliz, era uma garota tão boa e agradável.

— Desculpe se a ofendi. — Ele limpou a garganta.

— Não ofendeu, padre. — Ela voltou a olhá-lo com firmeza, apertando o bordado. — Apenas há certas coisas que são irreversíveis.

— Deus gosta de realizar o que chamamos de impossível. — Ele aproximou-se da janela e olhou para a rua onde transitavam meia dúzia de pessoas. — Temos que apenas acreditar.

— Mas há pessoas que não sabem perdoar, padre. — Ela disse com pesar.

— Não existe feridas incuráveis, senhorita. — Ele olhou para ela.

— Mas o que fazemos com as cicatrizes? Elas permanecem lá, não é?

Ela era perspicaz e ele a admirou por isso.

— Elas existem para que possamos nos lembrar de não cometer um erro duas vezes. — Ele sorriu. — Mas um dia passam a fazer tão parte de nós que as esquecemos, isso se chama tempo... Dê tempo ao tempo. Tenho certeza que tudo se resolverá!

— Gostaria de acreditar nisso — disse engolindo a aflição.

Ele se aproximou e disse para que apenas ela ouvisse:

— Aposto minha batina que a verei casada antes de sua irmã. — E piscou para ela, saindo da sala e indo para seu quarto, deixando-a totalmente surpresa com as palavras dele.

Beth Lee deu um sorriso. Aquele padre era completamente doido. Mas tinha levantado sua autoestima.

Capítulo VII

As buscas tinham cessado. Nenhum homem com as características que Donna descreveu fora encontrado, ou visto aos arredores de Crescentfalls até o início da manhã seguinte, por isso, todos preferiam vigiar a fazenda a saírem em busca do forasteiro. Ela sabia que eles jamais encontrariam ninguém e o homem certo estaria a salvo. A não ser que o idiota resolvesse assaltar sua família e fosse pego.

Ela não gostava de pensar nisso. Aliás, ela evitava pensar nele, por isso, passou o resto do dia nos estábulos tratando dos cavalos, cuidando de coisas mais importantes. Os homens agora a olhavam com admiração, ela não somente havia sobrevivido a um ataque de um homem estranho como também o desarmou e o machucou. Se o pobre estivesse ali, partiria humilhado por ser alvo de tantas piadas.

— Já não trabalhou bastante por hoje, menina?

Donna estava colocando feno na última baia quando Jack se aproximou em silêncio, como um esperto índio costumava fazer quando se aproximava para o ataque. Olhou por cima do ombro e sorriu para o velho que tinha como um segundo pai. Desde que se entendia por gente, Jack estava em Shepherd, e embora os índios e os cowboys não fossem melhores amigos, entre ele e seu pai havia uma amizade sólida e confiável.

Tinha alguma coisa a ver com o fato de Jack ter salvado a vida de seu pai quando ainda eram crianças e seu avô ter praticamente adotado o índio que dizia ser órfão. Na verdade, ela nunca especulou muito sobre o assunto, o que lhe importava apenas era que podia confiar a Jack sua vida.

— Preciso gastar minha energia, Jack — disse fechando a baia de Fanny, uma égua amarela que havia dado à luz há alguns dias. — Os últimos dias foram agitados.

— Eu fiquei sabendo. — Ele disse enquanto olhava o rolo de fumo em sua mão que usaria com certeza para fazer seu inseparável cigarro de palha. — Você finalmente conseguiu o respeito desses homens. — Ele encostou-se à baia para encará-la. — Estou surpreso que tenha saído ilesa...

Ela virou-se totalmente para ele. Jack queria saber alguma coisa, aquele velho índio nunca soltava as palavras ao ar em vão. Mas Donna jamais lhe diria

a verdade, sabia que ele iria correndo contar ao seu pai.

— Está vendo como as mulheres são capazes também de se defender no novo mundo — debochou.

— Claro. — Ele deu um sorriso. — Minha menina cresceu. Está no seu sangue ser corajosa.

Donna sorriu satisfeita e virou-se para pegar o excesso de feno que deixara no chão.

— Ouvi Bob dizer a pouco que não há sinal do homem ruivo, ele sumiu no ar. — Ele comentou.

— Isso é uma pena. — Ela disse caminhando até o outro lado dos estábulos sabendo que ele a seguia. — Ele pode voltar...

— Você não parece com tanto medo assim...

Ele estava desconfiado de que ela mentia, era óbvio. Jack estava tentando descobrir a verdade.

— E por que eu teria medo?

— Porque você viu o rosto dele. — O velho parou perto da outra baia, enquanto ela jogava o feno de volta junto ao restante. — Sabe como são esses forasteiros, voltam para apagar rastros.

Ela virou-se para encará-lo com as mãos na cintura:

— Ele não sabe quem eu sou...

— Mas pode procurar saber, procurá-la — supôs. — Perguntar por aí e não vai ser difícil que alguém diga que a moça que usa calças de homem em Crescentfalls é a filha de Clarckson.

— Eu o enfrentei uma vez, posso fazer isso duas vezes se for necessário! — disse sem se alterar.

— Não duvido disso, pequena! — Ele sorriu compreensivo e se aproximou dela. — Apenas tome cuidado, está bem? Da próxima vez ele vai estar mais preparado, levar uma lição de uma mulher deixa um homem perigoso.

— Obrigada, Jack. — Ela disse com carinho. — Mas duvido que ele apareça por algum tempo.

Ele assentiu:

— Eu também. — Ele admitiu. — Ainda mais porque não há muitos homens ruivos por essas bandas. — Ela limitou-se a sorrir e ele prosseguiu: — Mas são poucos homens que tem um cavalo de origem árabe, sabe... — Donna arregalou os olhos, como Jack sabia? — Os rastros deixados por ele perto do rio

são de um cavalo árabe, não dos melhores, mas eu conheço um. — Ele contou para total desespero dela. Jack entendia de cavalos. Era capaz de distinguir um apenas pelo modo como ficavam marcadas suas pisadas.

Ela se calou, ficou com medo de dizer qualquer coisa e se entregar.

— Ele foi à direção da cidade, sabe. Você disse que ele tinha ido para o sul...

Ela encolheu os ombros:

— Talvez ele tenha mudado de direção — fingiu supor.

Jack estreitou o olhar:

— Não é difícil identificar um homem que leva um cavalo de raça tão pura e tão caro — argumentou.

— Com certeza. — Ela disse lhe dando as costas.

Caso tivesse dito isso aos irmãos dela, agora eles estariam à procura do cavalo e não seria difícil achar o dono.

— Não prestou atenção nos detalhes, Donna? — perguntou sério. — Estava preocupada em tampar sua nudez?

A voz desapareceu por completo. Jack estava lá? Suas pernas tremeram, se ele contasse ao seu pai, seria morta. Virou-se para ele com os olhos arregalados e trêmula.

— Jack... — A voz dela tremeu. — Eu...

Ele balançou a cabeça, desolado:

— Você podia ter se dado muito mal, pequena. — Ele a segurou pelos ombros. — Não vou contar ao seu pai, se isso a preocupa, mas gostaria de saber por que mentiu sobre quem *ele* é realmente.

Ela encolheu os ombros:

— Você estava lá? — Ele fez que sim. — E viu tudo? — Ele fez que sim outra vez e ela bufou, estava perdida. — Vai contar ao meu pai?

— Já disse que não, pequena. — Ele fez uma careta. — Ele a mataria se soubesse que está mentindo... Seu pai não tolera esse tipo de atitude, não é?

— E por que você não interveio? — Ela quis saber.

— Eu estava do outro lado do rio, na parte funda, e você estava controlando a situação. — Ele encolheu os ombros. — Se algo tivesse dado errado, eu teria atirado.

E o tal desconhecido provavelmente estaria morto, afinal, Jack nunca

errava. O coração dela se apertou. Ela fez que não, mordendo os lábios.

Donna não tinha como explicar. Como podia dizer a Jack que aquele homem não era um simples homem? Ele era *O* homem que havia esperado a vida toda para conhecer. Algo dentro dela gritava a plenos pulmões, mesmo que todos pensassem que estivesse louca, ela apenas sabia: era ele.

— Ele é um ladrão, Donna.

— Talvez não seja. — Ela encolheu os ombros.

— Ele disse isso? — Ela fez que sim. — E você acreditou?

— Sim — disse com o coração aos saltos.

— Oh, céus! Donna! — Ele fez que não. — Você perdeu a cabeça?

“Eu perdi meu coração”, ela pensou, mas não teve coragem de pronunciar.

— Ele não é um ladrão... — disse convicta.

Jack a encarou por um instante.

— Só por que ele disse?

— Você sempre me disse para ouvir o coração e estou ouvindo o meu...

— Mas você não o conhece! — argumentou.

— Essas coisas a gente sabe, Jack. — Ela deu um passo para trás para se afastar dele. — Não sou mais uma criança...

A convicção dela abalou a desconfiança dele:

— Espero que esteja certa...

— Eu estou, Jack...

Ele deu um passo para trás e depois se virou para sair dos estábulos, então disse por cima do ombro:

— Por enquanto, seu segredo está guardado comigo — prometeu.

Por enquanto, ele disse. Talvez fosse tempo suficiente para ela reencontrar o forasteiro e provar que ele era inocente. Acima de tudo tinha que provar para si que não estava enganada porque no fundo tinha medo que ele fosse um belo ladrão de gado, e se seu pai descobrisse isso a mataria.

Mas ele não era. Não podia ser!

Não conseguiu mais trabalhar ou se concentrar. Era melhor que o forasteiro tivesse ido embora para sempre! Mas não era isso que queria... Infelizmente, não era. Poderia concluir que estaria livre de qualquer problema futuramente já que talvez ele jamais colocasse os pés novamente em

Crescentfalls. Entretanto, seu sexto sentido lhe dizia que ele estava próximo, mais perto do que ela imaginava e que voltariam a se ver. E por mais que fosse perigoso, ela não via a hora de reencontrá-lo.

Enquanto voltava para casa, seu coração batia descompassado ao pensar que se reencontrariam e ela queria isso, só Deus sabia por que queria tanto isso.

Parou diante da casa grande e ficou olhando para a escadaria que a levaria a porta e de encontro com as pessoas que a amavam tanto e a protegiam, e para quem estava mentindo desesperadamente. Não tinha coragem de encará-los, nenhum deles. Era uma mentirosa terrível e por causa de um desconhecido.

Fechou os olhos por um instante e respirou fundo. E se ele fosse realmente um ladrão? O que ela iria fazer?

Deu a volta na casa e chamou por Helen pela porta dos fundos. A moça apareceu com seu jeito matreiro e olhos brilhantes. Tinham a mesma idade, mas nunca conseguiram ser amigas, Donna detestava aquele lado forte de Helen para as fofocas.

— Avise minha tia que vou até a cidade... — pediu.

— Já é tarde...

Donna ergueu uma sobrancelha:

— Apenas dê o recado, eu cuido da minha vida, está bem? — devolveu.

— Tudo bem. — A garota levantou os braços. — Eu só pensei...

— Você não é paga para pensar sobre a minha vida. — Ela retrucou.

Donna sabia que estava descontando nela toda sua frustração, por isso achou melhor partir. Helen arregalou os olhos surpresa com a resposta, mas não disse nada, afinal, Donna não era somente filha do patrão, era uma mulher que não perdia tempo em colocar quem quer que fosse em seu devido lugar.

— Dê o recado — dizendo isso, foi correndo em direção aos estábulos.

Montou seu cavalo Trovão e seguiu o mais depressa que pôde para Crescentfalls. Logo a noite chegaria e embora soubesse voltar sozinha para casa, mesmo de olhos fechados, os riscos eram maiores ao anoitecer e com tantos forasteiros atrás do gado de sua família. Exigiu tudo do cavalo até chegarem à pensão da família Malick. Precisava desesperadamente falar com Beth Lee, sua única amiga em quem podia confiar sem restrições. Entrou como um furacão na pensão.

Ouviu vozes vindas da cozinha, onde os hóspedes deveriam estar esperando o jantar ser servido. Encaminhou-se para lá, mas foi interceptada por

Sandy Lee.

— Ora, vejam quem está aqui. — Ela disse em voz alta com seu jeito irônico. — Donna Mae... Por qual motivo nos dá a honra de sua visita?

Frank Wilson estava atrás dela, Donna tentou ficar na ponta dos pés para olhar na cozinha onde todos realmente estavam reunidos, mas a figura grande de Frank estava lhe atrapalhando. Ouviu uma mistura de vozes e sabia que o novo padre deveria estar ali porque Maggie não terminava a frase sem dizer “padre” e rir.

— Quero falar com Beth Lee. — Ela disse séria.

— Beth Lee! — Sandy Lee gritou por cima do ombro fazendo todos na cozinha ficarem em silêncio. — Visita para você. Donna Mae está aqui!

Sua amiga surgiu na porta da cozinha com um sorriso terno e passou pela irmã e o cunhado.

— Donna! — Ela a abraçou rapidamente. — Quem bom que veio, venha conhecer o padre Ford.

Beth Lee a puxou, mas Donna ficou onde estava. A amiga a fitou surpresa:

— Outra hora. — Donna explicou. — Preciso conversar com você.

Beth notou que o assunto era sério.

— Claro, vamos para o meu quarto — assentiu e elas foram em direção às escadas.

— Quem era, Sandy Lee? — Maggie perguntou enquanto colocava o bolo em cima da mesa e a filha voltava à cozinha.

Brad olhou para o bolo que cheirava deliciosamente. Maggie era uma cozinheira de mão cheia e ele estava adorando a estadia naquela pensão. Seu trabalho em Austin não lhe dava tempo para boas refeições e ali estava sendo bem servido. Em poucos dias já estava começando a gostar daquele lugar. O fazia lembrar a casa de seus pais, quando era criança e muito feliz.

— Era Donna Mae. — Sandy disse se sentando e apontando a outra cadeira, antes ocupada por Beth Lee. — Sente-se, querido.

Ela apontou para o banquinho no canto e ele obedeceu.

— E ela não veio cumprimentar o padre? — Maggie perguntou chocada.

— Você conhece a filha dos Clarckson, mãe! Ela pensa que tem o rei na barriga. — Sandy Lee disse cortando a fatia do bolo.

— Sandy Lee. — Malick a reprovou. — Primeiro o padre.

— Ah. — Ela parou. — Eu me esqueci — disse com pouco caso.

Maggie pegou o primeiro pedaço e colocou no prato de Brad.

— Obrigada, senhora Malick — agradeceu.

— Não há de quê, padre. — Ela sorriu, satisfeito, e comeu o primeiro pedaço.

— Céus! Isso aqui está divino! — elogiou com sinceridade.

A mulher riu extasiada:

— Receita da minha avó — confessou corada.

— Isso me faz lembrar minha infância, em Boston — contou.

— Pensei que fosse de Austin, padre. — Malick comentou.

— Moro em Austin. — Ele explicou. — Mas meus pais moravam em Boston, e nasci lá.

— Moravam? — Malick perguntou. — Eles morreram, padre?

— Não, hoje eles moram na Carolina do Sul.

— Eles devem ter orgulho de ter um filho padre. — Maggie comentou se sentando a mesa.

Brad duvidava muito disso.

— Claro...

Seu pai já odiava o fato dele ter-se tornado um Texas Ranger, o que diria fingir que era um padre. Blasfêmia! Mas tudo pelo trabalho que salvaria outras vidas, isso o absolvía da mentira.

— O senhor tem irmãos padre? — Maggie continuou perguntando.

— Uma irmã. — Ele respondeu e se deu conta de que estava falando a verdade sobre a sua vida e embora fosse uma informação irrelevante, estava falando demais. Talvez fosse aquele bolo gostoso e a sensação de estar em casa e sentir-se à vontade demais com aquelas pessoas.

— Mais nova?

— Não, mais velha.

E Judith havia se casado com um pastor e moravam em um vilarejo perto de Nova Orleans. Tinham gêmeos: John e Mary. Eram muito felizes e sempre trocavam cartas. Quando ele podia, ia às festas de Natal na casa dos pais, mas no último ano não conseguiu estar presente e ressentiu-se disso. Estava numa missão em Dallas e passou as festividades perseguindo criminosos.

A voz estridente de Sandy Lee lhe cortou os pensamentos:

— Donna não quis conhecer o padre, só disse a Beth Lee que precisava falar com ela depressa. — Sandy Lee continuou enquanto cortava o segundo pedaço de bolo. Frank estendeu o prato achando que ela colocaria para ele, mas ao invés disso, ela se serviu e se pôs a comer, esquecendo-se do noivo com o prato nas mãos. Maggie o serviu com um sorriso amarelo.

— Obrigado. — Frank agradeceu a sogra.

Com certeza, Sandy Lee falava da única filha de Clarckson, Brad pensou enquanto enchia a boca de bolo.

— O que será que aconteceu? — Maggie perguntou após se sentar ao lado do marido.

— Deve ser sobre o que aconteceu com ela outro dia, à tarde. — Sandy Lee encolheu os ombros.

— E o que houve? — Frank quis saber.

— Frank, como você não sabe? Todo mundo sabe! — Frank só encolheu os ombros sentindo-se culpado por não saber da fofoca que sua noiva fazia. — Donna Mae é uma garota mimada e vai ficar solteirona por causa disso! — Sandy Lee prosseguiu.

— Podemos continuar o assunto sobre o que aconteceu a Donna Mae? — Malick perguntou reprovando a filha com o olhar pelo comentário maldoso.

— Ah, sim! — Sandy Lee ignorou o pai. — Parece que Donna Mae foi atacada por um homem na beira do rio... Ela atirou no sujeito ao que parece. — Ao ouvir isso, Brad engasgou. — Tudo bem, padre?

Ele fez que sim, bebendo um gole de leite, na verdade, precisava de uma boa dose de uísque. Deveria ser apenas uma terrível coincidência a filha de Clarckson atirar em alguém na beira do rio! Não podia ser... Ela não podia estar assim tão perto dele, a ponto de descobrir todo seu disfarce.

— Sim — limpou a garganta. — Está... Tudo bem...

Sandy Lee prosseguiu:

— E deu uma boa surra nele, os Clarckson estão caçando o homem por todos os lados.

— O ruivo. — O xerife concluiu.

— Esse mesmo. — Malick concordou sério. — Se um sujeito qualquer encostasse um dedo em minhas filhas, eu não sei do que seria capaz.

Brad perdeu o apetite e afastou o prato para surpresa de todos. Então, a garota que nadava nua estava no segundo andar daquela pensão confessando

tudo à sua melhor amiga? *Sua garota estava ali!* Sentiu o coração acelerar, com um misto de ansiedade e nervosismo. Seu disfarce não podia ser descoberto tão rapidamente, ao mesmo tempo em que o desejo o inflamou para vê-la outra vez.

— Aconteceu alguma coisa, padre? — Maggie quis saber.

Ele ficou sério, pensando numa resposta rápida:

— Não gosto de justiça com as próprias mãos! — Precisava sair dali e esconder-se em seu quarto antes que a louca o reencontrasse e colocasse tudo a perder. Empurrou a cadeira e levantou-se. — Agora vejo que estão perdendo o temor a Deus...

Dizendo isso se retirou, deixando todos atônitos com sua súbita mudança de humor e subiu para seu quarto a passos largos, trancando a porta em seguida. Olhou ao redor, aturdido, precisava saber se Donna Mae era realmente a moça que nadava nua, no rio Cleveland, e não uma ladra de gado como ele pensara. Por que será que ela estava revelando tudo a Beth Lee? Como iria ouvir a conversa das duas sem chamar a atenção? Se ela o descrevesse para a amiga não seria difícil encontrá-lo! Tinha que evitar que ela fizesse isso.

Olhou através da varanda que contornava o segundo andar da pensão e teve uma grande ideia, correu e trocou a batina pela roupa de cowboy e abriu a porta da varanda, que felizmente dava para os fundos e não para frente, para a rua. Ninguém o veria, pelo menos, contava com a sorte.

Capítulo VIII

Brad ajeitou o chapéu e seguiu pé-ante-pé até o quarto de Beth Lee, o último do corredor, os demais quartos estavam vazios e ninguém o viu passar. Felizmente, a porta da varanda estava aberta e ele não teria dificuldades em ouvir. Na verdade, estava tudo fácil demais e seu instinto o fez temer por isso.

Donna fez que não para Beth Lee que estava sentada em frente à penteadeira ouvindo tudo atentamente:

— O que eu vou fazer, Beth? Eu menti e se meu pai descobre jamais me perdoará!

— Mantenha-se firme, Donna. — Ela disse calmamente. — Vai ter que manter sua mentira até o fim.

Donna jogou-se na cama de madeira simples e soltou um longo suspiro.

— Se pelo menos eu tivesse certeza de que ele não é um ladrão de cavalos!

— O que seu coração diz?

Ela passou as mãos pela longa trança e finalmente confessou:

— Ele não é! Sei que não é!

Brad sorriu para si, era óbvio que falavam dele. Pelo timbre da voz, sabia que se tratava da garota que enfrentara no rio. Ele deveria ter imaginado quem ela era por estar naquela propriedade, mas dada as suas habilidades com a arma e a perícia em brigar, ele nunca imaginou que era ela a filha de um poderoso fazendeiro do Texas. Acreditava que Donna Mae Clarckson era uma daquelas garotas tímidas e submissas, afinal, estava rodeada por muitos homens, mas ela definitivamente não era nada parecida com isso.

Tentou se recordar do que o relatório dizia sobre ela. Não era muita coisa, apenas que era filha de um Clarckson e que permanecia solteira mesmo tendo avançado os vinte anos, sem histórico de namorados ou noivado. Seria ela tão abominável ou insuportável que os homens a repeliam? Provavelmente, pensou com ironia. Alguns homens não estavam preparados para enfrentar mulheres de personalidade forte e prontas para a briga. Isso poderia ferir a masculinidade de um homem, destruir sua autoestima. Seria ela dominadora como Sandy Lee?

— Então, não tem motivos para temer. — Beth encolheu os ombros,

enquanto Brad se esforçava para ouvir. — Além disso, você lhes deu a descrição errada dele, nunca vão encontrá-lo!

— Espero que não... Meus irmãos o matariam sem pensar duas vezes. — Ela bufou. — Odeio essa terra ignorante, ele não me fez nada! Nada! Nós apenas brigamos!

— Ele viu você nua! — Beth a repreendeu. — Já o suficiente para acabar com sua reputação e ninguém quer se casar com você!

— E quem disse que eu quero me casar? Quantas vezes vou ter que dizer que a única coisa que me preocupa hoje é montar uma cooperativa e tirar as mulheres viúvas da situação em se encontram! Olhe para Norma Blue, Jane Burke, Louise Buffalo. Todas perderam os maridos na guerra e agora vivem de migalhas para criar os filhos!

Beth Lee riu:

— Eu sei, minha amiga. Seu sonho é encorajador, mas um dia vai sentir falta de alguém que lhe aqueça o outro lado da cama...

— Homens somente trazem sofrimento! — argumentou, determinada. — Não conheço uma mulher que é realmente feliz em seu casamento. Que nunca se arrependeu do que fez!

— Verdade? — Beth perguntou com ironia. — E o que você sente quando pensa nele? Nesse forasteiro?

— Eu? Eu...

Brad avançou um pouco para olhá-la mais uma vez e certificar-se de que realmente era a garota que ele desarmara outra tarde. Espiou e viu Beth Lee sentada numa cadeira. Viu do outro lado a calça de couro que delineava as pernas femininas e as botas sujas de terra. Talvez se ela estivesse nua, ele poderia dizer se ela era ou não, debochou.

Batidas na porta interromperam a conversa, Brad escondeu-se de novo e Maggie surgiu ao abrir a porta:

— Olá, Donna, como vai?

— Olá. — Ela forçou um sorriso. — Eu estou bem e a senhora?

— Bem, querida. — Ela voltou-se para Beth Lee. — A senhora Hunter está aqui para pegar os bordados que encomendou.

— Ah, claro. — Ela sorriu enquanto se levantava.

— Vai jantar conosco, Donna? — Maggie quis saber.

— Não, obrigada. Meu pai me aguarda em casa.

Na verdade, ela se atrasaria para o jantar e isso era péssimo. Ouviria um sermão por causa disso, mas naquele dia estava disposta a escutar qualquer coisa desde que tirasse de dentro de si aquela agonia que a estava matando.

— Então fica para outro dia. — Maggie assegurou e saiu do quarto, seguida por Beth Lee que ainda se voltou para dizer:

— Volto em um instante, Donna — prometeu. — Não saia daí. — E se retirou.

Donna a viu fechar a porta e bufou alto. Deixou-se cair deitada na cama e fechou os olhos balançando a cabeça. Ela jamais diria em voz alta a tormenta de sentimentos que assolava seu coração nas últimas horas. Falar com Beth Lee havia ajudado, mas não aliviado da forma como necessitava. Temia em pensar qual era a única forma de aliviar aquela insanidade...

Então, de repente, como se seus pensamentos tivessem se tornado realidade, seu corpo arrepiou todo e sentou-se na cama depressa. Seu coração acelerou ao ver que o forasteiro estava parado no meio do quarto olhando para ela.

— O que você faz aqui? — Sua voz soou atropelada.

Brad sabia que não deveria ter entrado naquele maldito quarto, tinha que ter voltado para o seu e pronto, já havia confirmado quem era ela quando Beth Lee saiu e ela se jogou sobre a cama. Era apenas virar-se e voltar para o seu disfarce perfeito de padre, porém, a curiosidade foi maior. Não resistiu à tentação de encará-la mais uma vez. Estava determinado a colocá-la em seu lugar, ameaçá-la, caso ela contasse algo do que havia acontecido naquela tarde, queria intimidá-la, humilhá-la por tê-lo feito de bobo.

Entretanto, agora que estavam frente a frente, a única coisa que conseguia pensar era no quanto ela era linda com a respiração ofegante, os olhos brilhando por vê-lo.

Mas o que Brad não esperava, acima de tudo, era que seu coração batesse tão rapidamente, como se fosse um adolescente com os hormônios explodindo e ele sentisse dentro de si uma necessidade insana de se aproximar dela, de tocá-la outra vez. Sempre foi um homem comedido, mas naquele momento, foi como se sua sanidade tivesse se evaporado com o calor do Texas.

Ela se levantou com cautela, o coração disparado:

— Como me encontrou?

— Não quero brigar. — Ele avisou com cautela.

— Então, o que quer? — Ela deu um passo em direção a ele. — Não

tenho medo... Minha família está atrás de você...

Ele estreitou o olhar.

— Eles estão atrás de um homem ruivo pelo que sei. — E, então, um sorriso charmoso se formou nos lábios bonitos. — Devo agradecer pela gentileza de ter mentido para me salvar? — provocou.

Ela levantou a mão para acertar o rosto masculino, mas ele foi mais rápido e a segurou. Donna tentou se soltar, sua pele sentindo o intenso calor daquela mão forte:

— Me solte ou eu grito! — ameaçou entre os dentes.

— Por que mentiu para sua família? — Ele quis saber.

Donna não conseguia se livrar dele, podia sentir a aproximação do corpo dele contra o seu, a respiração pesada contra a sua. Sentiu um arrepio pela espinha quando mergulhou naquele par de olhos azuis. Não ia responder nada! Ele que fosse para o inferno.

— Eu já mandei me soltar! — tentou chutá-lo no vão das pernas, mas ele foi mais rápido e lhe deu uma rasteira derrubando-a na cama e caindo sobre ela.

Brad sentiu o corpo frágil sob o seu, a raiva dela que lhe lembrava de um forte momento de paixão. Ele prendia as mãos dela sobre a cabeça, enquanto ela lutava para se soltar em vão.

Ele começou a rir divertindo-se com a cólera dela e ela abriu a boca para gritar, no instante seguinte, estavam se beijando. Brad não viu alternativa a não ser silenciá-la daquela forma, porque ele também queria isso. Os lábios se encontraram ávidos e ele soltou lentamente as mãos dela, envolvendo naquele cabelo sedoso. Donna o segurou pelos ombros e deixou que os lábios dele tomassem os seus. Quando o viu, estava disposta a brigar, defender-se até a morte, contudo, não era o que queria, e também não era o que ele almejava.

Nunca um homem a tinha beijado, por isso, estava relutante em abrir os lábios e deixar que ele se apoderasse totalmente deles. Brad notou a inexperiência dela e ficou ainda mais excitado, ela nunca tinha sido beijada, ele era o primeiro.

E seria o único. Que pensamento era aquele? O que estava fazendo? Levantou a cabeça, tomado pela paixão, cego de desejo por aquela mulher. Qual foi a última vez que se sentiu assim?

— O que faz aqui? — Ela perguntou ainda de olhos fechados.

— Eu tinha que vir. — Ele fez que não, teve que respirar fundo para recuperar o controle e roçou seus lábios nos dela novamente, aquilo era tentador

demaís. — Não pode contar a ninguém sobre mim...

Ela abriu os olhos e o encarou. Ele não estava pedindo nada que ela já não estivesse disposta a fazer, mas o fato de tê-la beijado mudava tudo. Ele a tinha beijado para manipulá-la, para fazer com que ela não contasse a ninguém sobre ele. Sentiu-se uma imbecil por não ter dito a verdade a sua família, por ter se deixado levar pelo calor que apoderava seu corpo quando pensava nele. Odiou-se por ser tão estúpida, ele a seguiu apenas para ter certeza que ela não o delataria!

Brad se levantou de repente e estendeu a mão para ela, que aceitou a ajuda, mas ao invés de manter-se afastado, a puxou para si.

Ele ia beijá-la outra vez e se pudesse milhões de vezes mais. Nunca deveria ter entrado naquele quarto... Não deveria tê-la beijado... Como também não precisava ter se distraído daquele jeito no rio ao vê-la nua. Mas já tinha feito tudo isso e no fundo não estava arrependido. Roçou seus lábios nos dela, queria beijá-la de novo, mas o som vindo do corredor os alertou que, a qualquer momento, alguém poderia entrar no quarto.

Antes que ele pudesse pensar ou reagir, Donna Mae lhe deu uma joelhada no meio das pernas e o empurrou. Brad não esperava por aquela atitude intempestiva, e dobrou o corpo urrando de dor.

— Sua cadela! — Ele murmurou sem ar, ficando vermelho, as veias estufadas do pescoço.

— Desculpe-me, cowboy, mas ninguém manda em mim! Ainda mais um ladrão de cavalos... — avisou com uma calma que estava longe de sentir. — Você vai pagar pelo o que acabou de fazer... Acha que porque me beijou, não vou contar sobre você? Você é um idiota!

Ela saiu correndo do quarto e começou a gritar. Donna deparou-se com Beth Lee subindo as escadas.

— O que foi? — A moça perguntou assustada.

— Um homem entrou no seu quarto e tentou me agarrar! — Ela contou nervosa.

— Oh, Deus! — Beth Lee olhou para a porta desesperada

— Desça e chame alguém. — Donna mandou.

Não foi preciso, Bob subia as escadas correndo.

— Ouvi gritos! — Ele falou aturdido. — Algum problema aqui?

— O que faz aqui, Bob? — Donna perguntou franzindo o cenho,

enquanto Beth Lee ficava dura como uma pedra permanecendo de costas para o ex-noivo.

Donna havia pensando em gritar, afinal, estavam todos no andar de baixo. Entretanto, com Bob ali, provavelmente, o desconhecido seria pego e ela não poderia evitar. Sentiu-se mal por isso, não queria que o matassem.

— Eu vim buscá-la! — Ele olhou para as costas de Beth e desviou o olhar rapidamente. — O que houve aqui?

— Eu estava no quarto de Beth Lee, quando um homem entrou e tentou me agarrar...

Ele passou por elas furioso e foi para o quarto da moça. Donna o seguiu enquanto Beth Lee recostou-se na parede do corredor sem poder mover um músculo, não esperava por aquele súbito reencontro. Não via Bob desde o dia em que ele terminara o noivado há pouco mais de um mês e jamais estaria preparada para reencontrá-lo. Oh, céus! Ainda o amava!

— Não há ninguém aqui! — Bob falou olhando ao redor e foi para a varanda.

— Deve ter fugido! — Donna disse o óbvio.

Ela saiu atrás do irmão e olhou ao redor aflita em busca do homem que a tinha beijado nos lábios, mas felizmente, não havia nenhum sinal dele.

— Ele realmente fugiu. — Bob constatou. — O que será que ele fazia no quarto de Beth Lee?

Donna não podia dizer a verdade porque poderia prejudicar mais ainda a reputação da amiga.

— Você o reconheceu?

— Não. — Ela fez que não. — Foi tudo muito rápido. Ele veio para cima de mim e quando gritei e o chutei, fugiu.

Bob passou por ela mais furioso do que estava e trombou com Malick entrando no quarto da filha.

— O que houve aqui?

— Havia um homem no quarto da sua filha! — Ele disse em tom acusador. — Um homem entrou no quarto e tentou agarrar a minha irmã! — disse furioso passando as mãos pelos cabelos.

O xerife apareceu logo atrás. Donna sabia que o irmão estava pensando que o homem viera atrás de Beth Lee. Estava tão ferido com aquela história de Adam Palmer que acreditava que sua noiva não passava de uma leviana, capaz

de atrair homens para o seu quarto. Não era isso! Contudo, como poderia explicar a verdade sem se prejudicar? Também não era justo com Beth Lee levar a culpa em algo que não havia feito.

— Bob. — Ela o reprovou.

— O que um homem fazia aqui? — Ele prosseguiu furioso.

— Cuidado com suas palavras, rapaz. — Malick disse com sua calma de sempre. — Qualquer um pode ter entrado aqui...

— Com que objetivo? — Bob questionou como se ainda fosse noivo de Beth Lee.

Donna precisava dizer a verdade, mesmo que seu pai jamais a perdoasse, o que não podia deixar era a amiga ser mais prejudicada pelo ciúme de Bob. Ela abriu a boca para falar, dividida. Toda aquela confusão de sentimentos estava mexendo com sua razão.

— Eu... — Ela começou a falar.

— O padre! — O xerife disse desesperado. — Ele deve ter vindo para atacar o padre!

— O quarto dele é no outro lado do corredor. Vamos lá! — Malick avisou e saíram em direção.

Todos seguiram o xerife Peterson, que bateu na porta do quarto com força.

— Padre, sou eu, xerife Peterson. Está tudo bem aí?

Não houve resposta. Ele voltou-se para os demais que se entreolharam. Maggie e Sandy Lee também surgiram no corredor.

— O que está acontecendo, meu bem? — Maggie perguntou se aproximando de Malick.

— Padre? — Peterson voltou à atenção para a porta. Como ninguém respondeu, ele novamente voltou-se para os demais. — Vamos ter que arrombar a porta.

— Vamos pela varanda. — Malick disse o óbvio e voltou-se para as mulheres. — É melhor vocês ficarem aqui...

— Eu vou! — Donna falou decidida.

— Fique aqui! — Bob mandou. — Talvez, a cena não seja tão bonita de ser ver.

— Oh, Deus! — Maggie fez o sinal da cruz e começou a rezar.

Sandy Lee se pôs a chorar:

— Meu casamento! — Ela levou a mão ao rosto e correu para o próprio quarto.

Donna ficou irritada com a ordem do irmão, mas obedeceu. Também não queria ver um padre morto, ainda mais se o assassino fosse o homem que a beijara há poucos minutos. Como um homem podia beijar tão bem e não ter escrúpulos? Estava completamente perdida, agora, além de ladrão de gado, ele também era um assassino? Quem seria ele? Não sabia seu nome! E pelo visto, ele a estava seguindo! E como ninguém havia notado aquele estranho na cidade?

Céus! Ele a havia beijado... E ela podia sentir os lábios dele ainda sobre os seus, o sabor indescritível. Donna sentiu que estava com febre e seu corpo pegava fogo. Será que estava ficando doente? Provavelmente... Estava ficando adoentada por ter se apaixonado por um total desconhecido que lhe escondia algum segredo terrível.

Não pode contar a ninguém sobre mim...

Relembrou-se das palavras dele e fechou os olhos. O que ele pensou que ela faria? Que ele a beijaria e ela se derreteria e faria a vontade dele? Um total desconhecido? Um fora da lei?

O pior era que sentia medo de contar que ele e o homem do rio Cleveland eram a mesma pessoa. Caso alguém o tivesse visto, saberiam que havia mentido sobre sua aparência, sobre ele ser ruivo. Droga! Jack tinha razão, se seu pai descobrisse que ela se sentia atraída por esse homem perigoso e sua mentira, jamais a perdoaria.

Abriu os olhos e respirou fundo. Dera uma boa lição nele, ele falaria e andaria com dificuldade por uns bons dias, ela podia apostar nisso. Seu orgulho estava intacto pelo menos. A porta do quarto se abriu e Malick apareceu pálido.

— Como ele está? — Maggie perguntou ansiosa. — Dois dias em Crescentfalls e o padre já está morto?

— Não. — Ele saiu e fechou a porta.

Donna Mae tentou olhar por cima do ombro dele e a única coisa que viu foi a cabeleira farta do irmão que estava de costas olhando alguma coisa

— Mas o machucaram...

— Temos que chamar um médico. — Maggie falou aflita.

— Não é preciso, querida. — Ele deu um sorriso amarelo.

— O que aconteceu? O que há com ele, Malick?

— Bem... — Ele limpou a garganta. — Digamos que ele estava trocando de roupa quando o homem o atingiu e ele caiu desacordado no chão... — Ele hesitou. — Nu.

— Ah... — Maggie disse constrangida.

— Bob e Peterson estão cuidando dele — explicou. — Preciso de água e panos, ele vomitou quando o homem o agrediu.

— Céus! — Maggie ficou chocada. — Então, a pancada foi forte.

— Deve ter sido no estômago. — Malick supôs. — Fugiu quando nos ouviu na porta.

Donna estava decepcionada. Seu homem tinha atacado o padre. Além de ladrão de cavalos, ele era um fora da lei, um agressor e assassino. Sentiu o coração doer e lágrimas de decepção lhe vieram aos olhos e ela as reteve com fúria, nenhum homem a faria chorar.

— Vou ver Beth Lee. — Donna avisou saindo de perto deles para poder se recuperar do choque.

Encontrou a amiga dentro do quarto chorando.

— Beth...

A moça voltou-se para ela e secou as lágrimas.

— Seu irmão já foi?

— Não, ele está com o padre — disse com pesar. — Eu não sabia que ele vinha atrás de mim, sinto muito.

— Tudo bem, você não tem culpa! — Ela encolheu os ombros. — Ele não olhou para mim, você notou?

Ele tinha olhado quando ela estava de costas, mas Donna preferiu não dizer nada a amiga. Bob amava Beth, mas seu orgulho e teimosia o condenariam a solidão eterna, por isso, não quis lhe dar esperanças. O orgulho dos Clarckson era doloroso.

— Uma hora a raiva dele vai passar, ainda é muito recente — tentou confortá-la.

— O padre Ford me disse a mesma coisa. — Ela tentou sorrir.

— Esse padre parece ser um homem muito sábio e tem muita sorte...

— Ele está bem?

— Parece que o forasteiro o atacou, deixou-o desacordado, mas ele segue vivo...

— Graças a Deus! — Ela respirou aliviada. — Quem era esse homem, Donna? Você chegou a vê-lo bem?

— Não... Foi tudo muito rápido.

Tinha que contar a amiga, mas as batidas na porta a interromperam. Beth Lee deu as costas para a porta e ela foi aberta. Era Maggie:

— Donna, seu irmão pediu para chamá-la, ele está lá embaixo esperando.

— Já vou, obrigada!

Maggie olhou para a filha, mas não disse nada, apenas se retirou.

— Eu tenho que ir... — falou, mas Beth não se voltou dessa vez. Ela abraçou a amiga pelos ombros. — Volto depois.

Donna saiu do quarto e correu para a parte debaixo da pensão. As pessoas estavam reunidas na porta da pensão como se estivessem preparadas para o velório do padre, Malick falava com eles como se fosse o prefeito da cidade.

— Fiquem todos calmos, o padre Ford está bem. — Ele ergueu as mãos e as pessoas ficaram em silêncio. — Foi apenas um susto, o padre foi atacado, mas ele soube se defender, precisa apenas descansar para o *sábado das confissões*. Espero que todos estejam presentes... — As pessoas murmuraram aliviadas e ele continuou a falar: — Agora vão para as suas casas, está tudo bem!

As pessoas começaram a se dispersar. Bob aproveitou para sair e Donna o seguiu. Viu quando o irmão enxergou a figura máscula de Adam Palmer do outro lado da rua e o encarou com ódio, Adam desviou o olhar para o senhor Taylor, um antigo morador da cidade, mas não sem antes sorrir com deboche.

— Desgraçado. — Ele disse entre os dentes.

Donna tocou o braço do irmão.

— Vamos embora, Bob. Já chega de confusão por hoje, aquele idiota só está querendo provocar você...

Bob concordou relutante. A sua vontade era quebrar a cara daquele imbecil, mas sua irmã tinha razão, já tinham emoção demais por um dia e Beth Lee não merecia tanto. Ele montou em seu cavalo amarelo e, então, foram para casa no mais completo silêncio.

Capítulo IX

— Como era esse homem, Donna? — John perguntou assim que chegaram a casa e Bob relatou o acontecido.

Estavam sentados no escritório da casa, todos os irmãos, Caroline e John. Donna estava confortavelmente sentada na poltrona solitária e encarou o pai, séria. Ou dizia toda a verdade sobre ter mentido na descrição do homem do incidente naquela manhã, ou mantinha sua mentira até o dia de sua morte.

— Ele era ruivo... — Bob respondeu antes dela.

Ela franziu o cenho ao fitar o irmão:

— Como sabe?

— O padre disse que o homem que o atacou era ruivo. — Ele contou.

Donna sentiu-se aliviada, se o homem que tinha atacado o padre era ruivo, então, o seu forasteiro não tinha atacado o padre. *Ele podia ser um ladrão de gados, mas não era um assassino de padres!* Concluiu aliviada.

— Era o mesmo do rio, Donna? — Seu pai quis saber.

Ela preferiu sustentar a mentira. O motivo era mais do que explicável; ela apenas não queria admitir que continuava enganando sua família, fazendo a todos de bobos por causa de um homem que não valia nada. O mesmo homem que a tinha derrubado no chão e a beijado de forma febril.

— Sim — mentiu. — Acho que sim, foi tudo muito rápido.

— Temos que encontrar esse homem. — John disse olhando para os filhos, que assentiram. — Ele está atrás de Donna Mae porque ela viu seu rosto e quer matar o padre. Talvez, ele tenha matado os outros padres. — Ele olhou para a filha. — E a senhorita não sai mais de casa sem estar acompanhada.

— Pai! — Ela protestou.

— Não haverá discussões, Donna Mae! — John disse ríspido. — Esse homem a atacou duas vezes! E você teve sorte, numa terceira e ele pode matá-la e não vou conviver com esse receio!

— Mas, eu sei me cuidar! — continuou a protestar. Levantou-se e olhou para os irmãos. — Eu não quero ninguém atrás de mim!

— O pai tem razão, Donna. — Tim falou pensativo. — Esse homem está

vigiando seus passos e de alguma forma ele está aqui para atacar o padre...

Donna Mae tinha se enforcado com suas próprias ações. Agora, ficaria presa em casa por um bom tempo. Não deveria ter gritado quando ele a beijou, mas era tarde demais para lamentar.

— Que tipo de pessoa mata padres? — Caroline falou, finalmente.

— Um louco. — John falou sério e olhou para a filha. — E um louco que sabe exatamente onde você está, do contrário, como ele subiria ao quarto de Beth Lee?

A menção daquele detalhe fez a veia saltar no pescoço de Bob, foi inevitável que todos olhassem para ele.

— O que foi? — Ele perguntou nervoso.

— Você não deveria ter falado da maneira como falou com Malick! — Donna o reprovou diante de todos. — Você deu a entender que o homem tinha ido até o quarto para encontrar-se com Beth Lee.

— Não me importo! — Ele encolheu os ombros, amargo.

John deu um passo na direção do filho.

— Tem que resolver isso, Bob.

— Não tem nada para resolver, pai. — Ele levou as mãos aos quadris. — Essa história já acabou.

— Então por que você se incomodou tanto? Você não a ama mais, não é? — Donna o provocou.

— Fique fora disso. — Ele falou a irmã.

— Eu não ia dizer nada. — Jerry ficou ao lado de Bob. — Mas ouvi Adam Palmer dizer para Luke James, no bar, ontem, que vai pedir a Malick para cortejar Beth Lee...

Aquela revelação acabou com todo o controle de Bob.

— Vão todos para o inferno! — Ele berrou e empurrou Jerry para sair do escritório e bater à porta com força.

Todos riram.

— Vocês o levaram ao limite. — Caroline os censurou.

— Era essa a intenção! — Tim assegurou. — Adam Palmer fez de propósito para destruir o noivado de Beth Lee e Bob, só ele não vê isso.

— Ela estava chorando quando a deixei na pensão! — Donna disse com pesar.

— Pobre, Beth Lee. — Caroline lamentou. — Talvez, ela devesse aceitar o cortejo de Adam Palmer, apenas para dar uma lição em Bob.

— Também acho! — Donna olhou para a tia e riram.

— Mulher que faz isso mancha sua reputação. — John as reprovou.

Caroline encarou o cunhado:

— Uma mulher que é ultrajada quando não tem culpa, aceita outro pretendente por amor próprio. Por que esperar por um homem que se importa mais com que os outros pensam, do que com o que ele sente?

John estreitou o olhar e todos sabiam o que isso significava: ele estava furioso. Mas ao contrário do que esperavam, ele disse a cunhada:

— Tem razão, Caroline, uma pessoa que não assume o que sente publicamente com medo do que os outros vão pensar, não merece consideração. — A voz soou fria e cortante.

Ela abriu a boca para falar, chocada. Tinha se enforcado em suas próprias palavras. Queria pedir desculpas a John, mas na frente dos sobrinhos era impossível. John voltou à atenção para os filhos, ignorando-a completamente. Ela saiu do escritório, em seguida, sem que ninguém compreendesse porque ficou tão ofendida por John ter concordado com ela.

— A partir de amanhã, vamos montar vários grupos de busca e outro para cuidar da segurança da fazenda e do padre...

— Não acha que deveríamos avisar ao padre? — Tim perguntou.

— Claro, vou falar com ele amanhã. — John informou. — Precisamos fazer um retrato falado e pregar pelo vilarejo e mandar para os ranchos ao redor.

Donna sentiu um frio na barriga. Provavelmente, ele faria um retrato completamente diferente do dela. Céus! No que tinha se metido? Não havia como perguntar ao padre como o homem era sem levantar suspeitas.

— E você, Donna Mae, não saia mais sem um acompanhante dessa fazenda, estamos entendidos?

— Pai...

— Ou é isso, ou vou ter que mantê-la trancada dentro do seu quarto... — ameaçou.

Ela bufou. Discutir não ia adiantar nada, ela já sabia disso. O melhor era concordar e ver o que podia fazer para se safar daquela ordem sem maiores consequências.

— Está bem...

— Ótimo. — Ele olhou para os outros dois. — Amanhã quando Bob estiver de cabeça fria, iremos falar com o padre, quero todos vocês comigo...

— Eu vou também? — Donna quis saber.

— Não. Isso é assunto de homens e aqui você estará mais segura, não sabemos até onde vai o interesse desse forasteiro em matá-la.

— Oh... — Mais uma vez ela se ofendeu. — Mas, pai! Eu não posso viver isolada para sempre!

— Tem razão, ficará em casa apenas o tempo necessário para pegarmos esse homem.

— Quer dizer que se não o pegar, sou prisioneira?

— Isso mesmo. — John sentenciou.

— Eu nunca vou aceitar isso! — Ela protestou.

— Você não tem escolha, Donna Mae. — John falou sem rodeios, encarando-a furioso por sua audácia em enfrentá-lo. — Não me faça prendê-la dentro de nossa casa, porque eu farei isso se ousar me desobedecer! — Ela não disse mais nada, apenas calou-se, mas ele sabia que a fúria dela apenas havia aumentado. — Agora podem ir. — Ele dispensou os filhos.

— Mas, pai... — Donna protestou.

— Nada de “mas”. Preciso resolver algumas coisas e quero ficar sozinho.

— Não vai jantar? — Donna perguntou, preocupada, o pai nunca falhava as refeições noturnas.

— Estou sem fome. — Ele respondeu e lhe deu as costas.

Eles saíram e foram todos para a mesa de jantar, Bob também não estava presente.

— Jack veio avisar que ele saiu. — Caroline disse terminando de servir à mesa e sentando-se olhou para a cabeceira. — Onde está o pai de vocês?

— Ele disse que está sem fome e quer ficar sozinho. — Donna encolheu os ombros.

Caroline se ressentiu, sabia que ele estava magoado com ela pelo que dissera a pouco, no escritório. E ficou ainda mais deprimida quando todos se recolheram e John não apareceu em seu quarto. Esperou até que o relógio soasse duas da manhã e, então, soube que ele não viria.

Ora, não tinham mais idade para joguinhos desse tipo, por isso, ela colocou o xale em volta dos ombros e abriu a porta de seu quarto. Tinha que falar com ele, pedir-lhe desculpas e dizer que tudo não passava de uma má

interpretação de suas palavras, mas que ela o amava, sempre o amaria e queria continuar dormindo ao lado dele pelos próximos vinte anos.

Não havia ninguém no corredor, então, saiu depressa começando a andar em direção ao quarto de John que ficava do outro lado da casa. Seu coração batia descompassado com medo de ser pega em flagrante por algum de seus sobrinhos, nunca estivera no quarto dele. Nesses anos depois da morte de Amanda, era sempre ele que ia ao encontro dela.

Estava a meio caminho, quando ouviu um estrondo no andar de baixo. Parou onde estava e olhou para trás, em direção as escadas e, um barulho forte se fez novamente como se alguém estivesse quebrando alguma coisa. Nesse instante, a porta do quarto de John se abriu e ele a viu parada ali, ainda estava vestido com a mesma roupa do dia anterior.

— O que faz aqui? — Ele perguntou se aproximando dela.

— Eu... — Ela fez que não. — Você não foi... — Ela não conseguiu falar, mas ele compreendeu.

John ia falar, mas ouviram outro estrondo.

— O que é isso? — Ela perguntou aflita.

— Há alguém lá embaixo... — Ele constatou olhando pelo corredor escuro.

Tim e Jerry surgiram no corredor, Donna Mae logo atrás.

— Tem alguém no andar de baixo. — John informou.

Tim mostrou a pistola.

— Vamos ver quem é...

— Tim. — Caroline o reprovou, horrorizada.

— Talvez seja o ruivo que atacou Donna Mae. — Jerry supôs.

— E como ele conseguiria chegar aqui sem passar pelos vigias? — Donna perguntou, aflita. Ele não podia ser tão louco para chegar até ali e enfrentar sua família de peito aberto. Ou seria?

— É isso que quero saber. — John disse bravo. — Agora chega de conversa, temos que descer — ouviram outro barulho. — É o ladrão mais desastrado que já ouvi. — John debochou e começaram a andar em direção as escadas. — Vocês ficam aqui! — Ele ordenou às mulheres.

— Tomem cuidado! — Caroline murmurou, agoniada.

Os homens desceram e Caroline voltou-se para a sobrinha e ficaram ali paradas tentando ouvir o que acontecia. Donna prendeu a respiração pedindo a

Deus que não fosse o seu forasteiro e que Tim não atirasse nele ou ele em sua família.

Ouviram John soltar um palavrão e, em seguida, ele chamou por Caroline. Elas correram para as escadas e desceram para ver Bob caído no chão da sala toda destruída.

— Bob! — Caroline gritou e correu para ele. — O que houve?

— Jerry o acertou. — John contou terminando de acender as velas.

— O que queriam que eu fizesse? Eu não o reconheci nessa escuridão e ele estava quebrando tudo!

Bob estava voltando a si:

— Ai. — Ele gemeu levando uma das mãos à cabeça.

— Bob. — Caroline o chamou, ajoelhada ao lado dele com sua cabeça nas pernas dela. — Fale qualquer coisa, querido.

— Merda...

John lhe deu um chute leve e Bob riu.

— Ele está bêbado! — Tim riu colocando a pistola em cima do móvel.

— A culpa é de vocês por tê-lo provocado tanto ontem. — Caroline repreendeu os demais.

— E encher a cara é a solução dos problemas do mundo? — John a repreendeu. — Vamos, garotos, levem seu irmão para o quarto dele.

Tim o pegou pelo braço, Jerry o outro e o levantaram.

— Me soltem. — Ele tentou se soltar em vão. — Eu sei andar sozinho...

— Estamos lhe dando uma mãozinha. — Tim zombou.

— Céus, ele está sangrando! — Caroline falou aflita, enquanto tocava o braço dele.

— Eu dei uma lição... Em Adam Palmer... — Bob contou. — Machuquei meu braço... Enquanto... Socava a cara dele...

Os homens se entreolharam, eles sabiam o que isso significava.

— Amanhã você explica isso. — John pediu sisudo, detestava ver seus filhos brigando por aí, mas sabia que Bob tinha ido lavar sua honra, tinha orgulho do filho por isso. Conversaria com ele quando estivesse sóbrio.

Tim e Jerry começaram a arrastá-lo para as escadas. O tão controlado Robert Clarkson tinha perdido a cabeça, e todos ririam dele por uma semana por causa disso.

— Palmer ainda está vivo? — Donna perguntou muito aliviada por ser o irmão quem estava ali e não seu forasteiro.

— Acho que sim. — Ele disse e riu, e depois soluçou.

Donna e os irmãos subiram as escadas com Bob e não notaram que Caroline e John tinham ficado na sala. Ela fez até menção de seguir os sobrinhos, mas John segurou seu braço.

— Espere. — Ele pediu e a soltou.

Ela assentiu.

— Ele quebrou tudo. — Ela disse olhando ao redor e abaixando-se para começar a arrumar.

Estava nervosa, algo lhe dizia que não seria bom falar com John, que em seu olhar havia uma dor que ela não queria enfrentar.

— Amanhã Helen arruma essa bagunça. — Ele disse segurando-a pelo braço quando ela fez menção de catar cacos de vidro do vaso quebrado. Ele encarou Caroline. — Estava indo para o meu quarto?

— Sim...

— E o que ia fazer lá?

Não havia calor em sua voz e ela sentiu medo, o estômago parecia encolher.

— Você não veio, não gosto de dormir longe de você...

Toda a raiva dele se dissipou e ele a puxou para si abraçando-a.

— Eu queria odiá-la, Caroline. Juro que sim, mas eu a amo demais... — Ele a apertou contra si, sentindo o calor do corpo dela. Nunca tinham se tocado com tanta intimidade fora do quarto.

— Seria mais fácil para nós. — Ela murmurou agarrada a ele.

John afastou-se para encará-la.

— Seria. — Ele concordou. — Eu andei pensando e tomei uma decisão.

Ela sentiu um frio na barriga.

— O quê?

— Não vou mais vê-la...

Caroline deu um passo para trás se livrando das mãos dele.

— Por quê? — perguntou quase sem voz.

— Eu quero me casar com você. — Ele falou decidido. — Portanto, eu estou pedindo você em casamento, Caroline, e apenas ficaremos juntos

novamente se você se tornar minha esposa.

— John! — Ela fez que não. — Não faça isso, já conversamos sobre essa história milhões de vezes!

— Não vou mudar de ideia. — Ele a cortou abruptamente. — Suas palavras me fizeram pensar, e eu não posso aceitar amar uma mulher que não assume o que sente por mim por causa de pessoas que não se importam conosco...

Ela queria cortar a própria língua. Tinha estragado tudo.

— Eu não posso, John, Amanda... — Ela ofegou. — Eu prometi.

— Amanda foi uma mulher muito ruim que nos separou e continua nos separando! — Um misto de amargura e angústia tomavam sua voz. — Ela está morta há mais de vinte anos. — Ele disse secamente. — E apenas você continua presa a essa mulher que nunca a amou, jamais se importou com seus sentimentos! Ou com os meus!

— Eu preciso de você... — Ela declarou, as palavras dela o fizeram hesitar e uma esperança a invadiu de que ele pudesse mudar de ideia.

— Eu também preciso de você, muito. — Ele engoliu em seco. — Por isso, a quero ao meu lado como minha esposa, como deve ser, sempre, sem mentiras, encontros clandestinos. Quero lhe dar meu nome, meus melhores momentos e não olhares trocados quando ninguém está nos observando, beijos roubados, isso não é mais o suficiente para mim.

Ele se afastou em direção as escadas.

— John, por favor. — Caroline implorou entre as lágrimas. — Pense com clareza.

Ele virou-se para ela:

— Não vou voltar atrás em minha decisão por mais que isso me custe muito — sentenciou. — Eu a amo demais para tê-la apenas como minha amante. Caso mude de ideia, sabe onde me encontrar...

Caroline viu John subir as escadas sem olhar para trás. Ela começou a chorar, ela não podia estar perdendo John, contudo, não podia se casar com ele. Tinha feito uma promessa a Amanda e promessas não eram quebradas, traziam a morte. Ajoelhou-se no chão chorando como se tivessem lhe arrancado parte do corpo. Quando Amanda apareceu grávida de John e se casou com ele, ou quando descobriram que isso era uma mentira e suportou todas as humilhações da irmã e do pai, nada que vivera se comparava ao fato de saber que não dormiria mais ao lado do homem da sua vida.

E tudo por causa de um estúpido casamento! Já que eram felizes por que ele tinha que exhibir isso para todos?

Pouco importava. O que lhe doía era que ele não a tocara novamente, John era um homem de palavra e, por isso, ela sabia que se não cedesse, jamais voltariam a ficar juntos. Portanto, não ficariam, porque ela também não podia ceder. Estava condenada à solidão até o fim de seus dias e sem sentir John ao seu lado outra vez. Mesmo depois de morta, Amanda havia vencido outra vez, a tinha separado de John novamente.

Capítulo X

Brad queria massacrar aquela desgraçada! Ele colocaria a mão nela e a mataria da próxima vez que se encontrassem. Ah, ele ia mesmo!

Ela lhe deu uma joelhada colossal entre as pernas e ele pensou que suas bolas saíam pela boca. Aquela filha de uma cadela! Ela não tinha noção da dor que ele estava sentindo. Então, a louca saiu pelo corredor gritando socorro e ele teve que arrastar os pés para conseguir chegar em seu quarto. Andou arqueado, enquanto segurava as lágrimas, céus! Era uma dor insuportável! Caiu em cima de sua cama e começou a tirar a roupa deitado mesmo, sentia ânsia de vômito. Virou-se a tempo de vomitar no chão. Aquela mulher iria pagar por isso.

Pensou que estaria em paz, mas bateram em sua porta. Não daria tempo de vestir a batina de novo, como iria explicar que não conseguia levantar da cama de tanta dor no saco? Tinha que pensar numa boa desculpa para estar nu no início da noite.

— Já vai... — sussurrou sem muito sucesso e empurrou a roupa para debaixo da cama. O esforço o fez desequilibrar-se e cair no chão, em cima do próprio vômito, não poderia ter nada pior. Ou poderia... Três homens entrarem em seu quarto e vê-lo totalmente nu. Não que ligasse, mas como explicaria a eles as cicatrizes que tinha devido a um tiro que havia levado no braço esquerdo e mais duas cicatrizes: uma na perna e outra no abdômen, consequências de lutas corporais com facínoras que lhe renderam cortes profundos causados por facas.

— Padre... — Malick se aproximou dele. — O que aconteceu aqui?

Eu beijei uma mulher desgraçada e ela me acertou! Pensou com ironia.

— Alguém me atacou — sussurrou.

— Oh, Deus! — Peterson se aproximou também. — O senhor vomitou!

— A dor, ele me esmurrou. — Os homens o ajudaram a se levantar, e o colocaram em cima da cama.

Um terceiro homem surgiu diante de seus olhos e ele o identificou sendo Bob Clarkson, o irmão da megera. Agora mesmo que precisava de uma desculpa boa para não ser morto, já que não podia se defender. Céus! Eles não podiam deixar as mulheres entrarem ou ela o reconheceria e o estrago estaria feito.

— Ele fugiu quando vocês bateram à porta! — mentiu se cobrindo com o cobertor.

— Viu como ele era? — Bob quis saber.

Ele aproveitou a deixa para ferrar com a mulher perversa.

— Ruivo, eu acho.

— O mesmo homem que atacou Donna Mae. — Bob concluiu. — Ele é perigoso, temos que zelar pela vida do padre.

Ele não precisava de uma babá, ele precisava apenas ficar sozinho e colocar gelo no meio das suas pernas, tinha certeza que viraria um hematoma enorme e elas iriam dobrar de tamanho. Mataria aquela mulher se ficasse estêreo por caso disso.

— Vamos fazer vigília a noite toda. — Peterson falou decidido, o que não era muito comum nele. — Arranjarei alguns homens para revezarem comigo.

— Ótimo. — Malick falou satisfeito. — Hoje o senhor teve sorte, padre, poderia estar morto, mas por algum motivo incrível, esse homem poupou sua vida.

Ele não respondeu. *O motivo incrível, pensou, é que o meu suposto atacante é uma mulher descontrolada!*

— Vou pedir a Maggie que limpe aqui...

— Não. — Brad falou muito rápido e seu corpo doeu, então gemeu. — Não é de bom tom que uma mulher entre no meu quarto e comigo nu.

Eles compreenderam a razão do padre.

— Eu mesmo limparei. — Malick o tranquilizou. — Com licença.

— Precisa de mais alguma coisa, padre? — Peterson quis saber.

— De paz. — Ele gemeu.

Bob assentiu:

— Ele fez isso porque o senhor é um homem que não sabe se defender, padre. — Bob disse apenas piorando o humor de Brad. — E ele atacou minha irmã. Vamos caçá-lo e somente vamos parar quando o encontrarmos e lhe dermos uma boa lição.

— Sem violência... — Brad gemeu rouco.

— Vamos deixar o padre descansar. — Peterson achou melhor.

Eles se retiraram e somente quando Malick veio e limpou o quarto e

depois se retirou foi que Brad pôde relaxar.

Nas últimas vinte e quatro horas, tinha cometido duas besteiras da forma mais impulsiva e irresponsável de sua vida. Não apenas corria risco de morrer nas mãos dos Clarkson quando Donna Mae desse com a língua nos dentes, como colocara em risco toda uma missão. E o que iria dizer aos seus superiores? Que não soube controlar seus impulsos e ficou olhando uma mulher nadar nua e depois a beijou em uma pensão?

No fundo, ele sabia que tinha merecido aquela joelhada no meio das pernas, porque isso o fez ver o quanto estava sentindo estúpido. Donna Mae era uma mulher linda, atraente e tinha uma personalidade incomum pelo pouco que notara, além disso, beijava muito bem, mas não passava de uma mulher do interior, sem nada para oferecer a um homem que não fosse problemas.

E ela quase o colocou numa enrascada. Quase...

Porque agora ele iria evitá-la, tinha que fazer isso até que conseguisse descobrir quem estava matando os padres. A cidade era pequena, mas contaria com o fato de que a manteriam trancada na fazenda quando tinha sido atacada duas vezes em menos de vinte e quatro horas, porque era o que ele faria com sua filha. Com Donna Mae fora do seu caminho para desmascará-lo, ele poderia trabalhar em paz, e teria de agir rápido.

Tinha sido indicado para aquela missão porque era o melhor dos Rangers e não porque era um tolo cheio de hormônios que não sabia desviar o olhar de uma mulher quando era necessário. Sentiu-se ridículo e se prometeu que não voltaria a colocar as mãos em cima de Donna, mesmo que fosse uma tentação. Mas ao invés de ser uma boa perdição, ela era o início de sua destruição.

Lembrou-se do momento em que a viu dentro daquele quarto e seus pensamentos deixaram de ser coerentes e quando deu por si estava em cima dela, beijando-a... Não! Isso não iria acontecer...Mulheres existiam muitas pelo mundo e várias delas o aguardavam em Austin, isso era fato, tinha apenas que se centrar em seu trabalho.

A dor e a exaustão o fizeram dormir o restante do dia e a noite toda. Quando levantou de manhã estava refeito e pronto para cumprir com seu trabalho, descobrir o assassino dos padres.

— Bom dia, padre. — Maggie disse ao vê-lo entrar na copa. Ela estava servindo a mesa e todos estavam presentes.

— Bom dia a todos — disse secamente sentando-se ao lado de Malick.

Na verdade, estava com um terrível mau humor.

— Como se sente, padre? — Malick quis saber.

— Ótimo — limitou-se a responder.

A dor havia passado e suas bolas estavam intactas. O que estava dolorido era seu orgulho, mas logo ele teria sua vingança, dando uma lição inesquecível naquela megera atrevida. Aí sim, quando ele a humilhasse e seu ego estivesse novamente intacto, tudo voltaria ao normal.

— Quer bolo, padre? — Maggie perguntou.

— Sim...

— Quer dizer que agora vai poder realizar meu casamento, padre? — Sandy quis saber.

Brad a olhou irritado.

— Eu farei o casamento quando der para fazer. — Ele a cortou. — Vou enviar a carta ao meu superior e quando ele liberar faremos esse... — ele se conteve para não dizer maldito — casamento.

— Deixe o padre em paz, Sandy Lee. — Malick mandou. — Ele precisa se recuperar primeiro.

— Eu só queria saber. — Ela encolheu os ombros.

— Estão fazendo as buscas na região procurando pelo homem ruivo. — Malick começou a falar. — Ele tentou atacar Donna Mae, novamente.

Então, a megera não tinha dito a verdade. Por que ela continuava mentindo se tinha ameaçado entregá-lo? *Mulher doida*, pensou irritado.

— Pobre moça. — Brad forçou-se a dizer quando Maggie colocou um enorme pedaço de bolo de milho na sua frente. — Obrigado.

— Ela não tem nada de pobre. — Sandy Lee disse irritada. — Ela deve ter feito algo muito errado para esse homem estar atrás dela!

— E o que ela teria feito? — A voz de Beth Lee se fez presente para defender a amiga. — Pelo que sei, ele a atacou.

Beth Lee realmente não sabia de toda a história, também pensava que a amiga fosse uma santa. Nenhuma mulher sensata nadava nua em um rio. Brad teve vontade de lhe perguntar isso, mas havia retornado ao seu estado normal e racional, e não faria mais nada impulsivo, ainda mais quando o assunto era a megera.

— Mas por que esse homem está atrás dela e não de nenhuma outra? — Sandy Lee retrucou maldosa.

— Por que ela é a herdeira de uma família rica? — Beth Lee supôs. —

Por que ela viu o rosto dele no rio e ele quer matá-la?

Brad não queria matá-la, quer dizer antes não, agora ele sonhava com isso, mas as duas vezes que a encontrou não foi para lhe causar nenhum mal e sim para vislumbrar sua beleza e beijá-la. Sandy Lee não sabia o que falava, ainda bem que Donna Mae tinha uma amiga fiel como Beth, ele pensou, que a defendia das fofocas.

— *Talvez*. — Sandy Lee encolheu os ombros. — Mas talvez não seja só isso.

— E o que seria?

— *Talvez* ele seja o amante misterioso dela...

Brad ergueu a sobrancelha ao ouvir aquilo: que história era essa de amante misterioso?

— Sandy Lee. — Maggie a reprovou. — Isso não é da nossa conta!

— Donna não tem nenhum amante! — Beth a defendeu.

A voz dela fez a tormenta que surgiu dentro de Brad acalmar, era óbvio que ela nunca tivera nenhum amante, ele foi o primeiro a beijá-la. Sandy Lee somente estava criando fofocas. Embora, Donna Mae fosse uma megera, não era uma leviana e Brad sabia muito bem disso.

— Levantar falso testemunho é pecado, senhorita. — Brad a censurou.

— Eu sei, padre, mas como explica uma moça de vinte anos nunca ter se casado? Ou ter tido um noivo pelo menos? Para que as mulheres servem se não para se casarem e terem filhos?

— Donna assusta os pretendentes. — Beth Lee disse com um leve sorriso. — Eles têm medo dela, só isso.

Como Brad tinha imaginado. A sorte era que ele não tinha medo, mesmo não sendo um pretendente. Ela era puro desafio e somente um covarde não teria prazer em enfrentá-la. Ou um homem sensato. Entretanto, agora, ela não era mais um desafio e sim um monte de problemas, e como ele não queria dificuldade, não se aproximaria mais dela.

— Para mim, eles não querem ficar com uma mulher que tem a reputação de agir como um homem. — Sandy Lee continuou.

— O que deu em você hoje? — Maggie perguntou brava com a filha.

— É verdade. Donna Mae faz o que quer e a hora que quer, os homens são loucos por ela, correm atrás dela, mas depois fogem! Devem ter um motivo sério para isso. — Ela disse com maldade. — Ela se sente superior a todos nós,

mesmo agindo dessa forma repugnante!

— Como eu já disse, Sandy Lee. — Maggie prosseguiu. — O que Donna Mae e sua família fazem não é problema nosso...

— Então, seria desnecessário contar que ontem Bob Clarckson quebrou o nariz e um braço de Adam Palmer, no bar dos Rancheiros... — contou indignada para provocar a irmã.

Beth Lee virou o copo de leite sobre a mesa.

— Desculpem-me. — Ela levantou-se nervosa e Sandy Lee sorriu maldosa.

— Fico me perguntando por que ele fez isso. Será que ele pensou que Adam é quem entrou no quarto de Beth, ontem?

— Chega... — Brad deu um berro.

Todos se voltaram para ele. Um padre nunca gritava, mas a maldade de Sandy Lee era tanta, que ele não conseguiu se controlar. Ele clareou a garganta.

— Desculpem-me, mas sua língua solta, senhorita, faz com que o mais santo dos homens perca a paciência...

Ela arregalou os olhos, chocada e olhou para os pais a procura de proteção, eles simplesmente desviaram o olhar concordando com o padre. Então, ofendida, levantou-se e saiu da copa a passos largos para seu quarto.

— Peço desculpas por minha atitude ríspida. — Brad disse para aliviar a tensão.

— Não há porque se desculpar, padre. Sandy Lee tem o costume de passar dos limites. — Malick assegurou. Ouviram os sinos da porta da pensão soarem. Tinha gente chegando, por isso Malick levantou-se. Segundos depois, ele voltou. — Padre, o senhor tem visita.

— Para mim?

— Sim, os Clarckson estão aqui — explicou. — John e seus filhos vieram falar com o senhor.

Beth Lee gemeu enquanto limpava a mesa e deixou o prato cair no chão.

— Cuidado, Beth Lee. — Maggie disse se aproximando dela. — Se toda vez que os Clarckson vierem aqui, você quebrar alguma coisa, vou ter que mandar a conta para eles... — A mãe disse com bom humor.

— Eu não sei o que deu em mim. Desculpe-me, mamãe. — Ela disse abaixando-se para recolher os cacos.

Brad se perguntou se Donna Mae estaria junto? Seria um desastre se ela o

visse agora. Ele enfiou um pedaço de bolo na boca e mastigou com raiva. O que aquela gente queria com ele? Aquela megera teria dito alguma coisa? Mesmo que dissesse, jamais ligariam ele ao forasteiro, afinal, ele tinha sido atacado por um homem ruivo e padres não mentiam para aquela gente. E a megera confirmou a história.

— O que eles querem?

— Não sei, padre, apenas pediram para chamá-lo.

Ele assentiu:

— Vou terminar meu café da manhã e já vou.

Malick assentiu e se retirou.

Terminou de comer e, então, se levantou. Enfrentaria o problema, caso ela o reconhecesse e dissesse que ele era o homem que a tinha atacado, a chamaria de louca. Se de tudo isso não resolvesse, teria que atirar em todos e sua missão tinha chegado ao fim.

Seria um buraco negro em sua carreira e duvidava que pudesse permanecer na divisão dos Rangers depois disso. Caso o atacassem, ele teria que usar as duas pistolas que estavam presas em suas panturrilhas. O que estava fazendo? Não estava ali para matar ninguém e sim para salvar vidas, apenas lhe diria a verdade, que a filha deles não passava de uma louca insana que acusa o pobre padre injustamente. Mesmo assim, sua missão teria que chegar ao fim e ele não queria isso.

Brad torcia para que qualquer desculpa que dissesse contra Donna Mae valesse de alguma coisa naquele lugar. Respirou fundo e entrou na sala e quatro homens corpulentos se levantaram para encará-lo. Ficou aliviado ao notar que ela não estava ali.

Bob Clarckson ele já conhecia, o rapaz era a cópia perfeita de John, que agora era grisalho, apenas com alguns fios escuros. Os outros dois eram loiros. De onde Donna herdara os cabelos e olhos castanhos? A megera não parecia ser da família. Seria adotada? Ele não duvidava que ela tivesse vindo de alguma parte selvagem do deserto, ainda perdida no limbo dos confins do inferno árido e seco.

— Bom dia a todos... — Ele disse com aquele jeito seu arrogante.

— Bom dia, padre. — John deu um passo em direção a ele. — Sou John Clarckson. — Ele estendeu a mão e se cumprimentaram. — Este é meu filho Robert, o senhor já o conhece. — Ele apontou para os dois a sua esquerda. — E esses são Timothy e Jeremiah.

Ele apertou a mão de todos com firmeza.

— Sou o padre Brad Ford.

— Viemos aqui para conversar com o senhor sobre o que aconteceu ontem à tarde...

Brad assentiu seguro que de nada sabiam, do contrário, seria um homem morto. Não duvidava que o amarrassem no cavalo e o arrastassem pelo deserto.

— Eu fui atacado — limitou-se a dizer.

— E minha filha também, por isso, nós estamos à procura do homem ruivo. — John explicou. — E vamos deixar homens cuidando do senhor dia e noite.

Isso complicaria suas investigações. Gente atrás dele não era bom... Por causa daquela maldita mulher tinha complicado totalmente seu trabalho. Bem feito! Agora pensaria duas vezes antes de sair por aí espionando mulheres nuas nos rios.

— Não há necessidade. — Ele disse de uma vez.

— E por que não?

— Por quê? — *Por que ele era um Texas Ranger e não precisava ser protegido a não ser dos seus hormônios?* — Porque não quero que percam tempo comigo.

— Proteger a vida de um homem santo não é perder tempo, padre. O vilarejo precisa de uma igreja com missas toda semana e um padre para ajudá-los... — John argumentou. — E homens já foram selecionados, ficarão vigiando dia e noite.

Droga! Ele teve vontade de gritar com todos eles. Mas como explicar que a única coisa que faziam era proibir um homem da lei de fazer seu trabalho?

— Não gosto dessa ideia de ser vigiado. — Ele falou sério.

— Não tem escolha, padre, ontem o senhor mostrou que não consegue se proteger sozinho, foi atacado. — Tim falou. — Da próxima vez pode não ter tanta sorte.

Agora, todos pensavam que era um idiota que não sabia defender a própria vida e embora sua libido tivesse sido atingida pelo saco – literalmente – sabia que geralmente os padres eram seres frágeis que detestavam violência. Mal sabiam que quem o tinha levado ao chão foi uma mulher, a megera irmã deles. Ele tinha que fingir que era um fracassado.

— Poder ser... — Clareou a garganta, tentando afogar seu orgulho. — Os

senhores têm razão, eu tive sorte.

Sorte de não ser pego por eles na tarde anterior, só isso. Sorte que ainda a megera não tivesse dado com a língua nos dentes e ele tivesse que fugir às pressas daquela cidade. Teve sorte de não ser enforcado por beijar uma moça de família virgem, no chão de uma pensão, e não ser obrigado a se casar com ela, logo em seguida.

John pareceu satisfeito.

— Viemos dizer que pode contar conosco, padre, para tudo! — John afirmou. — Sábado estaremos todos no grande dia da confissão!

— Todos? — perguntou querendo saber se a megera estaria lá.

— Claro, somos uma família unida.

Que Merda! Tinha que dar um jeito de Donna Mae não comparecer.

— Noto isso, muito bom — forçou um sorriso. — Quanto a sua filha...

— O que tem minha filha? — John ergueu uma sobrancelha, desconfiado.

— Como ela está depois desse trauma? — perguntou fingindo preocupação.

— Donna Mae? — Jerry perguntou debochado. — Ela jamais se abala com nada.

— É verdade. — John concordou com certo orgulho. — Isso parece não a ter comovido.

— Coitado do homem que cruzar o caminho de Donna Mae, pode ficar sem suas bolas! — Tim fez a piada e riu.

Brad tossiu e limpou a garganta, constrangido pelo irmão ter chegado tão perto da verdade.

— Tim! — John reprovou o filho.

— Desculpe-me, padre! — Tim disse sério parando de rir.

— Está desculpado, meu filho. Mas é bom vigiá-la muito, sua filha, eu digo. — O padre aconselhou. — Ouvi falar que ela gosta de quebrar regras, por isso, é melhor se atentar a todo o momento, seria bom até se evitasse sair da fazenda. Esse homem parece saber onde ela está... Temo por sua vida! — Que Deus o perdoasse por tantas mentiras.

— Já disse isso a ela, padre. — John confidenciou. — E farei de tudo para que ela me obedeça.

— Quero celebrar casamentos, batizados e não velórios. — Ele observou e todos assentiram preocupados.

— Ficaremos de olho. Donna Mae não sai de casa até que peguemos esse homem, isso eu lhe garanto! — Ele assegurou. — Então, até sábado, padre. — John despediu-se e os filhos também, e se foram.

— Merda! — Brad praguejou quando ficou sozinho.

— Padre?

Ele virou-se e viu Beth Lee.

— Filha. — Ele gaguejou. — Não sabia que estava aí.

— Eu percebi. — Ela caminhou para perto dele. — Eles o irritaram?

— Um pouco, querem me vigiar e eu não gosto dessa ideia. Estava ouvindo atrás da porta, senhorita? — Reprovou.

Ela ficou corada:

— Mais ou menos, na verdade, padre, eu estava olhando para Bob. — Ela confessou.

— De tudo o que houve, concluo que o café da manhã não foi tão ruim. — Brad comentou se aproximando dela. — Sua irmã lhe trouxe boas notícias.

— É. — Ela concordou tímida e encarou o padre. — Acha mesmo padre que quando um homem bate em outro por causa de uma mulher, pode ser que ele ainda goste dela?

Brad assentiu:

— Eu jamais bateria em outro homem por causa de outra mulher se não me importasse com ela. — Ele falou e a viu franzir o cenho, afinal, padres não batiam em outras pessoas por causa de mulheres. — Quer dizer... — Ele limpou a garganta. — Se eu não fosse um padre, claro...

— Ah. — Ela voltou a sorrir.

— Tudo vai dar certo, Beth Lee. Acredite.

— Acho que depois dessa notícia, eu consigo ter uma ponta de esperança. — Ela disse com um sorriso genuíno.

— Fico muito contente com isso. — Ele admitiu. — Agora se me dá licença, vou até a igreja. — Ele avisou e saiu em seguida.

Enquanto andava para a igreja, Brad notou a quantidade de homens que estavam na porta da pensão e pareciam vigiar seus passos. Outros estavam fazendo buscas pela região à procura do ruivo, não podia arriscar-se. Por causa

daquela megera e de sua imprudência, ele teria que esperar as pessoas se acalmarem e voltarem as suas habituais vidas para continuar com sua investigação.

Pelo menos esperava que isso não demorasse muito.

Capítulo XI

Donna Mae estava cansada de ser vigiada, a qualquer lugar da fazenda que ia, sempre havia alguém no seu encalço. E quando entrava em casa ficavam na porta vigiando, como se ela fosse uma criminosa. E no fundo era, porque estava enganando sua família, fazendo-os procurar por alguém que não existia. Aliás, existia sim, segundo o padre o homem era ruivo.

Muita coincidência, mas não havia explicação para isso. Talvez se fosse falar com o padre... De que adiantaria? A única coisa que poderia fazer era confessar seus pecados: de que havia se tornado uma mentirosa e que estava pensando em um ladrão de gado e no beijo dele...

Era inevitável não pensar naquele beijo e não era qualquer um, era seu primeiro beijo. Sentia o peito arder de calor quando se lembrava daquele homem e pior era querer encontrá-lo outra vez. Mas como? Todos estavam vigiando-a e ela não tinha ideia de onde ele estaria. Era um idiota, o homem a tinha beijado para controlá-la, para manipulá-la e ela pensando nele...

Não conseguia evitar.

Entrou na cozinha no fim da tarde e surpreendeu-se ao ver Helen correndo de um lado para o outro com o jantar.

— Onde está tia Caroline, Helen?

— Ela não estava se sentindo bem e subiu para o quarto...

Donna franziu o cenho, preocupada, sua tia estava doente? Não se lembrava de ver sua tia sequer com um resfriado todos esses anos, o que ela teria?

— Vou ver como ela está...

Ela subiu ao quarto e bateu na porta, quando ouviu um leve “entre”, abriu e entrou encontrando tudo na pura escuridão.

— Tia? — perguntou preocupada.

— Estou deitada, querida. — Caroline sussurrou.

— Quer que abra as janelas?

— Não, a luz faz minha cabeça doer mais — explicou.

Donna se aproximou da cama iluminada pela luz que vinha do corredor.

Sua tia estava debaixo da coberta naquele calor insuportável, por isso levou a mão à testa dela.

— Está com febre, tia — disse tensa.

— Já vai passar — forçou um sorriso.

— Há quanto tempo está assim?

— Desde manhã — avisou. — Mas já vai passar, é apenas um mal-estar.

— Mal-estar não dá febre. — Donna retrucou decidida e se levantou.

— Aonde você vai? Não precisa preocupar os outros...

— Eu vou fazer um chá — mentiu. — Já volto...

Sabia que se dissesse à tia que ia avisar seu pai, ela imploraria para não o fazer, por isso levantou-se e fechou a porta antes de sair e correr até o estábulo. O mais engraçado foi ver o cowboy que a vigiava correr junto, seguindo-a, aquilo era realmente ridículo. Encontrou seu pai junto de Tim e Jack no estábulo examinando uma potranca que estava para dar à luz.

— Pai...

— O que foi, pequena? — Ele voltou-se para ela com o cenho franzido.

— É tia Caroline... — falou ofegante.

— O que tem ela? — Ele levantou-se preocupado.

— Eu acabei de sair do quarto dela e... — Fez uma pausa para recuperar o fôlego, isso foi o suficiente para que seu pai se aproximasse e a segurasse pelos ombros.

— Diga logo. — Ele ordenou desesperado.

— Ela está com febre e deitada na cama. Disse que é um mal-estar simples, mas acredito que é pior...

Ele olhou em direção a casa e sabia exatamente o que estava acontecendo. Caroline estava doente por causa da separação, ele também estava sofrendo, mas descontava toda sua frustração no trabalho, enquanto ela era frágil demais, embora quisesse aparentar ser uma mulher forte. A culpa era dele por ela estar doente e sofrendo. Sabia que tinha sido duro demais com ela, mas não teve escolha, não podiam mais viver daquela forma.

— Tim, vá chamar o doutor Mathews! — ordenou.

— Sim, pai. — Tim disse correndo em direção ao seu cavalo para cumprir a ordem do pai.

— Mande Helen preparar um chá para sua tia. — Ele pediu a Donna.

— Sim.

— Eu vou falar com Caroline... — Ele disse saindo apressado na frente da filha, que o seguiu a passos largos.

John entrou no quarto sem bater. A escuridão o deixou tenso, dava uma sensação de morte, o ar estava parado e seu coração rachou ao meio por pensar que poderia perder Caroline. Essa ideia era inconcebível, sua vida não teria sentido sem ela. Correu para a beirada da cama e passou a mão pelo rosto delicado de Caroline, ela estava ardendo em febre.

— John? — Ela perguntou ao abrir os olhos. — O que faz aqui?

— O que você tem? — Ele perguntou aflito ao vê-la tremer embaixo dos cobertores.

— É só um mal-estar...

— Você está ardendo em febre, querida...

Caroline teve vontade de chorar ao ouvi-lo falar com tanto carinho.

— É passageira, deve ser um resfriado, só isso.

John sentiu o coração apertar. Já ouvira falar de pessoas que morriam de tristeza quando sofriam uma grande decepção. A simples ideia de que podia perder Caroline o matava por dentro.

— Meu amor, sinto muito. — Ele disse sincero. — Eu não queria...

Lágrimas escorreram pelo rosto de Caroline. Sentiu tanta falta dele, algumas horas afastados, uma noite dormindo um longe do outro e era como se tivessem lhe roubado a vida. A certeza de que não voltariam a ficar juntos a deixou doente e seu corpo não suportou tamanha tristeza. Ficou de pé o dia todo, firme, mas ao fim da tarde, teve que arrastar-se até o quarto e deitar-se para não desmaiar na frente dos empregados.

— Eu sei. — Ela fez que sim e soluçou. — Não se sinta culpado.

— Não posso viver sem você. — Ele confessou e pegou as mãos dela que seguravam a borda do cobertor. — Não me deixe.

Ela não disse nada, apenas chorou e John beijou-lhe as mãos frias.

— Amo você, John, não me deixe, por favor.

Ele assentiu e beijou-lhe a testa e, então, acariciou seus cabelos. Nesse momento, ele ouviu passos vindos do corredor e afastou-se. Donna Mae entrou segurando uma xícara de chá.

— Não quero tomar isso. — Caroline falou fazendo que não. — Quero vomitar só de pensar.

— Mas, tia...

— Vamos esperar o doutor Mathews. — John achou melhor.

Donna olhou para o pai, surpresa. Era impressão ou seu pai estava, de repente, abatido? Talvez a fidelidade de sua tia para com a família fosse muito importante para um homem honrado como seu pai. Era o mais provável.

— Não precisa de médico, John. — Caroline gemeu.

John apertou as mãos para se controlar e não voltar a se ajoelhar ao lado dela e beijar-lhe até que melhorasse.

— Eu mando nessa casa, Caroline, e o médico vai examiná-la! — Ele sentenciou.

Caroline fungou e se encolheu mais, sentia um frio terrível como se seus ossos fossem de gelo.

— Peça a Helen para mornar a água. — John disse a Donna. — Precisamos fazer compressas para abaixar essa febre.

Donna obedeceu e, quando estava descendo as escadas, viu Tim subir com o Dr. Mathews e seus outros irmãos apareceram em seguida pela porta da cozinha e foram para o quarto de tia Caroline. Deu a ordem a Helen para mornar a água e todos pareciam concentrados demais no que estavam fazendo. Olhou para a porta dos fundos e viu o homem que a seguia parado ali como uma estátua.

Era sua chance.

Poderia sair pela frente da casa, pegar o cavalo de Tim e ir até a cidade falar com o padre. Ninguém notaria até que voltasse, estavam todos ocupados dando atenção a sua tia. Era a hora perfeita. Saiu da cozinha a passos largos e atravessou o corredor correndo, e pulou os degraus da escada, para saltar sobre o cavalo de Tim e sair a rápido galope.

Ia conversar com o padre e saber como era o homem que o tinha atacado e quem sabe confessar seus pecados. Foi até a pensão e Beth Lee lhe disse que o padre ainda estava na igreja preparando tudo para o sábado das confissões.

— Não era para você estar trancafiada em casa? — Beth perguntou do alto da varanda com as mãos na cintura. — Seu pai vai matá-la quando descobrir que fugiu!

— Preciso falar com o padre, meu pai vai ter que entender! — comprimiu os lábios e virou o cavalo em direção à igreja.

Minutos depois, Donna entrava na igreja. Não era muito religiosa, mas

era temente a Deus e acreditava no poder de Cristo. Tudo tinha sido reformado e a luz do fim da tarde iluminava o ambiente. Não se lembrava da última vez que tinha estado naquela igreja ou quando tinha feito uma oração de verdade. Sentia uma paz tão grande ali dentro... Viu o padre entrar no confessionário. Ele estava de costas e ao contrário do que esperava dos padres, realmente ele era jovem, afinal, os cabelos não eram grisalhos, os ombros largos.

Era a oportunidade de falar com ele. Não poderia hesitar. Entrou na outra parte do confessionário e ajoelhou-se.

— Padre...

Ele moveu-se depressa dentro do cubículo e caiu sentado. Tinha entrado para verificar a caixeta que passaria longas horas, no sábado, ouvindo as pessoas falarem suas loucuras. Brad levou um susto ao ouvir a voz de Donna Mae. *A megera estava ali...* Caso não estivesse vestido de padre, ele arrancaria aquela tela e a enforcaria. Suas bolas ainda estavam doloridas.

Precisava controlar sua raiva e agir com cuidado para que ela não sonhasse que o padre e o forasteiro eram a mesma pessoa. Tinha a sensação de que quando ela descobrisse isso, ele perderia mais que as bolas no meio das pernas.

— Padre? — Ela prosseguiu ao notar que ele não falava nada. — Sei que não deveria estar aqui, mas precisava muito falar com o senhor.

Limpou a garganta e afinou a voz:

— Deve ser algo muito sério, filha, está desobedecendo ao seu pai, não é?

Donna fez uma careta e segurou para não rir, que bom que o padre não podia ver, a tela do confessionário era bem espessa. Ela apenas via seu vulto. Que tipo de voz era aquela? Ele parecia uma gralha desafinada no seu pior estágio. Tossiu para controlar a risada e respirou fundo.

— Vim por um motivo sério, padre — confessou.

— Desobediência também é pecado. — Ele falou.

— Eu sei, mas eu estava desesperada... Eu queria saber realmente, o homem que o atacou é ruivo mesmo?

Ele ergueu uma sobrancelha e olhou para a tela, mas a única coisa que podia ver era a sombra dela.

— Sim. — Ele ouviu o suspiro de alívio que ela deu. — Por que, minha filha? O que a aflige?

— Eu... — Ela hesitou. Estava falando com um padre, sabia que podia confiar, afinal, ele era a única pessoa que podia confiar que jamais diria a ninguém sobre o que precisava colocar para fora. — Tenho mentido, padre, e muito.

— Sobre o quê, minha filha? — Ele perguntou curioso.

O que será que a megera estava fazendo? Ele ia se divertir muito com isso, na verdade. Mal sabia que estava jogando seu segredo nas mãos do inimigo.

Donna mordeu os lábios e depois fechou os olhos ao admitir:

— Há dois dias, eu conheci um homem e me apaixonei por ele.

O queixo de Brad caiu. O que ela estava dizendo?

— Eu estava nadando nua no rio. Sei que é errado, mas sempre fiz e ninguém me viu, mas *ele* me viu, padre. Apontei meu rifle nas costas dele e teria atirado, mas hesitei e ele me desarmou e quando o olhei, soube que tinha esperado a minha vida toda por isso... — Ela falava sem parar. — Quando nossos olhares se encontraram, algo dentro de mim se rompeu e eu quis mais do que poderia ter... — Suspirou, angustiada. — Consegui escapar dele, mas ele nunca tentou me fazer mal e algo dentro de mim me diz que jamais faria... E ele é um ladrão de gado, padre, e eu menti para a minha família para protegê-lo...

Ele não esperava por isso, por nada parecido. *Ela estava apaixonada por ele, por Bradford Dawson.*

— Ele não é um ladrão de gado... — falou sem pensar.

— O quê? — Ela perguntou confusa. — Como sabe, padre?

— Eu não sei — corrigiu depressa, irritado por mais um deslize. — Apenas deduzo que uma moça como a senhorita jamais se interessaria por um ladrão de gado.

— Então, se ele não é, o que estava fazendo nas terras da minha família e por que me pediu para não falar dele com ninguém?

Ela estava apaixonada por ele, Brad repetiu isso para si e uma onda quente caiu por todo seu corpo. Passou as mãos pelos cabelos.

— Às vezes, temos que enxergar além do que vemos. — Ele falou mais para si do que para ela.

Poderia esperar tudo dela, menos que ela nutrisse qualquer tipo de sentimento bom por ele.

— Acha que ele pode estar aqui por outro motivo? — Ela perguntou desconfiada.

— Pode ser... Nunca se sabe... E você não tem certeza que ele é um ladrão de gado, tem?

— Não. — Ela fez que não. — Na verdade, não acredito que ele seja, algo me diz que é um homem bom e honrado, meio louco, mas honesto.

Brad se agarrou ao banco para não sair daquele lugar, dar a volta e beijá-la ali mesmo, dentro de uma igreja. Ela acreditava que ele era um homem digno sem conhecê-lo, apenas porque sentia isso. Ele tinha acabado de encontrar seu próprio inferno pessoal junto daquela mulher.

— Menti sobre a aparência dele para a minha família, não quero que nenhum mal lhe aconteça. — Ela prosseguiu. — Eu morreria se isso incidisse e minha família pode ser mais impiedosa do que o senhor imagina. Meu pai não perdoa traidores, padre, ele os enforca.

Brad gemeu, tinha que ser forte e não beijar aquela mulher até que ela perdesse os sentidos... Ela estava querendo protegê-lo, ninguém se preocupou com ele antes, a não ser seus pais.

— Se arriscaria por ele? — perguntou tenso.

— Sem dúvida — disse segura.

— Mesmo se ele fosse um ladrão de gado?

— É assim o amor, não é, padre?

Amor... Ela estava exagerando, talvez essas coisas de mulheres que se iludiam demais. Mas algo dentro dele acendeu e soube que Donna Mae jamais sairia de sua cabeça a partir de agora. Os sentimentos dela eram sinceros e puros, e quantas vezes viu isso em sua vida? E ela não estava dizendo isso para impressioná-lo, ela estava se confessando ao padre.

— Tem certeza do que sente, minha filha?

— Eu jamais diria se não sentisse... Tenho mais de vinte anos, padre, já passei da idade das ilusões!

Ele levou os dedos à tela, queria tocá-la agora, por um motivo inexplicável, queria o corpo de Donna Mae contra o seu e ver aqueles lábios lindos dizendo que o amava.

Tinha enlouquecido completamente...

— O que devo fazer, padre?

O que ela deveria fazer? Ele estava tão confuso naquele momento: sua excitação repentina com a presença daquela mulher, seus sentimentos, as palavras dela... De repente, tudo mudou de sentido, *tudo*.

— Reze por esse homem, minha filha — disse sério. — Ele deve estar precisando das suas orações.

— Acha mesmo, padre?

— Tenho certeza disso...

— Mas e quanto ao fato de estar mentindo para a minha família? — Ela quis saber.

— Não é certo, mas acredito que quando a mentira é para salvar uma alma, Deus perdoa — falou.

— Mas quando eles descobrirem, vão me matar... Meu pai não é um homem que admite traições, não sei do que ele é capaz de fazer...

Brad sentiu o sangue ferver imaginando John Clarckson encostando um dedo na filha. Ele o mataria se fizesse isso.

— Nada vai lhe acontecer, eu prometo — disse com sua voz normal.

Donna franziu o cenho. Será que o padre estava rouco?

— Você não conhece meu pai, padre.

O que um padre diria nesse momento?

— Pode contar comigo se precisar — foi tudo o que conseguiu dizer.

Agora Bradford diria: *Eu mataria qualquer um que ousasse levantar a voz para você, Donna Mae, aniquilaria qualquer homem que a olhasse com cobiça, que pensasse em desejá-la. A partir de hoje, você está sob a minha proteção e por mais louco que isso seja, é mais forte do que eu e não posso e não vou lutar contra isso.*

— Eu fiz mais uma coisa, padre. — Ela falou mordendo os lábios. — Eu o beijei.

Brad sorriu, teve vontade de perguntar se havia gostado, mas não podia.

— Foi de comum acordo?

— Sim...

— Então, não é pecado. — Ele assegurou. — E o que mais fizeram?

Ela franziu o cenho.

— Mais nada — falou indignada. — Quer dizer, quando ele disse para que eu me calasse e não falasse sobre ele, eu fiquei furiosa por ele querer me manipular e o agredi.

Então, era por isso havia chutado suas bolas? Por que achou que ele a tinha beijado para usá-la? Teve vontade de rir, sequer isso tinha passado por sua

cabeça.

— Não pode sair por aí batendo nas pessoas, filha.

— Eu sei, padre, mas ele provoca o que há de pior em mim. — Ela confessou. — Já dei uma surra nele na beirada do rio.

Brad sentiu seu orgulho masculino aflorar.

— Não foi bem assim...

— O quê?

Merda!

— Estou dizendo, filha, que não é bem assim que deve tratar as pessoas.

— Ah...

— Se gosta dele como diz, deve tratá-lo bem...

Donna Mae sabia que o padre tinha razão, mas era impossível tratar aquele homem com imenso carinho quando ela não sabia o que se passava na cabeça dele. Estava ficando tarde, precisava ir para casa.

— Obrigada, padre. — Ela deu um meio sorriso. — Eu preciso ir... Provavelmente, vou ficar trancada no meu quarto o resto da vida por essa fuga, então, obrigada por me ouvir.

— É o meu trabalho. — Ele falou tenso ao imaginar que não sabia quando a veria novamente. — Reze trinta pais-nossos e peça a Deus para iluminar seu caminho...

Donna Mae agradeceu mais uma vez e levantou-se se sentindo mais leve do que nunca. Foi para casa e, quando chegou lá, encontrou Tim saindo pela porta apressado:

— Onde está indo? — perguntou.

Será que ninguém tinha notado sua fuga?

— Tia Caroline não está nada bem e o médico disse que se a febre não ceder até amanhã de manhã, nós a perderemos. — Ele contou e Donna Mae levou a mão a boca chocada. — Vou buscar o padre.

Ela terminou de entrar em casa e estava pronta para correr para o quarto da tia, quando encontrou o pai no meio da sala, com a expressão de decepção.

— Você me desobedeceu, Donna Mae!

Ela sentiu um frio na barriga.

— Eu sei, fui até a igreja falar com o padre! — tentou explicar.

John deu um passo na direção da filha. Nunca tinha levantado a mão para

ela e não começaria agora, mas Donna Mae estava o levando ao limite.

— Você me deixou preocupado em um momento em que sua tia exige atenções! — Ele falou severo. — Portanto, a partir de agora a senhorita não sai do seu quarto para nada, vai ficar trancada lá até que eu encontre esse maldito homem ruivo, estamos entendidos?

Ela passaria o resto da sua vida presa, então.

— Pai...

— É isso! — Ele apontou para as escadas. — Agora suba e não quero vê-la na minha frente até que eu a autorize quando minha raiva por sua falta de respeito para comigo passar!

— Posso pelo menos ver tia Caroline? — Ela quis saber, magoada.

Donna viu uma profunda dor nos olhos de seu pai.

— No momento, estão dando banho nela para abaixar a febre. — Ele falou ríspido. — Quando ela voltar para a cama, a deixo vê-la.

— Obrigada, pai. — Ela agradeceu.

Ela subiu para seu quarto e se jogou em cima da cama. Iria enlouquecer trancada naquele quarto sabendo que jamais encontrariam o homem ruivo. O pior era imaginar que jamais voltaria a ver seu ladrão de gados...

Capítulo XII

Brad mal tinha se recuperado do choque das palavras de Donna Mae quando voltou para a pensão e a noite já caía sobre a cidade. A megera era completamente incrível... Ela...

— Padre...

Tim Clarckson invadiu a pensão totalmente desnortado, gritando por ele.

— O que foi?

— O senhor tem que vir comigo, ela está morrendo! — Ele falou completamente desesperado.

O coração de Brad parou de bater, o que tinham feito a Donna Mae? No segundo seguinte, a fúria crescia dentro dele.

— O que fizeram com ela? — perguntou segurando o braço do rapaz com força.

Tim estava tão desesperado que não notou a expressão feroz no rosto do padre.

— Ela está ardendo em febre e o médico disse que se não melhorar, ela não passará de amanhã...

Mas havia acabado de sair dali! O que teria acontecido? Não tinha passado mais que duas horas, como teria Donna Mae caído em um febril quando estava tão saudável?

— Meu pai pediu para chamá-lo, estamos temendo pelo pior.

Nesse momento, Malick apareceu na recepção.

— Preciso de um cavalo. — Brad falou decidido. — Posso usar o seu?

— Claro, padre, está atrelado à porta, mas o que houve?

— Não há tempo para explicar agora... — olhou para Tim. — Vamos?

Tim ficou surpreso quando viu o padre montar no cavalo com uma facilidade incrível e ainda mais por ele carregar uma pistola embaixo da batina, presa na altura da panturrilha, em cima da calça preta. Brad estava tão concentrado em ver Donna Mae, que não notou o olhar interrogativo do moço sobre ele. Que tipo de padre carregava uma arma debaixo das roupas?

Brad cavalgou exigindo o máximo do cavalo e Tim teve que se esforçar para ficar ao lado dele, o rapaz não sabia que um padre podia ser tão hábil na arte de montar, talvez porque os padres anteriores eram mais velhos.

O que estava acontecendo com Donna Mae? Brad se perguntava a todo o momento. Precisava vê-la, não havia lógica numa morte súbita dessa forma? E se John a tivesse castigado com uma surra severa e por isso ela ardia em febre? Ele mataria a família dela toda se a tivessem machucado, encostado um dedo nela.

Chegaram à fazenda dos Clarckson e com a mesma agilidade que subira no cavalo, ele saltou, deixando Tim impressionado. Subiram direto para o quarto. Brad não sabia o que esperar, não sabia o que dizer ou o que fazer, o que diria a ela quando o visse vestido de padre? Isso era o que menos importava, o que queria era que ela estivesse bem.

— Pai. — Tim chamou ao entrarem no quarto escuro iluminado por uma vela em cima de uma cômoda. — O padre está aqui.

John Clarckson foi até Brad, que estava parado a porta sem coragem de seguir até a cama. Como Donna Mae podia ter adoecido tão depressa? Queria matar o homem à sua frente por ter feito mal a ela.

— Que bom que veio, padre... Caroline caiu com febre no fim da tarde e o médico disse que é grave... — Ele falou e a mente de Brad ficou tensa: *Caroline?*

— Caroline? — Ele perguntou franzindo o cenho.

— Minha cunhada. — John explicou.

Então, não era Donna Mae? Brad deu um sorriso de puro alívio.

— Tem alguma graça nisso, padre? — John quis saber.

— Não. — Ele falou mais do que depressa. — Mas acho que estão desesperados à toa — desculpou. — Deus é maior!

Que Deus o perdoasse por usar seu santo nome em vão, mas era por uma boa causa. Seu pai o esfolaria vivo se soubesse que estava fazendo isso. Não era Donna Mae e estava imensamente aliviado, mas por outro lado, ela morava naquela casa e poderia facilmente entrar naquele quarto e reconhecê-lo. Entretanto, pior do que perdê-la era ela vê-lo e pensar o pior sobre ele. Precisava dar um jeito de sair, rápido.

Que confusão sua vida havia se tornado desde que Donna apareceu em seu caminho.

— O que ela tem? — Ele quis saber.

— O médico disse que é febre do deserto, vem de repente e por fim... — John hesitou, sem coragem de completar.

Brad olhou para o homem tão poderoso naquela parte do Texas e soube que havia algo mais profundo ali. Ou ele sentia pela cunhada uma imensa gratidão ou a amava. Preferiu ficar com a segunda opção.

— E como ela está? — Brad perguntou atentando-se para a gravidade da situação. Havia uma pessoa realmente doente e que precisava de cuidados, principalmente do calor de um padre na hora da morte e esperavam isso dele, não podia negar a ela esse direito.

— Quieta apenas, mas a febre persiste. Ela pediu para falar com o senhor, sinto muito importuná-lo há essa hora.

A mulher poderia morrer realmente e Brad tinha que fazer algo por ela. O que um padre faria? Ouviria seus pecados e a perdoaria? Provavelmente...

— Podem sair todos? — Ele pediu. — Quero ficar a sós com a Senhorita Caroline, com certeza, ela quer confessar-se.

Pelo menos assim, faria o trabalho do padre e evitaria que Donna Mae entrasse no quarto e o visse.

— Claro, padre. — John vacilou, mas acabou concordando e sinalizou para o filho para que saíssem.

— Não quero ser interrompido — pediu. — Por ninguém.

Na verdade, queria entrar e sair daquela casa sem ser visto por Donna Mae. Eles saíram e Brad fechou a porta. Em seguida, foi para perto da cama e puxou uma cadeira sentando-se ao lado da moribunda.

— Senhorita Caroline... — Ele falou.

Um par de olhos azuis, enormes, se abriram e iluminaram o rosto magro e abatido, perdido entre os travesseiros muito brancos. Ela era uma mulher muito bonita e deveria ter sido mais linda ainda quando jovem.

— Sou eu, padre Brad.

Ela suspirou.

— Que bom que veio, padre — disse cansada. — É mais jovem do que eu imaginava.

Brad sentiu o peso da responsabilidade do que estava fazendo. A mulher estava doente e poderia morrer, e talvez dissesse suas últimas palavras a ele. Elevou seus pensamentos a Deus e pediu que ela vivesse, não estava preparado para fazer um velório.

— O que a aflige, minha filha?

— Preciso tanto me confessar, tanto — disse angustiada.

— Estou aqui para isso.

— Desejei morrer, padre, com tanta intensidade, que acho que estou conseguindo...

— Deus pode fazer milagres, basta acreditar...

— Mas será que ele vai me perdoar por eu ser tão egoísta?

— Egoísta? Não pode julgar que seu pensamento se aproxime da perfeição de Deus ...

Ela forçou a vista.

— Padre, eu cometi um erro há trinta e dois anos...

— Estou aqui para ouvir.

— Há trinta e dois anos — repetiu. — Conheci John Clarckson e me apaixonei por ele, perdidamente...

Era o que Brad imaginava quando viu o sofrimento de John pela doença da cunhada. Mas ele não poderia imaginar quanta dor havia por trás disso. Então, ela começou a contar: eles tinham se apaixonado e na época ele era apenas um rapaz que tentava a sorte com um pequeno número de terras e poucos pares de cabeça de gado. Conheceram-se perto do Rio Cleveland, quando Caroline havia se perdido da trilha para casa. John lhe ofereceu ajuda e nos quilômetros até a casa dela, ela soube que ele era o homem da sua vida. Naquela mesma noite, John pediu Caroline em casamento e ela aceitou.

Mas o pai dela, um infeliz rancheiro das bandas, Robert Truman não queria que a filha caçula casasse primeiro que a mais velha, Amanda, e armaram para laçar John. O embebedaram numa noite e Amanda deitou-se na cama dele, Robert fingiu o flagrante e obrigou os dois a se casarem, com a suspeita de que Amanda estivesse grávida e para salvar a honra da família.

Caroline jurou jamais entregar-se a outro homem e viu sua irmã ter quatro filhos com John, em um curto espaço de cinco anos. Quando Donna nasceu, Amanda teve complicações no parto, mas antes de morrer fez Caroline prometer, pela vida dos sobrinhos, que jamais se casaria com John.

Caroline mudou-se para a casa do cunhado após a morte da irmã e cuidou dos meninos como se fossem seus e numa noite de lua cheia entregou-se ao amor de John e há mais de vinte anos viviam uma ternura clandestina. Agora John queria casar-se, mas presa à promessa feita à irmã, Caroline não podia, poderia

trazer a ruína dos seus sobrinhos.

— Quebrar promessas traz morte, padre. — Ela completou sua história.

Por isso estava doente, ela sabia que John jamais voltaria atrás e nunca mais ficariam juntos e ela não suportaria viver sem ele.

— É isso, padre. — Ela falou e soluçou entre as lágrimas.

Brad sentiu uma raiva dessa tal de Amanda. Como ela pôde fazer isso com a própria irmã? Roubar-lhe o mesmo homem duas vezes? Quanta credence ridícula! Aquela mulher estava morrendo porque estava presa a uma promessa maldosa de uma irmã amarga e mal-amada.

— E agora vou morrer...

— Não vai. — Brad disse decidido.

— O quê? — Ela perguntou tentando em vão limpar as lágrimas.

— Levante-se, senhorita, e se case com John Clarckson...

Ela franziu o cenho:

— Eu não ouvi direito.

— Como representante direto de Deus nesse mundo! — *E que novamente Deus o perdoasse.* — Eu a liberto dessa promessa grotesca!

— O senhor não pode fazer isso!

— Somente posso, como já fiz! — Ele falou e levantou-se. — Acha mesmo que Deus aceita promessas que não queremos fazer? — Ele fez que não. — Deus aceita as juras que fazemos de coração, tenho certeza disso. Está perdendo seu tempo presa a isso e vai morrer e deixar o homem que ama nas mãos de outra mulher? Já pensou que, carente após a sua morte, ele pode arranjar uma mulher aproveitadora que vai arruinar essa família?

— Eu nunca...

— Mas é o que acontece na maioria das vezes. — Ele a interrompeu, andando pelo quarto e ela o acompanhava com os olhos. — Eu vi um caso desses na Carolina do Sul. Um amigo de meu pai perdeu a esposa porque ela se suicidou e, então, ele arranjou uma nova esposa, uma noite ela o matou e as crianças envenenados — olhou para Caroline que estava chocada. — Ela veio para se vingar porque no passado seu marido tinha tirado a virgindade de uma prima que morreu de vergonha e tristeza.

— Céus! Padre! — Ela ficou chocada.

— Quer isso para John, quando ele tem a senhorita que cuida de todos e os ama?

— Eu...

Brad não a deixou falar:

— A senhorita não cometeu nenhum pecado a não ser amar o homem que deveria amar! — Ele não sabia quando se tornara tão romântico, mas não podia permitir que essa mulher morresse de tristeza. — Tem que se levantar daí e casar com ele! Se morrer, por vontade própria como está fazendo, Deus verá isso como um suicídio!

— Acha mesmo, padre?

Ele estava exagerando um pouco, mas havia aprendido que pressão psicológica fazia com que as pessoas tomassem a decisão certa.

— A senhora ainda tem dúvidas? Já pensou em quantos inimigos John Clarckson tem?

— Muitos... Mas e quanto a minha irmã?

— Vamos orar pela alma dela e pedir que ela descanse em paz e que Deus a perdoe por tê-la prendido em uma promessa infundada... — E antes que ela dissesse qualquer coisa, Brad prosseguiu: — Vamos orar um Pai-Nosso para a alma da sua irmã e quando sua febre ceder, eu vou sair deste quarto e dizer a John Clarckson para marcar a data do casamento.



John ficou surpreso quando o padre saiu do quarto e pediu para falar com ele a sós. Foram para o escritório amplo, que John sempre usava para assuntos importantes. Uma hora e meia depois a febre de Caroline havia cedido.

Brad havia aprendido com seu pai que a mente de uma pessoa podia trazer-lhe benefícios, como destruí-la. Um bom líder religioso levava as pessoas a acreditarem que podiam mais do que seus olhos conseguiam ver. Isso se chamava fé.

— Sente-se, padre.

— Obrigado. — Brad agradeceu e sentou-se.

John deu a volta pela mesa de madeira e sentou-se do outro lado.

— Sou todo ouvidos.

Brad assentiu:

— Estão todos na casa? — Ele perguntou propositalmente.

— Sim, por quê?

Donna Mae estava lá. Tinha que sair dali, para não se encontrar com ela. Não sabia como, mas ela não podia saber que ele e o padre eram a mesma pessoa ou ela o odiaria para o resto da vida, pensaria o pior dele. Sabia que ela jamais colocaria sua vida em risco, estava apaixonada por ele, mas não queria também que ela o desprezasse, ela tomaria conclusões precipitadas e ele não poderia dar-lhe qualquer explicação sobre isso.

Tinha que encontrá-la em um momento propício e fazê-la acreditar que o disfarce dele era para o bem de todos, mas sem revelar sua missão. Sentia que fazer isso seria o mesmo que chover para cima.

— A senhora Caroline confessou-se e eu a perdoei por todos os seus pecados.

— Que bom...

— E eu a livreii da promessa que fez a irmã há mais de vinte anos — completou.

John arregalou os olhos.

— Eu disse a ela que, como representante de Deus, eu quebrava a promessa. Aposto meu melhor cavalo, Sr. Clarckson, que sua cunhada estará novinha em folha amanhã de manhã.

John recostou-se na cadeira e o estudou por um instante. Um padre apostando seu melhor cavalo? Isso era no mínimo bem peculiar, John pensou, mas não disse nada, tinha que preocupar-se com Caroline agora.

— E o que Caroline disse?

— Nós oramos pela alma de Amanda e pedimos a Deus que a perdoe de toda maldade que ela cometeu antes de morrer e que fique em paz.

John deu um meio sorriso.

— Caroline aceitou sua quebra de promessa?

— A princípio não, mas eu a fiz ver que estava cometendo uma grande besteira.

John não mostrou qualquer sentimento quanto ao que lhe foi revelado. Mas Brad podia apostar que ele estava pulando de alegria por dentro.

— Eu não sei o que dizer, padre.

— Não diga nada, senhor, apenas case-se com essa mulher e sejam felizes.

— Acha mesmo que ela vai melhorar?

— Sim, o que a estava matando, se foi. A febre diminuiu e logo vai desaparecer por completo. — Brad se levantou. — Agora tenho que ir, está tarde...

— O senhor fica.

— O quê? — Brad o fitou surpreso.

— Realmente está tarde e com essa onda de ataques, eu não arriscaria o pescoço do meu melhor homem nessas estradas até a cidade.

— Mas...

— Mas nada, padre. O senhor janta conosco e Helen lhe arranjará o quarto de hóspedes, é o mínimo que posso fazer depois do que fez por mim... Ou melhor, por nós — avisou irredutível.

“Não falaria isso se soubesse o que andei fazendo com sua filha”, pensou com ironia. A filha! Donna Mae estava debaixo do mesmo teto que ele e seria inevitável que se encontrassem, o estrago seria terrível.

— Não quero dar trabalho...

— Trabalho nenhum. — Ele assegurou dando a volta pela mesa e se aproximando de Brad. — Devo-lhe minha vida, padre.

Brad ficou sem alternativa.

— Eu aceito sua hospitalidade, mas se importaria se eu me recolhesse agora? Tenho o costume de dormir e acordar cedo...

— Claro... Não vai querer jantar?

— Poderia fazer isso em meu quarto? — quis saber. — Eu não abro mão de fazer minhas orações e dormir e pode levar algum tempo.

John sabia o quanto os padres podiam ser excêntricos.

— Claro...

Brad forçou um sorriso, queria matar aquele homem por obrigá-lo a dormir debaixo de seu teto.

Capítulo XIII

Brad estava trancado naquele quarto, deitado na cama e olhando para o teto. O barulho de pessoas indo e vindo do corredor tinha desaparecido e agora a madrugada começava a avançar. Ele ficava se perguntando qual daquelas portas daria para o quarto de Donna Mae. No caminho até o quarto de hóspedes, Helen lhe contou que ela estava de castigo por tempo indeterminado, até que o homem ruivo fosse preso, porque havia desobedecido ao pai, naquela tarde. E depois quando voltou para buscar a bandeja do jantar, prosseguiu com suas fofocas sobre a filha do patrão.

— Ela sabe ser insuportável, padre. — Helen reclamou.

Ele sabia o quanto Donna Mae podia ser uma megera, mas seu sangue fervia de raiva ao ver Helen falando mal dela.

— O que importa é que cada um cuide de sua própria vida, filha...

Helen arregalou seus olhos negros para ele e calou-se, levando consigo a bandeja com o resto do jantar.

Era impressão sua ou todas as mulheres, com exceção de Beth Lee, odiavam Donna Mae? Ela era a representação da liberdade, da mulher que não tinha medo de nada, enfrentava tudo e não se prendia a convenções. Como podia não a admirar? E essa mulher incrível estava apaixonada por ele. Estavam debaixo do mesmo teto e ele não a veria?

Impossível.

Levantou-se e abriu o armário de hóspedes, não havia nenhuma roupa ali, droga! Não podia ir até o quarto dela usando apenas uma batina. Teria de contar a ela tudo e não estava disposto a isso, ele podia pôr a perder seu trabalho.

Não! Ele não ia atrás dela, tinha que pensar no quanto era arriscado para o seu trabalho, da última vez ela o tinha deixado ferido. Foi para a varanda, tentando aplacar o calor que sentia e a necessidade de ver Donna Mae. Dali podia ver os homens que vigiavam a casa e faziam a ronda. Eles levantaram a vista quando ele saiu na varanda e o cumprimentaram com um aceno.

John Clarckson realmente não estava brincando. A propriedade estava bem guardada, ele realmente não descansaria enquanto não encontrasse o homem ruivo. Pelo menos, por enquanto, sua missão estava a salvo daquela gente.

Viu um movimento do lado esquerdo. Donna Mae estava fechando uma janela há dois espaços do seu quarto. Ela não o viu, fechou a janela tão depressa que não o notou.

Brad prendeu a respiração ao pensar que há duas portas da sua, estava a linda e tempestuosa Donna Mae...

Ele não iria até lá, era uma loucura, poderia ser pego, morrer por causa disso, e toda sua operação para descobrir os assassinos dos padres poderia ser perdida...

Há dois dias, eu conheci um homem e me apaixonei por ele.

A voz macia dela vibrou dentro de sua cabeça e ele arrancou a batina exibindo o peito másculo. Puxou a calça sobre a arma, e foi até a porta a fim de certificar-se que não havia ninguém no corredor, sabia se fazer invisível quando queria, caminhar sem fazer qualquer som. Estava tudo em silêncio e ninguém em vista. Ficou alguns segundos ouvindo todos os sons para certificar-se de que não seria pego de surpresa e não ouviu nada além dos grilos lá fora e o ronco de alguém.

Saiu de seu quarto e fechou a porta. Em seguida, contou duas portas e sem hesitar entrou no quarto tão rápido e fechou a porta atrás de si, trancando-a com chave. Apenas uma vela trêmula iluminava todo o ambiente. E lá estava ela, de costas para ele, remexendo em uma cômoda. Usava um camisolão que escondia seu pescoço até os tornozelos, deixando apenas os lindos pés expostos. Os cabelos eram compridos até a cintura e estavam soltos e escovados.

Ela era linda, perfeita. Brad jamais tinha visto uma mulher tão espetacular...

Donna Mae sentiu um arrepio pelo corpo e levantou a cabeça. Não conseguia dormir e pensou em costurar para ver se o sono vinha, por isso, estava procurando linha e agulha e toda sua atenção se voltou para o clima pesado que se instalou de repente no quarto. Olhou para trás e viu seu forasteiro parado junto à porta, sem camisa, exibindo o tórax bem definido, apenas a luz da vela o iluminava, dando-lhe o aspecto de algo irreal. Será que realmente estava delirando?

— O que faz aqui? — perguntou nervosa. O ataque era a melhor defesa.

— Eu precisava ver você...

Ainda estava magoada por ele ter tentado persuadi-la a ajudá-lo. Deu-lhe as costas e fingiu procurar qualquer coisa dentro da gaveta, não se lembrava do que era, suas mãos tremiam e ela sabia que não conseguiria segurar nada.

— Você e essa história de novo. Vá embora! — disse tremendo. — Ou quer sentir suas bolas na boca outra vez? Ainda não aprendeu a lição?

Pela primeira vez, ele ouviu uma mulher falar de forma tão grosseira e sorriu. Ela era orgulhosa, estava agindo com rispidez por puro instinto de sobrevivência. Ao notar que ele permanecia ali em silêncio, o olhou por cima do ombro.

— Qual é a graça? Veio tentar me persuadir a não falar sobre você? — Ela voltou a olhar para a cômoda. — Poupe seu tempo...

Ele recostou-se na porta e cruzou os braços pacientemente:

— Você não vai falar nada...

Ela virou-se totalmente para ele:

— E o que faz pensar que não vou contar nada?

— Está apaixonada por mim.

— Não seja ridículo! — Ela falou sentindo o coração bater descompassado. Como ele podia saber? Seria tão evidente? — Cale a boca e vá embora, por favor! Eu não sou uma garota desesperada!

Ele riu.

— Você está apaixonada por mim da mesma forma que eu estou por você...

Ela abriu a boca pronta para responder qualquer grosseria, mas aquela súbita declaração a deixou sem palavras. Deveria ter ouvido errado. Ela não deveria ceder, deveria ignorá-lo, fazê-lo pagar por ser quem era e por tê-la seduzido, mas o queria tanto, tanto.

— Se estiver brincando comigo... — Ela ameaçou. — Eu o mato!

— Quero você. — Ele repetiu sem tirar os olhos dela. — Como nunca antes quis alguém...

No mesmo instante, os dois foram de encontro um ao outro e beijaram-se no meio do quarto, apaixonadamente. Ambos se esqueceram de onde estavam ou quem eram, apenas sentindo o prazer de estarem juntos novamente.

Ele deixou os lábios dela de lado e beijou-lhe o rosto, o pescoço de uma forma tão desesperada, e então tomou seus lábios outra vez. E pensar que ele tinha acreditado que a estava perdendo, naquela tarde, quando Tim foi buscá-lo na pensão. A simples ideia o fez perder a cabeça, teria colocado todo seu plano em risco para vê-la viva.

Afastou-se ofegante e a encarou. Donna Mae demorou alguns segundos

para abrir os olhos enlevada pelo desejo que a acometia. Aquele homem a fazia perder a cabeça e se esquecer de quem era.

— Enlouqueceu? — perguntou beijando os lábios dele, rapidamente. — Os homens do meu pai matam você se o encontrarem aqui.

— Não se preocupe comigo. — Ele falou levando as mãos ao cabelo dela. — Eu precisava vê-la, Donna...

— Ainda não sei o seu nome.

— Talvez seja melhor não saber...

— Eu quero — pediu passando a mão pelas costas dele.

— Dawson. — Ele respondeu, deixando o desejo por aquela mulher cegá-lo. — É tudo o que eu posso lhe dar agora.

Ela assentiu e voltaram a se beijar. Ele ainda não podia contar a ela que era o novo padre da cidade, tinha a sensação de que desta vez ela arrancaria suas bolas nos dentes, ainda mais por ter confessado todos os seus sentimentos a ele, quando achava que ele era um padre. No momento propício falaria, quando tudo se acertasse. Agora queria apenas beijá-la e esquecer-se do resto.

— Dawson. — Ela disse entre os beijos e se afastou para falar. — Menti para minha família, estão procurando um homem ruivo e não posso sair desse quarto até que o encontrem... Nós dois sabemos que nunca vão encontrá-lo.

Brad a olhou atentamente, isso significava que não se veriam mais. Por um lado, seria bom para sua investigação, mas por outro era pesaroso pensar que não a tocaria mais.

— Eu darei um jeito — prometeu.

— Não pode ficar vindo aqui ou vão pegá-lo, se meu pai descobrir que menti, ele matará nós dois...

Ele sabia que John Clarckson era bem capaz disso.

— Não posso ficar sem vê-la agora que a conheci...

— Eu não sei quem você é de verdade. — Ela disse relutante.

— Importa-se com isso? Realmente se importa com o que eu faço? — Ele a segurava com firmeza.

— Não...

— Confie em mim. — Ele pediu.

— Eu confio...

Ele enxergou a verdade nos olhos dela e voltou a beijá-la com ardor,

como se pudesse fundi-la ao seu corpo. Nunca tinha se sentindo assim antes com nenhuma mulher, e havia conhecido muitas, mas nenhuma o fizera perder a cabeça em trinta anos, nenhuma pareceu ser mais importante até mesmo que seu trabalho. A confiança dela era tudo que precisava...

E como sempre, quando estava com Donna Mae seus sentidos ficavam aguçados e o desejo falava mais alto que qualquer outra coisa. Pegou-a no colo e sem deixar de beijá-la a carregou até a cama, depositando-a com cuidado sobre os lençóis brancos e deitando sobre ela, beijaram-se ardentemente.

Segundos depois, ele ouviu o click de uma arma.

Parou de beijar Donna e abriu os olhos. Ela segurava uma arma apontada para ele. Aquela mulher era completamente louca, ela adorava o perigo e isso o excitou mais ainda, tinha vontade de levá-la à loucura.

— Vamos com calma, cowboy! — Ela deu um meio sorriso. — Está indo com muita sede ao pote!

— Você provoca isso em mim! — Ele murmurou com a respiração pesada e no instante seguinte, prendia os braços dela acima da cabeça. — Você se distrai muito facilmente...

— Talvez eu quisesse me distrair. — Ela o desafiou, enquanto sentia o corpo dele roçar totalmente contra ao seu.

— Você não pode contra mim, baby...

— Já provei duas vezes o...

Ele a estava beijando de novo silenciando-a, forçando-a a abrir a boca para aceitá-lo. Ele quase foi à loucura quando ela gemeu contra seus lábios e começou a se esfregar contra ele de forma instintiva. Brad desceu os lábios pelo pescoço, tentando sentir o corpo dela que estava escondido sob a camisola. Ela sentiu como se todo seu ser pegasse fogo e precisasse dos lábios de Dawson sobre a sua pele para permanecer viva.

Ele parou de beijá-la. Agora era ele quem segurava a arma nas mãos. Não o viu pegá-la... Sem tirar os olhos dos dela, Brad passou a arma entre as coxas deliciosamente femininas e subiu a camisola. Encararam-se em um desafio mudo e ela ergueu o queixo quando ele se aproximou da virilha, mas ele não exibiu sua nudez.

Não ainda, ele pensou.

Mas ela estava incrivelmente excitada com o contato da lâmina fria contra sua pele e se ele tivesse subido um pouco mais, ou tirado tudo, Donna não hesitaria em deixar, mas ele não sabia disso.

O beijo foi intenso, longo e erótico. Ela jamais pensou que um homem poderia lhe despertar tanta luxúria com um simples beijo.

— Eu tenho que ir. — Ele falou saindo de cima dela e puxando-a consigo.

Ela queria que ele ficasse, muito, mas sabia que era perigoso. Com tia Caroline doente, o entra e sai do quarto dela, podia ser facilmente pego.

— Como foi que entrou? — Ela quis saber.

— Sou bom no que faço. — Ele piscou para ela e a beijou com ardor. Afastou-se e lhe devolveu a arma. Ela a pegou e jogou sobre a cama.

Quando se virou para dizer qualquer coisa, ele já não estava mais dentro do quarto. Tinha desaparecido por completo.

Capítulo XIV

Donna Mae acordou na manhã seguinte sentindo-se exausta. Tinha dormido pouco, preocupada com a forma como Dawson deixaria a casa de seu pai e se perguntando como ele tinha entrado sem ser notado. Riu ao lembrar-se do beijo que haviam trocado, ele gostava do perigo e ela também. Ele não tinha medo dela e ela sentia um prazer indescritível de enfrentá-lo.

Trocou de roupa e desceu para tomar seu desjejum, estavam todos reunidos, falando alegremente e seu pai calou-se ao vê-la entrar.

— Desculpe-me, não sabia que estavam todos aqui, eu estava com fome — começou a explicar depressa.

John tinha sido agraciado com um milagre de Deus. Caroline tinha passado a noite bem e estava viva, por isso, se sentia renovado. Apesar de ter dado o castigo a sua filha, tinha uma notícia boa para dar a sua família, essa era a melhor hora.

— Sente-se, Donna. — Ele ordenou. — Tenho algo para falar para vocês. Eu ia mandar chamá-la de qualquer forma.

Ela obedientemente sentou-se na cadeira que sempre lhe foi reservada.

Com sua expressão séria, ele prosseguiu:

— Todos sabem que sua tia melhorou e com certeza levantará da cama... — Todos sorriram aliviados. — E quando ela fizer isso, vou me casar com ela.

O silêncio tomou conta da cozinha. Helen deixou uma panela cair no chão e quando olharam para ela, estava parada olhando para o patrão, como se ele tivesse dito que mataria a todos queimados, naquele momento.

— Vai se casar com tia Caroline? — Jerry perguntou quebrando o silêncio.

— Sim. — John disse sem pestanejar.

Jerry assentiu. Por ser o mais velho, tinha mais moral para falar com o pai.

— Pois bem. — Jerry anuiu. — Deveria ter feito isso há muito tempo, pai.

John franziu o cenho.

— Somos todos adultos, pai. — Tim falou bem-humorado. — A gente já sabia sobre você e tia Caroline.

— Vocês não sabiam de nada! — Ele falou sisudo.

— Acha que nunca notamos a troca de olhares? A dedicação um ao outro? — Tim debochou. — Há muito tempo chegamos à conclusão de que deveriam se casar.

John olhou para os filhos surpreso:

— Ah, vocês discutiram isso? — perguntou com sarcasmo.

— Sim. — Jerry admitiu. — E ficamos felizes que finalmente tenham aceitado o que era evidente.

John teve vontade de rir. Caroline sentiria vergonha por ter pensado que os meninos não aceitariam.

— Eu nunca notei nada. — Donna falou de repente. — Eles brigavam o tempo todo!

— Você é inocente demais, pequena. — John disse com carinho, mas sentiu orgulho pelos filhos terem notado que havia algo diferente entre ele e Caroline, e terem aceitado isso sem maiores problemas. Não queria ter que se virar contra seus filhos a essa altura da sua idade.

— Não podemos nos ater ao que vemos, Donna. — Jerry disse sabiamente. — Se puxar em sua memória, vai ver que papai sempre implicou com tia Caroline por puro ciúme...

— Eu não sou ciumento. — Ele defendeu-se.

Os filhos riram dele.

— E quando vai ser o casório? — Bob quis saber.

— Depois do seu. — O pai o provocou e todos riram.

— Não vou me casar! — Ele disse mal-humorado.

— Então se apresse, porque Adam Palmer não tem medo do que sente... — Donna falou.

Ele olhou para a irmã:

— O que você sabe?

— Nada. — Ela encolheu os ombros. — Mas depois da surra que deu nele, aposto o que quiser, que agora é mais do que nunca, ele vai querer fazer Beth Lee como sua esposa e você vai ficar a ver navios.

— Ela não o aceitaria! — Ele disse convicto.

— Ela não, mas Malick pode obrigá-la a isso, ele é pai dela. — John o lembrou. — E você rompeu o noivado, bons casamentos são difíceis de achar para as filhas nesse fim de mundo.

O olhar de John então caiu sobre Donna.

— Não olhe assim para mim! — Ela pediu. — Não é porque uma tempestade de casamentos desabou sobre essa casa, que vou me molhar.

— Vai acabar como a velha Trulie. — Jerry debochou.

A velha Trulie era uma senhora que perdeu o noivo e nunca quis se casar. Depois da morte de todos da família, ela acabou sozinha, vivendo em um rancho afastado. Eles a chamavam de *velha louca*.

— Não vejo nenhum mal nisso. — Donna defendeu. — Trulie é uma boa mulher, gosto dela e nunca ofendeu ninguém por escolher a vida de solteira!

— Já passou da hora! — O pai foi firme. — Quer ser um peso para sua família? Gertrudes filha de Thompson, o ferreiro, é um peso para ele, não vê? Ela não quis se casar com nosso cavaleiro George, e veja o que deu: Thompson ainda tem que tratar da filha, quando já está velho e cansado!

— Eu não vou ser um peso para ninguém! — Ela retrucou e pensou rapidamente em Dawson e seu coração se aqueceu, jamais estaria sozinha de novo, não importava como, sempre teria ele de alguma forma, tinha certeza disso. — Já disse o que quero fazer, basta que me apoiem. Se pelo menos me ajudassem a montar a cooperativa, mulheres como Gertrudes, a velha Trulie e as viúvas da guerra, não seriam um peso para ninguém!

— Lá vem você com essa história de cooperativa de novo. — Jerry a cortou.

— É uma excelente ideia, vocês só não querem aceitar porque *eu* pensei nisso, se fosse um de vocês teriam aceitado... São um bando de tiranos e, enquanto isso, quilos de couro e chifres são desperdiçados...

— Nós usamos para consumo próprio. — O pai dela lembrou.

— E o restante estraga. — Ela insistiu. — Se juntássemos todas as sobras e as esposas trabalhassem na costura teríamos dinheiro extra para todos por aqui...

— Mulheres trabalhando fora das suas casas? — Tim riu. — Elas têm muito que fazer cuidando dos filhos e dos maridos, não tem nada que sair, você causaria um reboião na cidade toda, seria linchada e ridicularizada se propusesse isso.

— Isso se chama investimento, mas suas mentes cauterizadas não

entendem... — balançou a cabeça. — E quanto às viúvas? Não pensam que elas têm necessidades além de viver da ajuda dos outros!

— É a nossa cultura, Donna Mae. — Jerry disse.

— É arcaico e estamos perdendo dinheiro com isso...

— E de novo estamos discutindo algo que não vai mudar. — John sentenciou o fim da conversa.

Donna meteu um pedaço de queijo na boca e calou-se irritada.

— Vou subir para ver como está Caroline. — John avisou. — Quero todos trabalhando e você, Donna Mae, termine seu café e vá para o seu quarto.

Ela não respondeu, apenas resmungou e virou o rosto para o outro lado, enquanto o pai deixava a cozinha a passos largos.

— O padre já foi? — Tim quis saber.

— Saiu antes de o sol nascer. — Jerry comentou.

— O padre dormiu aqui? — Donna Mae franziu o cenho.

— Nosso pai exigiu que ele ficasse depois de ter salvado a vida de tia Caroline... — Tim contou.

— Hum. — Ela encolheu os ombros. — Eu estive com ele ontem também.

— Foi por isso que sumiu?

— Sim. — Ela admitiu. — Fui até a igreja.

— E o que achou dele? — Bob quis saber.

— Jovem e tem uma voz esquisita.

— Ele carrega uma arma debaixo da batina. — Tim contou. — Precisavam ver a forma como ele monta, tem muita perícia.

— A arma deve ser por causa do ataque que sofreu. — Jerry supôs.

— Eu pensei que os padres fossem contra a violência... — Bob comentou.

O silêncio interrogativo pairou entre eles, mas ninguém saberia explicar como um padre tinha uma arma debaixo da batina. Eles não poderiam entender que um representante de Deus soubesse atirar.

— Aposto que ele não sabe usá-la! — Donna observou e os demais assentiram. — Deve estar carregando apenas por precaução!

— É até perigoso para ele carregar uma arma como aquela. — Tim assegurou. — Pode se machucar.

— Um homem com medo pode se machucar! — Jerry salientou e se levantou. — Mais tarde vou ver o que podemos fazer por ele. Talvez, eu o até ensine a usar a arma, só por cautela.

Os outros dois assentiram e seguiram o irmão para fora da casa. Donna Mae teria ido com eles se não estivesse de castigo... Bufou e recostou-se na cadeira, teria de ficar trancafiada naquele quarto. Ficou se perguntando como Dawson faria para vê-la novamente, era muito arriscado que ficassem se encontrando ali na casa dela, precisava dar um jeito de vê-lo fora dali, em um lugar seguro e a sós.

— Posso tirar a mesa? — Helen quis saber. Pelo visto estava de mau humor.

Donna a olhou de soslaio. Às vezes tinha a sensação de que Helen a odiava, que se pudesse a mataria por algum motivo que somente a empregada conhecia.

— Não se prenda por mim — disse se levantando e saindo da cozinha.

Antes de voltar para sua *prisão*, passou pelo quarto de tia Caroline para vê-la. Bateu na porta e entrou em seguida, felizmente ela estava sozinha, seu pai já tinha ido para a lida.

— Bom dia, querida. — Caroline disse com um largo sorriso.

Estava sentada na cama, com uma aparência mais agradável, mas não menos abatida.

— Bom dia... — Donna aproximou-se da cama e sentou-se na beirada. — Como está se sentindo?

— Bem melhor, mas parece que mil cavalos pisotearam meu corpo. — Ela deu um sorriso doce. — E você? Como está?

— De castigo — soltou o ar dos pulmões. — Ontem à tarde saí sem permissão, meu pai está furioso comigo.

— Não é para menos, minha filha! — fez que não. — Você o leva ao limite, testa sua paciência. Se ele não a punir, como vai ficar sua reputação de líder nessa fazenda?

— Eu precisava falar com o padre. — Ela contou.

— Falar o quê?

— Eu precisava... — Ela mordeu os lábios. — Tinha que me confessar.

Não podia dizer a tia sobre o homem ruivo. Ela ia se casar com seu pai, e as esposas eram fiéis aos maridos, suas companheiras. Falavam tudo o que

ouviam.

— E que tipo de pecado seria?

Donna Mae ignorou a pergunta a princípio. A tia ia se casar com seu pai, seriam cúmplices agora, não podia mais confiar totalmente nela. Tia Caroline não entenderia seus sentimentos por um forasteiro, contaria para seu pai sem pestanejar, pensando que a sobrinha tinha enlouquecido.

— Vai se casar mesmo com meu pai?

Caroline assentiu e olhou para as próprias mãos, ansiosa e com medo que a rejeitassem por isso, embora John garantisse que tinham recebido a notícia muito bem.

— Sim.

— Você o ama?

— Muito. — Caroline encarou a sobrinha.

Donna ficou feliz por ouvir aquilo.

— Os meninos disseram que esse amor existe há muito tempo, é verdade?

Caroline engoliu seco, como eles poderiam saber?

— Eles disseram isso?

— Sim, todos eles já haviam notado o amor de vocês. Menos Bob, eu acho... — Ela contou. — É verdade que se gostam há mais tempo?

— Tempo suficiente. — Caroline respondeu evasiva.

— Suficiente para que soubesse que meu pai é o homem com quem quer passar o resto da sua vida?

Caroline segurou a mão da sobrinha entre as suas e disse:

— Posso lhe contar uma coisa, Donna Mae? Posso lhe confiar um segredo?

— Claro, tia.

— Eu amo seu pai desde o primeiro momento em que o vi quando eu tinha dezesseis anos... — Caroline contou.

Por isso a fidelidade de sua tia aquela casa e a todos eles.

— Foi por isso que nunca se casou?

— Sim.

— E meu pai sabe disso?

— Sabe.

Donna Mae se familiarizou com a história de sua tia.

— E como teve certeza que ele era o homem da sua vida?

— Meu coração me disse — falou e suspirou. — Algo dentro de mim nunca mais foi a mesma coisa depois que eu o vi, sabe?

Era o que ela sentia por Dawson. As palavras de sua tia apenas a fizeram ter mais certeza do que sentia por ele.

— Eu sei como é. — Ela deixou escapar.

— Sabe? — Caroline franziu o cenho.

Donna levantou-se depressa, tinha falado demais sem notar.

— Donna Mae Clarckson, o que está me escondendo?

— Nada. — Ela foi para perto da janela e viu de longe os homens trabalhando em volta dos estábulos.

— Vai continuar mentindo para mim?

Donna voltou-se para ela:

— Não é nada, eu apenas queria saber como era se apaixonar de verdade...

Caroline a estudou por um instante:

— Anda bastante estranha nos últimos dias, o que está acontecendo com você, minha filha?

— Nada mesmo — insistiu.

Queria falar com a tia, mas mordeu os lábios sabendo que agora não podia confiar mais em ninguém.

— Donna. — Caroline falou preocupada. — O que quer que esteja acontecendo, sabe que pode contar comigo.

— Eu sei...

— Ainda somos amigas e eu jamais diria uma palavra a ninguém.

Ela não tinha tanta certeza, mulheres casadas costumavam falar demais.

Ainda mais se Donna lhe dissesse que estava apaixonada por um total estranho que supostamente poderia ser um ladrão de gado, e mesmo que não fosse, era um homem misterioso demais para ser apresentado ao seu pai.

— Não há nada para dizer — assegurou. — Agora vou voltar para o meu quarto. — Ela disse andando de costas em direção à porta. — Caso precise de mim, sabe onde me encontrar.

Trancou-se em seu quarto e viu o brilho da arma sobre sua cama. Abraçou a si mesma recordando a noite anterior. Teria se entregado a ele sem resistências como uma mulher leviana perpetraria. Tinha buscado tanto sua paz interior e agora havia encontrado Dawson, um homem enigmático que estava tirando seu sono.

Voltaria a vê-lo? Ele prometeu que daria um jeito e ela confiou nele, sabia que ele cumpriria com sua palavra! Mas como? E a pior das perguntas era: aonde esse amor a levaria?

Capítulo XV

Bradford levou suas coisas da pensão para a casa atrás da igreja, naquela manhã de sábado, mas não sem ouvir o choro de Sandy Lee gritando aos quatro ventos que se algo acontecesse ao padre, ela jamais perdoaria aos pais por deixá-lo partir.

— Juro que se o padre morrer e meu casamento não sair, eu também me mato! — Ela gritou como uma criança mimada.

— Acalme-se, Sandy Lee! — O pai ordenou. — O xerife está cuidando de tudo.

— Aquele xerife idiota! Outros cinco morreram e o que ele fez além de engordar como um porco?

— Agora, chega! — Malick deu um passo ameaçador para a filha e ela calou-se. — Vá para o seu quarto.

Ressentida, ela subiu as escadas pisando duro. Brad não demorou em partir e começar o sábado das confissões como havia planejado. Estava ansioso que algum dos moradores lhe ameaçasse ou entregasse alguma pista de quem poderia estar matando os padres.

Entretanto o que ouviu foi um show de absurdos. Pelo visto, Jeremiah Clarckson era a fantasia sexual de todas as mulheres de Crescentfalls.

Sentado dentro do confessionário, assando como um frango, Brad passava o lenço pela testa enquanto ouvia cada um dos habitantes daquele local. E o mais interessante dos pecados era que elas sonhavam com os Clarckson. O xerife estava ao lado do móvel se certificando de que nada aconteceria ao padre e a todo minuto Brad lhe pedia água.

— Padre, meu nome é Donana James, sou esposa do ferreiro Luke James. Eu pequei, padre. — Uma mulher de voz madura, disse.

— Diga-me quais são seus pecados, senhora.

— Eu fornico pensando em Jeremiah Clarckson. — Ela disse e Brad revirou os olhos. — Toda vez que ele passa montado em seu cavalo negro eu corro para dentro de casa e me toco entre as pernas. Eu fico imaginando aquele quadril preso nelas...

Brad queria vomitar, não precisava saber daquilo.

— E por que não pensa assim sobre seu marido? — Ele a interrompeu.

— Ora, padre, Luke está velho, barrigudo e fede a cerveja...

— E a senhora? Tem a aparência que tinha quando se casaram?

— Eu... eu...

Era óbvio que não.

— O tempo passa para todos, não acha que ao invés de ficar pensando em um jovem como Jeremiah, deveria cativar a paixão em seu marido?

— Padre... eu...

— A tentação existe para todos, senhora, a diferença é o que fazemos com ela.

E isso servia para ele, por exemplo. Ele se entregava cada vez mais a tentação de ter Donna Mae em seus braços.

— Vá para sua casa e comece a lutar pelo seu casamento. Sua penitência vai ser agradar seu marido todos os dias até que nunca mais pense em Clarckson. E se não o fizer, Deus a castigará!

Aturdida, a mulher levantou-se e saiu.

Outra pessoa sentou-se em seguida:

— Meu nome é Loren James, padre. Eu tenho quinze anos e tenho pecado muito ultimamente.

— Diga-me qual é seu pecado, minha filha.

— Eu quero me casar com Timothy Clarckson, padre, e tenho perseguido ele noite e dia, minto para os meus pais apenas para poder vê-lo todos os dias de longe. Digo que vou para a casa dos Borner, mas eu o sigo... Apenas acho estranho o fato dele sempre ficar cavalcando a noite com Adam Palmer.

Brad estranhou aquele comentário:

— Cavalcando com Palmer? — questionou.

— Sim, padre. Eles sempre vão ao bar dos Rancheiros, e ficam lá bebendo e depois vão para a casa de Tia Anne. — Ela disse tímida.

Não era nada demais, mas Brad não pôde deixar de achar estranho Tim acompanhado do homem que era inimigo de seu irmão. Entretanto, não estava ali para julgar as amizades dos Clarckson.

E assim foi por longas horas, desde roubo de galinhas, inveja, muita luxúria e mentira. A família Clarckson era a principal causa dos pecados daquelas pessoas, principalmente a luxúria, a ira e a inveja, sem dúvida.

— Eu, às vezes, tenho vontade de matar minha mulher. — Luke James dizia em sua confissão. — Chego a casa, cansado do trabalho, e ela está fedendo a cebolas, estou tendo um caso com a Senhora Taylor por causa disso. Ela sempre vai a minha oficina levando bolos gostosos e ela cheira a leite de rosas, padre, *leite de rosas*! — Ele dizia entusiasmado.

Isso explicava muita coisa, Brad concluiu.

— Já pensou em dar um perfume para sua esposa, senhor James? — Brad propôs.

— Não, nunca...

— E peça para ela usá-lo e levar bolo para o senhor durante o seu trabalho.

— E por que ela faria isso?

— Porque ela é sua esposa e é melhor do que fornicar com uma mulher casada! Sua penitência vai ser comprar um perfume para sua esposa e compartilhar de sua cama nupcial por duas semanas consecutivas. Caso, o senhor não o faça, Deus o castigará de uma forma que nunca mais conseguirá estar com outra mulher! Agora pode ir.

Outra pessoa entrou no confessionário:

— Padre, sou eu, Frank Wilson. — Ele falou com sua voz branda e suave. — O senhor está rouco, padre?

— Sim, tenho falado demais nas últimas três horas — tentou limpar a garganta, mas ela parecia seca demais. — Mas continue, meu filho.

— E eu sou um mentiroso, padre.

— Sobre o que tem mentido, filho?

— Eu não quero me casar com Sandy Lee, padre.

Brad não ficou surpreso:

— E por que está se casando, então?

— Nossas famílias arranjaram esse casamento desde que éramos crianças, mas eu não gosto dela, nenhum pouco, mas não posso decepcionar meus pais...

— Tem que enfrentá-los, filho, ou vai se casar com uma mulher que não quer e ser infeliz.

— Eu não posso desmanchar o noivado, padre, eles vão morrer de vergonha. E Sandy Lee me mata!

— Então prefere ser infeliz?

— Não...

— Enfrente Sandy Lee, é isso que tem que fazer e termine tudo, essa será sua penitência, pode ir.

Ele ouviu outra pessoa se ajoelhar enquanto tomava água. Houve aquelas pessoas que falavam dos pecados dos outros e por fim, Brad estava cansado e frustrado por não ter conseguido nenhuma informação boa que pudesse ajudá-lo a desvendar os crimes contra os padres. Quem quer que fosse que estivesse matando os pobres homens, sabia se esconder muito bem.

Por fim, estava irritado por inventar o sábado das confissões, foi uma total perda de tempo. Saiu do confessionário e o xerife se aproximou dele:

— Vai querer rezar a missa agora, padre?

Ele rezar a missa? De jeito nenhum, seria um sacrilégio. Entretanto, Brad acreditava que aquelas pessoas precisavam ouvir algumas verdades.

— Não farei a missa, está tarde. Mas direi algumas palavras a todos — avisou se dirigindo ao altar.

Que Deus o perdoasse por tamanha afronta, falar como se fosse um homem santo, quando não era. Na noite anterior, estava no quarto de uma mulher, seminu, tomando-a para si, como um libertino faria. Voltou-se para a multidão espremida dentro da igreja, os bancos estavam lotados e havia pessoas em pé por toda a parte, inclusive no corredor. E todos aguardavam que dissesse belas palavras.

— Estou decepcionado com os moradores de Crescentfalls... — começou a falar.



Donna não estava autorizada a ir ao sábado das confissões, sua família saiu logo após o almoço, com exceção de tia Caroline, que ficou em casa se recuperando. Donna se certificou que a tia estava bem e descansando e andou pela casa, ansiosa, louca para sair e tentar reencontrar Dawson.

Seu pai e irmãos demorariam a retornar, então, por que não ir até a cidade? Quando a missa tivesse acabado, voltaria antes deles, e não notariam sua saída. Rebelde como sempre fora e tomada pela impulsividade, ela pegou seu

cavalo e saiu em direção a Crescentfalls, deixando poeira para trás. Quando o homem que a vigiava tivesse notado, ela estaria longe. Encontrou a praça lotada de cavalos e carroças. A região inteira tinha vindo conhecer o novo padre e até mesmo ela estava curiosa para vê-lo.

Deixou seu cavalo amarrado em frente à pensão dos Malick e foi direto para a igreja, mas não entrou, ficou do lado de fora, junto com a multidão que se aglomerava. O silêncio era absoluto e ela não conseguia ver nada lá dentro e também não podia arriscar-se em ser vista por seus irmãos.

— O que está acontecendo? — Ela perguntou a um dos moradores atentos.

— O padre está falando...

Donna esticou o pescoço, não via nada e também não ouvia. Deu a volta na igreja e tentou ver através da porta lateral. Viu a batina negra que se movia de um lado para o outro no altar e seus olhos foram subindo devagar pelo jovem padre.

— Esqueceram-se dos dez mandamentos deixados pelo Nosso Senhor Jesus Cristo? — O padre perguntava aquela gente.

Donna ficou paralisada. Seus olhos se arregalaram e ela deu um passo para frente, a fim de olhar melhor o padre. Seu coração bateu descompassado e sua garganta secou. Não podia ser! Dawson era o padre? Como? Ele continuava a falar, mas ela já não ouvia mais nada. Virou-se com o coração batendo descompassado, e saiu da igreja tremendo. *Como ele podia ser um padre?* Ela se perguntou aturdida. A menos que ele não fosse um padre e estivesse enganando toda aquela gente para roubá-los! Ela ia comer o rim daquele homem, sim, ela ia. Prometeu.

— Caso Jesus voltasse dos céus hoje, não haveria um cristão que subiria com ele, nesta cidade! Deem valor no que Deus tem lhes dado e parem de desejar a vida do outro, assim nunca serão abençoados. Que Deus esteja com vocês! — Brad finalizou sem longo sermão e o silêncio sepulcral permaneceu por toda a igreja.

Ninguém vira um padre falar daquele jeito! Jamais o pároco citou passagens da Bíblia que não fossem ditas em latim ou disse verdades para os fiéis de forma tão incisiva. As pessoas começaram a deixar a igreja, chocadas e ao mesmo tempo constrangidas! Um murmúrio se iniciou, mas as pessoas temiam se encarar, como se seus pecados pudessem estar pregados em suas testas.

Brad se esquivou dos fiéis e avisou o xerife que estaria na casa nos

fundos. A tarde começava a findar. Ele se perguntou se talvez tivesse exagerado um pouco com suas palavras, mas conscientizou-se que precisava dizer umas verdades aquela gente. Eles precisavam deixar os Clarckson em paz e viver suas próprias vidas.

Entrou no quarto e fechou a porta.

Enquanto afrouxava o colarinho pensou na idiotice que foi fazer aquele sábado das confissões, uma total perda de tempo. Sabia mais das fofocas do vilarejo do que sobre qualquer pista que pudesse levá-lo ao assassino do padre.

Ouviu o click e o cano da arma em suas costas. Ele já tinha vivido aquela cena antes. Poderia ser o criminoso que procurava, mas ele não agiria tão rápido com tanta gente por perto e apenas uma pessoa naquela maldita cidade cheirava tão bem...

— É melhor me explicar que história é essa de ser padre, ou vou estourar seus miolos! — A voz feminina soou pelo quarto.

Donna! Ela havia descoberto seu segredo. Sua confiança de que Clarckson manteria a filha presa dentro de uma casa foi uma tolice. Ela era indomável, impossível de ser amansada.

— Acalme-se, Donna. — Ele pediu levantando as mãos no ar.

— Acalmar? — perguntou exaltada. — Como posso ficar tranquila quando o homem que se diz apaixonado por mim é um mentiroso, vil e trapaceiro?

— Não é o que está pensando! — disse impassível.

— Acha que sou idiota?

Ela engatilhou e ele sabia que ela ia atirar. Donna estava com raiva, se sentindo traída. Brad não podia esconder dela a verdade, podia desarmá-la, porém, se queria ser sincero com Donna, tinha que começar agora. Relutou mesmo assim, entre seu dever, o segredo e seus sentimentos por aquela mulher. Então, tomou uma decisão, talvez a mais louca e inconsequente de sua vida.

— Dentro da primeira gaveta você encontrará meus documentos! — informou. — Então, saberá quem sou de verdade!

Os olhos dela correram para a cômoda do quarto.

— Não estou blefando — notou a hesitação dela. — Abra e olhe.

Sem deixar de apontar a arma para ele, Donna aproximou-se da cômoda e abriu a gaveta. Olhou para ele e viu que permanecia parado, voltou sua atenção para os papéis dobrados e os pegou, abrindo rapidamente. Ali, constavam o

nome e a identificação de um Texas Ranger chamado Bradford Alisson Dawson. Ela relaxou e deixou a arma cair no chão, e verificou atentamente os documentos e, então, olhou para ele. Brad virou-se com os braços cruzados e aguardou que ela fizesse toda a inspeção.

Donna arregalou os olhos surpresa e voltou-se para ele com os papéis nas mãos.

— Você é um Ranger! — constatou, surpresa.

— Sim, eu...

Não houve tempo para terminar. Ela jogou os papéis de lado e se aproximou dele, beijando-o com paixão. Apesar da surpresa, Brad a puxou contra si, correspondendo com ardor. Ter Donna entre seus braços era o que mais queria, tudo que precisava, mesmo que fosse insano.

— Graças a Deus! — Ela se afastou dele, a respiração entrecortada. — Ainda bem que não é um ladrão!

Ele sorriu, extasiado:

— Estou aqui disfarçado para encontrar os assassinos do padre — contou a ela. — Mas tem que manter segredo, Donna, ninguém pode saber disso.

Ela se afastou dele e andou pelo quarto, pensativa:

— Você tem que tomar cuidado! — voltou-se para ele. — Corre grande perigo sendo um padre!

Ele sorriu charmoso ante a preocupação dela:

— Sou preparado para enfrentar contratempos. — Ele a puxou pela cintura, fazendo o corpo dela colar ao seu. — E moças perigosas também.

Ela sorriu para ele.

— Não consigo acreditar que é um Ranger! — Ela o olhou apaixonada. — Pensei que fosse um ladrão!

— Não sabia se podia lhe dizer tudo sem maiores consequências. — Ele fez que não. — É um assunto muito delicado, Donna. Pessoas correm risco. Você está correndo risco.

— Sei me cuidar. — Ela se afastou dele abruptamente.

— Donna...

— Não! — Ela o cortou. — Antes de você chegar aqui, eu já me cuidava sozinha, não sou de cristal ou frágil como as outras mulheres que desmaiam ao ver um rato. — Ela falou indignada. — Sou mais Brad, eu não pertenço a este lugar...

— Eu sei que é forte. — Ele falou com carinho. — Do contrário, eu não teria me apaixonado por você...

Foi como se seu coração parasse de bater por alguns segundos. Ela o olhou com ternura:

— Se apaixonou por mim de verdade?

— Desde o primeiro instante, Donna. Você sabe, aquele dia no rio...

— Eu me pergunto todos os dias como isso é possível — falou com seriedade. — Como posso me sentir assim, tão viva perto de você?

Brad segurou o rosto dela entre as mãos:

— Preciso de você, Donna, não tenho pensado em outra coisa que não seja ter você comigo...

— Eu amo você, Brad. — Ela fez que não. — Não me pergunte como, mas amo. E não me importo com as convenções e não quero que se prenda a mim, por isso.

Ele praguejou. Ela acreditou que ele a mandaria embora. Mas no instante seguinte, Brad se voltava com o olhar furioso e se aproximava dela, arrancando-lhe um beijo apaixonado e selvagem. Donna se agarrou a ele como se sua vida dependesse disso.

Como as ondas do mar que arrebatam com violência contra os rochedos, Donna se entregou a ele por inteiro com tamanha intensidade que o surpreendeu. Era como se aquele beijo pudesse traduzir tudo o que havia buscado por sua vida. Sentiu seu corpo explodir de paixão e não pestanejou, abriu-se para receber o que de mais bonito e intenso a vida lhe reservava.

As mãos dele desabotoaram a camisa dela de forma frenética. Com Donna não havia meio termo, não poderia ser um amante terno, a paixão que os envolvia exigia mais. Ele a abraçou e sentiu cada centímetro do corpo dela contra o seu, aquilo era mais que o paraíso, era a benevolência do fim de uma vida, o término de uma busca de enganos, era o encontro com a única alma que poderia alimentar a sua, acalentá-la e escravizá-la na eternidade do amor. Ela lhe roubava tudo: as vontades, as sensações, o desejo e a ânsia de partilhar com alguém o resto de seus dias.

Brad lhe tirou o espartilho, voltou a tomar os lábios entreabertos, antes de experimentar da pele de seu pescoço, colo, dos seios que se projetavam para ele, túrgidos. Donna agarrou-se a ele e permitiu que a beijasse de forma tão íntima, era avassalador. Ela sentia como se todo seu corpo pegasse fogo e se esfregou nele, louca para que ele avançasse mais em suas carícias. Ele a empurrou contra

a cama e ela caiu de costas. Brad lhe tirou as botas, as calças e se desfez da túnica e do restante de suas roupas. Seus corpos estavam quentes um sobre o outro.

Perdeu-se nos brilhos dos olhos amendoados, beijou-a levemente nos lábios, pelo rosto, roçou a delicada orelha, e ela gemeu apertando-o. Brad desenhou os contornos de seu corpo com a língua até chegar ao ponto mais sensível de seu corpo e fazê-la perder completamente a razão. Ela era sua e ele queria lhe dar o melhor. Donna agarrou os cabelos dele, enquanto Brad a lambia, a fazia arder de prazer, movendo o corpo contra os lábios dele, sentindo que seu corpo não lhe pertencia mais.

O corpo dela convulsionou e antes que tomasse consciência do que lhe acontecera, Brad se posicionou sobre ela, as delicadas pernas o circundaram e ele a penetrou. Experimentaram a união singular do amor, deixando seus corpos se reconhecerem, loucos, alucinados. Donna estava perdida de prazer e desejo, foi como se suas almas se encontrassem, e a cada movimento ele se sentia forte e viril. Donna era dele e sempre seria. Era uma febre da qual não queria se curar.

Capítulo XVI

Donna sorriu para Brad e ele se deitou ao seu lado.

— Isso tudo parece um sonho, Brad. — Ela acariciou o rosto dele. — Não acredito que nos encontramos... que estou aqui com você!

Ele aquiesceu, sabia que estar com Donna era muito mais que um encontro frívolo, um momento de prazer. Ela era tudo que precisava para viver em paz e feliz. Queria mais e se viu falando:

— Gostaria que fosse comigo para Austin, quando meu trabalho acabar...

Ela ficou tensa e se sentou na cama, levando o lençol para esconder a nudez.

— O quê?

Brad também se sentou e a encarou:

— Talvez, eu esteja indo rápido demais, eu sei... — admitiu. — Mas quero levá-la comigo, Donna. Não há porque fazermos jogos quando ambos sabemos o que há entre nós...

— Não! — Ela franziu o cenho e fez que não.

— Não? — Ele compreendeu a aversão dela a ideia. — Não quero que seja minha amante, a quero como minha esposa!

Donna se levantou da cama, segurando o lençol contra o corpo, e andou pelo quarto:

— Sei que o que temos é forte, Brad! — Ela confessou e se voltou para ele. — Esse momento marcará nossas vidas para sempre... — hesitou.

— Mas? — Ele quis saber.

Precisava dizer a verdade:

— Não quero me casar com você ou qualquer outro homem! Não nasci para isso, não vou ser submissa a ninguém, gosto da vida que levo, livre!

— Mas pode ser assim ao meu lado! — Ele se levantou nu e se aproximou dela. — Não vou sufocá-la com exigências, gosto de você desse jeito, Donna, livre e independente. É isso que me atrai em você!

Ela sabia que eram promessas vãs, palavras ditas movidas pela paixão. Os homens sempre mostravam as garras depois de se casarem e dominarem a

mulher, lhe dando vários filhos e a obrigava a viver para a família e os serviços da casa.

— Não sou do tipo doméstica. — Ela fez que não. — Não desejo o casamento, sinto muito. Mas aqui ou em Austin, nunca vou me casar!

Donna se afastou dele e pegou suas roupas para vestir. Brad sentiu o balde de água fria em seus planos.

— Não sou assim, Donna... Não sou o tipo de homem que a manteria em casa como um bibelô. Nunca me senti atraído por essa ideia. Talvez por isso tenhamos nos apaixonado desse modo.

Palavras lindas, ela pensou. Mas que não iam prendê-la, ela não podia se iludir. Ela vestiu a calça e olhou para ele:

— Pode até ser, Brad, mas não vou arriscar! — garantiu e vestiu a camisa.

Brad se aproximou dela e segurou sua mão, a impedindo de terminar de se vestir.

— Não há nada que eu possa fazer para que mude de ideia? — insistiu.

Ela sorriu, compreensiva:

— Gosto de você, Brad, muito. Mas se quer que eu fique, não quero que banque o macho protetor com uma profunda necessidade de honra e casamento! — falou sincera. — Consigo me contentar apenas com seus sentimentos verdadeiros por mim...

Ele havia notado que as coisas não eram fáceis quando se tratava das vontades de Donna Mae. Estava com ela, era o suficiente por enquanto. Tinha certeza, que com o tempo, a faria entender que ele era mais que um homem querendo guardá-la em uma gaiola, ele queria mais para ela.

— Não vamos discutir mais... — Ele a puxou para si, mudando de assunto para que não brigassem. — Não precisa ir, fique comigo.

Como Donna poderia dizer não com o corpo dele colado ao seu? Seus seios tocaram o peito másculo e quente, e ela sentiu o corpo todo arrepiar. Não queria ir, não precisava partir no calor da discussão, apenas porque não concordavam em algo. Brad era o homem pelo qual esperou a vida toda e se afastar dele lhe fazia mal.

— Está bem. — Ela concordou.

— Vou me contentar com o que temos, agora — assegurou.

Donna se perdeu no brilho dos olhos dele e o beijou apaixonada. Brad a

pegou no colo e a levou de volta para cama. Brad voltou a beijá-la e de repente, ela virou-se sobre ele. Os olhos castanhos estavam carregados de desejo e Donna esfregou-se sobre ele:

— Ensina-me a te dar prazer, Brad. — Ela pediu.

Ele foi enfeitiçado por aquela maldita voz deliciosa.

— Tudo o que você quiser, Donna. — Ele ergueu o corpo e ajeitou as pernas dela em volta de seus quadris. — Vou lhe dar o mundo...

Beijou-a e tocou o corpo feminino, antes de fazê-la cavalgar sobre ele de forma tão intensa que os remeteu ao paraíso mais uma vez.



Donna saiu da Casa Paroquial, no silêncio da madrugada. Não havia uma alma viva nas ruas de Crescentfalls e seu cavalo ainda estava preso em frente à pensão de Malick. Montou e saiu a largo galope em direção de casa. Brad insistiu em acompanhá-la, mas ela sabia que era perigoso que os vissem juntos e colocaria o trabalho dele a perder.

Esperou que ele dormisse e saiu sem que ele notasse. Brad ficaria furioso, mas ela sabia que era melhor assim. Chegou a fazenda Shepherd e ficou aliviada por encontrar tudo no mais completo silêncio. Subiu pé ante pé para o seu quarto e entrou de forma sorrateira, sem fazer barulho.

Recostou-se na porta e respirou tranquila.

— Onde estava, Donna?

Ela quase teve um ataque do coração ao ouvir a voz do pai. A vela foi acesa em cima do criado-mudo, ao lado da poltrona. John estava ali e se voltou para ela à espera de uma explicação. Donna o encarou e ergueu o corpo em sinal de orgulho, sabia que não havia esclarecimentos a dar, a chegada dela àquela hora da madrugada dizia tudo. Ao mesmo tempo que tinha coragem de enfrentar o pai, sabia das consequências de chegar em casa àquela hora e engoliu em seco.

— Não vai querer saber. — Ela murmurou e tirou o chapéu.

— Eu exijo que me conte! — Ele gritou se levantando. — Onde estava e com quem! — Ele se aproximou dela, ameaçador.

— Eu lhe devo obediência! — Encarou o pai sem medo algum. — E também respeito, mas não vou lhe dizer onde estava.

John estreitou o olhar. O pior havia acontecido. Sua filha passara a noite na companhia de um homem, era óbvio.

— Eu deveria lhe dar uma surra! — Ele ergueu a mão.

— John! — Caroline gritou da porta e correu até eles, o xale pendendo sobre a camisola branca. — Não faça isso! — Ela se colocou entre ele e Donna. — Enlouqueceu? Ela é sua filha...

— Não é mais...

— O quê? — As duas perguntaram em uníssono.

— Não vou permitir que ela fique debaixo do meu teto depois de agir como uma *prostituta*! — vociferou. — Eu a renego. Você é uma vergonha para esta família e seu nome será esquecido por todos nós! Eu juro!

— John! — Caroline o repreendeu.

— Tem até o nascer do sol para deixar esta casa! — Ele ordenou ao olhar mais uma vez para Donna. — Esqueça que é minha filha, e apague o sobrenome Clarckson de sua história!

A moça engoliu as lágrimas com raiva. Não ia chorar diante do descaso de seu pai. Sabia das implicações de seu ato e não se arrependia de nada.

— Não precisa esperar tanto, eu vou agora! — Ela se virou e saiu do quarto pisando duro.

— John, não pode deixá-la ir! — Caroline o segurou pelo braço.

— Está feito, Caroline — disse, secamente.

Caroline o fitou ressentida.

— Vai permitir que sua única filha parta, quando não sabe o que aconteceu realmente? — perguntou, incrédula.

— Ela esteve com um homem! Ficou óbvio! E não quer dizer o nome do maldito!

— E o que tem isso?

— O que deve haver por trás de tanto segredo? — devolveu irritado.

— Está sendo duro com ela...

— Não posso admitir que minha filha durma com um homem sem estar casada! — gritou por entre dentes.

Caroline deu um passo para trás. Seu olhar era de aversão:

— E o que foi que eu fiz nos últimos quarenta anos, John? Também sou uma prostituta?

Ele abriu a boca para falar, mas a voz não saiu. Foi pego de surpresa na armadilha de suas próprias palavras.

— Caroline...

Ela se desvencilhou dele:

— Estou decepcionada com você! — falou triste.

— O que vai fazer?

— Vou atrás de Donna — falou decidida e virou-se para sair. — Vou convencê-la a ficar.

— Caroline, pense bem no que está fazendo! — Ele a ameaçou. — Está passando por cima de uma ordem minha!

Ela parou no batente da porta, seus olhos magoados o fitaram com desprezo:

— Ou o que vai fazer? Vai me punir por que dormi em segredo com você todos estes anos? — ironizou e saiu andando depressa.

John praguejou e jogou a cadeira longe.

Donna estava indo em direção ao celeiro quando ouviu a tia chamar. Estava frio, por isso, se voltou, com medo que tia Caroline resfriasse mais ainda.

— Não vou voltar — avisou, orgulhosa.

— Volte, querida, por mim. Seu pai está irritado, não sabe o que está fazendo! — parou diante da sobrinha.

— Desculpe-me, tia, mas não posso fazer isso!

Caroline a segurou pelo braço e a encarou com firmeza:

— Eu amei seu pai em segredo nos últimos quarenta anos e fui dele todo esse tempo! — admitiu sem sentir vergonha alguma. — Portanto, ele vai ter que entendê-la!

— Tia... — Ela não sabia o que dizer.

— Não há dois pesos e duas medidas sob o céu dos Clarckson, Donna.

Donna compreendeu a decisão da tia e emocionou-se.

— Sei que é errado o que fiz, contudo, eu faria de novo... — Donna confessou.

— Eu a compreendo, querida. — Caroline acariciou o rosto da sobrinha.

— Mas vejo essa atitude de meu pai, como a oportunidade de me ver livre das obrigações que tenho com o meu sobrenome... — falou segura.

Caroline ficou chocada.

— O que vai fazer, minha filha? — perguntou preocupada.

— Correr atrás do meu sonho, tia — contou com orgulho. — Não vejo minha partida como o fim, mas o começo dos planos que sempre sonhei.

— Não seja tola! — Caroline fez que não. — A vida lá fora, não é tão fácil como parece! Você é mulher, eles vão menosprezá-la, atacá-la. Mesmo com as regras de seu pai, esta casa é ainda melhor do que a maldade do mundo lá fora...

— Obrigada, tia. Mas não vou desistir agora que consegui minha liberdade. — Ela se aproximou e beijou a testa da tia. — Mandarei notícias minhas!

Passou pela tia e foi em direção ao seu cavalo.

— Para onde você vai, Donna? — Caroline perguntou angustiada.

— Não se preocupe, vou para casa... — Donna montou e partiu sem olhar para trás. Mas as lágrimas que escorreram por seu rosto foram inevitáveis. Era o fim de sua história como um membro da família Clarckson. Agora estava por sua conta e não teria medo. Algo dentro dela dizia que estava prestes a traçar sua própria história.

Capítulo XVII

O sol havia nascido em Crescentfalls e toda a cidade já sabia que Donna Mae Clarckson passara a noite fora na companhia de um homem misterioso. A senhora Pearl, que morava em frente à pensão de Malick, viu o exato momento em que a moça apareceu, vindo do nada, e montou em seu cavalo, em meio da madrugada, partindo para casa. E, enquanto, a sede da fazenda parecia um velório devido ao mau humor e o pesado silêncio de John Clarckson, o resto do vilarejo estava fazendo apostas para descobrir quem era o amante de Donna, enquanto as mulheres casadas interrogavam seus maridos temendo serem elas as traídas.

— Aposto que é um desses forasteiros sujos! — Sandy Lee falou com maldade durante o café da manhã. — Ou quem sabe, mais de um...

— Isso não faz diferença para nós, Sandy Lee! — Maggie a reprovou. — Não temos certeza de nada.

— Claro que temos, mamãe! — enfatizou. — Não se fala em outra coisa na cidade. Sempre falei que Donna Mae nunca prestou o chão que eu pisava... Agora temos a prova...

Maggie e Malick se entreolharam no instante que Brad entrou na cozinha e cumprimentou a todos com um largo sorriso. Sua noite havia sido encantadora e ele precisava de uma boa refeição para se refazer. Estava louco para reencontrar Donna. Não conseguia tirar o sorriso dos lábios, havia compartilhado com ela a melhor noite de sua vida, era óbvio e que mulher! *Sua mulher!* Tal pensamento o fez rir. Claro que estava bravo por ela ter partido sem se despedir dele e ter atravessado a cidade sozinha durante a madrugada, mas naquele momento, ele poderia perdoá-la por qualquer pecado.

— Qual é a graça, padre? — Sandy Lee quis saber.

Ele notou que todos o observavam.

— Lembrei de um absurdo que ouvi ontem de um fiel da igreja! Perdoe-me! — mentiu.

Maggie o serviu com café e um delicioso pedaço de bolo.

— Obrigada, minha filha. — Ele sorriu novamente.

— Por nada, padre. — A mulher sorriu amistosa. — Teve uma boa noite de sono?

A mais inesquecível delas, ele pensou.

— Sim, muito tranquila...

Sua vida agora tinha um novo sentido: não sabia como viveria quando resolvesse aquele caso, mas de uma coisa tinha certeza: não seria sem Donna Mae ao seu lado. Recordou da aversão dela quanto ao casamento. Brad tinha certeza que o tempo era seu melhor aliado e provaria a Donna que ele era um homem bem diferente dos texanos com os quais ela estava acostumada a lidar. E ele não tinha pressa...

Nesse instante, Beth Lee entrou na cozinha com pressa, estava arrumada para sair.

— Vai sair, querida? — Maggie quis saber.

— Vou me encontrar com Donna! — Ela falou comendo uma bolacha apenas. — Ela me enviou um bilhete, precisava falar comigo.

Brad olhou para ela imaginando o que as amigas conversariam. Tinha certeza que Donna não colocaria seu segredo em risco, mas talvez, contasse a amiga que tivera uma noite maravilhosa com o homem que amava... Isso o fez sorrir de novo e ninguém entendeu qual era a graça.

— Está tudo bem, padre? — Beth Lee estranhou aquele riso.

— Tudo perfeito, minha filha. Não poderia estar melhor...

— Que bom... Prometo não demorar... — Ela fez menção de sair.

— Deste jeito, Adam não vai querer se casar com você! — Sandy Lee destilou seu veneno.

Beth parou a porta da cozinha e olhou para a irmã com descaso:

— E por que devo me preocupar com isso? — perguntou sem entender.

— Não sabe da novidade?

— Não sei, Sandy Lee! — Beth respondeu com impaciência sabendo que sua irmã faria mais uma fofoca. — E não me interessa!

— Talvez seja melhor você saber, Beth Lee! — Malick avisou sério. — Não permito que você vá ao encontro de Donna Mae. Primeiro, precisamos ter certeza.

O tom reprovador chamou a atenção de Brad.

— O que houve? — Brad perguntou, interessado

— Bem, padre. A senhora Pearl viu Donna Mae, esta madrugada, surgir do nada e montar em seu cavalo que estava aqui na frente da pensão! — contou

um tanto constrangido. — Mas, não temos certeza...

— E o que tem isso? — Beth Lee perguntou antes de Brad.

— Se não fosse de madrugada e toda a cidade estivesse sabendo que John Clarckson a expulsou de casa, ontem à noite... — O pai argumentou.

— O quê? — Brad se levantou derrubando a xícara de café.

— Exatamente, padre! — Sandy Lee deu um risinho de vitória. — A boa moça não passa de uma prostituta suja e imunda... — disse as últimas palavras como se as soletrasse.

— Sandy Lee! — O pai a censurou. — Tome cuidado com o que diz, minha filha. Não pode se ater as fofocas! Donna é uma boa moça!

— Boa moça! — escarneceu. — Deve ser o que dizem das mulheres da vida!

Brad estreitou o olhar. Isso não era bom. Sandy Lee o levava ao limite.

— Eu não farei seu casamento, senhorita.

Sandy Lee engasgou e arregalou os olhos:

— O quê?

— Foi isso que ouviu! — Ele colocou o dedo em riste. — Por esse Deus que existe! — apontou para o céu. — Juro que enquanto eu for padre aqui, a senhorita não se casa!

Ela fez beicinho de choro.

— Não suporto gente fofoqueira, maldosa e a senhorita me dá nojo. Não respeita as pessoas, é orgulhosa, mimada e sem graça. Pensando bem, estou fazendo um favor a Frank por não permitir que ele se case com uma jovem tão invejosa e mesquinha... E não ouse chorar ou juro por Deus que não se casará jamais enquanto eu estiver vivo! — Ela soluçou. — Engula o choro! — Ele ordenou e ela engoliu outro soluço. Brad se voltou para Beth Lee. — Me dê o bilhete da senhorita Clarckson, eu irei falar com ela...

Estavam todos chocados com a atitude do padre. Ele sabia que havia ido longe demais, entretanto, quando o assunto era Donna Mae não havia muito o que pensar. Precisava ao menos ser razoável para não levantar suspeitas de que era *ele* o amante. Apesar de que ninguém acreditaria nisso: um padre tendo um caso. O problema era se descobrissem que não era um padre.

— Seu pai tem razão, Beth Lee. — Ele decidiu consertar a situação. — Essa gente maldosa acabaria com todas as chances que tem com Robert Clarckson depois que ele quebrou o nariz e o braço de Adam Palmer por sua

causa. Eu falarei com a jovem e a protegerei das más línguas.

— Eu... — Ela levou alguns instantes para se recompor. Afinal, a atitude viril do padre era um choque. — Eu ia me encontrar com ela na venda do senhor Pearl.

— Eu irei lá — avisou determinado e ainda olhou para Sandy Lee. — Se eu ouvir mais um comentário maldoso de sua boca, juro que darei aval ao diabo para mastigar sua língua!

Maggie e os outros ficaram chocados e fizeram o sinal da cruz. Brad saiu pisando duro. Sandy Lee saiu correndo em direção ao quarto, chorando.

— O que houve aqui? — Malick perguntou sentindo como se passasse um furacão.

— Acho que Sandy Lee levou o padre ao limite! — Betty Lee disse se sentando a mesa, em estado de choque.

— Veja o lado bom, querido. Sandy Lee nunca mais fará fofocas! Alguém tinha que colocar um limite em nossa filha, já que nunca conseguimos, não é? — Maggie falou satisfeita e deixou a mesa em direção a cozinha.

Brad saiu da pensão e atravessou a rua com passos largos e determinados. Sentia-se como se estivesse indo salvar um inocente das mãos brutais de um assassino frio. E embora não fosse isso, sabia que Donna podia se virar sozinha, seu sangue pulsava da mesma forma, com raiva daquela gente mesquinha que feria a integridade da mulher que ele amava.

Várias senhoras se amontoavam na frente da venda do senhor Pearl. Ele reconheceu o cavalo de Donna e imaginou que ela seria o centro das atenções. Isso somente piorou o humor dele.

— Bom dia, senhoras... — cumprimentou-as com as mãos cruzadas para trás do corpo. Na verdade, ele queria pegar sua arma e atirar para cima e dizer meia dúzia de palavrões para que todos corressem para bem longe dali.

Elas estavam olhando para dentro da loja e murmurando, e quando ouviram a voz do padre, voltaram-se nervosas.

— Bom dia, padre...

— O que fazem aqui? — aproximou-se lentamente e ameaçador.

— Ora... — Uma delas encolheu os ombros.

— O senhor não sabe da novidade? — questionou outra.

Ele se fez de desentendido:

— Não.

A senhora mais baixa adiantou-se e ficou feliz em poder compartilhar com o padre:

— Donna Mae, filha de John Clarckson foi expulsa de casa porque passou a noite com um homem casado! — contou indignada.

— E estão aqui para parabenizá-la? — perguntou com ironia e todas se voltaram para ele, assombradas com a hostilidade do padre. Brad não esperou resposta. — Ou saem daqui agora, ou terei o prazer de dizer o que ouvi de cada uma das senhoras *ontem à tarde!* — Ele chantageou, se alterando com as últimas palavras.

As mulheres se entreolharam boquiabertas.

— Padre Sullivan jamais falaria assim conosco! — A mulher baixa disse, indignada.

— Não sei se a senhora notou, mas ele está morto! — cortou-a. — Agora saiam daqui! — ordenou, alterado e cada uma correu para um lado.

Brad respirou fundo, controlando seu péssimo humor e entrou na venda do senhor Pearl no exato momento em que os donos do estabelecimento diziam a Donna Mae que ela não era bem-vinda naquele local.

— Desculpe-me, senhorita. — A senhora Pearl adiantou-se ao marido que ia empacotar as compras de Donna Mae. A mulher ajeitou a toca sobre os cabelos brancos e encarou Donna com empáfia. Era a típica mulher amarga, fria e inflexível. — Não podemos lhe vender nada, não é bem-vinda aqui.

Brad pediu a Deus que o ajudasse a se controlar ou colocaria fogo naquele lugar.

— Ora, senhora Pearl... — Donna começou a falar.

— Por favor, saia... — A mulher exigiu.

No primeiro instante, Donna ficou sem reação. Podia imaginar que todo o vilarejo soubesse que o pai a expulsara de casa, e a tratariam como se tivesse com lepra. Mas, proibi-la de comprar mantimentos? Isso já era demais! Seu dinheiro era limpo. Abriu a boca para responder, mas a voz atrás dela a fez ficar paralisada.

— Bom dia, senhores. — Brad se aproximou deles e colocou-se ao lado de Donna.

Eles se olharam rapidamente e ela sentiu aquele calor morno e gostoso por amá-lo tanto. Era impossível não se recordar da noite anterior e do momento sublime que viveram nos braços um do outro.

— Bom dia, Senhorita Clarckson. — Ele a cumprimentou sério, mas seus olhos a acariciavam.

— Bom dia, padre. — Ela respondeu esforçando-se para não sorrir e que ninguém ali ouvisse as batidas fortes de seu coração. De repente, ali dentro, estava muito quente.

Brad desviou o olhar rapidamente para o casal de senhores:

— Vou levar tudo o que estiver dentro deste cesto — tomou o cesto da mão de Donna e colocou diante do senhor Pearl. — Por favor.

Donna imaginou que ele estava ficando louco por se expor tanto, mas ao mesmo tempo, o fitou com carinho por enfrentar aquela gente por sua causa. Como não se apaixonar por ele? Era inevitável que ficasse feliz em vê-lo e que embora ele estivesse ali para salvá-la da situação e ela soubesse se defender, ficava satisfeita por vê-lo não se esconder atrás da batina.

Eles se amavam, era inevitável. Ele queria tocá-la outra vez, beijar sua face, lhe sussurrar em seu ouvido o quanto a amava e o quanto ela era linda quando gemia de prazer. Donna queria abraçá-lo, dizer que naquelas poucas horas longe, sentira falta dele e...

— Não mexa nesta cesta, senhor Pearl. — A mulher ordenou quebrando o encantamento. — Não podemos vender nada para ela, padre, sinto muito.

— Não está vendendo para ela, senhora. Mas para mim. — Ele voltou-se para o senhor Pearl. — Prossiga, é uma ordem! — falou como um agente da lei faria.

— Padre, eu... — A mulher insistiu.

— Não lhe perguntei nada, senhora Pearl. — Brad a cortou com grosseria. — E como uma boa esposa submissa, como mandam as escrituras sagradas de Deus, a senhora deve calar-se e deixar que seu marido faça o trabalho dele, enquanto a senhora acolhe o que pedi — exigiu sem direito a contestações.

A senhora Pearl não se deu por vencida:

— O senhor não deve estar sabendo, mas esta moça envergonhou a família e foi expulsa de casa pelo próprio pai... — insistiu.

— Pelo amor de Deus, quer calar a boca? — Brad se alterou, deixando todos atordoados e Donna mordeu o lábio inferior para não rir. — Agora, façam o que pedi, qual a dificuldade nisto? Ou eu mesmo vou ter que embrulhar tudo?

A senhora Pearl abriu a boca, mas o som não saiu, ela estava embasbacada com a mudança de humor e a grosseria do padre.

— Um homem de Deus não deveria falar deste modo! — Ela o repreendeu.

— E o que a senhora sabe sobre ser um homem de Deus? — Brad retrucou irritado e deu um passo para o balcão e a mulher retrocedeu com medo do repúdio que viu nos olhos dele. — Acaso tornou-se a secretária particular do Altíssimo para me dar algum recado santo?

A mulher girou sobre os calcanhares e desapareceu nos fundos da loja. O senhor Pearl colocou tudo dentro de pacotes bem rápido e Brad tomou o dinheiro da mão de Donna e jogou em cima do balcão, pegou os pacotes e saiu sem agradecer.

Donna despediu-se educadamente e correu para fora do estabelecimento. Eram o centro das atenções e isso piorou o humor de Brad: aquela gente não tinha mais o que fazer?

— Não esqueça que está vestido com sua batina, senhor. — Donna disse a ele e sorriu olhando ao redor.

— Eu sei. — Ele entregou os pacotes a ela. — Monte seu cavalo e me encontre perto da igreja.

— Está arriscando seu disfarce! — Ela o precaveu.

— Para o inferno com ele! — Brad disse para que apenas ela ouvisse. — Precisamos conversar, espero por você... — virou-se e foi direto para a igreja.

Donna não ousou questioná-lo, sentiu que ele estava no limite da razão. Colocou os pacotes na sela e montou, indo em direção a igreja para encontrá-lo. Ela sorriu ao vê-lo montado em seu cavalo, esperando por ela. Ele queria beijá-la, tomá-la contra seu corpo e aplacar sua fúria em um forte momento de paixão. Comprimiu o maxilar sabendo que as pessoas poderiam ver e ele tinha um trabalho a fazer.

Começaram a cavalgar um ao lado do outro, até se afastarem dos olhares da cidade e Brad quebrar o silêncio:

— O que houve ontem? — Ele quis saber.

— O que acha? — perguntou com ironia. — Fui vista por gente da cidade tarde da noite — encolheu os ombros. — E para completar, cheguei em casa e meu pai estava, em meu quarto, me esperando... Ele exigiu explicações que eu não quis dar, daí ele me expulsou... Quer dizer, ele me pediu para escolher entre contar onde estava ou deixar a casa...

Brad praguejou. A culpa era dele. Absolutamente dele e não podia fazer nada para remediar aquele mal sem colocar seu disfarce em risco e toda aquela

investigação.

— Não se preocupe... — Ela o animou.

— Como não me preocupar, Donna? Para onde você foi?

— Estou na cabana perto do rio, a que pertenceu ao velho Donald Brown...

— Nunca ouvi falar dele! — disse de mau humor.

— Era um inglês que viveu um tempo por aqui, antes de vir a falecer. Era um bom homem, eu gostava de conversar com ele quando ainda era menina — contou. — Aprendi muitas coisas, ele me ensinou a ler e a escrever, me falava sobre como administrar qualquer coisa na vida, me fez gostar de matemática...

Brad ficou enciumado por ela falar tão bem de outro homem, mesmo que estivesse morto.

— Ele está morto e não é bom que fique sozinha em uma cabana isolada! — franziu o cenho.

— Eu sei me cuidar! — retrucou, ofendida.

— Tenho certeza que sim! — Brad sabia do que ela era capaz. Ainda sentia dores por causa dela. — O humor do seu pai deve estar péssimo!

— Muito. A única filha dele passou a noite fora e preferiu sair de casa a obedecê-lo! — Ela não conseguiu evitar o sorriso de satisfação. — Ele me desertou, disse que não sou mais uma Clarckson.

— Vou falar com ele — avisou, determinado.

— Não! — Donna fez que não. — Está ficando louco, Brad? Se fizer isso vai colocar seu disfarce em risco e eu não quero!

— Posso explicar o que aconteceu e...

— E o que acha que ele vai fazer? — Ela o cortou exasperada. — Vai exigir que se case comigo, Brad! — falou chateada. — E todos saberão quem você é, e nunca pegaremos o assassino do padre!

Ele não podia deixar que ela sofresse as consequências sozinha. Não era um covarde.

— Mesmo assim. — Ele falou pensativo olhando para a frente. — Você não estava sozinha, ontem à noite.

Ela sabia que Brad era um homem honrado e faria uma besteira procurando o pai dela. Por isso, tinha certeza que precisava impedi-lo. Donna galopou mais depressa e colocou seu cavalo na frente dele, o impedindo de prosseguir.

— Não quero que diga nada! — Ela disse por entre dentes.

Brad franziu o cenho:

— Nós dois sabemos...

— Que não há futuro para nós! — Ela o cortou mordaz. — O que espera, Brad? Ser obrigado a se casar comigo e passar o resto da sua vida preso em Crescentfalls? Porque não sairei daqui, nunca. Tenho planos para este lugar...

— Planos?

— Sim, mas você não compreenderia...

Ela girou o cavalo e saiu em largo galope. Nos primeiros segundos, ele ficou chocado com a determinação dela, entretanto, ele podia ser mais persistente. Saiu no encalço dela e pareceu, segurando as rédeas do cavalo e a obrigando a parar.

— Agora que eu a tive, Donna, nada vai nos separar, pode apostar todas suas fichas nisso! — Donna sentiu o corpo vibrar diante daquela declaração. Os olhos dele fulminavam os dela e ele a puxou para mais perto. — Não sou um homem de meias palavras. E ontem à noite, quando disse que eu a quero, foi sério e nada vai mudar isso, muito menos os seus planos...

Suas pernas roçavam. Brad queria beijá-la e foi inevitável descer o olhar sobre os lábios femininos. Ele queria derrubá-la daquele cavalo e fazê-la sua novamente. E Donna desejava o mesmo, realmente.

— Não vou me casar com você, Brad! — Ela não baixou sua guarda. — Não serei submissa a ninguém! Eu lhe disse isso, desista!

— Está enganada! Não quero sua submissão, é essa sua força que me atrai, Donna. Não quero que seja diferente...

Eles se encararam e ela sentiu lágrimas nos olhos. Aquilo não podia ser verdade, não podia ter encontrado um homem capaz de amá-la tal como era e aceitar o fato de que não seria uma boa dona-de-casa, mãe de muitos filhos, presa a uma vida cotidiana enfadonha. Ela queria mais.

— Está mentindo! — disse por entre dentes. — Está dizendo isso somente para...

Ele a puxou pela nuca e a beijou. Donna se segurou nele para não cair do cavalo que estava inquieto, reclamando da aproximação. Os lábios de Brad se tornaram mais selvagens, entretanto, o som de um relincho o fez se afastar abruptamente. Donna quase caiu do cavalo. Ela se ajeitou e olharam para o horizonte, alguém se aproximava.

— É meu irmão Bob! — Ela constatou sentindo o rosto ficar vermelho de vergonha. — Acha que ele nos viu?

— Vamos saber agora! — Brad disse com bom humor esporeando o cavalo e seguiu em direção ao rapaz.

Ela o fitou contrariada, antes de segui-lo. Bob veio na direção deles com o cenho franzido. Donna sentiu um frio na barriga. A última coisa que precisava era Bob tentando matar um padre por tê-lo visto beijando-a.

— Padre! — Ele o cumprimentou ao se aproximar e Brad retribuiu com um breve aceno.

— Estava acompanhando sua irmã para casa. — Ele explicou. — As pessoas na cidade foram hostis com ela.

— Tentaram machucá-la? — Bob perguntou preocupado.

— Não, somente a destratarem. — Brad explicou.

Eu a defendi, pensou se sentindo o macho alfa da alcateia.

Bob olhou para a irmã:

— Estava indo atrás de você...

— Houve algum problema? — Ela perguntou tranquilizando-se de que ele não vira nada.

— Queria saber como você está... — Ele meneou a cabeça. — Estamos todos preocupados, Donna. Tia Caroline está inconsolável!

— Estou bem, mas nada me fará voltar! Além disso, seu pai deixou claro que não faço mais parte da família — contou amargurada.

Ela saiu a frente deles em direção a cabana e eles se entreolharam antes de segui-la. Quando Brad entrou na cabana, atrás de Bob, viu que tudo estava muito organizado, como se Donna tivesse morado ali sempre. Ele se surpreendeu com a quantidade de livros numa pequena estante, perto da cama.

— A noite aqui é frio! — Bob tentou argumentar, enquanto a irmã colocava as coisas no armário preso na parede. — E é perigoso, Donna!

— Sei me virar e não é tão frio assim — respondeu sem olhar para o irmão. — Posso construir uma lareira com o tempo.

— Não vou deixá-la sozinha! — Ele retrucou.

— Ela não precisa ficar sozinha. — Brad os cortou.

— E o que sugere, padre? — Bob quis saber.

Donna o olhou e prendeu a respiração, temendo que ele fizesse uma

besteira.

— Sua irmã pode ficar na casa da paróquia. — Ele ofereceu. — Tem um quarto sobrando.

Donna não podia acreditar em tamanho absurdo. Brad estava definitivamente passando de todos os limites da decência. E não era apenas isso, ele queria prendê-la com aquele sentimento forte que os unia e ela não permitiria.

— É melhor do que ficar aqui no meio do nada, sozinha. — Brad argumentou. — E duvido que outra pessoa lhe dê abrigo em Crescentfalls.

— O padre tem razão, Donna! — Bob levantou o chapéu e coçou a cabeça. — Na paróquia, estará segura e podemos colocar alguém para vigiar lá, assim protegemos você e o padre.

Uma noite e Brad já acreditava ser dono dela, querendo tomar decisões por ela, Donna concluiu. Imaginava como seria todos os dias se aceitasse se casar com ele! Isso os destruiria. Ficar mais tempo com Brad seria seu fim, ele tentaria dominá-la como estava tentando fazer nas últimas horas e ela não podia deixar isso acontecer.

— Não. — Ela se afastou deles e foi para perto da mesa tirar os mantimentos de dentro dos pacotes. — Está fora de cogitação. Não sairei daqui, estou bem, sei me virar.

— Teimosa como uma mula. — Bob se aproximou dela. — Por que está fazendo isso?

Ela não podia falar sobre ter passado a noite com o padre. Mas havia um argumento muito mais convincente:

— Papai me expulsou de casa, Bob. — Ela disse sem olhar para o irmão. — Ele disse que não sou sua filha.

Bob já sabia da história e não queria julgar a irmã ou o pai. Cada um tinha os seus motivos. Porém, temia por ela ali no meio do nada sozinha.

— Então, vá ficar com o padre... — Ele pediu. — Será melhor para você, irmã...

Pobre, Bob, mal sabia que a estava jogando na cova dos leões.

— Não. — Ela olhou por cima do ombro para Brad. Ele estava impassível, havia assumido sua personagem e agia como um homem da fé. Porém, ela sabia que ele queria estrangulá-la por não fazer suas vontades. Os homens eram assim, achavam que porque havia amor, as mulheres deveriam se subjugar. Donna não estava disposta a pagar um preço tão alto, mesmo que o

amasse. — Sei me cuidar, padre. Já enfrentei homens e já os desarme! — falou de modo significativo. — O último ficou alguns dias sem poder andar... — deu uma risadinha.

— Donna! — Bob a reprovou. — O padre não tem que ouvir estas coisas.

— Desculpe-me. — Ela falou, mas Brad sabia que ela ria dele e não podia responder à altura.

— Vamos agir com sensatez, já que a senhorita Clarckson gosta de bancar a menina mimada. — Brad falou mordaz e Donna fez uma careta de desgosto. Ele desviou o olhar para Bob. — Tente convencer seu pai a deixá-la voltar!

— Não é necessário! — Ela insistiu, mas eles a ignoraram.

— Eu e meus irmãos podemos tentar falar com ele. — Bob ponderou.

— Ótimo. — Brad falou satisfeito e deu um passo para Donna. Ela segurou-se no móvel com medo da tempestade que se formava naqueles olhos azuis. Algo lhe dizia que Brad a faria pagar por lhe causar tanta preocupação. Ela necessitava beijá-lo e dizer que o amava, apesar de tudo.

— Obrigada por me acompanhar, padre. — Ela falou forçando a voz a sair.

— Não há de quê. — Ele respondeu. — A senhorita está entregue e sabe onde me encontrar se precisar de ajuda. Eu preciso ir... Poderia me acompanhar, Bob?

— Claro, padre. — Bob olhou para a irmã. — Tem certeza que não quer voltar, Donna?

— Absoluta. Esta é a minha chance de ficar longe de minha família, e não vou perder esta oportunidade.

— Vai ficar mal falada. — Ele tentou persuadi-la.

— Mais? — Ela riu. — Realmente, não me importo.

— Deveria ser importar, afinal, como vai arranjar um marido quando todos pensam que é uma mulher qualquer?

Donna aproximou-se dele:

— Não quero me casar.

— Como não, Donna? E o que vai fazer da sua vida?

— Não se preocupe, Bob. Não sou mais problema dos Clarckson!

Bob bufou, era melhor ir embora, antes que falasse alguma besteira.

— Está bem, como quiser... Vamos, padre...

Bob saiu e Brad ainda deu mais uma olhada em Donna antes de partir. Ela viu a porta fechar e respirou aliviada. Ninguém iria dominá-la, ou os sentimentos fortes que abraçavam seu coração.

— Queria falar comigo, padre? — Bob perguntou enquanto se afastavam da cabana.

— Sim, meu filho.

— E o que pode ser?

— Beth Lee. — Ele falou.

Bob fez uma cara de desgosto e encolheu os ombros. Somente ia ouvir porque ele era um padre, do contrário, o mandaria para o inferno. Sua mão ainda doía pela surra que deu em Palmer.

— Não costumo me meter na vida das pessoas, filho, mas sinto que devo lhe dizer umas verdades...

Bob franziu o cenho:

— Verdades?

— Sim. — Brad o enfrentou. — Vai deixar que aquele verme do Adam Palmer a despose?

— O quê? — Ele perguntou surpreso. — Por acaso ela aceitou o pedido dele? — ficou desesperado e, então, deixou o orgulho tomar conta de suas palavras. — A decisão é dela! Não minha...

— Aí que você se engana, Bob. Ouvi a conversa entre Malick e a esposa, e se você não voltar atrás e retomar o noivado, eles vão aceitar a proposta de Adam e obrigá-la a se casar com ele...

Bob ficou tenso sobre a sela:

— Talvez ela queira isso... — murmurou com o maxilar travado, tamanha sua raiva ao imaginar Beth Lee nos braços de Adam Palmer.

— Então se você pensa assim, o idiota é você, filho — falou sincero e Bob o fitou surpreso pelas palavras. — Beth Lee é uma moça correta, digna. Caso se tratasse de Sandy Lee, eu não estaria aqui gastando meu tempo! E há um detalhe muito forte nessa história...

— E qual é? — Bob quis saber.

— Vocês se amam e nada pode mudar! Principalmente, o tempo. Pode

dormir com todas as mulheres do Texas, mas nenhuma delas terá o calor de Beth Lee... — Brad parou o cavalo. — Vou seguir para a cidade, obrigado por me acompanhar, filho.

E deixou um Bob Clarkson mudo para trás.

Capítulo XVIII

Brad se dedicou as investigações nos dias seguintes. Precisava ocupar seu tempo e não pensar naquela maldita Clarckson, entretanto, seus pensamentos sempre acabavam nela de alguma forma. E embora Donna estivesse segura, ele não podia se aproximar da cabana sem chamar a atenção e, pelo visto, ela não fazia questão nenhuma de vê-lo. Isso apenas piorava o seu humor. Pensou que talvez, alguns dias afastados, toda essa repentina obsessão por Donna desaparecesse, porém, havia piorado, agora tinha certeza que suas intenções e planos haviam mudado completamente. Quando pensava em Donna, a imagem de uma casa repleta de crianças se formava em sua mente, queria uma família, queria uma história ao lado dela, uma vida toda para envelhecerem juntos.

Ele, um homem acostumado a viver sozinho, agora queria estar acompanhado todos os dias. Queria voltar para casa e encontrá-la à sua espera, beijando-o, sorrindo para ele, agindo como uma mula teimosa para enlouquecê-lo.

Talvez, não devesse se iludir tanto e ir embora para Austin e seguir com sua vida, afinal, era o que ela desejava. Entretanto, ele não poderia esquecê-la mesmo que quisesse. O cheiro dela estava impregnado por todo o quarto e o gosto dela em seus lábios. Era ridículo um homem da idade dele, agindo como um adolescente apaixonado, mas era assim que se sentia: vivo e feliz.

Concentrado em seu trabalho, ele começou a fazer incursões à noite pelas terras dos Clarckson e pela região à procura de qualquer pista. Mas os ladrões de gado pareciam ter desistido de roubar e evaporado no ar. O que vinha acontecendo com frequência antes de sua chegada, agora, parecia ter deixado de acontecer. Como se soubessem de sua presença.

Era impossível. Caso desconfiassem de que o Padre era um Ranger, já o teriam delatado e toda a população se revoltado contra isso. Tinha vontade de rir quando imaginava aquelas pessoas descobrindo que seus segredos estavam nas mãos de um homem qualquer e não uma autoridade divina. Deixando suas divagações tolas de lado, ele decidiu voltar para a igreja. Ficar ali, parado a noite toda vigiando o gado daquela gente estava ficando enfadonho, talvez passasse pela cabana de Donna. Sorriu para si, estava louco de saudade e não suportaria ficar tanto tempo sem vê-la.

Foi quando ouviu o relincho de um cavalo. Abaixou-se novamente e ficou à espreita, procurando por qualquer movimento. Ouviu sussurros e ficou

em alerta. Para sua satisfação não era os Clarckson que se aproximavam como faziam todas as noites, mas três homens, com lenços tampando seus rostos.

O sangue ferveu em suas veias: os ladrões de gado.

Em silêncio, eles se aproximaram da cerca e começaram a cortá-la. Brad aguardou friamente que eles entrassem na propriedade e então se levantou, apontou seu rifle e atirou nas costas de um dos assaltantes. Não havia outra forma de pará-los. O primeiro caiu no chão desacordado. Brad apontou para o segundo, mas o terceiro atirou contra ele e teve que se abaixar novamente. Começaram a trocar tiros e Brad correu abaixado para o outro lado na escuridão a fim de atirar mais e ficar mais protegido atrás dos arbustos. Entretanto, os outros foram rápidos, montaram e fugiram.

Brad aproximou-se do ladrão caído e infelizmente descobriu que ele estava morto. Virou o corpo inerte e sentiu por reconhecer o neto da Senhora Pearl, Clay. Um rapaz de dezessete anos. Infelizmente, ele não sobrevivera para contar qualquer história ou quem era o bando que vinha roubando.

O som do gatilho sendo armado soou as costas de Brad.

— Fique parado onde está. — A voz masculina soou.

Brad fez uma careta de impaciência. Fora pego. E o pior, com certeza, o reconheceriam. Precisava sair dali o quanto antes. Girou rapidamente e atirou contra a pessoa que o ameaçava, mas não para acertar. De relance, viu que era Tim Clarckson. Brad deu mais um tiro com sua pistola e o revólver de Tim voou longe. Enquanto o rapaz corria para pegar sua arma, Brad correu até seu cavalo e montou.

Tim atirou novamente e Brad sentiu a dor no ombro. Bateu a espora contra o cavalo e saiu rápido a galope. Enquanto fugia, o Ranger levou a mão ao ombro e notou o sangue.

— Merda! — praguejou e correu o mais depressa que podia, exigindo tudo do animal até chegar na paróquia. Temia que alguém viesse em seu encalço.

Entrou pelos fundos e foi para dentro de casa. Segurou sua pistola ao notar que havia luz acesa dentro da casa. Era tudo o que precisava para descobrirem sua verdadeira identidade. Abriu a porta de uma vez e apontou a arma para o intruso.

Era Donna. Respirou aliviado, enquanto ela gritava de susto e se aproximava dele, preocupada.

— O que houve, Brad? — Ela fechou a porta e o acompanhou até o pequeno sofá.

— Foi um tiro de raspão. — Ele explicou e começou a desabotoar a camisa. Ela o ajudou.

— Um belo tiro de raspão! — Ela constatou. — Eu cuido disso. Tem algo para limpar?

— No quarto — apontou.

Ela voltou com uma pequena caixa nas mãos e se sentou ao lado dele.

— Em que se meteu desta vez? — Ela perguntou, enquanto começava a limpar o ferimento e felizmente constatava não ser nada grave.

— Estava de campana na propriedade de seu pai e os ladrões chegaram. — Ele contou fazendo uma careta quando ela jogou o remédio no ferimento. — Eu atirei neles.

Ela arregalou os olhos:

— E o que houve?

— Um deles morreu, os outros dois fugiram. Tenho certeza que acertei o braço de um deles — assegurou. — Talvez amanhã, descubra quem era.

— O que ficou poderá contar tudo, não é?

Brad a encarou e fez que não:

— Ele morreu.

— Que azar!

— Não maior do que o garoto teve, Donna. Se tratava de Clay Pearl.

— Mas ele é só um garoto... E por que ele roubaria o gado? Os avós dele têm dinheiro suficiente para que ele tenha uma vida muito boa. — Ela ponderou. — Não entendo...

— E atirei em Tim para fugir, ele chegou depressa demais ao local, também deveria estar por perto e correu para lá ao ouvir os tiros...

— Foi ele quem acertou você?

— Sim...

— Você teve sorte, Brad. Tim é um dos melhores atiradores da região. — Ela fez que não. — A sorte é que sua batina esconde tudo isso, do contrário, você teria que dar muitas explicações.

— Eu sei...

Eles se encararam e ele segurou a mão dela.

— O que faz aqui, Donna?

— Fiquei com saudades...

Os olhos dele passaram pelo rosto bonito, pelo brilho dos olhos dela e chegaram aos lábios. Ele a segurou pela nuca e a puxou para um beijo apaixonado. Também sentira a falta dela e a trouxe para seu colo sem deixar de beijá-la, Donna era tudo o que precisava para afastar o estresse de seu trabalho e a dor em seu ombro. Ela o fazia esquecer tudo, inclusive a decência e o fato de que ela não era sua esposa, sequer sua namorada. Mas a sentia como sua mulher, agora e sempre.

Suas mãos deslizaram pelo corpo dela até alcançarem seus quadris e notar que ela usava saias. Ele sorriu e afastou-se para encará-la:

— Saias? — Apenas agora havia notado.

— Foi a primeira roupa que peguei para usar quando vi que não estava sendo vigiada esta noite... — explicou.

— Está sendo vigiada? — Ele franziu o cenho, se fazendo de tolo.

— Infelizmente, sim... Meus irmãos! Eles pensam que me enganam, mas eu os vi! — encolheu os ombros. — Aquele cabelo loiro de Tim se enxerga há quilômetros de distância...

Ela se ergueu e pegou os apetrechos para terminar de fazer o curativo no ombro ferido.

— Não pode continuar vivendo assim... — disse acariciando o braço dela.

— Já discutimos isso e estou decidida, não volto para a casa e estou disposta a trabalhar sozinha...

Ele a encarou e enxergou aquela admirável determinação em seus olhos. Nada a demoveria de conseguir o que queria e ele não se colocaria entre ela e o sonho que desejava realizar.

— E o que pretende fazer?

Ela o olhou com um ar sonhador:

— O senhor Brown uma vez me falou sobre a Revolução Industrial na Inglaterra, e que os trabalhadores iriam sobreviver apenas com sindicatos e cooperativas... — contou orgulhosa. — Decidi criar a primeira cooperativa de Crescentfalls...

Ele ficou surpreso. O sonho dela o tocou profundamente. Donna não queria algo apenas para si, ela queria compartilhar com todos o seu sonho de construir um lugar melhor, ela era fascinante.

— Isso é muito inteligente, querida. Mas como pretende fazer isso?

O interesse dele a comoveu e ela despertou a necessidade de compartilhar com ele algo tão delicado que ao longo dos anos foi massacrado pelo preconceito dos que a cercava.

— Convidei a velha Trulie, que sempre foi costureira para se unir a mim. Como ela vive sozinha, concordou em me ajudar com as costuras, e hoje falei com a Gertrudes Thompson, uma solteirona que é desprezada pela família, e ela amou a ideia de poder ter seu próprio dinheiro! — contou com um entusiasmo incrível. — Tenho economias para comprar mais duas máquinas de costura e a primeira produção de couro. E amanhã começarei a visitar as outras viúvas e fazer as propostas a elas.

— Pelo visto sua cooperativa vai mais longe do que imaginava. — Ele comentou orgulhoso. — Tem tudo para crescer..

— É tão bom ouvir isso. — Ela o fitou com carinho. — Ninguém jamais acreditou em mim — lamentou. — Mas isso não me fez desistir!

— Sempre terá meu apoio, Donna, nunca duvide disso. Não vejo nenhum mal em você querer trazer prosperidade para a cidade onde mora.

Ela ficou emocionada e engoliu em seco para não deixar que as lágrimas caíssem. Brad não tinha noção do quanto aquilo mexeu com ela e a fez ter certeza que jamais poderia amar outro homem que não fosse ele.

— Mas vou precisar da sua ajuda — revelou.

— O que precisa, minha querida? — Ele passou a mão pela cintura fina e acariciou, e ela se acomodou no braço do sofá.

— Primeiro, já consegui um bom fornecedor de máquinas de costura. A velha Trulie me indicou um distribuidor em San Antonio e escrevi essa semana fazendo dois pedidos! — informou orgulhosa de seu feito.

— O que mais precisa?

— Essa é a parte difícil... — fez uma careta engraçada.

— E qual seria?

— Conseguir comprar o couro que sobra da família Clarckson.

O orgulho dela não lhe permitia ir até o pai e falar com ele.

— Fale com seus irmãos...

— Eles não vão vender para mim por puro orgulho ou usarão isso para que eu volte para casa... — argumentou. — Preciso de alguém neutro que compre as sobras para mim...

— E acredita que eles venderão para um simples padre sem desconfiar de

nada? — questionou com ironia.

Ela encolheu os ombros:

— Não tenho a quem mais recorrer — falou sem graça.

Isso poderia colocar a identidade dele em risco e toda sua missão. Entretanto, Brad parecia não se importar realmente com isso, afinal, estava disposto a tudo para fazer Donna feliz.

Ele concordou:

— Está bem. Darei meu jeito para conseguir o que quer...

Ela deu um gritinho de felicidade e o beijou rapidamente. Ele gemeu de dor quando ela tocou o ombro ferido.

— Desculpe-me... — Ela riu. — Não sabe o quanto isso me faz feliz!

Brad sorriu charmoso e entrelaçou a mão nos cabelos dela, puxando-a para mais perto.

— Vê-la feliz é tudo que eu quero, *baby*...

Seus olhares se encontraram pesados de desejo e Brad a beijou voraz. A dor no ombro aumentou, mas isso não era nada perto da necessidade que sentia de tomá-la mais uma vez, havia saudade, cobiça, luxúria.

— Senti sua falta ... — Ela sussurrou entre os beijos.

— Ah, querida... Eu também...

Sem dificuldade, Brad abriu a própria calça e Donna se sentou com as pernas em volta das coxas musculosas. Ele puxou a saia dela para cima e acariciou a pele de veludo, até fazê-la sentar-se sobre ele. Ela gemeu alto e ele capturou sua boca, calando o desejo que ela experimentava. As mãos dele seguraram os quadris dela e a faziam se movimentar sobre ele, a princípio de maneira lenta e torturante, mas em poucos segundos ele se viu remetendo contra ela, forte e intenso.

— Brad, por favor... — Ela murmurou perdida.

Ele apertou os dedos na pele dela, marcando-a também com seu prazer indescritível. Brad voltou a beijá-la ofegante e tomou seu pescoço. Abriu sua camisa e sugou o mamilo ereto. Donna sentia o corpo entorpecido e sensível pelo gozo que surgia cada vez mais forte dentro dela e levantou a cabeça dele para poder beijá-lo mais uma vez. A mão de Brad desceu por entre as pernas dela e ela gemeu de leve, e deixou que seu corpo explodisse contra o dele, quente e vibrante. Ele a segurou e jogou a cabeça para trás e gozou dentro dela, sentindo-se completo.

As batidas na porta interromperam o momento sublime. Olharam para a porta e se encararam quando as batidas continuaram insistentes.

— Padre! — Era a voz de Tim Clarckson. — O senhor está bem?

— Merda! — Brad praguejou por entre os dentes.

Donna levantou-se depressa.

— Padre? — Tim insistiu.

— Já vou, meu filho! — respondeu antes que o rapaz colocasse a porta abaixo e os flagrasse. Seria um desastre. Ele olhou para Donna que estava linda e ofegante. — Se esconda em meu quarto.

— Não pode atendê-lo desse jeito! — Ela o aconselhou apontando o peito nu.

Brad concordou com ela e fechou a calça depressa. Donna pegou a camisa suja de sangue e olhou para o curativo que ainda sangrava. Não deviam ter feito amor, era um esforço muito grande para quem levava um tiro, mesmo sendo de raspão. Rapidamente, foram até o quarto, ele pegou a batina e a vestiu fazendo uma careta de dor e ajeitou os cabelos como pôde.

— Fique aqui. — Ele pediu. — Prometo não demorar...

— Acredita que ele o seguiu? — perguntou tensa.

— Duvido muito, mas por precaução, não saia daqui, mesmo se ouvir tiros... — aconselhou.

Ela assentiu, mas em seus olhos Brad enxergou a promessa de que velaria pela vida dele se fosse necessário.

— Mulher teimosa! — Ele fez que não e a beijou antes de sair do quarto e se dirigir à porta e abri-la. — Sim?

Não era apenas Tim Clarckson, com a mão direita enfaixada, mas o patriarca da família estava com ele.

— Boa noite, padre. — John Clarckson entrou olhando ao redor como se procurasse por algo. — O senhor está bem? — olhou para o padre. — Parece pálido!

Brad perguntou o que ele acharia se dissesse que estava fazendo amor com Donna a poucos minutos. O homem estouraria seus miolos.

— Comi algo que me faz mal! — desculpou.

Ele aceitou a resposta.

— Tivemos um problema esta noite em nossas terras. — John explicou.

— Um dos ladrões que invadiu foi ferido e morreu.

— Santo Deus! — fingiu.

— E precisamos de sua ajuda para dar a notícia a família.

— Claro, certamente. — Brad não teve alternativa a não ser segui-los.

Capítulo XIX

— Eu já desconfiava que ele estivesse fazendo algo muito errado. — A senhora Pearl dizia a Brad e John Clarkson.

Ela não esboçou nada além de tristeza ao receber a notícia. A mulher era um poço de frieza e amargura. John e Brad se entreolharam diante da confissão da mulher. Estavam sentados à mesa da grande cozinha no segundo andar do comércio que possuíam.

— E por que a senhora acreditava nessa ideia? — Brad quis saber.

— Ele começou a aparecer aqui com objetos mais caros do que a mesada que dávamos a ele poderia comprar. — Ela fitou o marido que parecia cansado e olhou para o padre. — Comprou até um cavalo novo de George Haswell. — Ela se referia ao ferreiro da cidade. — Apesar de termos dinheiro, não temos o suficiente para um cavalo novo, um Puro Sangue.

— E a senhora sabe me dizer com quem ele estava andando ultimamente? — Brad prosseguiu sob o olhar atento de John.

— Os mesmos de sempre. Aqui em Crescentfalls não há tantas pessoas que não possamos reconhecê-las. — Sua voz soava indiferente. — Adam Palmer; o filho de Haswell, Oliver; Frank Wilson e até mesmo seu filho. — Ela fitou John. — Jerry. E alguns cavaleiros da fazenda Shepherd.

— Poderia nos dar os nomes dos cavaleiros? — Brad pediu sério.

— Acredito que sim. — Ela forçou a memória e disse o nome de quatro rapazes.

Brad olhou para John:

— O senhor reconhece esses nomes?

— Sim. — John ajeitou o chapéu na cabeça.

— Perfeito, senhora. Obrigado pelas informações. — Ele se levantou. — Iremos investigar e se tiver qualquer nova informação, nos procure...

Ela e o marido se entreolharam diante da atitude estranha do padre. John o seguiu para fora da casa.

— O senhor seria um excelente xerife, padre. — John comentou com sarcasmo, mas sem nenhum humor.

Brad havia se esquecido por completo do disfarce. Parou de andar e

pensou por alguns segundos que aquela sua missão estava sendo um desastre: ele não conseguia ser um padre normal, estava apaixonado pela filha proibida do fazendeiro mais perigoso da região, e não conseguia esconder seu lado investigador e sua personalidade forte e impulsiva. E agora, mais do que nunca, precisava do apoio de John Clarckson para investigar os funcionários dele e inclusive seu filho, Jerry. Como conseguir isso sem que o homem desconfiasse de nada?

Brad voltou-se para ele. Na escuridão da noite, quando apenas as tochas das ruas os iluminavam, e viu o olhar de desconfiança de Clarckson.

— Não quer que eu acredite que um simples padre consegue interrogar uma mulher como se estivesse diante de um perigoso fora-da-lei! — John falou sem rodeios.

Havia uma coisa que Brad primava em sua vida: a honestidade. Não era uma boa ideia que outros soubessem de sua missão, mas tinha certeza que John não era o assassino de padres e muito menos roubava seu próprio gado. Estava na hora de jogar todas as cartas e solucionar aquele caso o mais depressa possível. Pelo bem dos habitantes de Crescentfalls, por Donna e pela continuidade de sua carreira como um Texas Ranger.

— Acredito que esteja na hora que o senhor saiba a verdade — devolveu com a mesma agressividade. Não ia se deixar intimidar.

— Devo atirar em você agora ou depois que me contar tudo? — John o questionou colocando a mão no coldre.

Brad olhou para a mão dele sem se abalar e o encarou:

— Pense bem no que vai fazer, Clarckson. Seja rápido, porque se atirar e não me matar, acabo com sua vida... — ameaçou sem rodeios.

— Está me ameaçando, padre? — estreitou o olhar.

— Não quero briga, estou aqui neste lugar em paz. Mas não vou me intimidar com suas palavras. De onde venho, ações falam mais que um vocabulário carregado de ódio.

— Um homem que usa a mentira para se estabelecer, não pode estar agindo de boa-fé! — John devolveu.

Brad se aproximou dele e o encarou:

— Não sou um ladrão de gados ou seu inimigo.

— Então, quem é? — John o questionou. — Padres não sangram no ombro sem um motivo plausível. — Ele apontou para a batina suja de um líquido escuro.

Com certeza Tim lhe dissera que o fugitivo fora atingido no ombro. Brad olhou para a própria roupa e depois para John. Não podia mais ocultar a verdade:

— Está tarde, senhor Clarckson, é melhor ir para sua casa com seu filho e descansar. Amanhã cedo, irei até sua fazenda e teremos uma conversa.

John deu um passo para ele:

— Espero não ter que caçá-lo — advertiu desconfiado.

— Seria mais fácil que eu o caçasse! — Brad o afrontou sem esconder sua verdadeira personalidade. Embora fossem da mesma altura, Brad era mais forte e rápido. — Amanhã estarei bem cedo em sua casa — firmou sua palavra e sem dizer mais nada se afastou em direção à igreja.

Brad estava disposto a dizer a verdade a ele. Sabia que Clarckson o ajudaria e estaria muito interessado em descobrir quem roubava seu gado. Entretanto, não podia convidá-lo a casa paroquial sem saber se Donna ainda estava lá e lhe mostrar os documentos que provavam o que tinha a lhe dizer. O prejuízo para a moça seria um desastre maior do que o esperado. Se o pai já a odiava por estar dormindo com um desconhecido, ficaria louco se descobrisse que era com um padre que ela se encontrava, e na casa atrás da igreja. Um verdadeiro sacrilégio.

Sabendo que de longe Tim Clarckson o seguia com o olhar, voltou para a casa e entrou, trancando a porta em seguida e passando o ferrolho. Não era muito, mas lhe dava certa segurança de que os Clarckson não invadiriam a casa de um padre sem ter certeza do que ele tinha a dizer. Foi até o quarto e encontrou Donna deitada na cama. Ao vê-lo, ela se levantou depressa.

— Como foi?

Brad tirou a batina e olhou para o curativo sujo de sangue.

— Os Pearl receberam a notícia como se já esperassem por isso — contou. — Tenho a sensação que a senhora Pearl sabe mais do que fala.

— Você a interrogou?

— Sim... — confessou. — Realmente, esse disfarce de padre está sendo um desastre! Eu deveria ter vindo como autoridade policial mesmo, estaria facilitando muito mais o meu trabalho — comentou enquanto se livrava das botas.

— Padres não interrogam pessoas. — Ela sorriu.

— Eu sei e seu pai também sabe — falou de modo significativo.

— O que quer dizer com isso? — perguntou preocupada.

— Acredito que ele desconfia que não sou um padre. Aliás, acredito que ele tem certeza que não sou um padre depois desta noite.

— Oh! Meu Deus! E o que vai fazer? Meu pai vai ficar no seu encalço até descobrir a sua história. Ele se torna um homem perigoso quando provocado!

— Não tenho medo dele — voltou a ficar de pé. — Mas decidi me abrir com ele — contou.

— Tem certeza? Não acha arriscado?

— Seu pai não pode estar roubando a si mesmo — conjecturou. — Além disso, seu irmão Jerry e mais quatro cavaleiros da fazenda Shepherd andavam juntos com o neto da senhora Pearl nos últimos tempos... Como vou investigar seu irmão sem chamar a atenção de sua família?

— Jerry? — Ela fez que não. — Ele jamais nos roubaria, é um dos herdeiros! Além disso, depois de Tim, é o segundo no comando.

— Talvez estar em segundo lugar não seja do agrado dele — ponderou.

— Não — falou convicta. — Meu irmão é um homem íntegro. E o fato dele ter amizade com Clay não faz dele um ladrão! — justificou — Apesar da pouca idade, Clay Pearl andava com gente mais velha, não há muitos garotos da idade dele por aqui... E ele sempre foi meio rebelde...

— Rebelde?

— Causador de problemas para os avós. Gosta de uma briga, enfrentava os mais velhos com falta de respeito, chegou a cuspir no padre uma vez...

Brad se atentou aquele detalhe:

— Ele brigou com o padre?

— Com todos, eles diziam que ele tinha o diabo no corpo e o menino os agredia... — Ela avaliou. — Mas ele não seria capaz de matá-los, Brad. Um gênio ruim não faz de um homem um assassino!

— Mas é capaz de roubar gado — contrapôs mordaz.

Brad parou diante dela e a encarou:

— Não quero mais falar sobre isso — tocou seu rosto com carinho. — Pensei que a encontraria nua debaixo dos meus lençóis... — falou malicioso.

— Eu ia embora, mas vi meus irmãos rodeando as ruas, achei arriscado me verem. Teria que dar explicações e se já desconfiam de você, teriam certeza de que não é um padre — completou.

— E vai ser perigoso a noite toda, seu pai deve estar vigiando a casa agora que desconfia de mim — sentou-se na cama e a puxou, fazendo-a se sentar

ao lado dele. — Então vai ter que passar a noite aqui, comigo.

Brad levou os lábios ao pescoço dela. Não eram os planos dela ficar, mas o que tinha a perder? Deixou que ele a abraçasse e toda sua resistência em partir se desvaneceu diante das carícias dele. Brad desabotoou a saia dela e Donna ficou em pé, deixando o pesado tecido escorregar até o chão, ficando apenas com a camisa.

Ele a puxou, colocando-a entre suas pernas, levantou a camisa e beijou a barriga e foi subindo, enquanto ela se abaixava. Brad a virou de uma vez sobre a cama e deitou-se sobre ela, a possuindo enquanto abria sua camisa e sugava-lhe os seios entumecidos. Ela o enlaçou com as pernas e acompanhou os movimentos arrastando-se para o paraíso que apenas ele podia levá-la.

— Espere que eu saia... — Ele avisou enquanto se arrumava para ir até a fazenda Shepherd. — E, então, pode ir embora.

Havia amanhecido e o sol penetrava levemente entre as janelas. Ela o viu prender duas pistolas na parte inferior da perna. Deitada de lado, ela apoiou a cabeça na mão e fitou o tórax bonito e o homem fascinante por quem estava completamente apaixonada.

— O que foi? — Ele perguntou.

— Vou sentir sua falta quando voltar para Austin...

Brad sentiu o músculo retesar ao ouvi-la falar sobre eles sem nenhuma perspectiva para um futuro juntos. Ela deixou bem claro que não queria se casar e muito menos sair de Crescentfalls, e ele não tinha planos de abandonar Austin e deixá-la para trás. Estavam em um terrível impasse e ambos tinham uma vontade ferrenha. Por causa dessa diferença, ficaram por dias afastados e ele não queria que isso se repetisse. Preferiu usar outra tática.

— Também sentirei a sua... — respondeu com um sorriso.

Donna surpreendeu-se com a mudança de opinião de Brad. Na última vez que conversaram, ele deixou bem claro que a queria como esposa. Não pôde deixar que um lapso de decepção a acomettesse, mas tratou de afastá-la, afinal, não era isso que desejava?

Ele terminou de se arrumar, se aproximou dela e beijou-a com intensidade. Olharam-se e ele se foi. Ela sentiu um grande vazio no peito e

fechou os olhos irritada por pensar que não queria que ele partisse, mesmo que sua razão lhe dissesse o contrário.



Brad sabia que estava sendo vigiado de perto pelos homens de Clarckson, mas não se importou com isso. Não tentariam algo contra ele sem que antes falasse com o dono da fazenda. E atirava bem, caso tentassem algo contra sua vida. Mas sua viagem até a fazenda Shepherd foi tranquila e logo que chegou, Tim o levou até seu pai. Pelo olhar amistoso do filho mais velho, John não havia comentado sobre suas desconfianças.

Entrou no escritório e o encontrou sentado atrás da grande mesa de madeira. Fumava um charuto e cumprimentou Brad com um leve aceno carregado de cinismo.

— Aceita um charuto, padre? — perguntou com leve sorriso irônico.

— Aceito. — Brad pegou um da caixa e John lhe deu o isqueiro para acender. Tragou e sentou-se confortavelmente na cadeira. — Estava sentindo falta disso.

— Agora que as máscaras caíram. — Ele encarou o falso padre. — Pode me dizer quem é, e o que faz na minha cidade?

Brad soltou a fumaça e sorriu mordaz:

— Essa cidade não é sua Clarckson, ela pertence ao Estado — lembrou-o. — Por isso, estou aqui.

— Trabalha para o governador? — questionou incrédulo.

— Também... Sou oficial legal que trabalho para o governo, geralmente, sou enviado a lugares onde a autoridade responsável não consegue pôr um fim em certos problemas — contou. — Somos chamados de Texas Rangers, eu caço assassinos e ladrões...

John surpreendeu-se:

— Mesmo?

— Pode entrar em contato com as autoridades em San Antonio ou Austin, eles sabem que estou aqui.

John balançou a cabeça:

— Eu deveria ter desconfiado pela maneira incisiva que falou com a senhora Pearl ontem à noite.

— Tenho que admitir que meu disfarce como padre não deu muito certo. Deve ser por causa da minha origem protestante — ironizou.

— Você enganou bem, mas comecei a desconfiar que não era padre ontem à noite, quando vi o cavalo de Donna Mae escondido no fundo da igreja — contou com raiva dissimulada. Brad não iria fugir de suas responsabilidades. — Eu deveria explodir seus cornos! — ameaçou com o dedo em riste.

— E deixar sua filha desonrada? — retrucou.

John se levantou:

— Vai ter que se casar com minha filha, seu miserável!

— Pode ficar furioso, se quiser, mas a culpa não é minha, Donna Mae insiste em não querer se casar. Eu já pedi, mas ela não aceitou — contou com uma tranquilidade invejável.

O pior, era que John acreditava nele, conhecia sua filha.

— Merda! — John bateu a mão na mesa. — Aquela... — Ele parou de falar quando viu a expressão de raiva de Brad. — Teimosa! — completou e encarou Brad, estudando-o. — Eu devo matá-lo por ter desonrado minha filha...

— Não há desonra entre nós — assegurou. — Amo sua filha e ela a mim.

— Ama minha filha? — zombou.

— Mais do que imagina — asseverou. — E estou disposto a tudo para que ela se case comigo.

John deu uma risada.

— Em outras circunstâncias, eu cortaria seu saco fora e jogaria para os coiotos — assegurou sem nenhum humor. — Pensei em fazer isso ontem à noite, mas como Donna não saiu nenhum instante de sua companhia, tive a certeza que ela também está apaixonada e me mataria se eu tocasse em um fio de cabelo seu.

— Ela é bem determinada — falou orgulhoso. — Vim até aqui falar sobre isso, mas também decidi revelar minha identidade porque quero e tenho que pegar os ladrões de gado e o assassino dos padres.

— Ampliou sua missão — deduziu.

— Embora, eu acredite que os roubos não estão ligados as mortes dos padres, não posso descansar vendo Donna correndo qualquer perigo e sei do que esses forasteiros são capazes...

John concordou:

— Eles vêm me roubando há alguns meses. Parecem não ter medo das ameaças que faço e sabem que cumprio. Costumo degolar meus inimigos sem piedade — confessou.

— Espero que não volte a fazer isso, detestaria prender meu futuro sogro — advertiu levemente.

— Não sei se eu o admiro por ser corajoso em me ameaçar!

— Acredito que sempre que nossos interesses baterem de frente será assim, entretanto, por Donna podemos ser civilizados enquanto for conveniente!

— Concordo. — John assentiu.

Brad decidiu retomar o assunto principal:

— Ouviu os nomes que a senhora Pearl disse ontem à noite — comentou. — Indicaria algum como suposto ladrão?

— Sim — respondeu sem pestanejar. — Desconfio de algo há algum tempo — admitiu. — E talvez sua ajuda será de bom grado para mim.

— Está feito. Pegarei os ladrões e como pagamento, quero algo em troca.

John franziu o cenho e o fitou, incrédulo:

— Pensei que não pedisse dinheiro em troca do seu trabalho... que o governo o pagasse bem para não querer suborno!

— Vou fingir que não entendeu meu pedido como um crime! O favor que preciso tem a ver com Donna.

— Depois do que houve entre vocês, acredito que me pedir a mão dela em casamento seria um desperdício de tempo, vocês têm que se casar, claro. Tem meu aval.

— Não é isso! — Fez que não — Quero as sobras dos animais, couro, chifres, tudo para Donna.

— Está brincando... — balançou a cabeça incrédulo. — Ela o convenceu com essa história de cooperativa?

— Ela não tem que me convencer de nada. — Brad o cortou e tragou devagar, então soltou o ar. — A felicidade dela está acima de qualquer coisa e se ela quer uma cooperativa, ela vai ter. — A determinação dele surpreendeu o futuro sogro. — Vou investir no negócio dela.

John o estudou por um instante e recostou-se na cadeira:

— Ela sabe disso?

— Ela me pediu ajuda para comprar a matéria-prima, mas com o

dinheiro dela. Não o meu.

— Vai comprar uma briga feia com ela...

— Ela não vai saber — falou seguro. — Será um segredo nosso...

John aquiesceu.

— Não sei se o considero um louco ou um homem de honra por querer fazer isso por ela...

— Pense o que quiser. — Brad falou friamente. — O importante é Donna estar feliz.

— Tudo bem — concordou. — Não vou ser o impasse para a felicidade de minha filha, ainda mais depois do que fiz. Caroline me fez ver que agi na emoção ao colocá-la para fora de casa. Sabe que meu amor por Caroline não foi diferente do que você tem hoje. Contudo, sei que ela não voltará tamanho seu orgulho. Mesmo que eu implore!

— Isso é verdade. Ela encontrou a liberdade ao deixar a fazenda! Mantenha a cabana vigiada, isso é o suficiente. Donna tem o coração puro, ela vai ceder ao amor que sente pela família, logo. Dê tempo a ela.

— Estou perplexo com sua paciência — riu. — Deve ser por isso que tem certeza que vai se casar com ela.

— Sim...

— Sabe que ela não vai se mudar daqui...

— Também sei disso.

— E o que vai fazer?

Brad meneou a cabeça:

— Isso é um pouco mais complicado, mas farei o que for necessário — garantiu. — Eu amo sua filha — confessou. — E não vou abrir mão dela, por nada.

John o olhou como se tentasse encontrar um resquício de mentira. Mas aquele homem amava sua filha de verdade.

— Minutos antes de chegar, eu pensei que teria de matá-lo, mas vejo que não vou precisar — riu de novo e se levantou. — Gosta de uísque?

— Sim.

— Tenho do melhor... — hesitou. — Qual é o seu nome verdadeiro?

Brad se levantou e se aproximou do móvel em que John servia os copos com uísque:

— Bradford Dawson, senhor. Nasci em Boston, mas moro em Austin.

— Pode me chamar de John — ofereceu o copo a ele.

— Obrigado. — Brad tomou. — É muito bom.

— Foi presente do governador. — John também tomou. — Posso saber quais são os seus planos para pegar os ladrões?

— Sim... Eu lhe direi tudo e trabalharemos juntos nisso, tenho pressa em solucionar esse caso.

— Agora, *eu* preciso lhe pedir um favor. — John sussurrava.

— E o que seria?

— Já que não é mais padre, não poderá fazer mais meu casamento com Caroline...

— Isso é certo...

— E peço que não diga nada a ela até que o casamento ocorra com a chegada do novo padre. — Ele observou muito sério. — Devido à quebra de promessa que você lhe deu.

Brad compreendeu e assentiu:

— Tudo bem. Com certeza, a igreja já deve estar enviando outro padre e ele deve chegar assim que eu partir.

— Perfeito! — John falou aliviado. — Caroline é muito teimosa... É capaz de abrir mão do casamento se descobrir que não é um padre e a enganou.

— Não a enganei! — defendeu-se. — Eu a ajudei a ser feliz! — corrigiu.

— E fez um bom trabalho, eu em mais de vinte anos nunca consegui fazê-la mudar de ideia. Ela é muito teimosa — pensou por um instante. — Donna e ela são muito parecidas.

— Compreendo perfeitamente. Guardaremos nossos respectivos segredos.

John bateu no ombro de Brad:

— Desde que faça minha filha uma mulher honrada e feliz, seremos grandes amigos — anunciou.

— Tomara! — ergueu o copo.

— Eu deveria obrigá-los a se casar! — John asseverou por um instante.

— Faça isso e Donna fugirá para o mais longe daqui — simplificou o resultado.

— Ela não vai embora — falou seguro.

Brad encolheu os ombros:

— Mesmo que ela fique, jamais o perdoará por obrigá-la a fazer algo que não deseja...

— Será que não deseja mesmo ou não teve motivação suficiente para aceitá-lo? — questionou.

— Se pensa assim, conhece sua filha muito pouco...

— Talvez, você que não tenha percebido o quão vulnerável ela é para lutar contra algo tão natural em uma mulher...

— E o que seria?

— Viver longe do homem que ela ama...

Brad bebeu o restante do uísque e forçou um sorriso. A última coisa que precisava era irritar aquele homem e mais do que nunca necessitava convencer Donna a se casar com ele. Sabia que seria mais fácil prender ladrões do que convencer Donna Mae Clarckson de qualquer outra coisa com a qual ela não concordasse! Entretanto, a ideia que talvez ela não o amasse o suficiente para se casar com ele, o deixou muito incomodado.

Capítulo XX

— Não vou me casar com ele! — Beth Lee disse magoada com os olhos cheios de lágrimas. — Prefiro ser freira ou morrer a me casar com Adam Palmer!

Naquela manhã, o sujeito fizera o pedido de casamento a seu pai e Malick aceitou de bom grado, afinal, a última coisa que queria era Beth Lee mal falada ou uma solteirona dentro da sua casa. Assim que ouviu o “sim” de seu pai, ela surtou. Gritou dizendo que jamais se casaria. Entretanto, acabou indo para a cabana de Donna Mae. Precisava do ombro da amiga naquele momento.

— Sabe que não a deixarão em paz, não é? — Donna disse tocando o ombro da amiga. — Eles vão obrigá-la a se casar.

Beth Lee levantou-se e andou de um lado para o outro, lutando contra seus pensamentos.

— Não posso, Donna — olhou para a amiga. — Eu não o amo.

— Conversou com seus pais? — perguntou sabendo da resposta e Beth Lee assentiu. — Deve lutar por sua vida, Beth Lee!

— Não sou como você, Donna, sou fraca. Não tenho esse seu jeito de lutar contra tudo e todos e fazer valer minha opinião. — Ela fez que não, e a porta da cabana foi aberta, mas ela não notou. — Não vê como sou? — conteve as lágrimas. — Seu irmão me deixou e não consegui ir atrás dele e dizer que ele estava enganado e que eu o amava! Falar para ele confiar em mim e que tenho nojo de Palmer!

Donna olhou para o recém-chegado e de novo para Beth Lee. Não sabia o que fazer, mas sua amiga não parava de falar, e ela não conseguia cortá-la.

— Adam Palmer é o homem mais nojento que conheci! — falou com raiva segurando as saias de seu delicado vestido, como se pudesse rasgá-las. — Quando ele se aproxima e me olha daquele jeito horrível, minha vontade era de contar para Bob, mas temia causar um problema maior, então me silencieiei! E veja no que deu, Donna! Perdi Bob para sempre e vou ter que me casar com um homem que me faz sentir suja... Não sei o que vou fazer... Meu pai vai me obrigar a casar com aquele porco agora que aceitou o pedido... E vou passar o resto da minha vida lamentando por nunca ser forte e lutar por Bob!

Ela soluçou e levou a mão aos lábios, desesperada. Donna se levantou

para abraçá-la, mas o barulho vindo da porta chamou a atenção de Beth Lee, finalmente. Ela olhou para amiga, que lamentou:

— Sinto muito...

Beth Lee sentiu o coração gelar e arregalou os olhos temerosa, antes de se voltar para trás e ver Robert Clarckson parado bem ali, como se fosse um fantasma, olhando de forma impassível. Voltou a olhar Donna, sentindo que tremia sem parar.

— Eu... — Beth Lee acordou do rápido choque que a tomou. — Estava de saída.

— Fique. — Bob pediu quando ela deu um passo em direção a saída. *Na direção dele.*

O coração de Beth Lee batia descompassado. Levantou o olhar para ele, sem saber o que fazer, estava nervosa demais. Não conseguia raciocinar direito. Era como se tivesse perdido totalmente o controle de sua vida.

— Vou... — Donna limpou a garganta. — Vou dar uma volta... — passou depressa por Beth e depois pelo irmão e olhou para ele com um pedido mudo de “*Não estrague tudo*”.

Bob olhou para a irmã e a viu fechar a porta e, então, se voltou para Beth Lee. Ele engoliu em seco, enquanto a olhava. Era a primeira vez, depois do que ocorrera, que ele a fitava atentamente, de tão perto, olhos nos olhos e ela parecia tão frágil, o rosto manchado pelas lágrimas, o nariz vermelho. Tinha ido até ali para falar com sua irmã e encontrou Beth Lee desabafando suas frustrações. Era tão diferente dela fazer isso, ele mesmo jamais a viu furiosa ou dizendo qualquer palavra fora do lugar e era essa tranquilidade dela que o atraía. Ver aquele lado de revolta e angústia cortou seu coração como ele jamais imaginou ser possível.

Ficaram algum tempo em silêncio, sem saber o que fazer ou falar. Ela estava constrangida por ele ter ouvido tudo ou parte da conversa. Não sabia se teria piorado a situação entre eles, se é que havia espaço para agravar alguma coisa.

— Palmer fez o pedido. — Ele concluiu.

Ela aquiesceu, enquanto enxugava as lágrimas.

— E pelo visto, não lhe sobrou muita coisa a não ser aceitar...

Beth Lee sentiu um aperto no coração diante da indiferença dele. Não podia acreditar que depois de tudo que ele ouvira, não se compadecia da dor dela. Talvez, ele nunca a tenha amado e ela se enganara terrivelmente sobre ele. Olhou para as luvas e depois para ele:

— Ouviu tudo o que eu disse — tomou coragem para falar.

Robert deu um passo para ela e depois outro, mas manteve uma distância significativa.

— Vai desobedecer a seu pai? — Ele a questionou. — Vai fugir ou se tornar uma solteirona? O que você pretende...

Beth Lee estava cansada:

— Juro que não era esse tipo de pergunta que eu imaginava que você faria. — Ela o interrompeu e passou a mão pela testa antes de dar um passo e ficar bem diante dele, sentir o calor de seu corpo e olhar dentro de seus olhos. — Sempre sonhei que em algum dado momento, você pudesse ver a besteira que estava cometendo ao me desprezar e ficar longe de mim por causa da fofoca. Que se recordasse de tudo o que tivemos juntos, dos beijos... — Ela levou a mão aos lábios dele e Robert ofegou. Beth Lee fechou os olhos como se pudesse senti-los contra os seus e depois o encarou com os olhos cheios de dor. — Do carinho e do amor incondicional que lhe devotei...

Ela se afastou e fez que não.

— Mas ao invés disso, você me abandonou. Deixou que eu me afundasse no meio das línguas afiadas, deixou que me difamassem, e meu nome se tornasse sinônimo de desonra — fez que não. — Juro que todos esses dias, não houve um em que eu não clamasse em silêncio por seu perdão, e que Deus também me perdoasse por ser tão tola e não saber dizer não e ter deixado Adam Palmer carregar aquelas malditas sacolas!

— Beth Lee, eu...

— Nada do que disser agora, vai mudar minha decepção! — assegurou sem deixá-lo falar. — Talvez, se em algum momento, seu amor fosse tão forte e verdadeiro como o meu, você teria subido pela minha janela e me roubado um beijo, mesmo que sentisse raiva por minha tolice!

Ela suspirou.

— Não vou desobedecer a meu pai, Bob. Vou me casar com Adam Palmer, sabe por quê? — Ela não esperou resposta. — Embora ele seja o homem mais nojento que já conheci, ele tem mais respeito por mim e amor do que você!

Dizendo isso, ela saiu da cabana batendo a porta com força. Viu Donna sentada do lado de fora. A amiga se levantou, mas Beth Lee fez sinal para que não se aproximasse, precisava ficar sozinha. Donna a viu partir a largo galope e entrou na cabana.

— O que foi que você fez, seu idiota? Não ouviu tudo o que ela disse?

Robert passou correndo pela irmã e saiu da cabana.

Donna pensou em ir atrás dele para livrar sua amiga da ignorância do irmão, mas antes que ela se movesse a porta da cabana foi aberta novamente. Pensou que o casal teria voltado, mas era Jeremiah, seu irmão.

— Jerry! — bufou. — Você viu Bob?

— Ele acaba de montar o cavalo e sair atrás de Beth Lee. — Ele falou entrando.

— Aqueles dois tolos apaixonados! — Ela os reprovou.

— Eles vão se entender, Donna. Bob a ama e não vai deixar que ela se torne a senhora Palmer, não se preocupe! — assegurou tranquilo, mas sua expressão não era muito agradável.

— O que foi? — Ela se aproximou dele e tocou seu braço com carinho. — Há algo errado, meu irmão?

Jerry tirou o chapéu e o rodou na mão, antes de a fitar:

— Precisamos conversar, Donna!

Ela ficou apreensiva. Lembrou-se do que Brad lhe dissera sobre o irmão estar envolvido no roubo de gado da fazenda Shepherd. Ela tocou os ombros dele:

— O que está acontecendo? — exigiu saber, tensa.

— Tenho algo para lhe dizer, mas você não vai gostar. — Ele a alertou.

— Diga de uma vez, Jerry! Você está me deixando ansiosa!

— Ansiosa é a última coisa que você vai ficar quando eu lhe contar tudo...

— Fale logo!

Jerry assentiu e começou a falar.

— É melhor se sentar... — Ele avisou e Donna o fez, pronta para ouvir o pior.

Lá fora, Bob montou em seu cavalo e saiu no encalço de Beth Lee. Viu Jerry chegar à cabana, mas não teve tempo de falar com ele, tinha algo muito importante para fazer. Ele demorou um pouco para alcançá-la, mas conseguiu segurar a rédea do cavalo que ela montava, a obrigando-a parar.

— Solte! — Ela tentou fazê-lo soltar.

Ele desmontou, soltou as rédeas e a obrigou a descer do cavalo. Beth Lee lutava contra ele, com raiva. Tentava acertá-lo com o punho, mas Bob era mais

forte e conseguiu paralisá-la, levantou as mãos dela para trás do corpo. Agora estavam próximos, ambos ofegantes, os corpos colados, a paixão à flor da pele. Bob a beijou, no começo, ela relutou, mas aos poucos foi cedendo, deixando a saudade tomar conta de seus sentidos e o desejo tão incomum que sentia por aquele homem falar mais alto.

Em poucos segundos estavam se beijando com ansiedade, algo que nunca lhes acontecera antes. Beth Lee sempre foi comedida, mantinha certa distância para provar o quanto era pura e queria se manter assim até a noite de núpcias. Bob a soltou e eles se abraçaram com loucura.

— Perdoe-me. — Ele murmurou de encontro ao pescoço dela, sentindo seu perfume. — Fui um tolo, orgulhoso, perdoe-me.

— Sim... — murmurou.

Bob afastou e tomou o rosto dela entre as mãos, beijando-a.

— Amo você... — Ele murmurou entre os beijos. — Amo você, Beth Lee. Case-se comigo, eu imploro, mande Adam Palmer para o inferno!

— Sim... — Ela riu nervosa e ele parou de beijá-la para mergulhar no brilho dos olhos dela.

— Vai se casar comigo? — Ele quis saber.

— Eu amo você, por que não me casaria?

— Seu pai vai ficar furioso. — Ele imaginou.

— Não ligo, Bob. Desde que esteja ao meu lado, pouco me importa o resto.

Ele a beijou.

— Senti tanto a sua falta. — Ele reclamou colando sua testa a dela. — Prometo nunca mais me afastar, Beth Lee, jamais voltarei a magoá-la dessa forma. Prometo em nome dos nossos filhos...

— Acredito em você!

— Vamos falar com o padre, agora! — Ele avisou e ela consentiu.

Juntos voltaram para a cidade. Foram a igreja, mas disseram que o padre estava na pensão de Malick. O que era bem melhor, todos já saberiam da novidade de uma vez.

Estavam todos na cozinha almoçando. Malick levantou-se ao ver a filha entrar de mãos dadas com Robert.

— O que está acontecendo aqui? — Malick quis saber sem humor.

Robert olhou para ele:

— Vou me casar com sua filha!

— O quê? — Sandy Lee falou alterada. — Como vão se casar? Ela está prometida a Palmer!

— Não mais. — Robert falou decidido e voltou-se para Malick. — Vou me casar com sua filha o quanto antes, dependendo apenas da liberação da igreja.

— Assumi um compromisso com Palmer esta manhã, rapaz. — Malick avisou contrariado. — E não estou disposto a voltar atrás.

Robert o enfrentou:

— Eu assumo todas as consequências que forem exigidas de sua quebra de palavra. Do contrário, eu e sua filha fugiremos.

— Como ousa me enfrentar dentro de minha casa? — Malick deu um passo para ele. — Ainda mais depois de ter abandonado Beth Lee sem dizer nada comigo? Por que eu iria querê-lo como marido para a minha filha?

— Porque eu a amo e sou o único capaz de fazê-la feliz! — respondeu segurando a mão dela com firmeza. — E meu orgulho quase me fez perdê-la. — Ele olhou para Beth Lee e beijou sua mão com carinho. — Prometi a ela que isso jamais voltará a acontecer. Não posso viver sem sua filha, Malick — olhou para o futuro sogro. — Então, ou me deixa colocar o anel no dedo esquerdo dela, ou a coloco no lombo de meu cavalo e me caso com ela na primeira paróquia que tiver por essas bandas...

Malick o encarou com desprezo. Olhou para a esposa que sorria feliz e depois se voltou para Robert:

— Eu deveria lhe dar uma lição, rapaz, por ter feito o que fez. Mas um homem é passível de erros e vejo que se arrependeu do seu. — Malick discursou para alívio dos demais. — Tem a minha benção — avisou, mas ergueu a mão. — Entretanto, se fizer minha filha derrubar uma lágrima que não seja de felicidade, terei de usar meu rifle no meio de sua testa! E nunca mais se aproximará dela!

— Sim, senhor. — Robert assentiu e feliz olhou para Beth Lee. — Agora, padre — voltou-se para Brad. — Precisamos marcar uma data.

— Com o maior prazer. — Brad falou entusiasmado.

— Não! — Sandy Lee gritou chamando a atenção de todos. — Se eu não vou me casar, ela também não vai!

— Acalme-se, Sandy. — Frank falou constrangido com a atitude da noiva.

— Acalmar? — Ela se livrou da mão dele posta em seu braço. — A única coisa que mais desejo nessa vida é me casar e não estou conseguindo! Tudo conspira contra mim e agora essa idiota chega e o padre diz que pode casá-los?

Todos a fitavam chocados:

— Mas ela ia se casar com Adam Palmer de qualquer forma. — Maggie justificou

— Não ia! — Ela gritou, convicta.

— Não? — Brad estreitou o olhar. — Como sabe que não?

Sandy Lee o olhou atônita. Ele notou na hora que ela sabia mais do que falava.

— Diga, senhorita. — Ele a intimidou. — Por que Adam Palmer não se casaria com sua irmã?

— Por... Porque ele é um mentiroso! — Ela justificou seus argumentos. — Aquele homem não vale nada, não gosta de ninguém!

Malick olhou para a filha de modo reprovador.

— O que isso não justifica sua histeria — falou sério e olhou para Brad. — Pode marcar o casamento de Robert e Beth Lee — autorizou.

— E o meu? — Sandy Lee vociferou aos prantos.

— Eu disse que não faria seu casamento, lembra-se? — Brad recordou. — E não costumo quebrar uma promessa.

— Por favor, padre. — Ela se ajoelhou diante dele e agarrou sua batina. — Por tudo que há de mais sagrado nesse mundo, deixe-me casar. Eu juro que nunca mais falarei mal de ninguém, eu só quero ter meu marido e minha casa...

Brad não se comovia com aquela cena de humilhação e muito menos com as falsas lágrimas dela. Aquela garota era uma víbora e sempre seria. Entretanto, ele não era o padre e também não podia ficar ali dizendo quem podia ou não casar. Marcaria casamento para quem quisesse para no mínimo dali um mês e, então, a igreja realizaria o ato, enviando um novo padre.

— Está bem — cedeu. — Marcarei o casamento de todos.

Sandy Lee levantou-se e gritou de felicidade. Beijou Frank e quase o derrubou da cadeira. E, então, deu-se conta de algo:

— E quem vai casar primeiro, padre? — quis saber ansiosa.

Ele olhou de um para o outro e respirou impaciente:

— Também há o casamento de John Clarckson e a senhorita Caroline —

olhou para todos, como se tomasse uma grande decisão. — Mandarei os pedidos para a igreja e eles decidirão a ordem dos casamentos, está bem assim?

Sandy Lee não gostou muito, mas era melhor ter uma data do que nada.

— Não acredito que nos casaremos daqui trinta dias, padre! — Ela gritou de felicidade. — Vou contar a todos da cidade, vão morrer de inveja de mim!

Maggie suspirou e começou a tirar os pratos da mesa, enquanto cantarolava indo para a cozinha. Malick deu um forte abraço em Robert e Beth Lee, e os dois se olharam apaixonados e felizes, eles iam se casar finalmente.

— Alguém precisa dar a notícia a Palmer. — Brad lembrou.

Frank se ergueu depressa:

— Sou amigo dele, eu farei isso!

— Tem certeza? — Malick quis saber. — Eu mesmo posso ir até lá, afinal, foi comigo que ele fez o compromisso.

— Podem deixar comigo, eu dou o recado...

E se foi.

— Fico feliz por vocês... — Brad levantou-se. — Finalmente se entenderam!

Beth Lee sorriu tímida:

— Eu estava com Donna na cabana quando Bob chegou e ouviu meu lamento – sorriu e olhou para Bob. — Devo agradecer a Deus por isso.

— Ainda bem que saí em seu encalço. — Ele concordou com um largo sorriso. — Acabei esquecendo de dizer a Donna que tia Caroline queria vê-la, mas acho que Jerry dará o recado.

Brad precisava falar com Donna, depois da conversa que tivera com o pai dela, tinha certeza que logo ela receberia a primeira remessa de couro para começar a trabalhar.

— Não querem comer alguma coisa? — Maggie perguntou voltando para perto deles.

— Não, obrigada, senhora. — Bob agradeceu. — Mas quero levar Beth Lee até Shepherd e dar a notícia a minha família.

— É uma excelente ideia. — Malick observou. — E, então, faremos um jantar de comemoração! — antecipou.

— Talvez devêssemos esperar a poeira baixar. — Bob recomendou.

— Está falando por causa de Palmer? — Malick quis saber.

— Não! Acredito que depois de hoje, as coisas em Shepherd não ficarão muito boas — comentou sem graça.

— O que houve? — Brad se interessou.

Bob encolheu os ombros:

— Desculpe-me, padre, mas é algo relativo ao senhor...

— Sobre mim? — estranhou. — O que poderia ser?

— Eu não sei o que é, padre, mas Jerry ouviu sua conversa com meu pai esta manhã e ele ficou furioso! — Ele zombou. — Espero que meu pai não tenha confessado seus pecados ou tenha falado mal de Jerry — riu.

Brad sentiu o sangue gelar.

— Como sabe que ele ouviu?

— Ele chegou nos estábulos dizendo que ouvira a conversa de vocês, estava furioso, não disse o que era. Eu estava saindo para falar com Donna e ele disse que também precisava falar com ela — contou. — Chegou logo depois de mim, eu estava saindo atrás de Beth Lee. O que quer que tenham falado, o deixou louco da vida!

Brad fez que não, e sem dizer uma palavra, virou-se e saiu da pensão a passos largos.

— Padre! — Robert o chamou, mas ele não deu atenção. Precisava ver Donna.

Mil pensamentos assolavam sua mente: se Jeremiah Clarckson ouvira a conversa toda sabia que ele não era um padre, tudo que disseram sobre Donna Mae e, principalmente, que desconfiavam que Jerry estava envolvido no roubo de gado.

Montou seu cavalo e correu o máximo que podia para a cabana de Donna, temendo pelo pior.

Capítulo XXI

Não havia nenhum sinal do cavalo de Donna em frente a cabana. Brad desmontou e tirou a pistola presa em sua calça e entrou de uma vez. Ficou aliviado quando viu Donna em pé, mexendo em um bolsa de couro. Ela o fitou rapidamente sem nenhuma emoção e voltou a atenção para a bolsa:

— Pode abaixar a arma, Ranger. Não há nenhum ladrão por aqui.

Não havia qualquer humor na voz dela, ao contrário, a indiferença era evidente e ele soube que Jerry contara a ela tudo que tinha ouvido naquela manhã. Brad abaixou a arma e a fitou:

— Donna... — começou a falar.

— Pare, por favor. — Ela pediu e levantou o olhar triste para ele. — Não há nada que vá me dizer que possa mudar a decepção que sinto, neste momento.

— Não é o que está pensando! — tentou argumentar.

— Claro que não é. Jerry inventou tudo... — Ela ironizou, e comprimiu os lábios para não chorar. — Foi tudo fruto da imaginação dele, não é? Como ele saberia que você é um Ranger? Sobre eu ter negado seu pedido de casamento? — Ela se alterou. — Ou sobre a compra da remessa de couro?

Brad guardou a arma e andou até ela:

— Dependendo da maneira como ele disse pode parecer que agi contra você, mas não foi assim!

— E como foi? — Ela explodiu se voltando para ele e cruzando os braços. — Quero ouvir a sua versão!

— Irritada como está, você não vai querer saber — concluiu.

— Tem razão. — Ela fechou a bolsa e o encarou. — Como pode se unir ao meu pai para me convencer a me casar com você?

— Não foi assim...

— Você é patético!

Ele atravessou o espaço que os separava e a segurou pelos braços, obrigando-a a encará-lo:

— E o que queria que eu fizesse? — Ele a encarou bravo. — Seu pai viu seu cavalo atrás da igreja ontem e ameaçou me matar se não nos casássemos! Ele sabe que não sou padre!

— Não quero e não vou me casar! — avisou por entre dentes. — Pode

meu pai, você ou qualquer outro tentar me obrigar, mas eu não vou! — soltou-se dele com violência.

— O seu amor por mim não é grande o bastante para ficar o resto da sua vida ao meu lado? — Ele a questionou.

Donna deu alguns passos para longe dele e o encarou:

— Não quero ficar presa a ninguém! — alterou-se. — Tenho planos e com certeza ser uma dona de casa, cheia de filhos e um marido possessivo e mal-humorado não é o que quero! Isso não tem nada a ver com amor, está totalmente ligado ao meu sentido de liberdade.

— É assim que pensa que sou? Acha que preciso de uma mulher domesticada e infeliz, submissa apenas aos meus desejos? — retrucou.

Ela abriu a boca para falar, mas ele prosseguiu:

— Talvez, eu tenha me enganado sobre nós — admitiu, impassível. — Pensei que a conhecesse, que seu coração fosse grande o suficiente para me deixar caber em sua vida, mas me enganei.

— O que você, meu pai ou qualquer outro homem quer, eu não posso dar! Um dia vai me cobrar mais, vai me querer em casa quando chegar do trabalho, vai querer crianças correndo pela sala... — Ela engoliu em seco. — Jamais vou lhe proporcionar uma vida dessas!

— Nunca lhe pedi isso... — afirmou com o dedo em riste.

— Mas vai... Nenhum homem pode lidar com uma mulher de espírito independente!

— Está enganada, eu a amo tal como é! — deu um passo para ela e colocou o dedo no peito dela. — E quer saber? Eu teria me contentado apenas com a sua companhia se não quisesse me dar filhos, porque eu escolhi você e nada mais!

Ela fez que não, sem poder acreditar no que ele dizia:

— Suas mentiras não vão me enganar... — relutou e seu queixo tremeu. — Você achou que podia me comprar investindo na cooperativa como disse ao meu pai? Não sou uma prostituta...

— Eu a admiro por suas ideias e fiz isso para ajudá-la, jamais a enganei — devolveu. — Por Deus! Como pode pensar isso de mim depois de tudo o que tivemos? Se eu não me importasse com você, não estaria aqui, pedindo para me ouvir e chegarmos a um consenso.

Donna cruzou os braços e fez que não:

— Não há consenso! Porque o que você quer de mim, eu não posso te dar, Brad! Não vou embora com você e quer saber? Você não pode me entender porque é um homem que vive no conforto da sociedade em fazer o que deseja. — Ela respirou fundo. — Vá embora e me esqueça, por favor.

Aquelas palavras frias foram um choque para ele. Limitou-se a assentir:

— Como quiser, Donna Mae. — Ele se afastou e foi em direção a saída. Quando chegou ao batente, segurou a porta e se voltou para ela. — Eu teria mudado para Crescentfalls se isso me deixasse mais perto de você... Adeus...

Ele bateu a porta e Donna soltou um longo suspiro e enxugou as lágrimas teimosas. Brad não ia lhe trazer felicidade alguma, além das momentâneas ondas de prazer que despertava em seu corpo, eram tão fortes que doía em sua alma a falta delas. Entretanto, não deixaria que isso a dominasse, jamais permitiria que um homem fosse dono de suas vontades e de seu destino, e sentia que Brad conseguira tal intento.

Lutando com todas as forças contra aquele forte sentimento de amor, ela o deixou partir para sempre.



Brad se dirigiu à fazenda Shepherd. Estava furioso, cego pela raiva, por Donna ser tão teimosa. Precisava descontar sua raiva na pessoa certa. Como uma tempestade do deserto, o falso padre entrou na fazenda correndo com seu cavalo e parou na porta da casa atraindo a atenção de todos. Desceu do cavalo, determinado, tirando a arma de debaixo de sua batina e entrando na casa a passos largos.

Bob e Beth Lee que tinham acabado de chegar, surpreenderam ao vê-lo armado.

— O que houve, padre? — Bob quis saber.

— Onde estão todos? — Brad perguntou furioso.

— O que vai fazer?

Brad ouviu vozes vindo da sala de jantar que ele sabia onde ficava. Foi para lá e entrou abrindo a porta com violência, todos pararam de falar e fitaram assustados o padre enlouquecido que adentrava a sala e ia na direção de Jeremiah Clarkson. Sem pensar duas vezes, Brad o pegou pelo colarinho, o fez

levantar e o socou contra a parede, apontando a arma para a garganta dele.

— Seu miserável! — disse por entre os dentes. — Fofoqueiro de merda! Você a colocou contra mim para esconder sua sujeira e vou deixar claro, aqui diante de todos, que se algo acontecer a Donna Mae, se um fio de cabelo dela sofrer qualquer dano, eu vou te caçar até o inferno, e te pendurar vivo pelas bolas, de cabeça para baixo para os abutres comerem sua carne...

Jerry estava sufocando com o aperto de Brad.

— Padre! — Caroline gritou e ele soltou o rapaz que caiu no chão engasgado e tentando respirar.

Caroline correu para Jerry e Brad se voltou para John:

— O recado está dado! — E saiu da sala sob o olhar estupefato de todos.

John o seguiu para fora da casa chamando-o.

— Dawson! — Ele gritou ao chegar perto do cavalo. — O que foi isso? Como ousa entrar em minha casa e agir desta maneira insana?

Brad se voltou para ele:

— Aquele merda do seu filho ouviu nossa conversa e contou tudo a Donna Mae — vociferou gesticulando com a arma. — Imagine o estrago que fez!

John ficou tenso, os lábios crispados.

— Ele sabe de nosso plano e que desconfiamos dele! É melhor vigiá-lo daqui para frente! — aconselhou e montou em seu cavalo. Então viu Caroline parada a porta e olhou de novo para John. — E, é bom inventar uma boa desculpa para sua futura esposa, porque logo ela saberá de seus planos e que não sou um padre! — E bateu contra a anca do cavalo para que ele partisse.

John ficou olhando Brad se afastar e bufou, levando as mãos aos quadris. Não podia acreditar que Jerry o traía dessa forma. Respirou profundamente e virou-se para ver Caroline no alto da escada, olhando-o angustiada. Subiu até ela:

— O que foi tudo isso, John? — perguntou angustiada. — O que deu no padre?

— Vou lhe contar tudo — prometeu. — Mas antes, preciso falar com Jerry.

Ela concordou.

— Ele está na sala de jantar... — avisou.

John entrou e encontrou os três filhos conversando. Beth Lee estava

sentada ao lado de Bob. Os filhos se voltaram para ele e Jerry abaixou a cabeça, controlando seu gênio para não explodir com o pai.

— Beth Lee, poderia me acompanhar? — Caroline falou ao entrar para que John ficasse a sós com os filhos.

— Claro. — Beth Lee aceitou o convite, compreendendo a gravidade da situação. Um padre não entrava armado em uma casa e ameaçava o filho do fazendeiro mais poderoso da região por mero acaso. — Com licença...

Elas saíram e Caroline fechou as portas.

John se voltou para os filhos:

— Acho que está bem claro o que houve aqui — falou secamente.

Jerry não se moveu, ele tremia e comprimiu os lábios.

— Eu não entendi nada. — Bob falou sincero.

— Jerry está roubando o meu gado — informou desgostoso.

— Não! — Bob fez que não e olhou para os irmãos. — É verdade? Nosso pai está brincando, não é?

John aproximou-se da mesa. O clima ficou pesado quando viram a arma no coldre de John. Tim e Jerry se entreolharam.

— Você fez isso? — Bob se levantou incrédulo e fez que não. — Por quê?

— Não há justificativa para esse tipo de ato! — John se alterou dando um murro na mesa.

— Já fui sentenciado! — Jerry disse com sarcasmo.

John o fitou friamente.

— Jamais imaginei que se tornaria um ladrão de gado! Que roubaria sua própria família!

— Realmente acredita que eu faria isso? — Jerry levantou-se enfrentando o pai. — Me acusa de roubar seu maldito gado por que eu conhecia Clay? — Ele o questionou.

John fez que não e se aproximou do filho com dedo em riste:

— Não — fez que não. — Todas as noites você sai e desaparece e tem gastado mais dinheiro do que ganha nesta fazenda — acusou. — Achou que eu não ia notar? Seus gastos dispendiosos com cavalos vindos de Montana e Joshua Alstair me contou que está negociando cavalos árabes.

— E daí concluiu que sou um ladrão? — perguntou desacreditado.

— E o que quer que eu pense?

Jerry deu um passo para o pai e o enfrentou:

— Que confiasse em mim ou me perguntasse o que vou fazer fora de casa todas as noites? — argumentou.

— Um dos meus homens o seguiu outra noite e disse que você fez de tudo para despistá-lo, até que realmente ele o perdeu... E nessa mesma noite, meu gado foi roubado...

— Coincidência, apenas — encolheu os ombros. — Não fui eu!

— Seja homem! E admita! — John exigiu se alterando mais uma vez. — Posso não ter dado a melhor educação para que se tornasse um homem honrado, mas eu lhe ensinei a admitir seus erros.

— Não vou admitir nada!

John pegou a arma e apontou para o filho:

— Admita, agora! — exigiu.

— Não, pai. — Bob se colocou entre eles. — Parem com isso! Se Jerry diz que não roubou, eu acredito nele!

— Saia da frente, Bob. — O pai ordenou.

— Sai da frente, Bob. — Jerry disse debochado. — Deixe que o velho John Clarkson mostre sua autoridade. — Ele afastou o irmão e se colocou diante da arma. — Atire! — desafiou o pai. — Mas atire para me matar, porque se eu sair vivo disso, não respondo por mim!

John engatilhou a arma:

— Confesse! — ordenou por entre os dentes.

— Atire! — Jerry gritou enfrentado o pai.

Eles se enfrentaram, um dos dois sairia morto daquele momento.

— Parem! — Bob gritou desesperado.

— Sou eu! — Tim falou em meio àquela confusão. — Eu sou o ladrão! Não é Jerry, sou eu.

— Não o defenda! — John falou com desprezo.

— É verdade! — Tim foi para perto deles e parou ao lado do pai. — Por que acha que eu estava lá ontem à noite quando o padre atirou em Clay?

John ouviu aquilo e olhou para o filho mais velho, chocado:

— O quê?

— Eu o reconheci e atirei, mas pelo visto o tiro não o matou — afirmou

com veemência. — Tenho roubado o gado de Shepherd! — apontou para si. — Jerry não tem nada a ver com isso. Ele vai todas as noites na casa de Madame Anne e joga, tem rapado o dinheiro dos viajantes, no pôquer, todo mundo sabe disso.

John abaixou a arma, desacreditado e olhou para seu filho predileto, sem entender:

— Você é meu sucessor principal, vai herdar essa fazenda e a maior parte dos meus bens, por que fez isso?

Tim encolheu os ombros:

— Para mim não era o suficiente — confessou. — Eu queria mais, muito mais, sempre achei injusto trabalharmos aqui na fazenda e não termos mais dinheiro. Além disso, gosto dessa coisa de roubar, a adrenalina...

John precisou se sentar. De todos os filhos, nunca imaginou que o obediente Tim fosse o ladrão de gado. O velho Clarkson ficou pálido e olhou para os outros filhos em busca de uma explicação para aquilo, mas não havia. Seu filho era um homem ruim.

Tim deu um passo para ele:

— Foi a melhor maneira que achei de lhe dar uma lição por ser tão arrogante e achar que todos devem servi-lo e sempre o obedecer — justificou.

— E quem está com você? — John quis saber.

— Tenho o prazer de não dizer nada e deixar que eles continuem o trabalho! — falou maldoso.

Tim ouviu o engatilhar da arma. Jerry tinha um revólver apontado para a cabeça dele.

— Nomes! — Jerry exigiu.

Tim riu:

— Você não faria...

Jerry atirou e naquela curta distância, acertou em cheio o chapéu de Tim que voou longe:

— O próximo tiro acerto na sua cabeça! — afirmou por entre os dentes. — Se é tão corajoso para roubar sua família, vai dizer os malditos nomes! — decretou.

Tim o fitou com ódio:

— Clay Pearl e Adam Palmer — confessou.

— Alguém mais? — insistiu e nesse instante a porta foi aberta e, Caroline e Beth Lee surgiram.

— O que está havendo aqui? — perguntou preocupada e Jerry abaixou a arma. — John! — Ela correu para ele. — O que você tem, meu querido?

A raiva de Jerry apaziguou ao notar que o pai não estava bem. Todos sempre souberam pela predileção dele por Timothy, e aquela notícia não era apenas uma surpresa para os membros da família, mas uma bomba para John Clarkson. Notou que o pai não conseguia falar e levava a mão ao peito, então, se colocou entre ele e Tim:

— Vai embora, Tim. — Jerry mandou. — E nunca mais volte, acho que já fez estrago suficiente para uma vida toda.

Tim ergueu o corpo e enfrentou o irmão:

— Você não é dono daqui!

Bob se juntou a Jerry:

— Jerry tem razão, Tim. Você não é mais bem-vindo em Shepherd ou em qualquer lugar que o nome de nossa família alcance, vai embora!

Tim olhou de um para o outro, eles tampavam a visão dele para ver o pai. Queria dizer mais, desabafar toda a raiva e frustração que sentia por ser um Clarkson e como odiava o pai, entretanto, os irmãos não lhe dariam essa chance e o matariam se hesitasse.

— Vai, agora! — Jerry se aproximou bem dele, seus rostos próximos. — Ou juro que não terei piedade e eu mesmo o enforcarei! — Os irmãos se enfrentaram com o olhar. — E não cruze mais o nosso caminho, nós não o reconhecemos mais como parte dessa família... Nunca mais se apresente com o sobrenome Clarkson, você não é digno dele!

Tim o fitou com desprezo:

— Pode ir para o inferno, vocês todos e esse sobrenome que eu odeio!

Caroline olhou para Beth Lee:

— Corra até o estábulo, querida, e chame Jack, por favor. Corra!

— Saia agora! — Jerry gritou e os olhos de Tim correram naquelas pessoas que não eram mais sua família. — Acabou para você!

Tim girou sobre os calcanhares e partiu a passos largos, batendo a porta com força ao sair.

— O que houve aqui?

Jerry virou-se para o pai e abriu a camisa dele, fazendo massagem em seu

peito.

— É uma longa história, tia. Vamos levá-lo para o quarto. — Jerry olhou para Bob por cima do ombro. — Me ajude, Bob.

Eles seguraram John e o levaram para o andar de cima. Jack chegou em seguida e o examinou. Caroline ficou com ele o tempo todo, temendo pelo pior.

— Sinto muito, senhorita. Mas ele está paralisado. — Jack disse com tranquilidade para Caroline. — Agora, ele precisa de descanso e muito, do contrário, o coração não aguenta. É bom chamar o médico para dar uma olhada nele, mas duvido que o patrão saia da cama tão cedo. Ele mal move os olhos...

Caroline sentiu um aperto profundo no coração.

— Pode deixar, Jack. Eu vou mandar chamar o médico! — Ela falou convicta. — Obrigada.

— É bom mesmo, do contrário, o coração não aguenta mais um susto — aconselhou.

— Obrigada, Jack.

— Com licença, Dona Caroline. Vou falar com os meninos...

Ela o viu o sair do quarto e fechar a porta. Então voltou para perto da cama:

— Ouviu o que ele disse, não é, John? — Ela se sentou e segurou a mão dele.

John abriu os olhos e a fitou com cansaço evidente. Mas não conseguia falar ou mover. O corpo estava paralisado. A decepção com Tim fora demais para o velho coração de John Clarkson. A porta foi aberta e Jerry entrou para ver o pai. Aproximou-se da cama e o fitou com pesar. O pai apenas movia os olhos.

— Mandeí chamar o médico, tia — murmurou.

— Obrigada, meu querido. — Ela forçou um sorriso para não chorar na frente de seus sobrinhos e de John. — Vai ficar tudo bem, vou cuidar dele.

— Eu sei — falou tranquilo. — Vou cuidar das coisas da fazenda, não podemos parar o trabalho agora que estamos sem Tim e meu pai permanece acamado.

— Compreendo, querido.

Ele colocou a mão no ombro dela e Caroline a beijou com carinho.

— Não se preocupe com seu pai, eu cuidarei de tudo. — Ela bateu de leve na mão do jovem.

Jerry assentiu, olhou mais uma vez para o pai e deixou o quarto. Bob esperava por ele do lado de fora.

— Como ele está? — Bob quis saber.

— Jack tinha razão, ele está mal... — falou sisudo enquanto caminhavam. — Leve Beth Lee para casa, vamos atrás de Palmer — avisou.

— Não acha que Tim já deve ter ido atrás dele avisar sobre o que houve aqui?

Jerry fez que não, enquanto chegavam a sala.

— Tim é um covarde. Aposto tudo o que você quiser que ele fugiu e deixou seu comparsa para trás...

— Como ele fez isso com a gente, Jerry? — Bob perguntou chateado.

— Não importa mais os motivos dele, Bob. A gente não rouba nossa própria família e se gaba disso — ajeitou o chapéu na cabeça. — Vou unir alguns homens, o encontro na pensão de Malick.

— Está bem! — concordou e foi chamar por Beth Lee. — Vou levá-la para casa.

— O que houve aqui, Bob?

— O pior — lamentou.

Ele a ajudou montar o cavalo e acariciou a mão dela.

— Não se importa de deixarmos o assunto do noivado para depois, não é? — Ele perguntou.

— Claro que não, Bob. — Ela sorriu para ele. — Além do mais, precisamos de um novo padre, não é?

— Exatamente... — concordou e riu balançando a cabeça, enquanto montava seu cavalo.

Quem imaginaria que um simples padre seria, na verdade, um Ranger disfarçado? E Tim seria um ladrão? O fato de Adam Palmer fazer parte do bando não era novidade... Mas o que Bob tinha certeza era que Shepherd e toda Crescentfalls jamais seria a mesma depois daquele acontecido!

— Eu a recompensarei por todo esse transtorno, minha querida... — Ele disse emparelhando seu cavalo ao de Beth Lee.

O coração dela se encheu de amor:

— Não importa, Bob. Agora que estamos juntos, eu esperaria a vida toda por você...

Ela estendeu a mão e Bob a tocou, beijando-a em seguida.

— Vamos falar com Donna, ela precisa saber o que houve aqui... — E saíram a largo galope.

Capítulo XXII

Donna ficou algumas horas sentada olhando para a porta por onde Beth Lee e Bob tinham acabado de sair. Ela relutou entre o bom senso e orgulho, até que finalmente, seu carinho por sua família venceu e ela foi para a sede da fazenda. Andava de um lado para o outro na sala de visitas da fazenda Shepherd.

— Que bom que veio, querida. — Caroline a abraçou.

— Como ele está? — perguntou angustiada e olhou para o alto da escada.

— Doente... — forçou um sorriso. — Foi um duro golpe descobrir que seu filho primogênito sempre o traiu.

— Eu imagino — engoliu em seco.

Tentou se acalmar e subiu para o quarto do pai. Queria que Bob tivesse exagerado, mas ao entrar e ver o poderoso John Clarckson deitado naquela cama pálido e praticamente inerte, sentiu-se a filha mais desalmada e egoísta que conhecera. Ele abriu os olhos, mas não emitiu nenhum som.

Ela saiu do quarto chorando e Caroline a seguiu.

— Que horror! — Ela murmurou se voltando para a tia. — O que houve com ele?

— O médico disse algo como paralisia repentina, um problema com o cérebro. — Ela encolheu os ombros. — Jack saberá explicar melhor.

Ela girou o chapéu nas mãos sem saber o que fazer.

— Vamos tomar um chá. — Caroline convidou. — Preciso de companhia.

— Claro...

Elas foram para a sala de visitas e ficaram sentadas um bom tempo em silêncio, tentando absorver o que acontecera com aquela família.

— A senhora está bem?

— Tenho que estar, meu amor. Seu pai precisa de mim.

— Posso ficar aqui e ajudá-la a cuidar dele — ofereceu. — Mesmo que ele não queira...

Caroline forçou um sorriso.

— Toda ajuda é bem-vinda. O médico disse que ele pode ficar assim por dias ou meses, ou o resto da vida — contou angustiada. — Precisarei de toda ajuda que for possível.

Aquele pensamento a apavorava: o pai preso a uma cama para sempre. Entretanto, ela não conseguia verbalizar sua angústia.

— Você sabia que o padre era um Texas Ranger? — Caroline perguntou a ela.

Agora todo mundo sabia o segredo de Brad.

— Sim, ele mesmo me contou.

Caroline franziu o cenho:

— Era ele o homem que estava com você na outra noite? — perguntou.

— Sim, tia.

Ela não queria falar sobre Brad. Estava se sentindo confusa com os acontecimentos daquele dia, fora um dia cheio, parecia que nunca ia acabar. Desde a chegada de Beth Lee na cabana até aquele momento, tinha impressão que tudo ainda podia piorar, ainda mais se perdesse seu pai.

— A vida segue. — Ela deixou o chapéu no banco ao lado do sofá.

— E vocês vão se casar? — perguntou por simples curiosidade.

— Não... — Ela fez que não.

— Então, ele se aproveitou de você? — indignou-se.

— Não. Ele me pediu em casamento, mas eu declinei. — Ela respirou fundo e pensou por um instante antes de prosseguir. — O amor cria prisões, nos faz escravos e não quero essa vida para mim! — discursou e se perguntou porque sentia como se uma faca afiada cortasse sua alma? — Não temos que falar de Brad, a senhora precisa descansar e...

Caroline discordou:

— Você se parece muito com sua mãe. Amanda era uma mulher impetuosa, à frente de seu tempo e teria sido uma grande pessoa, se não tivesse se levado por suas próprias tolas ambições...

— Não fazia ideia de que éramos parecidas...

— Mais do que imagina. Você é o lado bom de Amanda. Mas herdou sua teimosia... Tanto que ela me separou de seu pai.

— Imagino a dor de vocês... — Ela retorquiu.

— Não imagina. — Caroline cortou. — Mas vai imaginar se permitir que o homem que a ama vá embora.

— Ele tem o direito de ir, se quiser — retrucou fingindo não ligar.

— Ele não quer, menina teimosa! — Caroline a repreendeu com carinho.

— Não pode me obrigar a casar com ele! — Ela se levantou e respirou fundo, se controlando. — Sua linda história de amor com meu pai não vai me comover!

— Claro que não. — Caroline cedeu. — Mas saiba que sacrificar seu amor por Dawson, isso a fará tão submissa aos limites que criou, quanto as esposas são aos seus maridos. — Ela cruzou os braços em um gesto de defesa. — Não é isso que você defende tanto? Liberdade?

— Sim...

— E que benefício você tem ao abrir mão do que sente?

— Não quero que ele me prive dos meus sonhos! — Ela desabafou.

— E ele alguma vez deu indício que faria isso? — A tia a questionou.

Ela não podia responder. Ao contrário, Brad a incentivou e muito. Até propôs comprar tudo que a fazenda Shepherd desperdiçava para que Donna tivesse trabalho na cooperativa e isso alavancasse seus futuros investimentos. Mesmo que ela não quisesse a ajuda dele, tinha que admitir que ele nunca agiu contra ela.

— Não precisa responder, minha filha. Apenas reflita. — A sábia senhora pediu.

Donna concordou e achou melhor voltar para sua cabana. Pegou o chapéu e olhou para a tia.

— Voltarei amanhã para vê-lo — informou. — Vou fazer algumas visitas e depois virei ajudá-la com ele.

— Obrigada, querida.

Donna saiu quase correndo daquela sala.

Não precisava refletir para saber que fizera papel de tola com Brad. Quando Jerry lhe contou o que ouvira na conversa do Ranger com o pai deles, ela apenas conseguia pensar que ele traía sua confiança. Entretanto, após ouvir sua tia, se sentia como se tivesse feito a pior besteira de sua vida.

Respirou fundo quando pegou seu cavalo e saiu em direção à cidade.

Falaria com Brad e lhe pediria desculpas, e quem sabe, fariam as pazes de alguma forma. Tia Caroline tinha toda razão. Mesmo que não se casasse com ele, não suportaria viver longe dele e precisavam resolver isso.



Jerry chegou a porta da pensão de Malick e Bob já o aguardava. Toda aquela reunião de cavaleiros chamou a atenção dos moradores e o xerife atravessou a rua e parou diante deles.

— O que está havendo aqui, Jeremiah Clarckson? — Ele quis saber.

— Vamos resolver um assunto pendente, xerife!

— E posso saber o que é esse assunto pendente? — insistiu. Sabia que tudo que se referia aos Clarckson era mais sério e perigoso do que podiam esperar.

John, Sandy Lee, Malick e os outros saíram a varanda, nesse momento.

— Assunto pessoal. — Jerry respondeu.

— Tem a ver com Adam Palmer e Bob?

Jerry e Bob se entreolharam.

— É muito mais que pessoal. — Bob devolveu. — É uma questão de honra!

— Não quero ver isso! — Sandy Lee correu para dentro da pensão, nervosa.

— Não pode agir como se fosse o dono do mundo, Bob. Vocês não são a lei...

Jerry sabia que se fossem esperar a ajuda do xerife, Palmer jamais pagaria por seus erros.

— Então venha conosco, xerife. — Ele convidou. — Não temos muito tempo.

O xerife viu que não havia alternativa.

— Vou pegar meu cavalo — avisou e foi em direção à delegacia.

Brad desceu do cavalo e viu todo aquele movimento. Ele e Jerry se enfrentaram com o olhar e o segundo filho dos Clarckson bateu as botas contra a anca do cavalo que saiu em galope, seguidos pelos outros cavaleiros.

— O que está havendo aqui? — perguntou a Malick.

— Parece que os Clarckson decidiram lavar a honra de Beth Lee e vão atrás de Palmer — respondeu orgulhoso.

O olhar de Brad seguiu para mais de uma dezena de homens que seguia Jeremiah. Questionou porque precisariam de tantos apenas para pegar um único homem. Provavelmente, não iam matar Palmer, apenas lhe dar um susto. E Brad

não tinha tempo para apartar briga de vizinhos, precisava se concentrar em seu trabalho, descobrir quem estava matando os padres e partir.

Quando ele e Malick entraram na casa, Beth Lee estava andando de um lado para o outro na sala, muito nervosa.

— Vai gastar o chão desta forma, Beth Lee. Fique tranquila, não vai acontecer nenhum mal à Bob, os Clarckson estão em maior número.

Ela se voltou para o pai, hesitou, mas acabou forçando um sorriso e concordando.

— Claro.

— Com licença, padre. — Malick pediu. — Fique à vontade, tenho algumas coisas para resolver.

Brad concordou e esperou Malick se afastar para se aproximar de Beth Lee.

— O que está acontecendo de verdade? — Ele quis saber.

Ela o fitou receosa. Depois se certificou que estavam sozinhos e murmurou:

— O senhor é mesmo um ranger?

— Sabe que sim. — Ele assentiu.

— Eu sei. E depois que o senhor saiu da fazenda Shepherd, mais coisas aconteceram.

Ele franziu o cenho:

— O quê?

— O senhor Clarckson colocou Jeremiah contra a parede e ameaçou atirar no próprio filho se ele não confessasse que o roubava. — Ela ficou constrangida ao dizer. — Foi então, que Tim salvou a vida do irmão e confessou que era ele e Adam Palmer que roubavam o gado da fazenda.

— E o que houve depois?

— Tim foi embora, Jerry o expulsou da fazenda depois que o senhor Clarckson passou muito mal e foi levado para o quarto — contou.

Brad compreendeu tudo.

— E agora, Jerry e Bob estão indo atrás de Palmer?

Ela fez que sim e mordeu os lábios, nervosa.

— Eles vão se vingar.

— Tenho que os impedir. — Brad falou e saiu depressa. Não podia

aceitar que os Clarckson agissem por conta própria quando ele era a lei por ali.

Maggie surgiu logo em seguida:

— Você viu Sandy Lee? — Ela perguntou preocupada.

— Subiu para o quarto dela — respondeu. — A pouco a vi correr pelas escadas.

— Que estranho, acabei de vir de lá e não a encontrei. — Maggie comentou.

— O que foi? — Malick surgiu também na sala.

— Não encontro Sandy Lee em lugar algum. — Maggie disse ao marido.

— Não está com John? — Malick supôs.

— Mas ela não sairia sem avisar. — Maggie afirmou preocupada.

— Aonde essa menina se meteu? — Ele fez que não. — Vamos procurá-la...

Ele e Maggie subiram as escadas. Beth Lee foi para perto da janela e fez uma prece. Não estava preocupada com a irmã, Sandy Lee sabia se cuidar, mas seu coração ficava apertado a todo momento. Algo lhe dizia que o pior estava para acontecer.

Capítulo XXIII

Sandy Lee cavalgou o mais depressa que conseguiu até o rancho da família Palmer. Desceu do cavalo e entrou correndo na casa, sem bater, assustando a todos que estavam sentados à mesa enquanto a senhora Palmer servia o jantar. Walter Palmer, o patriarca da família a fitou com desprezo, eles não gostavam dela. Liz Palmer também não gostava ou os irmãos mais velhos de Adam: Carter e Oliver. A irmã caçula, Genise, estava brincando com a boneca em um canto e parou no mesmo instante, apenas para fitar Sandy Lee da mesma forma.

Ela ergueu o corpo e olhou para eles com aversão.

— Onde está Adam?

Uma porta foi aberta e o jovem alto, de cabelos castanhos e barba por fazer surgiu. O coração de Sandy Lee bateu acelerado e ela correu para ele.

— Sandy Lee? — Ele estranhou e a segurou pelos ombros. — O que faz aqui?

Ele sabia que ela jamais colocaria os pés no rancho se não fosse por algo muito importante.

— Eles estão vindo para cá — falou nervosa.

— Eles quem? — Adam franziu o cenho.

— Os Clarckson, o xerife e alguns homens — explicou nervosa. — Bob e Beth Lee reataram.

— Como? — Ele fez que não. — Eu pedi sua irmã em casamento esta manhã, e Malick concordou.

— Eu sei — falou angustiada. — Estava tudo certo, mas então ela saiu e horas depois voltou com Bob. Ele não deixou que meu pai cumprisse com o acordo e disse que vai se casar com ela de qualquer forma! O padre concedeu a data e também para mim e John...

Palmer ficou vermelho de raiva.

— Merda!

— Adam. — A mãe o reprovou. — Cuidado com o que diz dentro de minha casa!

— Desculpe-me, mãe. — Ele falou se controlando e se voltou para Sandy

Lee. — Mas o que os Clarckson poderiam querer comigo?

— Não sei, disseram que era pessoal... — Ela contou.

— Tim está com eles?

— Não, apenas Jerry e Bob.

Ele bufou e se afastou dela, pensando.

— Não podem fazer nada contra mim, um pedido de casamento não é crime! — justificou.

— Mas roubar gado é. — Walter se levantou da mesa e se aproximou do filho. — Pegue suas coisas e se esconda em algum lugar até descobrirmos o que eles querem!

— Seu pai tem razão. — Sandy Lee concordou. — Tem que se esconder e ficar vivo, não sabemos do que essa gente é capaz!

— Eles não têm como saber sobre o gado roubado. — Adam insistiu. — Clay está morto e Tim jamais me entregaria.

— Não é bom arriscar. — O pai insistiu. — Os Clarckson gostam de enforcar ladrões, é melhor partir, Adam.

— Todos estamos envolvidos. — Ele olhou para os irmãos. — Eles também correm risco.

— Mas estão atrás de você. — Sandy Lee disse desesperada. — Você tem que ir...

— Sandy Lee, eu...

— Parem de conjecturar! — A voz da senhora Palmer atravessou o recinto. — Faça o que seu pai mandou, Adam. Vá para a cabana no Leste e quando esse assunto com Beth Lee e os Clarckson for esquecido, vamos buscá-lo.

Adam assentiu. A mãe era uma mulher sábia e ele a ouviria sempre. Sandy Lee a fitou com raiva e inveja.

— Venha comigo, Sandy Lee. — Adam segurou seu braço.

— Sabe que não posso! — falou nervosa.

— Não precisa mais se casar com John! Tenho dinheiro para que você tenha luxo até morrer! — argumentou. — Vamos deixar tudo para trás e desaparecer no Oeste.

E ela teria uma vida de fugitiva, algo que ela nunca almejou e não estava disposta a sacrificar. O plano era ela se casar com John e Palmer com Beth Lee.

Assim, ela se tornaria uma viúva rica e eles poderiam ser amantes. Era algo tão simples, mas que a morte dos padres e a sorte de Beth Lee vinham adiando.

— Quando tudo se acalmar, ficaremos juntos. — Ela prometeu segurando na camisa dele. — Eu prometo, meu amor. — E o beijou diante de todos, em um gesto desesperado de o fazer ser calar e não notar que ela mentia.

Adam a beijou com ardor. Faria qualquer coisa por Sandy Lee, ele a amava de uma forma tão profunda e dolorida, que daria sua vida pela dela. Casaria com o demônio se isso a agradasse, roubaria todo o gado do mundo e mataria se fosse necessário.

— Agora vá! — Ela se afastou dele relutante. — Eles vão chegar a qualquer momento.

Adam saiu correndo pelos fundos da casa, levando a bolsa que a mãe lhe entregara.

— Eu vou também, antes que...

— Palmer! — Alguém gritou o nome dele.

Sandy Lee ficou petrificada.

— Não posso ser vista aqui!

— Esconda-se em meu quarto! — A senhora Palmer a empurrou em direção a porta e indicou que ela se escondesse debaixo da cama.

Walter esperou que a moça se acomodasse e foi para a porta atender aos recém-chegados.

Jerry gritou por Palmer outra vez e Bob franziu o cenho ao notar que o cavalo preso ao poste pertencia a Malick. Mil pensamentos horríveis lhe ocorreram. Sentiu o sangue ferver ao imaginar que Beth Lee estava ali e viera avisar seu amante que ele estava sendo caçado. O veneno do ciúme o atingiu e ele teve que se controlar para não fazer uma besteira.

— Boa tarde. — Walter disse ao sair da casa. — Querem falar comigo?

— Não. — Jerry respondeu. — Queremos falar com seu filho Adam.

— Ele viajou esta manhã — encolheu os ombros. — Eu posso resolver em nome dele?

Bob o fitou desconfiado. Seu coração batia depressa demais para que ele raciocinasse com coerência e a cada segundo sua raiva aumentava: Beth Lee estava dentro daquela casa com Palmer.

— Não importa se olharmos dentro de sua casa, não é? — Bob perguntou já descendo do cavalo.

Jerry o chamou de volta, mas ele o ignorou. O xerife aproveitou para seguir Bob e outros homens também o fizeram na eminência de alguma briga.

Bob entrou cego pelo ódio de estar sendo enganado novamente. Entrou vasculhando tudo e à primeira vista não havia sinal de Beth Lee. Mas ela estava ali, ele tinha certeza. Era o mesmo cavalo que ela havia usado naquela manhã. Como ela pôde fazer isso com ele? Não tinha ideia do que seria capaz quando os encontrasse.

— Onde ela está? — Ele gritou.

— Ela quem? — O xerife perguntou.

— Beth Lee! O cavalo de Malick está lá fora! — Ele berrou por entre os dentes. — Onde aquela maldita traidora está?

— Está ficando louco? — O xerife o segurou. — Beth Lee jamais viria a casa de Palmer.

— Ela está aqui! — gritou e empurrou o xerife, e começou a vasculhar a casa, chamando por ela.

A senhora Palmer viu a oportunidade de se vingar de Sandy Lee, aquela garota nojenta que enganava seu precioso Adam e havia destruído a vida dele por causa de sua ambição desmedida. Caso Sandy Lee amasse seu filho, ela teria fugido com ele sem pensar duas vezes, mas se esquivou.

Bob saiu de um dos quartos furiosos e a senhora Palmer moveu os olhos em direção ao seu quarto. O rapaz estreitou o olhar e compreendeu o aviso. Entrou com tudo e procurou até encontrar a moça debaixo da cama e a puxar com violência, colocando-a de pé.

— Sua desgraçada... — Ele parou de falar. — Sandy Lee?

Ela começou a chorar, enquanto os homens entravam no quarto e a reconheciam.

— Merda! — Bob esbravejou.

Beth Lee jamais o perdoaria por sua precipitação.



Jerry seguia atrás dos homens que voltavam para casa. Adam Palmer havia sumido completamente e levavam como prêmio uma Sandy Lee chorosa e desesperada. Ficou frustrado por não o capturar e o fazer pagar por trair sua

família. Seu olhar foi atraído pelo cavalo e cowboy que atravessavam a longínqua colina.

— Siga com Bob para casa. — Jerry avisou o último homem. — Preciso ver uma coisa.

Bateu contra a anca do cavalo e saiu em disparada. A noite já caía, quando finalmente, conseguiu alcançá-lo. Estavam longe de Crescentfalls, desciam em direção ao México e embora estivessem longe da fronteira, mais algumas horas de viagem e chegariam ao outro país. Estavam na velha cabana do sul, conhecida por abrigar forasteiros.

Desceu do cavalo e andou devagar pelos arbustos, tentando ver a movimentação ao redor da cabana. Jerry parou ao ouvir o engatilhar da arma.

— A não ser que queira terminar o começou em Shepherd, sugiro que abaixe a arma. — Jerry falou por cima do ombro.

Brad abaixou a arma.

— Você me seguiu desde o rancho Palmer. — Brad se colocou ao lado dele. — Deveria ser mais discreto.

— O Ranger aqui é você — retrucou e olharam para a cabana. — Quem está lá?

— Adam Palmer — contou. — E acredito que seu irmão está com ele.

Jerry sentiu o sangue gelar. Não queria ferir o irmão ou atacá-lo. Aliás, não queria que ninguém saísse ferido, apenas queria que Adam Palmer pagasse pelo roubo de gado. Deixaria Tim ir embora sem problemas.

— E o que pensa em fazer?

— Prendê-los. Estou aqui para isso. — E o encarou friamente. — Caso esteja aqui para me atrapalhar, dê meia volta — avisou. — Não vou poupar seu irmão, ele tem que pagar pelo que fez.

— Essa briga não é sua.

— Não estou aqui por causa de uma briga entre família, Clarkson. Venho em nome da lei e para me parar vai ter que matar — desafiou.

Os homens se encararam.

— Está preparado para ver seu irmão ser preso? — questionou.

— Não. — Jerry respondeu sincero. — Mas não vou impedi-lo, Dawson.

Brad compreendia o conflito de Jerry.

— Fique aqui se quiser, vou invadir a cabana.

— Sozinho? — perguntou surpreso.

— Não será a primeira vez que enfrento mais de um homem — assegurou. — Fique aqui.

Brad se ergueu e caminhou até a cabana. Uma fraca luz podia ser vista pela janela suja. Os cavalos estavam amarrados diante da casa. O ranger ouviu atentamente e notou que os homens conversavam nos fundos da cabana, então, decidiu invadir pela frente mesmo. Com o rifle em punho, ele andou abaixado e parou diante da porta, chutando-a rápido:

— Parados! — gritou. — Não se movam ou eu atiro!

Adam e Tim estava em pé desarmados e ergueram as mãos assustados. Jerry surgiu a porta e Brad o olhou rapidamente. Tim aproveitou a distração e sacou sua arma para atirar, mas Brad foi mais rápido e atirou contra a mão dele. Adam Palmer também sacou a arma e atirou, mas Brad conseguiu desarmá-lo, atirando em seu braço. O rancheiro caiu gritando de dor.

Jerry entrou na cabana e foi em direção ao irmão. Tim sacou a outra arma e apontou para Jerry que parou no mesmo instante, assustado.

— Não faça isso, Tim. — Jerry pediu.

Havia ódio no olhar de Tim e desespero em Jerry. Ele pensava que Jerry o havia entregado ao Ranger. Os dois se encararam friamente, Jerry não podia acreditar que o irmão atiraria.

O tiro ecoou pela noite, assustando aos cavalos.

Capítulo XXIV

Brad entrou na silenciosa casa atrás da igreja. Foi um dia exaustivo, pensou que nunca terminaria. Tudo que precisava agora era de um bom descanso, na manhã seguinte, mandaria um aviso aos seus superiores pedindo que enviassem a diligência para buscar os ladrões de gado. Fechou a porta, Brad acendeu a lamparina e o ambiente foi totalmente iluminado.

Seus pensamentos foram até o futuro próximo. Logo teria que partir. Pensou em Donna e balançou a cabeça. Aquela maldita não saía de seus pensamentos, ela estava presa em seu coração. Entretanto, ela o odiava e sentia que o abominaria até o fim da vida depois daquela noite.

Brad assustou ao ser pego por trás. Um invasor passou uma corda por seu pescoço e tentava sufocá-lo. Ele levou as mãos ao pescoço, tentando puxar a corda. Seu oponente era forte e maior o suficiente para apertá-la com muita força. Brad apoiou os pés no chão e jogou o corpo para trás. O assassino deu alguns passos, mas não foi o suficiente para fazê-lo cair. Ele sacudiu Brad e o Ranger começou a sufocar.

Brad esticou a mão para pegar arma presa em sua perna, mas foi jogado de lado e perdeu o equilíbrio, a arma voou longe. Lutava em vão por sua vida. Estava ficando cada vez mais difícil respirar. Ouviu algo se quebrar e seu oponente o soltou, ambos caíram. Brad lutou para respirar e Donna surgiu diante dele, os olhos preocupados procurando por ferimento.

— Você está bem? — Ela quis saber.

— Sim — respirou fundo sentindo que o pior era pensar que se Donna não tivesse chegado naquele momento, ele teria sucumbido a morte.

Olharam para o homem desmaiado, era Frank Wilson.

— Por que ele tentou matar você? — perguntou intrigada.

— É o que vamos descobrir.

Brad usou a corda para amarrar Frank e o levou para a delegacia depois de acordá-lo com um balde de água fria. Frank não resistiu à prisão e caminhou com a escolta do Ranger até a delegacia, onde Peterson dormia e roncava. Ele acordou com a entrada deles e levantou-se depressa esfregando o rosto.

— O que houve? Mais um ladrão de gado?

— Não. — Brad fez que não. — Este é o assassino dos padres.

Ele empurrou Frank na cadeira e esse fez uma careta de dor.

— O que acha de dizer a verdade, rapaz? — Brad o desafiou. — Ou vai querer que eu atire em sua perna até que me diga porque tentou me matar...

— Você não é um padre! — Frank reclamou revoltado. — Padres não falam desse jeito!

— Não sou mesmo... Sou um Texas Ranger e quero saber por que tentou me matar achando que eu era o padre?

— Eu só não queria me casar! — falou choroso.

Brad franziu o cenho:

— O quê? Matou os padres porque não queria se casar.

— O senhor conhece Sandy Lee. Ela é implacável quando quer uma coisa e vivia me infernizando — reclamou. — Eu não gosto dela, ela é uma megera! Mas assumi um compromisso... Não havia como voltar atrás.

Peterson e Brad se entreolharam estupefatos.

— Está brincando! — Brad fez que não. — Matou os padres por que não conseguia terminar seu noivado com Sandy Lee? — O rapaz assentiu. — Deveria ter feito isso, rapaz. Agora vai passar o resto da sua vida em uma cadeia... Se não morrer enforcado.

Brad jamais entenderia a lógica dos criminosos: o homem preferia matar pessoas inocentes, a romper um relacionamento que abominava.

— O que mais pode acontecer esta noite? — Peterson perguntou, enquanto trancafiava Frank Wilson junto de Adam Palmer.

Os dois criminosos se entreolharam e cada um ficou de um lado da cela. Sem se falar. Todos sabiam que Sandy Lee usava Adam Palmer como seu fantoche, depois de lhe oferecer beijos apaixonados e noites ardentes de amor.

Brad respirou fundo e olhou para a porta da delegacia. Donna estava esperando por ele lá fora, sabia disso. Infelizmente, a noite ainda não havia terminado.

— Merda! — praguejou e foi em direção a saída.

Ela havia salvado sua vida, por isso, ele lhe devia uma explicação.

Donna estava sentada nas escadas em frente à delegacia e se levantou quando Brad finalmente saiu. O olhar dele era impassível, nervoso. Ela não tinha ideia do que havia acontecido desde que se falaram naquela manhã, mas tinha certeza que fora o dia mais longo de suas vidas. E ela estava ali para resolver isso. Fora a casa atrás da igreja para falar com ele e agora não poderia perder a coragem.

Brad parou diante dela e a encarou. Donna era a mulher mais bonita que havia conhecido e a amava profundamente. Entretanto, depois daquela noite ele sabia que não havia futuro para eles. O trabalho dele estava acima de tudo e não podia se curvar aos sentimentos, por mais intensos que eles fossem.

— É melhor ir embora, Donna. Deve dormir na pensão ou voltar para a cabana! — falou secamente.

A raiva no semblante dele era algo novo para ela. Sabia que ela havia sido dura com ele naquela manhã, mas não esperava que em tão pouco tempo ele estivesse disposto a não ficar mais ao seu lado.

— Brad, eu queria falar com você e...

— Eu matei seu irmão, Donna. — Ele a interrompeu. Não queria magoá-la, mas não havia outro caminho.

— O quê? — Ela deu um passo para trás, sem compreender.

Brad soltou o ar dos pulmões lentamente. Procurando as palavras certas para contar a verdade.

— No exercício da lei, eu matei Timothy Clarckson — falou ríspido, sem qualquer emoção na voz.

— Não! — Ela fez que não e levou as mãos aos lábios.

— O corpo dele já está em posse de sua família... Jerry o levou para a fazenda Shepherd para enterrá-lo — contou friamente.

— Não! — Ela gritou e foi para cima dele para lhe deferir socos.

Brad a segurou com firmeza e Donna começou a chorar. Ele queria abraçá-la, doía seu sofrimento mais do que qualquer outra coisa. Ele não queria vê-la assim, mas aquele era o seu trabalho: defender a sociedade de criminosos. Não havia escolha, ele tinha que matar os fora-da-lei mesmo que fossem de sua família, mesmo que isso fizesse a mulher que amava sofrer.

Foi quando se deu conta que a vida de um Ranger deveria ser solitária. Não havia espaço para sentimentalismos e pontos fracos, e Donna era o seu.

— Monstro! — Ela se livrou das mãos dele.

— Donna...

Ela pegou a arma em seu coldre e apontou para ele com raiva.

— Não podia ter feito isso, Brad. — Ela murmurou entre lágrimas.

Aquela atitude dela era tudo que Brad precisava para ter certeza que uma muralha de ódio se erguera entre eles. Ele deu um passo para ela.

— Eu vou matar você! — Donna ameaçou com ódio.

Brad não respondeu, continuou dando passos até que a arma encostou em seu peito. Ele ficou olhando para ela, esperando que ela atirasse. Donna queria atirar, era mais do que justo com o homem que matou seu irmão. Como ele pôde fazer isso? Ele matou Tim! Entretanto, ela o amava. Infelizmente, mesmo que quisesse, não poderia atirar em Brad.

— Vá para casa, fique com sua família. — Ele aconselhou. — E nunca mais me procure...

Ele se virou e foi em direção a igreja. Donna deixou o choro tomar conta e olhou para as costas largas que se afastavam rapidamente. Tinha esperado para encontrá-lo e dizer que o amava e estava disposta a lutar por aquele sentimento verdadeiro, queria que ele a perdoasse por ser tão cabeça dura, que ele era o homem da sua vida e pensaria nele até seu último suspiro.

Agora, a única coisa que ela conseguia sentir por ele era desprezo. Sentiu um aperto no peito. Brad havia destruído sua família.



Malick estava sentado ao lado de Maggie, no grande sofá. Na solitária poltrona se encontrava uma abatida e chorosa Sandy Lee. Brad andou pela sala. Já não vestia mais suas roupas de padre, estava com calça e casacos negros, a camisa branca, o colete vermelho. Ele tirou o Stetson quando entrou na casa e cumprimentou toda a família que o aguardava. O xerife Peterson informou que ele viria.

Ninguém ousava criticar o Texas Ranger por ter fingido ser um padre. Eles sabiam que ele estava a serviço da lei que se cumpriu sob o céu dos implacáveis Clarckson.

— Meu nome é Bradford Dawson. — Ele se apresentou da maneira correta. — Sou um Texas Ranger e estive disfarçado de padre, nas últimas semanas, para investigar a morte dos padres.

Maggie segurou com firmeza a mão do marido e enxugou as lágrimas.

— E o que vai acontecer, Dawson? — Malick quis saber.

— Ontem foi um dia bastante peculiar. Sem prever, conseguimos prender o assassino dos padres e os ladrões de gado. — Brad falou com seriedade. —

Palmer confessou que sua filha sabia do roubo de gado, e ela os ajudava com informações, enviando as cartas para possíveis compradores, administrando parte do dinheiro que Adam Palmer conseguia.

— É o apocalipse! — Maggie lamentou.

— Sua filha vai ser levada a julgamento, em San Antonio, por ser cúmplice dos crimes cometidos por Clay Pearl, Adam Palmer e Timothy Clarkson.

Sandy Lee se jogou aos pés dele:

— Por favor, não! Eu sou muito jovem! — Ela gritava desesperada. — Não me leve!

Brad a ignorou por completo e voltou-se para Malick:

— Sinto muito, Malick, mas tenho que cumprir a lei.

Malick se levantou. Tinha o semblante sério, mas havia uma tristeza sem igual em seus olhos.

— Então a faça cumprir! — mandou.

— Não! — Sandy Lee gritou mais. — Eu não quero ir! — andou ajoelhada e agarrou a calça do pai. — Por favor, não me deixe ir, sou sua filha!

Lágrimas surgiram nos olhos de Malick, mas ele as reteve e engoliu em seco. Olhou apenas para Brad:

— Eu tenho apenas uma filha e ela se chama Beth Lee — sentenciou.

— Não! — Ela chorava.

Brad se aproximou dela.

— Posso levá-la até a cadeia arrastada com todos a olhando e rindo de sua encenação. Ou pode se levantar e eu apenas a conduzirei, sem maiores transtornos — avisou.

Sandy Lee notou que ninguém a ajudaria. Ninguém viria para salvá-la. Adam estava preso acusado de roubo. Frank estava encarcerado acusado de assassinato. E seus pais a desprezavam. Nunca se sentiu tão miserável em toda sua vida. Ela parou de se debater, ajeitou o corpo e se ergueu respirando fundo e enxugando as lágrimas.

Olhou para os pais com raiva e desprezo, mas não ousou dizer nada, tinha medo daquele Ranger. Sempre teve medo do padre e agora que sabia sua verdadeira identidade, o temia ainda mais. Olhou para Brad:

— Podemos ir.

Brad a segurou pelo braço e a conduziu para fora da pensão.

Maggie chorou copiosamente e Beth Lee entrou na sala para se unir a mãe e abraçá-la. Sentia muita raiva de sua irmã para olhar para ela uma última vez. Sandy Lee tentara de todas as formas destruir sua vida e finalmente havia conseguido.

Ouviram batidas na porta e Malick foi atender. Era Bob. Ao vê-lo, Beth Lee sentiu toda a mágoa em seu coração. Olhou para o outro lado, ignorando a presença dele. Malick se aproximou de Maggie, a ajudou a ficar de pé e a conduziu para o andar de cima, ela precisava descansar depois da decepção que haviam sofrido com toda aquela história de Sandy Lee.

Beth Lee permaneceu dura como uma pedra. Bob girava o chapéu entre as mãos, nervoso. A história sobre sua atitude intempestiva na casa de Malick se espalhou. Todos sabiam que ele acusara Beth Lee de ser uma traidora, quando na verdade ela não era.

— Beth Lee.

Ele pronunciou o nome dela, entretanto, ela sequer se moveu para olhá-lo. Ele daria tudo para ver o brilho em seus olhos outra vez.

— Sei que está chateada comigo, mas...

— Vá embora. — Ela murmurou.

— O que disse?

Beth Lee se levantou e esbravejou:

— Vá embora! — Ela se voltou para ele. — Acabou, Bob! — falou com raiva.

— Deixe-me explicar. — Ele pediu.

— Explicar o quê? — Beth Lee foi para cima dele. — Que não confia em mim? — Ela fez que não. — Chega, entendeu? Eu não quero mais estar ao seu lado!

Ele assentiu:

— Quando estiver mais calma...

— Não vou estar mais calma! — Ela o cortou. — Prefiro ser uma solteirona do que me casar com um homem que não me ama. Que me envergonha!

— Eu a amo, Beth Lee. Tanto que fiquei louco de ciúme quando vi o cavalo de seu pai na casa de Palmer — justificou.

— Não! Isso não é amor, é posse. — Ela cruzou os braços. — Não quero

ser sua noiva ou esposa. Nada. Quero esquecer que um dia o conheci!

— Está magoada, eu entendo.

— Chega, Bob! — Ela perdeu a paciência como jamais pensou que perderia um dia. — Vá embora, me esqueça de uma vez... Eu não quero estar com você... E isso é definitivo, entenda!

— Vou provar que mereço seu perdão. — Ele insistiu.

— Vai perder seu tempo! — Ela assegurou. — Agora, vá embora e me esqueça!

— Vai conseguir me esquecer? — Ele a questionou.

— Sim. Não vou pensar em um homem que envergonhou meu nome.

Eles se encararam friamente. Bob soube que naquele momento havia perdido a batalha.

— Vai ter notícias minhas... — Ele falou e saiu batendo a porta.

Malick surgiu na sala em seguida.

Beth Lee enxugou as lágrimas e se voltou para o pai. Sabia que ele a repreenderia por ter mandado Bob embora, mas ela já não se importava.

— Desculpe-me... Mas eu não podia...

— Eu entendo. — Ele assentiu. — Caso não tivesse o mandado embora, eu teria.

Ela se surpreendeu com as palavras de seu pai.

— Mesmo?

Malick fez que sim:

— Os Clarckson tem que entender que não são donos do mundo! Dawson provou isso e os paralisou! — Ele se aproximou da filha com semblante cansado. — Tim destruiu a vida de Sandy Lee e eu jamais os perdorei por isso.

Beth Lee sentiu um choque ao ouvir o pai falar com tanto ódio e rancor.

— Entendo que está chateado, mas não acha que Sandy Lee decidiu por si mesma se envolver com tudo isso?

Malick balançou a cabeça em negativo:

— Você é muito ingênua, querida. — Ele se aproximou e beijou a testa da filha com carinho. — É uma joia rara e não compreende o quanto as pessoas podem ser ruins. Veja Robert Clarckson, ele brincou com seu coração e ainda tentou manchar sua honra várias vezes... Eles não prestam e não merecem nosso perdão.

Ela aquiesceu.

Malick saiu da sala e Beth Lee suspirou. Seu pai tinha razão quanto as Clarckson. Eles haviam destruído a vida de sua família. Olhou para a porta por onde Bob acabara de sair. A partir de agora eram inimigos mortais, o amor que um dia devotara a ele, se transformou em algo ruim.



A diligência levou cinco dias para chegar a Crescentfalls. Nesse tempo, Brad ficou na pensão de Malick onde o clima se tonara pesado e sombrio. Dois Rangers vieram ajudar Brad no transporte, Luke e Brian. Ele estava pronto para partir, precisava falar com uma pessoa. Ele se dirigiu à fazenda Shepherd. Caroline o recebeu. Ela estava abatida, mesmo assim o tratou com cordialidade.

— Donna não está, ela foi com Jerry tratar da venda dos produtos que vai fabricar com as outras mulheres... — Ela explicou.

Ele sabia que ela estava fora da cidade. Brad seguia cada passo dela, mesmo que sua razão dissesse para parar. Era inevitável que cuidasse dela, enquanto estivesse na cidade. Era o mínimo que podia fazer em nome do amor que sentia por aquela mulher.

— Não vim falar com ela — respondeu com indiferença. — Gostaria de falar com John, se fosse possível.

Caroline ficou surpresa e concordou.

— Sabe que ele não responderá a nada do que disser, não é?

— Sei, senhora.

— Eu vou levá-lo até o quarto.

Brad encontrou um John Clarckson muito doente, havia emagrecido. Estava com a barba por fazer, os olhos fundos. Não era para menos, o homem havia perdido seu filho da pior maneira possível.

— Não quer se sentar? — Caroline apontou a cadeira.

— Não, obrigado. Estou com pressa. A diligência já chegou à cidade e estou partindo para levar os prisioneiros até San Antonio.

John moveu os olhos e Brad o fitou antes de falar:

— Espero que cuide de Donna. Não estarei aqui para fazer isso, mesmo

assim, sempre estarei preocupado com ela. Ela jamais poderá me perdoar por eu ter matado Timothy — constatou. — O senhor a conhece bem, sabe que ela é orgulhosa. Duvido muito que voltemos a nos encontrar. A não ser que tenha outro assassino de padres por aqui — falou com bom humor. — Desejo-lhe felicidades. — Brad colocou o chapéu na cabeça. — E cuide de sua família, eles precisam. Sinto muito por seu filho, mas eu tive que fazer uma escolha... Gostaria que soubesse...

Era Timothy ou Jeremiah, e Brad fez sua escolha. Tim ia matar o próprio irmão e Brad não permitiu que isso acontecesse.

Brad acenou com a cabeça e se foi. Saiu apressado, mas parou no alto da escada quando viu Donna Mae subindo os degraus. Seu coração bateu forte. Ela usava um vestido marrom, o cabelo estava trançado e caía displicente sobre o colo delicado. Foi inevitável que o desejo o assolasse. Ele engoliu em seco.

Donna sentiu um arrepio pelo corpo. Estava de cabeça baixa segurando as saias e prestando atenção para não pisar na barra e cair. Levantou o olhar e parou imediatamente ao ver Brad parado, olhando para ela. Suas mãos seguraram com firmeza o tecido, não esperava vê-lo assim, de súbito.

Ficaram se olhando por um longo tempo, sem saber o que fazer. Brad foi o primeiro a sair daquele torpor de saudade e frustração. Ele desceu a escada e parou diante dela, acariciando-a com o olhar cheio de paixão.

— Pensei que já tivesse partido. — Ela quebrou o silêncio, seu coração parecia bater por todo o corpo. Sentia o rosto queimar de calor, podia jurar que estava corada.

— Estou partindo agora — informou. — Eu precisava falar com seu pai.

Ela compreendeu. Brad não estava ali por ela e Donna sentiu o coração sangrar. Ele havia pedido que não o procurasse mais e ela obedeceu, movida pelo rancor do que pelo amor que sentia por aquele homem.

— Está de vestido. — Ele não conseguiu se conter.

Donna olhou para si e encolheu os ombros antes de voltar a encará-lo:

— Jerry me levou para falar com os rancheiros sobre a cooperativa — contou tímida.

— E o que disseram?

— Ficaram receosos — sorriu sem entusiasmo. — Mas vão pensar no assunto.

— Já é um grande passo.

Ele precisava ir. Tinha trabalho a fazer e não podia ficar conversando com Donna o resto de sua vida. Mas a ideia de que, provavelmente, nunca mais voltariam a se ver, o deixou tenso. O que faria com aquele sentimento tão forte e intenso que consumira sua alma? Como podia deixá-la e nunca mais estar com ela?

— Preciso ir — foi tudo o que conseguiu dizer. Brad não imaginou que reencontrar Donna lhe causaria aquele conflito de emoções. — Espero que seja feliz no caminho que seguir.

Donna não podia aceitar que ele partisse daquele modo frio depois de tudo que tiveram.

— Brad... — Ela segurou o braço dele. Ele a encarou e ela prosseguiu: — Não o culpo pela morte de Tim. Meu irmão escolheu seu próprio destino. Sinto muito se meu temperamento explosivo o magoou, mas eu não tinha ideia do que era o amor até encontrá-lo ao seu lado. Perdoe-me por minha imaturidade...

Aquelas palavras lhe trouxeram um alívio inexplicável. Era tudo que precisava ouvir. Donna sentiu que a confissão ruiu a muralha que ele construía entre eles nos últimos dias. Aproximou-se mais e pôde sentir a energia intensa que os unia. Mesmo que ele decidisse partir e fosse a última vez que se encontrassem, ela almejava reter cada segundo mágico ao estar perto dele.

— Não precisa dizer nada. — Ela murmurou e seu estômago contraiu ao notar a forte paixão no semblante dele. O arfar da respiração, os lábios entreabertos, os olhos escuros. — Quero que saiba que os dias ao seu lado foram os mais felizes da minha vida. — Ela tocou o rosto dele sentindo a barba rala e seus finos dedos deslizaram pela pele quente. — E não haverá outro homem como Bradford Dawson em meu coração.

Sem pressa, ela se aproximou dele e o beijou de leve nos lábios.

Brad fechou os olhos e toda sua razão se esvaiu. Correspondeu ao beijo, estava tão excitado que precisava se controlar para não extravasar a paixão que sentia de forma selvagem. Ele não precisava dizer nada, Donna sabia que ele também a amava. Entretanto, aquele não era o momento certo para eles. Na verdade, se perguntou se algum dia haveria um tempo para que a história de amor se concretizasse.

Relutante, ela se afastou.

— Adeus, Brad.

E subiu as escadas correndo para que ele não visse suas lágrimas.

Ele fez menção de ir atrás dela e declarar seu amor.

Entretanto, havia trabalho a fazer e os outros Rangers esperavam por ele. Montou em seu cavalo e foi em direção à Crescentfalls. Pela primeira vez na vida, ele odiou ser um Texas Ranger.

Epílogo

A chegada do novo e verdadeiro padre, Mathews Saunders, aconteceu algumas semanas depois, deixando a cidade polvorosa. Todos queriam se confessar e contar as fofocas da cidade para o homem grisalho que se parecia com um pároco, realmente ele não tinha a agressividade de Bradford Dawson, o homem que marcou a história de Crescentfalls.

Entretanto, de todos os casamentos marcados, o único que se concretizou foi o de John e Caroline. Aconteceu na fazenda Shepherd e apenas a família estava reunida para ser testemunha daquele dia memorável. Embora não conseguisse falar nenhuma palavra, apenas piscar uma vez para o “sim” e duas para o “não”, Caroline se comunicava com ele da forma que o médico os auxiliara. Ele ainda balbuciava alguns sons, mas os movimentos do corpo continuavam inertes.

No entanto, o que mais entristeceu Donna foi a indiferença de Beth Lee para com ela, depois da longa amizade de anos.

— Não quero mais ser sua amiga, Donna. — Ela informou friamente quando Donna foi visitá-la no dia em que os prisioneiros foram levados da cidade. — Sua família fez muito mal a minha, não há espaço para bons sentimentos entre nós.

— Beth Lee! — falou chocada. — Nós somos amigas. Como irmãs.

— Não somos mais. Por favor, vá embora.

Donna Mae partiu. Sua vida se tornara um tanto solitária sem Brad e a amizade de Beth Lee, entretanto, a cooperativa tomava todo seu tempo e ela se afundou no trabalho. Devido à guerra de Secessão, muitas mulheres ficaram viúvas e precisavam ganhar dinheiro para sustentar a família, por isso, foram atraídas para Crescentfalls pela novidade do serviço fácil que a cooperativa oferecia.

Jerry Clarckson decidiu ajudar a irmã em seu empreendimento e construiu casas em uma parte da fazenda para abrigar as famílias que chegavam. Também mandou construir um galpão onde as mulheres podiam trabalhar. Donna Mae investiu todo o dinheiro que possuía em maquinário e logo estavam trabalhando a todo vapor. E o tempo passou depressa e a vida seguiu em frente.

As estações passavam depressa e os Clarckson cresciam em seus

caminhos solitários.

Numa tarde de outono, Caroline estava costurando sentada na varanda quando Donna se aproximou depois de um longo dia de trabalho. Tinha voltado a viver na fazenda com a tia, era mais fácil para auxiliá-la nos cuidados com o pai e quebrou seu orgulho ao perceber que a família era tudo que lhe restara. O orgulho nunca trazia qualquer tipo de felicidade.

— Posso me sentar aqui?

— Claro, querida. — Caroline deixou a costura de lado. — Como foi seu dia?

— Excelente. — Donna sorriu. — Conseguimos terminar a primeira encomenda e as carroças estão cheias para levar até San Antonio.

— Ótimo...

— Estou preocupada com Bob, tia. — Ela falou de uma vez.

— Com Bob? Por quê?

— Desde que Beth Lee o rejeitou, ele anda bastante calado e ontem ouvi ele dizendo a Jerry que quer partir...

Caroline já imaginava por isso.

— Não se preocupe. Talvez ele precise apenas de um tempo fora, nada mais — observou. — Os homens não sabem lidar muito com o sofrimento. Passar um tempo longe irá ajudar a esquecê-la.

— Sinto por eles.

— Eu também, querida. Contudo, mesmo que Beth Lee o aceitasse, Malick a impediria. Aquele homem nos tem agora como inimigos mortais.

Donna Mae sabia disso, ele não passava mais perto dos Clarckson e deixara claro que se algum deles se aproximasse de sua pensão ou de alguém de sua família atiraria. E ainda havia o fato de que Adam Palmer e Sandy Lee eram foragidos. Eles haviam fugido da cadeia em San Antonio e seus rostos estavam espalhados pelos cartazes de procurados. Quanto a Frank Wilson aguardava julgamento ainda preso. Tantas vidas destruídas pela ambição de um único homem: Timothy Clarckson. Poderia entender a raiva de Malick.

— Eu o entendo. — Donna falou decepcionada e se levantou. — Embora Sandy Lee sempre fora uma vigarista, que fez mal as pessoas, desdenhou, ela procurou por isso.

— Nós sabemos disso, Donna. Mas já pensou que para Malick é mais fácil acreditar que nós somos os culpados do que compreender que a filha dele

não vale nada? — Ela ponderou. — A dor da verdade não é suportável para todos, querida.

Donna tinha que concordar com ela.

— Tem razão. Mas sinto falta da amizade de Beth Lee.

— Eu imagino, meu amor.

— Tenho as meninas da cooperativa, elas são boas, gostam de conversar, mas não há a confiança que havia entre nós, entende?

Caroline assentiu:

— Beth Lee é uma boa moça, quem sabe quando seu irmão viajar, ela se sinta mais à vontade para falar com você, mesmo que for escondido — deu um sorriso confiante.

— Tomara — sorriu. — E como está meu pai?

— Bem. Ele não quer mais tomar sopa, faz careta quando chego com ela no quarto — riu. — Mas o que posso fazer, não é?

— Acha que um dia ele vai se recuperar, tia?

— Eu tenho fé que sim, Donna. Seu pai é um homem muito forte e ele venceu muitas coisas na vida para se entregar agora... Não acha?

Jerry surgiu na varanda.

— Olá, moças. — Ele sorriu charmoso.

— Como está, querido? — Caroline falou com carinho. — Se estiver procurando seu Bob, ele foi à cidade com Jack.

— Eu estava procurando Donna Mae. — Ele olhou para a irmã. — O xerife está aí e quer falar com você.

— Comigo? — estranhou. — O que pode ser?

Jerry encolheu os ombros e Donna bufou revirando os olhos. Ela tirou o chapéu e deixou a farta cabeleira cair nos ombros.

— O que será que Peterson pode querer comigo, agora? — perguntou impaciente.

— É melhor falar com ele...

Donna entrou em casa, pisando duro. Na semana anterior, Peterson a procurou. Uma das moças que trabalhava para ela, Clarissa Taylor, era viúva de um famoso pistoleiro, Daniel Taylor, conhecido como O Patife. Peterson temia que isso acarretasse algo de ruim para a cidade, atraindo criminosos em busca de vingança. Donna não podia mandar Clarissa embora, ela era uma excelente

costureira, fazia seu trabalho com perfeição e não lhe causava problemas. Além disso, todos mereciam uma segunda chance.

Os dois discutiram e Donna exigiu que ele deixasse Clarissa em paz. Mas Peterson era um chato. Em vez de caçar forasteiros, ficava atrás de mulheres que queriam apenas trabalhar!

Donna entrou na sala como um furacão, pronta para uma boa discussão e mandar o xerife embora, mas ela parou de repente. Havia um homem parado de costas para ela. Ele usava um Stetson negro, roupas escuras. Entretanto, ela o reconheceria mesmo que estivesse do lado avesso.

— Brad?

Ele se voltou para ela e deu um meio sorriso charmoso. Ela sentiu uma emoção forte ao revê-lo depois de tanto tempo, exatos duzentos e trinta e sete dias. Donna os contava. Brad atravessou o espaço que os separava sob o olhar incrédulo de Donna. Parou diante dela.

— Sim, sou eu.

— O que faz aqui? — Ela o fitou atônita, sem saber o que fazer.

— Sou o mais novo xerife — explicou. — Levou alguns meses para convencer meus superiores que esta cidade precisava de um agente da lei mais rigoroso. Demorou para conseguir a aposentadoria de Peterson, mas eu consegui voltar.

— Está brincando?

— Não. — Ele deu mais um passo e tocou os cabelos dela. — Eu voltei, Donna, para você, para ficar.

— Ora, seu cretino...

Ele a puxou pela nuca e a beijou, intenso, esfomeado, com uma saudade que quase o havia matado. Ela se agarrou a ele, correspondendo com intensa paixão. Donna se afastou ofegante:

— Pensei que tivesse me esquecido! — reclamou e o beijou. — Você não escreveu, não deu notícia!

— Fazia tudo parte do plano! — sorriu com bom humor. — Fiquei receoso de não dar certo. Eu teria que colocar em prática meu plano B.

— Plano B? — Ela estranhou.

— Sequestrá-la e levá-la daqui para sempre. — Ele riu.

— Eu deveria lhe dar um tiro! — ameaçou.

Ele se afastou e a encarou:

— Isso não faz parte do plano.

— E qual é o seu plano?

Ele encolheu os ombros:

— Arrume suas coisas, vamos para San Antonio nos casar. Eu sou protestante, não posso me casar em uma igreja católica.

Ela riu balançando a cabeça

— E se eu recusar a me casar com você?

— Vou colocar o plano B em prática! — Ele a beijou. — Chega de ficar longe um do outro, Donna. Não vão aceitar que moremos debaixo do mesmo teto sem um papel de casamento e a benção da igreja, então, arrume suas coisas, estou louco para ser seu marido...

— Você está querendo outra coisa... — comentou maliciosa.

— Sim. São mais de seis meses de celibato. Tem ideia do desejo acumulado?

— Isso é indecente, sabia? — reprovou.

Brad se aproximou e disse ao seu ouvido:

— Nossa decência se foi há muito tempo, querida. Se perdeu nas águas do Rio Cleveland... — E afastou para olhá-la nos olhos. — Eu amo você, Donna Mae. E desejo do mais profundo do meu coração que se torne minha companheira e divida comigo o resto dos seus dias...

— Ah... Brad... Eu deveria ter atirado em você aquele dia na beira do rio... — disse emocionada. — Teria me poupado tanta angústia...

— Acredito que isso seja um sim!

— Sim!

Ele a pegou pela cintura e a levantou, rodando-a no ar.

— Você é louco! Coloque-me no chão!

— Louco por você, Donna Mae.

O coração dela se encheu de esperança e amor.

— Sou um homem de palavra, prometi que seria minha para sempre, lembra-se?

— E como eu poderia esquecer, Brad? Você virou minha vida do avesso e me fez acreditar na força do amor...

Ele sorriu satisfeito e a beijou com toda a paixão que sentia sob o céu de Crescentfalls. O lugar onde os Dawson criaram raízes e fariam sua história para

sempre.

Fim.

OUTROS LIVROS DA AUTORA

ROMANCES HISTÓRICOS

SÉRIE CASAMENTO ARRANJADO

Lançados pela Editora Portal - <https://bit.ly/2CufAPk>

O DUQUE <http://a.co/d/fq3JCTx>

A inglesa Victoria Longford foi prometida em casamento ao decrépito francês Sebastian Funevaire, desde os treze anos, quando sua irmã fugiu com um estranho e deixou Funevaire no altar. Fadada à infelicidade, longe do olhar da sociedade, espera angustiantemente completar dezoito anos para que o casamento seja realizado. Mas seu caminho cruza com o de Philip Beltoise Cevert, o arrogante e prepotente Duque de Trintignant. Ele lhe rouba um beijo durante uma festa, em Paris, e ela paga um alto preço por isso. Com sua honra manchada, um casamento desprezível a caminho, ela terá de abrir mão de todo seu orgulho para tomar um novo rumo em sua vida...

O YANKEE <http://a.co/d/icbgrMT>

A inglesa Helena Thompson foi criada pelo pai para ser uma linda senhora casada e com filhos e uma vida próspera. Entretanto, sua alma aventureira e rebelde a levou a se envolver com a Guerra de independência dos Estados Unidos, mas ela não estava do lado de seus compatriotas e sim dos colonos americanos. Sua escolha vai leva-la a conhecer o enigmático Capitão Maximillian Taylor, e se apaixonarem perdidamente, entretanto o amor deles é impossível, ele é um ianque que entregou o coração ao mar e ela uma inglesa que jurou a si mesma nunca mais confiar em um homem. Contudo, o destino vai conspirar contra esses dois corações teimosos e suas vidas vão se entrelaçar de uma forma inesperada...

O PLEBEU <http://a.co/d/3knFChB>

Stefano De Marco é um simples fazendeiro da região de Sevilha, na Espanha, quando sua vida é bruscamente destruída através de segredos e uma grave traição que o levará à Prisão Provincial, em Madri. Filho bastardo do Conde de Monteblanco, ele é resgatado da forca e sua vida totalmente transformada ao herdar do falecido pai o título e toda sua riqueza. Inclusive, um Casamento Arranjado com sua suposta madrastra, Valentina de Astoria e Valência. O que Stefano não esperava era que fosse se apaixonar de forma avassaladora por Valentina e descobrir que ela era muito mais que uma nobre dama: é uma princesa cigana que mantém seu passado em segredo. Preso à promessa de vingança contra os que o enganaram no passado, o novo Conde se vê enredado em uma trama de preconceito, poder e guerra. Ele terá que fazer difíceis escolhas, em que a única chance de sobreviver será agarrar-se ao mais forte sentimento da vida: o amor.

SÉRIE CONTOS DE NATAL

A CASA DA COLINA <http://a.co/d/daHrVi9>

1860. A Inglaterra está a pleno vapor com a Revolução Industrial, e não é diferente na pequena Shetwood, aonde as minas de carvão se movem dia e noite. A vida de Phedra Johnson sempre foi difícil, mas ela nunca perdeu as esperanças de dias mais felizes. E mesmo quando seu pai morreu e seu primo Scott Fielding apareceu para tomar posse da herança, ela deixou de acreditar que as coisas poderiam melhorar. E enquanto todas as moças de Shetwood querem casar-se com Scott, seu único desejo é manter seu emprego, ser independente e partir para Londres, aonde recomeçaria sua vida. Mas há a Casa da Colina, o lugar em que

Phedra nasceu; a pequena Beatrice por quem ela tem um grande carinho; e também há a possibilidade de um novo e poderoso amor. O natal está chegando, e por que não acreditar que as boas novas estão por vir? Descubra neste conto um presente de natal.

DE VOLTA A CASA DA COLINA <http://a.co/d/0HwJLia>

Beatrice foi adotada por Vincent e Phedra Turner, os Condes de Waterford, e eles moram em Londres, onde ela tem uma vida de regalias na nobreza. Os anos passaram, mas a jovem nunca deixou de ser aquela garota das minas de Shetwood, por isso, ela opta por voltar às suas origens e decidir o que fazer de sua vida. Entretanto, Shetwood não é mais aquele simples vilarejo, tornou-se a maior produtora de carvão da Inglaterra industrial e ela vai encontrar o caos movidos pela ambição do dono das minas: Robert Stanford, filho dos Duques de Montgomery: Farell e Meredith. E isso vai contra todas as crenças e convicções da jovem. Porém, as coisas não são como parecessem ser e Beatrice ficará dividida entre passado e futuro, em meio ao amor e seus valores. De Volta à Casa da Colina é mais um conto de natal como presente para aquecer os corações dos leitores.

SÉRIE DAWSON WESTERN

A FORÇA DO AMOR

Donna Mae Clarckson é uma mulher à frente do seu tempo, preocupada em tornar o vilarejo em que mora no velho oeste, em uma cidade próspera que conste no mapa. Ela não está ansiosa para encontrar um marido e ter filhos, ao contrário, há muito tempo esse detalhe foi riscado de sua lista de prioridades. Entretanto, a chegada do novo padre no povoado, não vai somente mudar a rotina das pessoas, mas fazer com que a destemida Donna Mae tenha medo dos desejos de seu coração e passe a querer mais do que pode ter...

Bradford Dawson foi enviado para Crescentfalls para averiguar as mortes misteriosas dos últimos cinco padres, e nada melhor do que se passar por um pároco para fazer sua investigação. Mas de todos os perigos, o mais temível deles resolve bater a sua porta: a bela e corajosa Donna Mae Clarckson, que ameaça os planos de Brad de nunca entregar seu coração a uma mulher...

HISTÓRICOS HOT

O CONDE DE DENBIGH <http://a.co/d/hBYXndU>

Ethan Parker, o Conde de Denbigh, está acostumado à vida sem regras, e gastou toda sua fortuna até chegar à falência, e ser obrigado a se casar com a enteada de seu tio, a solteirona, Nora Howard, uma mulher à frente de seu tempo e com pensamentos de prosperidades para a propriedade abandonada de seus parentes. Ethan não quer se casar, mas recebe uma proposta indecente de sua noiva, algo que ele nunca poderia imaginar: ela pagaria suas dívidas, lhe daria dinheiro para sustentar seu vício nas mesas de jogo, e em troca ele deveria ser um marido fiel, bom amante e manter as aparências como um conde íntegro. Nora é madura suficiente para lidar com a situação e Ethan um libertino, portanto romantismo estava longe de existir entre eles. Mas tudo pode mudar do dia para a noite, e uma paixão avassaladora tomar conta daqueles dois corações solitários, mudando suas vidas para sempre.

VOLUME ÚNICO

A CARTA <http://a.co/d/7u9MB83>

Meredith Willcox, a Condessa de Durant, ficou viúva há pouco tempo e vive isolada ao norte da Inglaterra, sem qualquer plano de voltar a Londres. Até que ela recebe a visita de Farell Stanford, sobrinho de seu falecido marido, e a quem ela amou com todas suas forças no passado, o mesmo homem que a desgraçou,

abandonando-a sem piedade. Farell viajou por vários dias até Pharousburg, para que o testamento de seu tio se cumprisse e ele pudesse finalmente se vingar daquela vil mulher, que destruiu seu coração e ainda se casou com seu tio por interesse. Entretanto, a forte nevasca o prende naquele inóspito lugar e ele é obrigado a enfrentar seus sentimentos profundos por Meredith e a confrontá-la com a carta que ela escreveu há dez anos. A Carta que os separou. Segredos serão revelados e feridas novamente se abrirão de forma devastadora. Pode o amor sobreviver a tantas mentiras?

ROMANCE HISTÓRICO LÉSBICO

SUBLIME <http://a.co/d/5HQc5EK>

No século XIX, Elise Lewis é a filha de um poderoso banqueiro inglês, destinada a casar-se com Henry Harington, um homem muito e rico e intensamente apaixonado por ela. Elise é infeliz e se sente culpada por não sentir nada por Henry. Sua vida muda quando Anne Handerson atravessa seu caminho. Anne está destinada a ser freira e falta pouco tempo para isso e Elise será sua dama de companhia até que ela se vá. Entretanto, há certos sentimentos que são mais fortes que as regras sociais e elas vão se apaixonar perdidamente. Mas o que o futuro lhes aguarda?

CONTEMPORÂNEOS

SÉRIE DAWSON (COWBOY)

UMA SEGUNDA CHANCE <http://a.co/d/4fb>

Mitchell Dawson está fora de casa há dez anos. Quando retorna ao haras Dawson, ele é recebido a tiros por uma linda morena de temperamento um tanto hostil, Terence Reynolds. Através dela descobre que as terras de sua família estão endividadas e destruídas, e que seu irmão Steve está preso, acusado de matar a ex-mulher e o amante. Para completar ainda tem dois sobrinhos gêmeos precisando de seu carinho. Terence era babá dos gêmeos no haras e está disposta não somente a ajudar Mitchell a recupera-los, mas também salvar as terras e provar a inocência de Steve, mesmo que segredos de seu passado tão obscuros viessem à tona. Em meio a intrigas, mentiras e morte, o que ambos não esperavam é que um momento de solidão fosse despertar um sentimento tão forte, que levaria Mitchell a lutar por esse amor com todas as suas forças.

O FALCÃO DO DESERTO <http://a.co/d/hd7JhwH>

Depois de ser acusado da morte da esposa e de ficar sete meses em uma prisão, a única coisa que Steve Dawson queria era apenas trabalhar no haras da família, criar seus filhos gêmeos, James e John e viver em paz. Entretanto, quando a jovem Dakota Seymour precisa de sua ajuda, ele percebe que é impossível estar alheio ao desejo natural que os homens sentem pelas mulheres. Ele vai lutar contra esse sentimento com todas as forças que possui, até perceber que o que está escrito ninguém pode mudar.

CONTOS ERÓTICOS DE NORA

O BAILE DE CARNAVAL COM O CHEFE <http://a.co/d/f68vT9e>

"Alguma vez na vida, você já quis tanto uma pessoa que estava além da sua realidade? E você a desejava de tal forma que seria capaz de qualquer coisa para ficar com ela? Eu não sei explicar como tudo aconteceu, mas ainda me lembro do dia em que coloquei os pés naquele escritório de engenharia e me apaixonei perdidamente pelo meu chefe. Isso mesmo. Não estou falando de coisas românticas, como uma vida toda ao lado da pessoa, amor, jantares a luz de velas, flores, encontros... Não! Para com isso! Estou

falando de sexo, da pura luxúria de seu corpo precisar de outro para se saciar."

Nora está louca para transar com seu chefe, Hector Vaz, mas tem medo de perder seu emprego. Quando está prestes a desistir e afogar suas mais intensas fantasias, surge uma grande oportunidade de finalmente se tornar seu amante, em um baile de máscaras durante o carnaval. Tudo parece perfeito... Ou quase tudo... Um conto hot onde a liberdade está em quem sabe seus limites.

FIM DE SEMANA COM O CHEFE <http://a.co/d/fQZBU3s>

Nora realizou sua fantasia e transou com seu chefe, Hector Vaz, em um Baile de Máscaras e sua vida teve uma reviravolta: perdeu o emprego. Mas por sorte, está se mudando para São Paulo e vai trabalhar em uma multinacional francesa. O que ela poderia querer mais? No seu último fim de semana no Rio de Janeiro, ela participa da festa de quinze anos de sua sobrinha, Larissa, e vai reencontrar Hector e sentir que a química entre eles é mais forte do que ela imaginava. Apesar das diferenças, eles vão se entregar ao desejo e aprimorar o prazer entre eles. Entretanto uma nova conexão pode surgir: o sentimento. Como eles vão reagir ante esta novidade?

COMÉDIA ROMANTICA

QUERO ME CASAR <http://a.co/d/2SIVhNN>

Melissa Albuquerque sempre foi obcecada pela palavra casamento, tanto que tem seu próprio Buffet. Ela está prestes a se casar com seu atual namorado e realizar seu grande sonho. Jonathan Ávila é um homem de negócios frio e prático, que decidiu se casar para dividir a responsabilidade de cuidar de seus sobrinhos. O caminho deles se cruza e uma química forte explode e tudo vira do avesso. Entre traições, segredos e escândalos, suas histórias vão mudar para sempre...

O EDITOR <http://a.co/d/1Oiz4Ey>

Ela é a jornalista mais bem paga e ele o editor do jornal mais vendido. Elizabeth e Alex se detestam. Mas os tabloides dizem que eles estão tendo um caso. Eles têm duas escolhas: ignorar o fato ou ganhar dinheiro com a publicidade gratuita. Como sempre, eles decidem ganhar e uma improvável atração explode entre eles. Entretanto, o mundo da notícia pode ser uma faca de dois gumes e Elizabeth tem inimigos que querem tirá-la do caminho a ponto de não poder confiar em ninguém, inclusive, no homem que a faz delirar de prazer. O que ela não sabe é que Alex também não ficou imune ao que aconteceu entre eles e será capaz de tudo para tê-la de volta. Pode Elizabeth aceitar que todos merecem uma segunda chance? Inclusive, o insuportável Editor?

FLÁVIA PADULA

É jornalista, filha, irmã, mãe, esposa, amiga, dona de casa, mulher e escritora.

Escreveu o livro jornalístico *Quisisana, uma história, uma vida*.

Recebeu vários prêmios literários no Brasil.

Também é autora dos romances históricos *O Duque, O Yankee, O Plebeu, A Casa da Colina, De Volta à Casa da Colina, A Carta, Conde de Denbigh, Sublime e A Força do Amor*. De literatura contemporânea iniciou com *Uma Segunda Chance, O Falcão do Deserto* e do conto *Escolhas*. Estreou na Literatura Erótica com os Contos *O Baile de Carnaval, Fim de Semana* e com a Comédia Romântica *Quero Me Casar e O Editor*.

Facebook

<https://www.facebook.com/flaviapadulaescritora>

Instagram
@flaviapadulaescritora

Table of Contents

[NOTA DA AUTORA – A ORIGEM DE TUDO](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Epílogo](#)

[OUTROS LIVROS DA AUTORA](#)

[FLÁVIA PADULA](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)